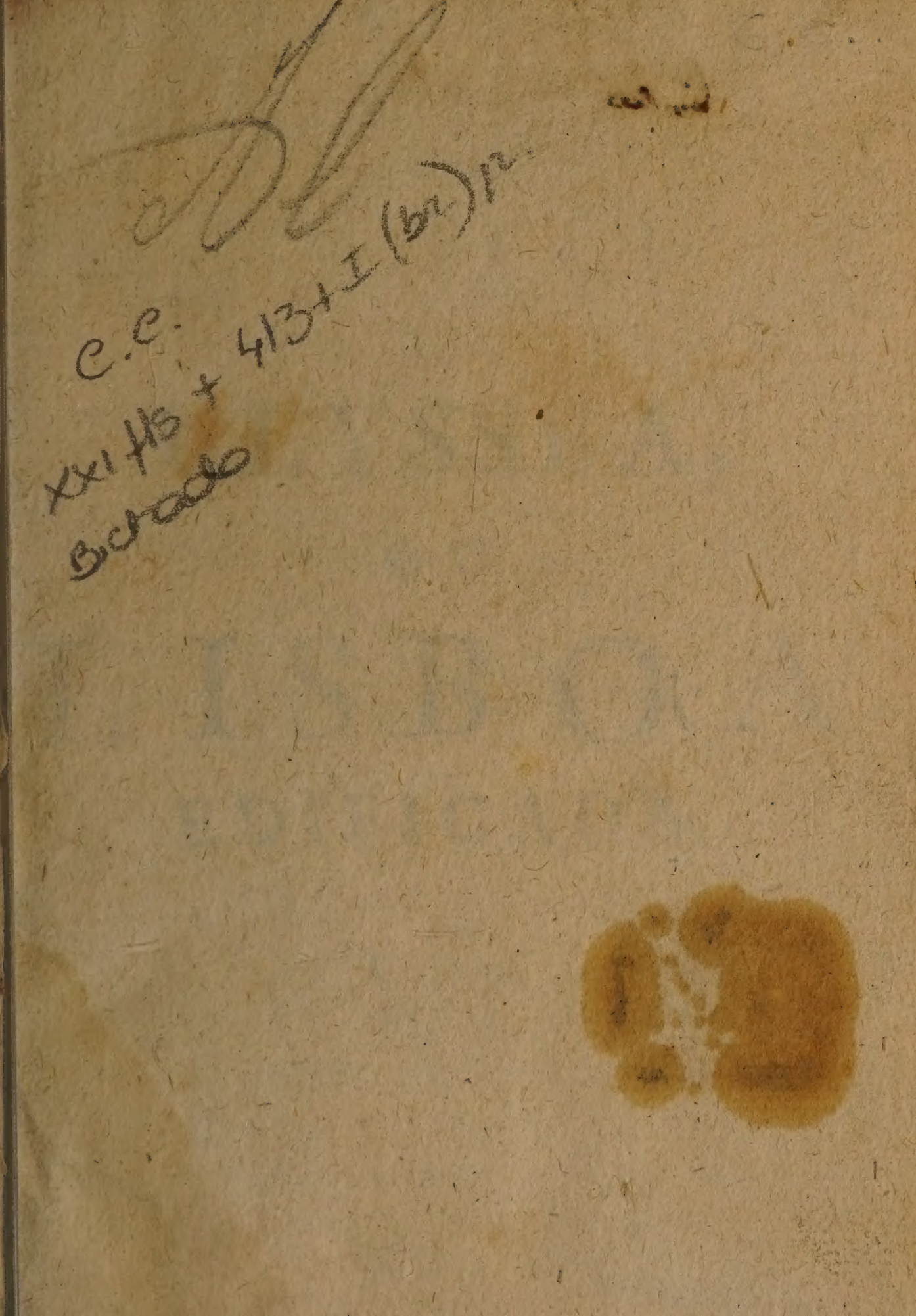


# ULYSSEA,

OU

# LISBOA

EDIFICADA.

# ULYSSEA,

OU

# LISBOA

EDIFICADA.

# ULYSSEA,
OU
# LISBOA
# EDIFICADA.

POEMA HEROICO,

COMPOSTO PELO INSIGNE DOUTOR

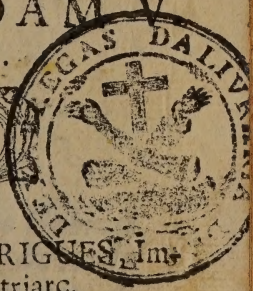
## GABRIEL PEREIRA
## DE CASTRO,

Corregedor que foy do Crime da Corte, e nomeado por Sua Mageſtade para Chanceller mór do Reyno de Portugal.

*OFFERECIDO*

A ELREY D. JOAM V.

NOSSO SENHOR.



LISBOA.
Na Officina de MIGUEL RODRIGUES, Impreſſor do Senh. Card. Patriarc.
M. DCC. XLV.
*Com as licenças neceſſarias.*

# ULYSSEA

OU

# LISBOA

## EDIFICADA.

POEMA HEROICO,

COMPOSTO PELO INSIGNE DOUTOR

# GABRIEL PEREIRA

DE CASTRO,

Corregedor que foy do Crime da Corte, e
nomeado por Sua Magestade para Chan-
celler mor do Reyno de Portugal

OFFERECIDO

A ELREY D. JOAM V.

NOSSO SENHOR.



LISBOA.

Na Officina de Miguel Manescal, Im-
pressor do Santo Officio.

Com as licenças necessarias.

# SENHOR.

*Insigne Jurisconsulto Gabriel Pereira de Castro havendo louvavelmente empregado o tempo nas Academias, e nos Areopagos, mostrando tambem*

bem a sua fecunda sciencia na composiçaõ de alguns livros de Direito, que correm com geral applauso, se naõ descuidou com tudo de cultivar as Musas, e taõ felizmente, que dellas conseguio a doçura, elegancia, e magestade, com que compoz este grande, e singular Poema. Foy sua empreza a mayor acçaõ de Ulysses na edificaçaõ, ou reedificaçaõ de Lisboa, que delle conserva a memoria no seu nome, immortalizando assim o deste invicto Capitaõ em reconhecimento de tamanho beneficio. Elegeo por Mecenas deste seu Poema ao Senhor Rey D. Filippe IV. de Castella, entaõ reynante em Portugal por occultas aispoſiçoens do Ceo; porém se o Auctor alcançara os presentes tempos, nem este Principe fora o Mecenas do seu canto, nem o heroe delle aquelle General, porque em V. Magestade teria mais alto assumpto, e a mais propria protecçaõ.

Menos deve Lisboa a Ulysses do que a V. Magestade; pois se aquelle heroe lhe deo hum limitado, e humilde principio, V. Magestade a tem exaltado ao cume da mayor grandeza, e felicidade, como testimu-

*munhaõ tantos edificios ſumptuoſos, e magnificos, com que ſe acha novamente engrandecida eſta inclyta Cidade, e ſobre tudo ornada de politica, defendida de juſtas leys, e ſantificada com tantos augmentos no culto divino, que a piedade, e grandeza de V. Mageſtade tem promovido com ardente zelo, e diſpendio de immenſos theſouros.*

*Eſta he a mayor gloria de Lisboa, e fora tambem a do Auctor, ſe eſte ſeu Poema ſahira á luz publica debaixo dos glorioſos auſpicios de V. Mageſtade, como Senhor natural, e Numen ſoberano das letras, e ſciencias. Eſta felicidade porém, que elle naõ conſeguio, lhe ſolicito eu agora do modo poſſivel, offerecendo a V. Mageſtade eſte livro, que fiz reimprimir por naõ ſe perder a memoria de taõ excellente obra; e ſtampado nelle o Auguſto nome de V. Mageſtade, ficará recobrando a graça, que lhe faltava, e Lisboa adquirindo novos timbres, e mais eſclarecida fama, quando aſſim honrada a ſua hiſtoria. Deos guarde a V. Mageſtade por muitos annos para bem deſtes Reynos, augmento deſta*

*no-*

*nobre Cidade, e complemento dos deſejos de ſeus fieis, e amantes vaſſallos.*

Mathias Pereira da Silva.

DIS-

# DISCURSO POETICO

## DE MANOEL DE GALHEGOS.

FAço eſte juizo naõ ſó porque obedeço a quem me manda, mas porque me acredito moſtrando, que ſey conhecer as excellencias, e prerogativas deſte inſigne Poema; e porque ſirvo aos curioſos fazendolhe hum compendio das finezas, e primores da arte, que nelle obſervará quem o ler com a applicaçaõ, que pede a altivez, e ſoberania de ſeu eſtilo.

O Poema heroico he huma poeſia levanta-

tada, que tem por fim celebrar das acçoẽs do heroe valeroſo a que foy mais digna de memoria. He taõ difficil eſte modo de poetar, que de infinitos Poemas, que ſe haõ eſcrito no mundo, ha muito poucos, que mereçaõ o nome de perfeitos. Como difficil, como grande, e como obra, que redunda em louvor da patria, elegeo eſta acçaõ o Doutor Gabriel Pereira de Caſtro. Procurou nella chegar á mayor perfeiçaõ; e como Deos o dotou de hum engenho unico para todas as faculdades, alcançou o primeiro lugar entre os heroicos, e collocou eſte ſoberano Poema diante de todos os que celebra a antiguidade. Em prova do qual digo, que na fabula concorrem todas as propriedades, que diſpoem as regras, porque a fundaçaõ de Lisboa he huma ſó acçaõ, he de hum ſó heroe, he maravilhoſa, hé veroſimil, he de huma Cidade celebre no mundo, he em honra da patria, he em gloria dos Monarcas, Principes, e Senhores de Portugal, e o heroe he vencedor, e o mais celebrado entre os Capitaens valeroſos, que em Grecia floreceraõ.

Na

Na propoſta ſe ajuſta felizmente com o que manda a arte, dando *Non lucem ex fumo, ſed fumum ex luce*, diz Varraõ; porque he ſolemne entre os heroicos naõ nomearem no proemio o heroe por ſeu nome, e naõ fartarem ao Leitor de noticias. O epiteto: Mal ſeguros, tem muito enfaſe, que naõ ſó determina em geral os perigos, que no mar ha para todos, mas em particular os que Neptuno fez paſſar a Ulyſſes em vingança de Polifemo. Por eſte meſmo eſtilo inſinua Virgilio o pezar, que teve Juno de Paris naõ dar a ſentença em ſeu favor: *Sævæ memorem &c.* Deſte modo dá a entender Lucano, que Ceſar, e Pompeyo tomaraõ as armas, hum com pretexto de defender o direito do Senado, outro o dos Tribunos, ſendo o animo fazeremſe Imperadores: *Juſque datum &c.* Aſſim toca tambem Eſtacio varias circunſtancias da materia: *Alternaque regna &c.* Dá muita graça a eſte exordio o acabar o primeiro verſo com huma total dependencia do ſegundo: galhardia, ou figura, a que os Rhetoricos chamaõ Aporía, id eſt dependurado. Uſaraõ della alguns Poetas

inſi-

ſignes. Eſtacio : *Formidatamque Tonantis Progoniem.* Ovidio : *In nova fert animus mutatas dicere formas| Corpora.* Claudiano : *Afflataque curru Sidera.* Silio : *In cœlo ſe gloria tollit Æneiadum.* Nomeaſe a terra por ſeu nome proprio a fim de variar a oraçaõ, que havendoſe declarado o heroe por periſraſe, era conveniente, que a terra ſe expreſſaſſe pelo nome genuino, e dominante. Virg. *Atque altæ mœnia Romæ.* Silio : *Oenotria jura Carthago.* Eſtac. *Sonteſque evolvere Thebas.* Tem mais a excellencia de propor em huma ſó oitava incluindo nella as circunſtancias todas, que devia obſervar na ſua acçaõ. A harmonia, e a elegancia dos verſos he igual ao hiperbole da clauſula ultima, e acaba felizmente com a Aſſyndethon, de que uſa tirando as conjunçoens a eſte verſo : A' patria, ao mundo, á eternidade canto. Na invocaçaõ ſe ajuſta com Virgilio, e na Dedicatoria moſtrou boa eleiçaõ; pois ſendo o Poema em gloria da mayor Cidade, que inclue o Imperio delRey de Heſpanha, era juſto, que elle foſſe o Protector, e quando naõ houvera neſta obra outro ver-

ſo mais que eſte : De ambas as Indias, de ambas as Heſpanhas, baſtava para que alcançaſſe no mundo eterna fama. A melhor Dedicatoria, q̃ ſe lê nos eſcritos dos Poetas Latinos, he a de Lucano a Nero, e depois deſta a de Eſtacio a Domiciano. Pareceme, que he taõ manifeſta a vantagem, que leva a noſſa a ambas, que querer provalla com razoens ſeria dar lugar a que ſe duvidaſſe.

Em nenhuma couſa moſtrou mais o noſſo Poeta ſeu talento, que no exordio da narraçaõ, pois começa do principio da fabula, que he o ponto, donde deve começar o Poema heroico, e naõ no meyo, como fez Camoens, vendo, que Virgilio dá principio ao ſeu Poema com Eneas á viſta de Carthago, e que logo conta a guerra de Troya, e tudo o mais, que paſſara no caminho; o que ſeria truncar a acçaõ, e começar no meyo della, ſe o intento fora cantar do incendio Troyano, da fugida de Eneas, e da guerra de Italia; porém naõ podia ſer, porque ſe o Poeta da pequena Iliada errou, (como quer Ariſtoteles) porque cantou de toda a guerra de Troya; e

ſe

ſe Homero elegeo ſómente huma parte della, por naõ incluir muitas acçoens, abſurdo inexcuſavel ſeria o de Virgilio, ſe cantaſſe da deſtruiçaõ dos Troyanos, da peregrinaçaõ de Eneas, e da conquiſta de Italia; porque neſte progreſſo ha materia para tantos Poemas, que ſó no que pertence a Troya conta Ariſtoteles nove acçoẽs, a ſaber *Philoctetes*, *Neoptolemus*, *Eurypilus*, *Emendicatio*, *Lacæna*, *Ilii excidium*, *Reditus*, *Synon*, *e Troiades*. Além do que a propoſta da Eneida eſtá dizendo claramente, que a acçaõ he ſó a guerra de Italia; e ſe no primeiro verſo ſe falla em Troya, he appoſitive para formar a perifraſe do heroe, que ſe em lugar de *Virum*, *qui primus ab oris Troiæ &c.* differa: *Æneam*, *qui fato profugus venit ad Italiam*, era o meſmo *quoad ſignificatum*, e eſcuſavaſe o fallar em Troya; e naõ obſta, que a deſtruiçaõ de Priamo, e os trabalhos todos, que paſſou Eneas antes de chegar a Carthago, ſe refiraõ no Poema, porque tambem na Odiſſea de Homero ſe conta a guerra de Troya, e tudo o q̃ o heroe paſſou até chegar á Ilha de Calypſo, e mais a acçaõ

çaõ he ſómente a vingança de Ulyſſes, como diz Ariſtoteles: *Inimicos autem perdidit, hoc itaque proprium ejus poematis eſt, nam cætera ad epiſodia pertinent.* Aſſim tambem na Eneiada tudo o que ha entre deſembarcar, e ſahir de Carthago, he acceſſorio no Poema. Bem o moſtra aquelle verſo: *Hinc me digreſſum veſtris Deus appulit oris*, donde Eſcaligero diz: *Quare ſummus Poeta ad eum modum digeſſit, ut Æneæ enarrationis finis fuerit operis initium.* Imitou o noſſo Poeta na textura deſte Poema a da Eneiada, enſinandonos a entender o que muitos modernos naõ alcançaraõ. Deſembarca Ulyſſes, admitte-o Circe, dalhe hum eſplendido convite, perguntalhe pela guerra de Troya, contalha elle por extenſo; e da meſma maneira, que em Carthago deliberou Eneas ſujeitar a Italia, aſſim tambem Ulyſſes nas terras de Circe ſe diſpoz a vir á Luſitania, e naõ ſómente achou favor, e poder, mas galhardos, e maravilhoſos motivos, que foraõ o primeiro mobil da fundaçaõ da Cidade de Lisboa. No principio da acçaõ começaõ todos os Poemas, q̃ celebraõ Grecia,

cia, e Roma. Homero porque na Odiſſea tomou por ſujeito a entrada de Ulyſſes em Ithaca, começou em Ogigia, que foy onde os deoſes compadecidos dos trabalhos de Ulyſſes ordenaraõ reſtituillo a ſua eſpoſa. E ainda que vejamos começar a Iliada com os Gregos já cercando a Troya de muitos annos, nem por iſſo ſe ha de preſumir, que ſe truncou a acçaõ do Poema, porque Homero elegeo ſómente a ultima parte da guerra: *Nunc vero* (diz Ariſt.) *ejus recte una dumtaxat parte ſuſcepta pluribus in ea epiſodiis uſus eſt.* E ſe o ſeu intento fora incluir tudo o que Achilles obrou em favor de Menelao, houvera de começar na primeira cauſa, que foy o roubo de Helena. Aſſim o fez Eſtacio, que porque determinou celebrar as acçoens todas deſte heroe, (*nos ire per omnem heroa &c.*) começou quando Paris ſahio de Ebalia com Helena. Valerio Flacco no ſeu Poema dos Argonautas (que he quaſi a meſma acçaõ, que a de Luiz de Camoẽs) naõ começou com Jaſaõ perto de Colcos, mas imitando a Apollonio dá principio á narraçaõ no odio de Pelias, que foy a

cau-

cauſa da jornada. Eſte meſmo eſtilo ſegue Lucano, pois declara primeiro que tudo, quaes foraõ as cauſas da guerra civil, logo começa com Ceſar á viſta do rio Rubicon. Silio Italico ſendo o ſujeito do ſeu Poema a victoria, que Scipiaõ Africano alcançou de Anibal, entra declarando a origem, e fundaçaõ da Cidade de Carthago. O principio da Proſerpina he a queixa, que teve Plutaõ de os deoſes lhe naõ darem eſpoſa. E o da Metamorfoſe he o caos, que os Filoſofos antigos imaginaraõ antes da creaçaõ do mundo. E finalmente parece iſto taõ poſto em razaõ, e he eſta verdade taõ manifeſta, e taõ ſeguida de todos os bons engenhos, que no exordio de Thebaiada olhou o Poeta para a fabula, e querendo que tiveſſe principio no primeiro motivo da guerra, perguntou á Muſa ſe começaria na origem da Cidade de Thebas: e a razaõ diſto foy; porque entendeo, que devia começar naõ ſó no principio da contenda de Etheocles, e Polynices, mas na cauſa, ou na razaõ natural, que entre elles houve para o grande odio, que ſe tiveraõ, ſuppondo que eraõ taõ tyran-

rannos, taõ impios, e taõ melevolos, porque deſcenderaõ (ſegundo a fabuloſa fundaçaõ de Thebas) da ſerpente de Cadmo. E começa a narraçaõ com Edipo cego, e com o concerto, que fizeraõ os dous irmaõs de que ambos governariaõ cada hum ſeu anno, que foy o principio, e a cauſa da guerra. Sobre tudo a mayor razaõ, que ha, para que o Poema comece a narrar no principio da acçaõ, he conſiderar, que a arte (como diz Quintil.) deve imitar a natureza, e ſendo iſto aſſim, o modo natural de contar as couſas pede, que primeiro ſe digaõ as que preferem, e logo as que ſe ſeguem: *Initio ſecundum naturam ſumpto primum à primis*, (diz Ariſtot. no cap. 1. da Poetica) de modo que as partes do que ſe conta haõ de obſervar na relaçaõ a meſma ordem, que ellas guardaõ entre ſi. Seja pois principio do Poema o que o he da fabula; que de outra ſorte ſerá perverter a ordem, a qual importa muito para a apprehenſaõ da memoria, como diz S. Clement. no 1. liv. do ſeu reconhecimento: *Multum namque ad recordandum prodeſt ordo dictorum.* E nenhuma arte ama

ama tanto a ordem, como a Poesia, porque o verso naõ he outra cousa mais que huma boa ordem de vozes; e por isso os Gregos lhe chamaraõ Estichis, que quer dizer boa disposiçaõ, ou boa ordem; donde veyo Xenofonte a dizer, fallando do campo, que humas arvores estavaõ dispostas em 15. estichios, que quer dizer em 15. versos, e alguns querem tambem que o mesmo fizesse Virgilio naquelles dous lugares: *In versum distulit ulmos*: *Triplici pubes, quam Dardana versu. Imitetur igitur* (como diz Cicero ad Heren.) *ars naturam, & quod ea desiderat, inveniat, quod ostendit, sequatur.* Naõ haja obra, cujo meyo seja principio, e cujos effeitos sejaõ primeiro que as causas, que será monstro, e cousa alheya do natural, porque segundo a ordem das cousas creadas todo o principio he primeiro que o meyo: *Et à causis progredimur ad effectus.* Vejase o livro 2. de Oratore, onde fallando Cicero da naraçaõ, diz, que será *Perspicua, si ordin temporum conservato narratur.* Alarguei me neste ponto mais do que permitte a brevidade, que procuro, porque como o nos-

ſo Poema neſta circunſtancia ſe apartou do commum dos modernos, era neceſſario dar parte das muitas razoens, em que o Poeta ſe fundou. E naõ ſe entenda, que o meu animo he reprovar a Luiz de Camoens; que iſto, em que elle ſe naõ ajuſtou com á arte, he couſa, em que muitos ſe enganaraõ, e naõ lhe tira a autoridade; que tem tanta, que naõ ſerá reprehendido quem o ſeguir, porque a Luſiada merece, que a tenhamos por texto, e eu reconheço nella toda a grandeza, e excellencia, que com tanta erudiçaõ obſerva em ſeus diſcurſos politicos o Doutor Manoel Severim de Faria Chantre, e Conego da Sé de Evora.

Amplificaſe a acçaõ com maravilhoſos epiſodios, e com peregrinas digreſſoens, tudo de couſas pertencentes ao ſujeito, e ao intento do Poeta. O primeiro epiſodio (que he o de Circe) iguala ao de Dido, e a primeira digreſſaõ (que he a jornada) fezſe por competir a Virgilio, e porque déſſe conta Ulyſſes de tudo o que paſſou antes de chegar a eſte porto, e tiveſſe mais lugar de pedir a Circe, que em paga do que referira, lhe vaticinaſſe o que havia de

ſuc

ſuccederlhe, com o que acudio o Poeta a huma figura, cujo nome he Peripeſia, que quer dizer mudança das couſas em contrario, e em diverſo, ou acontecimento maravilhoſo: propriedade taõ natural nos Poemas heroicos, que Eſtrabo chamou á Iliada Alithis Peripeſias, que he o meſmo que verdades, ou relaçoens, em que concorrem as circunſtancias, que acima diſſemos. Ha neſta digreſſaõ muito de maravilhoſo em quanto Ulyſſes refere todos os trabalhos, que paſſou; e ha tambem huma agradavel mudança das couſas em diverſo, e em contrario; pois ſendo que Ulyſſes eſperava de Circe puramente hoſpicio, e favor, com que podéſſe ſeguir ſua derrota, aconteceo, que naõ ſó ella ſe lhe affeiçoou, (o que foy diverſo) mas lhe fez a ſaber, que os deoſes o guardavaõ para fundador de huma das grandes Cidades do mundo, e ultimamente fez, que elle vieſſe á Luſitania com animo de conquiſtar o melhor de ſeu ſitio, e dar principio ao Reyno de Portugal; o que foy contrario ao intento, com que entrou neſte porto, que era de reformar a ſua armada, e irſe para a

ſua terra. Começa a contar a jornada deſde a ſahida de Troya para meter no meyo do caminho o vaticinio de Proteo, imitado galhardamente de quando lá na quarta rapſodia da Odiſſea de Homero conta Menelao a Telemaco o que em Egypto lhe acontecera. Na deſcida de Ulyſſes ao inferno naõ ſegue a Homero, e foy acerto, porque ſuppoſto que era bem que o fim deſta ficçaõ foſſe para ſaber Ulyſſes, naõ dos Capitaens Gregos, mas dos Monarcas, e heroes valeroſos, que haviaõ de florecer na Cidade, que queria edificar, ſendo força variar no fim, naõ ſómente lhe era licito variar nas circunſtancias, mas convinha, que Ulyſſes entraſſe no inferno acompanhado de Circe; porque ſe ella era taõ grande magica, e eſtava namorada de Ulyſſes, parecia acçaõ natural, e forçoſa acompanhallo até o pôr em ſeguro, e naõ deixallo ir ſó, como nas Ilhas Cimerias, e ſobre tudo he coſtume entre os Poetas quando uſaõ da figura, a que as artes chamaõ Magthacnia, (que quer dizer Poeſia magica) valeremſe ou de huma ſibilla, como fez Virgilio, ou de huma feiticeira,

co-

como Lucano, ou de hum Mago, como Torcato. E iſto para acudir ao veroſimil, porque naõ he proprio do heroe fazer conjuros, roubos, circulos, caracteres, e as demais ceremonias diabolicas, de que uſa a Magica. Arioſto porque vio que depois de pintar hum cavalleiro armado voando pelos ares, convinha accreſcentar, que era feiticeiro, diz: Quel era un Nigromante &c. e ſe os Poetas buſcaraõ de fóra da fabula peſſoas, a que attribuir eſta acçaõ, deſcuido ſeria muito grande, havendo neſte Poema a Circe, deixar de a fazer autora de tudo o que pertencia a eſta arte, pois foy por ella taõ celebre no mundo, que de Circeo (que he o meſmo que eſcrever caracteres magicos) lhe chamaraõ Circe; e tudo o que ſe conta de magos, e feiticeiras, ſe attribue a ella. Tanto que Rafael Volaterrano, traduzindo a Odiſſea, quando Minerva diz a Jupiter, que havia muitos annos que Calypſo tinha a Ulyſſes em ſua terra, onde o texto Grego diz: *Atlantos tigatir oloophronos*, (que quer dizer a Magica filha de Atlante) traduzio: *Quam filia divi Atlantis Circe retinet.*

Sen-

Sendo que o Poeta falla aqui de Calypſo, e he notorio nas fabulas ſer eſta a filha de Atlante; porém como fallandoſe de feitiçarias ſe entende Circe, enganouſe na verſaõ do lugar parecendolhe, que ſó a ella convinha directe o epiteto. Oloophronos, que aqui per Hypallage convem aCalypſo, he o meſmo que *Venefica ſciens*. Tambem andou com muito acordo em fazer que Mercurio déſſe a Ulyſſes em lugar da raiz do molio hum annel, porque para o effeito o meſmo he huma couſa, que outra: além diſto da parte do heroe naõ he taõ autorizado trazer por defenſivo huma herva, como hum annel, e da parte de Mercurio parece remedio de ſigana. Em hum annel trazia Anibal o veneno, com que ſe matou; donde Arioſto teve motivo para a ficçaõ do annel de Bradamante. Vayſe divertindo felizmente a concluſaõ do Poema com agradaveis figuras, e varias fantaſias poeticas. Naõ he mais viſtoſo, nem mais neceſſario na Farſalia o ſonho de Pompeo quando lhe apparece a alma de Julia, que o de Ulyſſes quando vê a Idotea; e nos campos do Tejo a Ninfa Legea. Que agra-

da-

davel he a reſenha, que faz do exercito no livro oitavo! Naõ pinta nenhum Capitaõ, em que naõ obſerve circunſtancias differentes, e dignas de admiraçaõ. Os vaticinios redundaõ em numero, e em bondade, e com ſerem muitos eſtaõ enxeridos com tal artificio na fabula, que todos ſaõ neceſſarios. As figuras allegoricas, Lanoſo, Valinferno, Volaõ, e outras, que deixo por naõ canſar, daõ notavel graça ao Poema, aſſim pela diſcriçaõ das peſſoas, como pelo que obraõ. No diſcurſo da guerra, que de ruinas ha taõ eſpantoſas, e taõ varias! Nos acontecimentos parece que eſgotou toda a variedade, todo o artificio, toda a prudencia, e toda a novidade. Que peregrino, que ſuave, que brando, que elegante, que cortez, e que affectuoſo he nos amores! Tomara que a eſfera deſte diſcurſo naõ fora taõ breve para moſtrar aos curioſos o quanto neſta parte avantaja eſte Poema aos Gregos, Latinos, e modernos. A primeira idea amoroſa, que achou o engenho humano, he tudo o que os ventos dizem quando as Ninfas lhes rogaõ, que naõ alterem os mares. A Periferia (que he

a pe-

a peregrinaçaõ dos heroes) eſtá neſte Poema em ſua perfeiçaõ, e aſſim tambem a Epignoſcis, a que Ariſtoteles chama Agnitio. Vejaſe o 4. liv. quando Uliſſes reconhece o que Proteo lhe vaticinou. He admiravel no ſcientifico: he prudente na bracologia, e na ecthania, id eſt, no abbreviar a fabula, e no eſtendella a ſeu tempo. E he grandemente proporcionado na figura Dianoini, que enſina a repartir bem as partes do Poema; o que importa muito, porque fazer ſobre a fabula de Adonis cinco mil oitavas he *induere culicem Herculea veſte*, e fazer hum canto de duzentas oitavas, e outro de quinhentas he ſer *Jui inops*. Uſa felizmente das tres figuras, de que mais neceſſita a textura, que ſaõ *Paraſceve*, *Analogia*, *Teliotis*, id eſt preparatorio, proporçaõ, perfeiçaõ. Obſervem iſto com cuidado os Criticos, acharáõ, que naõ ha mudança de materia ſem que prepare, e ſem que eſta preparaçaõ ſeja adequada á couſa, para que prepara; e naõ acaba ſem clauſula final: quero dizer, ſem concluir com tanta graça, que antes de acabar faz appetecer o entendimento objecto

novo.

novo. He ſummamente profundo, e ſummamente claro no tocar as fabulas. A melhor fraſe, e o mais ſublime eſtilo, com que ſe póde encarecer a excellencia da peroraçaõ do Poema, ſerá dizendo, que he igual á Dedicatoria; e advirtaſe, que ainda que Torcato, e outros modernos deixaraõ de perorar, he obrigaçaõ do Poeta quando acaba deſpedirſe do Leitor, ou do Mecenas com algumas galantarias, que ſirvaõ de remate a toda a obra. Aſſim o fizeraõ todos os Latinos, excepto Virgilio, e Lucano, que naõ acabaraõ os ſeus Poemas. E enganaõſe os que imaginaõ, que faltou neſta parte Silio Italico; porque ſerve de peroraçaõ a apoſtrofe, que no cabo faz á memoria de Scipiaõ Africano, que ſuppoſto que os mais coſtumaõ fallar com o Leitor, ou com o Mecenas, tambem podem fallar com algum heroe dos que celebraõ, ou com a Muſa, como faz o Licenciado Franciſco Lopes de Zarate no ſeu Poema da Invençaõ da Cruz: Muſa, pues diſte fin, cellen tus labios Con la veneracion, que a la Cruz deves &c. Sobre todas as excellencias a de

ma-

mayor aſſombro, e que mais reputaçaõ adquirirá a eſta peregrina obra, he o poetico reſplandor, que nos verſos reverbera. A claridade, ou a energia (que he a evidencia no dizer) obſerva tudo quanto Hermogenes admoeſta na palavra Safinia. A grandeza do eſtilo (a que Quintiliano chama Adron) eſtá aqui tanto *in ſuo eſſe*, que naõ póde haver no fallar humano locuçaõ mais ſublime. A formoſura, ou a galhardia das vozes em qual dos eſcritos, que a fabula ſolemniza, ſe achará com tanta ſuperioridade? A bella Aurora, Que quando ri nos Ceos, nos campos chora. Verſos foraõ eſtes, de q̃ Fr. Lopo Felix de Vega Carpio ſe pagou tanto, que todas as vezes que na Corte nos viamos, os repetia, recreandoſe na graça, e artificio delles. A brevidade no explicar a ſentença he ſoberana: tarda muito pouco em dar fórma ao conceito, que he o que encommenda Hermogenes na palavra Gorgotis, que vale o meſmo que preſſa. As maõs fendidas acha a teſta armada. O que eſte verſo inſinua, naõ ſe podia dizer com menor ambito. Na imitaçaõ dos coſtumes ha maravilhoſo caracter. No ſenten-

tencioſo tem huma verdade continua, fundada naõ ſómente ſobre a razaõ, mas ſobre tudo o que diſſeraõ os doutos do mundo. No grave, no triſte, no alegre, no feroz, no ſevero, no florido, e em todas as mais fórmas de oraçaõ moſtrou grande fineza; e grande juizo em eſcolher o tempo, e o lugar. Nas metaforas tem moderaçaõ, e propriedade, porque ſaõ poucas, uſadas em ſeu lugar, e todas fundadas na circunſtancia mais viſta, e mais notoria dos ſujeitos; o que he taõ difficultoſo, que obſervando Ariſtoteles o inacceſſivel da Poeſia, diz, que ſómente os homens de engenho preclaro ſabem uſar da metafora com perfeiçaõ: *Solos euferes, qui præclari ſunt ingenii, poſſe eumetapherin.* Vejaſe o Periereſcon de Hermog. A energia he toda taõ clara, taõ fina, e taõ efficaz como a deſte verſo: Satyros de metal de creſpa fronte. A tudo iſto iguala a copia *verb. & rer.* que he taõ fertil, que a naõ eſgota a ſemelhança dos ſujeitos. Na Onomatopeya he taõ modeſto, que nenhuma palavra uſa eſtranha, que a naõ peça ou o adorno, ou a falta da lingua. He tal a harmonia do verſo,

o eſ-

o eſpirito, o artificio poetico, a differença dos conſoantes, a ſuavidade das clauſulas, a brandura, e moderaçaõ, com que uſa das Synalefas, das Synereſis, das Dieresis, das Hipalages, e de tudo o que mais pertence a Enfonia, que naõ acha o ouvido couſa que o naõ recree. Mas ſerá neceſſario outro Poema para dizer o menos do que neſte admira o entendimento. Attribuiraõ os Poetas muitos olhos, e muitas linguas á fama, porque entenderaõ, que as obras grandes naõ podia hum ſó intuito examinallas, nem huma ſó lingua encarecellas. Acabe pois a fama eſte meu diſcurſo, penetre os reconditos, que eu naõ alcancey, e diga tudo o que ha de maravilhoſo neſtes verſos, ainda que ſomente quem os ſoube fazer, os ſaberia ſolemnizar. Diſſe.

*Manoel de Galhegos.*

*Au-*

*Auctori D. Hieronymus Mascarenhas sacri Divi Petri Collegii quondam Alumnus, nunc sacræ Theologiæ Collega, & Conimbricensi Sede Canonicus.*

## EPIGRAMMA.

MOenia fundantem, & turres inducis Ulyssem,
A quo Ulyssipo maxima nomen habet:
Maxima, quod muros ille: at tu carmine famam
Ædificas. Urbis factor uterque tuæ.
Adde, quod egregium cantando vincis Ulyssem:
Urbem fundasti versibus; ille manu.
Ille manu: facili tu pollicis unius ictu
Ædificas Thebas; musice Castro, tuas.

Au-

O Bruta luctificis, heu fata nocentia, damnis,
Nativumque gemens urbs miseranda nefas!
Ecce cothurnato plaudens hilarescere cantu
Cernitur, & viduis nectere serta comis.
Quis tot mœsta novo pepulit suspiria plausu;
Prostratamque urbem rursus ad astra levat?
Fulget Odysleos inter venerandus alumnos
Mente potens Gabriel, sanguine, jure, gradu;
Hic sortem exuperans meritis virtute parentes,
Moribus ingenium, nobilitate decus.
Postquam tergemino decorans subsellia partu
Mentis, in ætherea fixerat arce caput;
Nunc ad Apollineos juris documenta furores
Vertit, & ad tumidos verba soluta modos
Urbis ut egregiæ prisca incunabula lætis
Civibus, & stupidâ posteritate canat.
Quæ quibus anteferam? Dum judex pectore recto
Plectit, amat, servat, crimina, jura, fidem:
Dum vates; patriæ resonans dulcedine Musæ
Fundit, agit, pulsat, carmina, plectra, lyram:
Maximus hinc illinc, omni celebrabitur ævo,
Faxque simul radians urbis, & orbis erit.

## *De Luiz Pereira de Caſtro.*

PYtagoras proferia,
Que a alma quando deixava
O corpo, onde animava,
Em outro corpo vivia:
Iſto melhor cuidaria
Quem a vós, e Homero lêſſe,
Onde Apollo reconhece,
No eſtilo grave, e ſevero,
Que tanto parece a Homero,
Que da meſma alma parece.

*De Bartholomeu de Vaſconcellos da Cunha.*

MAis que a Ulyſſes a Caſtro em toda idade
Tributa o Tejo undoſo ſacrificio,
Pois a Ulyſſes ſe deve o edificio,
Delle a Caſtro ſe deve a eternidade.
Fundar Imperio, edificar Cidade
Do Ulyſſeo valor foy certo indicio;
Mas privarlhe do tempo o precipicio
Só a Muſa de Pereira o perſuade.
Nunca ruina, nunca eſquecimento
O Imperio temer póde, eternizado
No firme de taõ raro entendimento,
Que mal póde temerſe arruinado
Hum Reyno, que tem hoje ſeu cimento
Sobre as azas da fama edificado.

## *Do Doutor Duarte da Silva Protonotario Apoſtolico.*

OBra gentil de artifice elegante,
Que com glorioſo canto funda o muro,
Da Cidade mayor eſpelho puro,
Eterna occupaçaõ da fama errante.
Teu alto fundamento he taõ conſtante,
Que ſem temor do eſquecimento eſcuro
Contra as iras do tempo eſtá ſeguro,
Contra as forças da guerra eſtá triunfante.
Que por darte immortal felicidade
A virtude efficaz do heroico verſo
Alicerſes abrio na eternidade.
Arme-ſe pois já agora o fado adverſo,
Que ha de triunfar a celebre Cidade
Em quanto houver memorias no Univerſo.

## *De D. Franciſco Rolim de Moura.*

COrtar montes de mares tormentoſos,
Ver a morte em mil fórmas retratada,
A puros fios da tremenda eſpada
Os tranſes ſegurar mais duvidoſos:
Eſcalar muros ſempre victorioſos,
Ter a fortuna em duro jugo atada,
Bem gloria foy, mas gloria limitada
He a que levaõ annos preſuroſos.

Po-

orém do mais profundo eſquecimento
A memoria tirar do Luſo forte,
N'huma penna ás eſferas levantalla:
oy dos portentos tanto mór portento,
Quanto neſtas acçoens melhora a ſorte
Mais que o dar vida á fama, eternizalla.

*Do Doutor Luiz Pereira de Caſtro.*

AS maravilhas barbaras naõ cante
A fama, que vos tece alta coroa,
Levando do Boote a tocha Eoa
O voſſo nome, porque o mundo eſpante.
obre huma, e outra Tetis ſe levante
Abrindo as pennas de ouro, com que voa;
Para que o ſom, que em ſuas trompas ſoa,
Chegue do noſſo polo ao mais diſtante.
Eſtatuas mudas cahem, a eſclarecida
Fama ſó vive em obras dilatada,
Do negro eſquecimento defendida.
Tal vós tereis com a penna eternizada
Nas idades futuras nobre vida,
Dando glorioſa inveja á que he paſſada.

*De Franciſco Lopes de Zarate.*

POſtumo ſoy de aquel, que eternidades
Cimentó con virtudes a tu fama;
Aqui toda Helicona ſe derrama,
Que a tantos tinta dio, tantas edades.

Derramaſe, logrando en novedades:
La accion maior del que con dieſtra llama
En Troya de Aſia vencedor ſe aclama;
Hechos, que ſe traſponen de verdades.
Aqui verás en tumulo encumbrado
Con fraterna piedad immortal vida,
Lo dudoſo por grande verdadero.
Aqui a Ulyſſes verás acreditado,
Aqui a Troya más grande que fingida,
Aqui un milagro ſuperior a Homero.

*De Dona Bernarda Ferreira de Lacerda.*

MOrreis cantando, Ciſne Luſitano,
A cara patria, que perdervos chora;
Mas a que á fama dais, tuba ſonora,
Nunca póde ſentir da morte o dano.
Ouvindo voſſo canto ſoberano,
Já Delos por Apollo vos adora,
E para Daphne ao divino agora,
Se antes fugio veloz do Apollo humano;
Em ſeus braços á voſſa effigie ordena
A mais verde, e odorifera coroa,
Que já mais alcançou culta Camena.
Alta, e ſoberba em tanto a fama voa
De ver, que alada vay com voſſa pena,
Honra de Luſo, gloria de Lisboa.

Isboa por el Griego edificada
Ya de ſer Fenix immortal preſuma,
Pues deve más a tu divina pluma,
Docto Gabriel, que a ſua famoſa eſpada.
oraz el tiempo con la dieſtra ayrada
No ay imperio mortal, que nó conſuma,
Peró la vida de tu heroica ſuma
Es alma iluſtremente reſervada.
as ay, que quando más enriqueciſte
Tu patria, que ſu Artifice te llama
Por la ſegunda vida, que le diſte:
ipres funeſto tu laurel enrama,
Si bien ganaſte en lo que más perdiſte,
Pues quando mueres tu, naſcio tu fama.

*De Lourenço Juſtiniano Pacheco.*

NA Iliada melhor, que na Odyſſea
O eſtro de Homero á perfeiçaõ voava;
Porque o deſtino para vós guardava
Cantar de Ulyſſes com mais alta idea.
uando eſcreveis como aportou na area
Do padre Tejo tumultuoſa, e flava,
Mayor Virgilio arrebatais a clava
A'quelle Hercules da A'ttica Epopea.
e ao voſſo igual foſſe o concento odioſo,
Que fez os mares muito mais infidos,
Que arava o terno feminil, monſtruoſo;

Em vaõ quizera ſer, por darlhe ouvidos,
A hum maſtro prezo o voſſo Heroe famoſo
Que vós prendêreis todos ſeus ſentidos.

*De Manoel de Galhegos.*

QUando Marte canſado
Pendura o forte eſcudo, arrima a lança,
E das pezadas armas aliviado,
No Thracio campo em doce paz deſcança
Guerra aos montes pregoa,
Morte ás feras promete:
Em fervoroſo, e rapido ginete
Iguala os ventos, pelos ventos voa;
E de aves, e de feras deſpovoa
O diſtricto dos ares, e o da terra,
Que huma guerra o deſcanſa de outra guerra
Vós, ó Pereira, quando
Canſado na juridica paleſtra
Ocio doce buſcais, repouſo brando,
E da penna aliviais a inſigne dextra:
Os boſques de Aganipe
Suſpendeis ſonoroſo:
Com branda voz, com plectro numeroſo
Nova Thebas fundais para Filipe:
Que porque de dous lauros participe
O engenho ſingular, geral em tudo,
Deſcançais de hum eſtudo n'outro eſtudo.
Filippe engrandecido

At

Até agora Lisboa governada
Via por voſſo engenho eſclarecido:
Hoje por vos a admira celebrada.
Nobre, e glorioſo augmento
A voſſas letras deve:
Porém de voſſas letras o ocio breve
Vos adquire mayor merecimento.
Que ſe engolfado voſſo entendimento
No mar das leys a patria nos governa,
Tambem quando deſcanſa a faz eterna.
Voſſa penna canora
Sabe formar de voſſa maõ regida
Caracteres de magica ſonora,
Com que a mortos varoens infunde vida.
Com hum, e outro accento
De metrica Magia
Os orbes liſongea, eleva o dia,
Abranda as feras, faz parar o vento,
Suſpende a Lua, admira o firmamento,
E faz que á terra deſçaõ as eſtrellas,
Para que a patria ſe coroe dellas.
Quando com voz piedoſa
De Gorgoris pintais a grã ruina,
De cujas cinzas naſce victorioſa
Das Cidades a Fenix peregrina:
Por alivio, por gloria
Concedeis ao vencido
O ſer por vós no mundo conhecido,
O ter por vós dos annos a victoria:

Por

Porque honrado no templo da memoria
Diga que voſſo harmonico inſtrumento
O rio faz parar do eſquecimento.
E quando ao Delio coro
Offereceis a celebre Cidade,
Que com divino eſtilo, alto decoro
Sobre os hombros fundais da eternidade:
Mais que á Duliquia eſpada,
A patria reconhece
A eſſa penna, por quem já reſplandece,
Na taboa azul dos orbes retratada:
Que ſe ſoube fundar a Grega Armada,
Aonde o Tejo corre, a grã Lisboa,
Vós a fundais aonde a fama voa.

# FIM.

# LICENÇAS.

## DO SANTO OFFICIO.

PO'de reimprimirſe o livro, que ſe apreſenta; e depois de impreſſo tornará para ſe conferir, e dar licença, que corra, ſem a qual naõ correrá. Lisboa o primeiro de Junho de 1745.

*Fr. R. de Lancaſtro. Silva. Abreu. Amaral. Almeida. Trigoſo.*

## DO ORDINARIO.

PO'deſe reimprimir o livro, de que trata a petiçaõ, e depois torne para ſe dar licença para correr. Lisboa 3. de Junho de 1745.

*D. J. A. de Lacedemonia.*

## DO PAÇO.

QUe ſe poſſa tornar a imprimir, viſtas as licenças do ſanto Officio, e Ordinario, e depois de impreſſo tornará á Meſa para ſe conferir, taixar, e dar licença, para que poſſa correr, ſem a qual naõ correrá. Lisboa 5. de Junho de 1745.

*Vaz de Carvalho. Almeida. Carvalho. Caſtro.*

Eſtá

ESTá conforme com o seu original. Carmo de Lisboa 7. de Janeiro de 1746.

*Fr. Joaõ de Santiago.*

VIsto estar conforme com o seu original póde correr. Lisboa 7. de Janeiro de 1746.

*Fr. R. de Lancastro.*

*Silva.* *Abreu.*

*Almeida.*

*Trigoso.*

PÓde correr. Lisboa 18. de Janeiro de 1746.

*D. J. A. de Lacedemonia.*

QUe possa correr, e taixaõ em duzentos e quarenta reis. Lisboa 21. de Janeiro de 1746.

*Carvalho.*

*Costa.*

# ARGUMENTO
## DO PRIMEIRO LIVRO.

*O Mar Jonio Ulyſſes dividia,*
*E rendido ao furor do bravo vento*
*Amparo, e porto a Jupiter pedia,*
*Que os Deoſes convocou dõ ethereo aſſento:*
*De Athlante o neto as naos ao porto guia,*
*Onde achando ſuave acolhimento,*
*Cyrce, de ver Ulyſſes obrigada,*
*Porto, e deſcanſo dava á Grega armada.*

I.

AS armas, e o varaõ, q̃ os mal ſeguros
Campos cortou do Egeo, e do Oceano,
Que por perigos, e trabalhos duros
Eternizou ſeu nome ſoberano:
A graõ Lisboa, e ſeus primeiros muros,
(De Europa, e largo Imperio Luſitano
Alta cabeça) ſe eu podéſſe tanto,
A' patria, ao mundo, á eternidade canto.

II.

Lembrame, Muſa, as cauſas, e me inſpira
Como por tantos mares o prudente
Grego vencendo de Neptuno a ira,
Chegou do Tejo á tumida corrente:
Ouvirá o ſom da Luſitana lira
O negro Occaſo, e lucido Oriente,
Se tu dás ſer a meu ſujeito falto,
Para que caiba em mim furor taõ alto.

III.

Vós, graõ Senhor, com quem o Ceo reparte
Dons, que o poder excedem da ventura,
Que armado, filho pareceis de Marte,
E Adonis deſarmado em formoſura,
Em quem ſe unio por natureza, e arte
Com a mór ſeveridade a mór brandura,
Que em voſſa altiva fronte o pezo grave
Amor excita com temor ſuave.

IV.

Vós, que nos tenros annos hum gigante
Repre entais, e como forte Godo
Novas eſferas, que naõ ſoube Atlante,
Suſtentais por mais alto, e raro modo:
Que com hombros armados de diamante,
Sem co' pezo inclinar do mundo todo,
Dais ſantas leys ás terras mais eſtranhas
De ambas as Indias, de ambas as Heſpanhas.

Vós

V.

Vós, Alcides Heſperio, a quem naõ cança
Vencer monſtros do Polo congelado,
Que ainda de ſangue ſeu por voſſa lança
Seu plauſtro as Urſas haõ de ver banhado:
Por vós, que encheis de medo, e de eſperança
O mundo, quando entrais no campo armado,
De que o grito immortal da fama corre,
Donde o Sol naſce, ás ondas, onde morre.

VI.

Vós, Aguia imperial, a que o Otomano
Falcaõ temendo as livres azas cerra,
A quem naõ haõ de ſer pelo Oceano
As Orcades, ou Thule ultima terra:
Vós açoute do torpe Lutherano,
Que buſcando alta fama em dura guerra,
Penetrareis as grandes ſerras, onde
A famoſa cabeça o Nilo eſconde.

VII.

Vós, que humildes fareis os empolados
Mares, naõ ſendo navegados dantes,
E os campos de Ampeluſa ſubjugados
Vereis pizando as luas arrogantes:
E a voſſos pés rendidos, e proſtrados,
O Dragaõ frio, os Perſicos turbantes,
E tudo o que ha do Antartico a Caliſto,
Té o graõ ſepulchro libertar de Chriſto.

VIII.

Suſpendei por hum pouco do aureo ſceptro
A regia Mageſtade ſoberana,
Ouvi cantar ao ſom do Grego plectro,
Com grave aſſento a Muſa Luſitana:
E em quanto dais a mais ſonoro metro
Obras dignas de gloria mais que humana;
Daime voſſo favor, que nelle eſpero
Cantar de Ulyſſes, imitando a Homero.

IX.

Cortando o golfo Jonio proſeguia
Seu curſo a Grega armada, quando irado
Boreas as negras azas ſacudia,
Sobre o mar todo em ſerras levantado:
Euro braminho o centro revolvia,
Viaſe o ar de nuvens coroado,
E o fogo, e confuſaõ, que o inferno imita,
Moſtra que o Ceo no mar ſe precipita.

X.

Ao longe o mar bramia horrendamente
Quebrando as ondas, que co' vento creſcem,
Vaõſe os ares cerrando, em continente
Da viſta o mar, e Ceo deſapparecem:
Encanece Neptuno, que o valente
Auſtro as ondas levanta, e quando decem
Deixaõſe ver as grutas, e as montanhas,
Que eſconde o mar nas humidas entranhas.

XI.

Em braços da tormenta embravecida,
Que ás naos ultimo estrago ameaçava,
Corria a armada Grega dividida,
Que já apenas as ondas contrastava:
Vendoa o Dulichio quasi submergida,
Porque do porto o vento a desviava,
Co'a confusaõ do esprito aos Ceos erguia
A lagrimosa voz, e assim dizia.

XII.

O' grande Amon, que a terra rodeaste
Destas figuras bellas, e prestantes,
E esta lustrosa machina abraçaste
Co' as luzes das esferas rutilantes:
Que o destino das cousas, que creaste,
Escreves nesses lucidos diamantes,
Sendo divinas letras as estrellas,
Porque teu graõ poder leamos nellas.

XIII.

As furias doma de Neptuno irado,
E aplaca as iras do soberbo vento,
Pois das estrellas, e do mar inchado
Só podes alterar o movimento:
Tu, que ordenas repouso ao Sol dourado
No grande leito do humido elemento,
Fazendo com justissima balança
Seguir á tempestade a mór bonança.

Naõ

XIV.

Naõ permittas, Senhor, que eſte deſterro,
Que ha tantos annos temo, ha tantos ſigo,
Dilatandoſe vá de erro em erro,
Que menos temo a morte, que o perigo:
Permitteme lançar ſeguro ferro
Naquella doce praya, e porto amigo,
E que poſſa gozar alegre porto,
Quando naõ ſeja vivo, ao menos morto.

XV.

Ouvio o graõ Tonante o affligido
Coraçaõ, com que Ulyſſes ſe queixava,
E nas entranhas paternaes movido,
Darlhe porto, e deſcanſo deſejava:
E para ſer de todos entendido
O que do forte Ulyſſes ſe ordenava,
Conſelho quer fazer no Ceo ſuperno,
Onde declare eſte decreto eterno.

XVI.

Ao grande Olympo tinha convocado
Dos deoſes a divina companhia,
Os que na Zona ardente, e congelado
Polo gozaõ do largo, e breve dia:
Já para a hora, e tempo limitado
Chamados de Sylenio a lactea via
Pitando vem, e as deoſas da preſtante
Filha da bella Electra, e de Thaumante.

Nos

XVII.

Nos quicios d'ouro ſolido, e ſeguro
Geme a porta do Olympo omnipatente,
Treme dos claros Ceos o cryſtal puro
Ao aceno de Jupiter potente:
De Balais, e Cafira o ſolio duro
Formava hum jaspeado transparente,
E Jupiter, envolto em claridade,
Tinha ante o roſto hum veo de mageſtade.

XVIII.

Nova luz de ſeu roſto recebendo
Com Jupiter aſſiſte a chara eſpoſa,
Elle os rayos depoem, de quem tremendo
Eſtá do mundo a machina luſtroſa:
O aligero Sylenio recolhendo
Os deoſes na alta ſala, e luminoſa,
Nella lugar lhes dava, qual convinha,
Seguindo a ordem, que de Jove tinha.

XIX.

Vêſe o intonſo Apollo, e junto delle
Mavorte altivo armado de diamante,
Cobrindo os membros nús d'uma aurea pelle
Vulcano, Deos do fogo rutilante:
O rubicundo filho de Semelle,
E o da formoſa Aceſta, a quem diante,
Dando co' as azas brandos movimentos,
Vaõ como pagens os menores ventos.

Pallas

XX.

Pallas armada valeroſa entrava,
E logo a bella deoſa, que em Cythera;
Paphos, e Gnido reina, e ſe moſtrava
Bellona no ſembrante irada, e fera:
Nenhum dos altos deoſes ſe aſſentava,
Que final da tranquilla maõ ſe eſpera
De Jupiter, que inclina a luz ſerena,
E que ſe aſſentem gravemente acena.

XXI.

Reſplandecia Jove no alto aſſento,
A que ſuavemente ſe ſubia
Por degraos de cryſtal, cujo ornamento
De prata, e d'ouro o reſplandor vencia:
E no docel, que iguala o firmamento,
Brilhava a radiante pedraria,
Que a clara luz do Sol, e ſua belleza
Vence na graça, excede na pureza.

XXII.

O eſtrado de materia era mais fina,
Que a maſſa das puriſſimas eſtrellas;
Hum arco vario forma Iris divina
D'outras cores mais finas, e mais bellas:
O tempo fim das couſas ſe reclina
A ſeus pés, como autor de todas ellas,
E os eſpritos, que em roda lhe aſſiſtiaõ,
Como atomos da luz, voando ardiaõ.

XXIII.

Abaixo os ſemideoſes preeminente
Aſſento tinhaõ de cryſtal lavrado,
E o rio de mór fama, e mór corrente
Eſtá ſobre urnas de ouro reclinado:
Treme a parte do Ceo mais eminente,
Hum lume arcano as portas tem guardado:
Silencio dá com tom de voz ſuave,
E das palavras ſegue o pezo grave.

XXIV.

Viſtes como de Troya debellada
Sahio Ulyſſes? Como o mar undoſo
Do Heleſponto paſſou, e da encurvada
Cyconia coſta o porto perigoſo?
As tormentoſas Syrtes, e a abrazada
Praya Africana? Como ao temeroſo
Cyclope a luz da carregada fronte
Nas entranhas rompeo de hum grave monte?

XXV.

Pois agora obediente ás leys dos fados
A Luſitana coſta vay buſcando,
Por força, e arte mares empolados,
Duros ventos vencendo, e contraſtando:
Por mitigar trabalhos taõ pezados
Quero que Cyrce com repouſo brande,
A pezar de Neptuno, e bravo vento,
Dê á canſada armada acolhimento.

Por

XXVI.

Por eſte Capitaõ, por eſta gente
A eterna ley do imobil fado ordena
Se funde huma Cidade, onde a corrente
Do Tejo ſe dilata mais amena:
A quem o Gange, e o Indo do Oriente
As leys viraõ pedir, e paz ſerena,
Fazendo obedecerſe a graõ Lisboa
Do tardio Boote á tocha Foa.

XXVII.

E pois o fado aſſim o determina,
Quero, ſagrados deoſes, que o facundo
Ulyſſes veja as partes, donde inclina
Seu aureo coche o Sol ao mar profundo:
Levante huma Cidade peregrina,
Cabeça alta do mundo, hum breve mundo,
Que occupe com eterna monarchia
Tés os horizontes ultimos do dia.

XXVIII.

Diſſe: e qual nos primeiros reſplandores
As abelhas ſolicitas, levando
O rocio ſutil das puras flores,
Na conhecida caſa vaõ entrando:
Adonde os ſuaviſſimos licores
Com eſtranho artificio dilatando,
Se ouve hum leve ſuſurro: aſſim ſoava
O rumor, que entre os deoſes ſe formava.

Já

XXIX.

Já ceſſara de todo o rumor leve,
Porém Marte, que o caſo mal ſofria,
Mil penſamentos neſte eſpaço breve
Na ſoberana mente revolvia:
Até que co' reſpeito, que ſe deve,
Do lugar, que occupava, em pé ſe erguia,
Dando dous paſſos pela regia ſala,
E deſta ſorte airoſo a Jove fala.

XXX.

Jupiter poderoſo, e ſempiterno,
A quem ſó foy o Olympo em ſorte dado,
Que deſte alcaçar o caminho eterno
Tens de eſtrellas luzentes adornado:
Que os diafanos Ceos, e eſcuro inferno,
Vês a teu graõ poder ajoelhado,
E os montes, que co' as nuvens ſe terminaõ,
A teu nome a cerviz tremendo inclinaõ.

XXXI.

Tu, que ao celeſte globo, a eſta dourada
Machina déſte luz, déſte belleza,
E na terra dos homens habitada
Dás vida, e leys á meſma natureza:
Que o Sol pizas, e a Lua prateada,
E os elementos deſta redondeza
Concertas, dando aos peixes as ſuaves
Ondas, ao monte as feras, ao ar as aves.

Couſa

XXXII.

Couſa parece, graõ Senhor, eſtranha,
Que venha a occupar o ſolio Heſperio
Hum enganoſo Grego, que por manha
Trocou de Troya em cinza o antigo imperio:
A fama, que hoje a Alcides rende Heſpanha,
E ao padre Baccho o Indico hemiſpherio,
Em grande opprobrio ſeu por eſta via
Na memoria dos homens ficaria.

XXXIII.

Havendo mais, que os Gregos offendido
Tem aos deoſes do Olympo iniquamente,
Que eu entre as armas Gregas fui ferido:
A quem taõ grande mal naõ foy preſente?
Pois como a hum fraudulento, a hum attrevido
Queres dar nome, e fama preeminente,
Para que eſqueça em ſua nova gloria
Das immortaes deidades a memoria?

XXXIV.

Aqui ceſſou Mavorte, e da viſeira
O fumo da corajé ardendo exhala,
Quando deixando Pallas a cadeira,
O meyo occupa da divina ſala:
Botando o eſcudo atraz forte, e guerreira:
Marte (dizia) ſe arrojado falla,
Occaſioens dará, donde ſe veja,
Que naõ he zelo o ſeu, mas pura inveja.

Se

XXXV.

Se aquì fora lugar, força baſtante
Tenho, e valor, diz Pallas enojada,
Indo embraçando o eſcudo rutilante
Com viſta hum pouco aceza, e cor mudada:
Na divina cadeira o graõ Tonante
Bateo, dizendo: Baſta, e da pancada
Tremeo o Ceo, e os orbes eſtrellados
Nos meſmos eixos, onde eſtaõ cravados.

XXXVI.

Aſſim co' immobil fado o determino,
Diz Jupiter com voz grave, e ſevera:
Em pé junto do aſſento cryſtalino
Cada hum final para partirſe eſpera:
Ajoelhando a Jupiter divino
Todos ſe tornaõ á ſua propria esfera,
E Jove neſte tempo do alto via
A armada, que entre as ondas perecia.

XXXVII.

Manda Mercurio logo, elle os talares
Divinos, e Galero alado toma,
Qual leve ſeta vem partindo os ares,
E de Eolo, e Neptuno as forças doma:
Compoem do undoſo pégo os groſſos mares,
E quando no horizonte o Sol aſſoma,
Ao porto a armada chega, aonde aferra
A tenaz unha a deſejada terra.

Carre-

XXXVIII.

Carrega os hombros d'um gracioſo outeiro,
De boſques povoado em largo aſſento
Hum ſoberbo caſtello, alto, e guerreiro,
Que da formoſa Cyrce era apoſento:
Onde com ſua luz fere primeiro
Phebo em ſeu abrazado naſcimento,
Que ſobre as denſas nuvens eminente
As chuvas, e os trovoens abaixo ſente.

XXXIX.

No largo porto entrado a armada tinha,
Onde Ulyſſes ordena, que Creonte
Os trabalhos, e affrontas, com que vinha
Sulcando o largo mar, a Cyrce conte:
Acompanhado ſobe qual convinha,
E o alto piſa do ſoberbo monte,
Dos paços admirava a architectura,
E mais de Cyrce a rara formoſura,

LX.

Ella depois de o ouvir, e ter preſente
Os ſucceſſos de Ulyſſes deſtroçado,
Seus caracteres faz, com que ſe ſente
Cos ſeus Creonte noutro ſer mudado:
Qual de uſſo a pelle immunda, ou de ſerpente,
Qual brancas penas veſte, e o ar delgado
Vay abrindo, e ſuſpenſo o pezo teve
Sobre as azas iguaes do corpo leve.

Qual

XLI.

Qual vendo ao companheiro irſe mudando,
Quer ſocorrello, e leva meya eſpada,
E ao infelice Acteon imitando,
As maõs fendidas acha, a teſta armada:
Qual Libico leaõ repreſentando
Ruge em lugar de voz articulada,
Qual como touro pelos montes brama,
Qual na agua veſte prateada eſcama.

XLII.

De ſeus verſos a força poderoſa
A fórma humana troca em planta, ou fera,
Em peixe, ou ave, ou ſerpe venenoſa,
Que o ſer da humana natureza altera:
Qualquer nota das ſuas portentoſa
Parar do Ceo faria a mór eſfera,
Decer do alto ao centro o fogo leve,
Subir do centro o grave, arder a neve.

XLIII.

Quantas vezes os circulos dourados
Deſſe Ceo tranſparente, e cryſtallino
Vio no meyo do curſo eſtar parados
Jove inclinando o roſto peregrino:
Quantas a ſeu pezar vio eclipſados
A bella Cynthia, e claro Libiſtino,
Negros chuveiros aſſombrar os ares,
Bramar trovoens, erguerſe aos Ceos os mares.

Aos

XLIV.

Aos ſeus eſtava Ulyſſes eſperando,
Quando já de Latona o filho ardente,
Pelos balcoens da Aurora paſſeando,
Moſtrava a clara luz á cega gente:
Hiaõſe já de perolas toucando
Os campos, porque as portas do Oriente,
Chorando aljofar, abre a bella Aurora,
Que quando ri nos Ceos, nos campos chora.

XLV.

Triſte, e affligido eſtá no penſamento,
Porque Creonte a vinda dilatava,
Teme de Cyrce o falſo acolhimento,
Com que os ſentidos, e animos ligava:
Quando o filho de Maya abrindo o vento
Co' caduceo, que as almas revocava,
E outras decer ao Tartaro fazia,
Pezandoſe nas azas, lhe dizia.

XLVI.

Que eſperas, Laerciade animoſo?
Sabe, que Cyrce tem aos teus ſoldados
Co' a graõ força do encanto poderoſo
Em brutos animaes já transformados:
Naõ fies de ſeu trato mentiroſo,
Doces palavras, brandos gazalhados,
Porque outra couſa tem no penſamento,
Que até nas obras ſe acha fingimento.

XLVII.

Leva eſte anel, que vence a força dura
Do poderoſo encanto, e a Cyrce obriga
Que te prometta pela eſtige eſcura
Reſtituir aos teus a fórma antiga:
Que mudando os rigores em brandura,
Procurará agradarte, como amiga,
Que ás vezes pode mais, que a força grave,
Hum pedir brando, e hum rogar ſuave.

XLVIII.

Diſſe, e na nuvem com veloz ſubida
Nos ares ſe eſcondia, e da divina
Luz das talares azas offendida
A viſta, o que mais vê naõ determina:
Confuſo o Capitaõ olha, e duvida,
Os olhos ergue, o joelho inclina
Beijando a terra, e vay ſubindo ao monte,
Onde a irmã morava de Phaetonte.

XLIX.

Sobe, e taõ concertados paſſos dava,
Que couſa humana Ulyſſes naõ parece,
Da forte companhia, que o cercava,
Co' a cabeça por cima reſplandece:
De eſcamas de ouro o manto recamava,
Que do hombro a beijar a terra dece,
Opprimindo o cabello a teſta altiva
Dos cabellos de Daphne fugitiva.

L.

Sobre o punho da eſpada refulgente
Deſcanſa a maõ eſquerda, que levanta
Do manto hum pouco a fralda, e em continente
Airoſo dos que o ſeguem ſe adianta:
Com aſpeito Real, e preminente,
Que dignamente louva quem ſe eſpanta,
Vaõ com elle Alcion, Clario, e Filemo,
Androgeo, Leoſtenes, e Palemo.

LI.

Dos paços ſahio Cyrce acompanhada
Das que ella naõ deixava ſer taõ bellas,
Qual Diana na noite ſocegada
Rodeada paſſea o Ceo de eſtrellas:
A maõ a Ulyſſes dava, que abrazada
A alma em gloria vê, e as ſuas donzellas
As daõ aos Capitaẽs que alli ſe acharaõ,
E todos para os paços caminharaõ.

LII.

Abreſe a grande porta, onde aſſiſtiaõ
Quatro leoens, que prezos a guardavaõ,
Que a Cyrce por ſenhora conheciaõ,
E paſſando, por terra ſe proſtravaõ:
Outros guardados nas prizoens rugiaõ,
E nas grades os dentes amolavaõ
Os feros javalis aferrolhados,
Por encanto de Cyrce transformados.

LIII.

Em quanto a larga eſcada vaõ ſubindo,
Os inſtrumentos muſicos ſoando,
Os levantados tectos vaõ ferindo,
De vozes varias huma voz formando:
Ulyſſes no ſuave geſto lindo
De Cyrce a alma, e olhos occupando,
Lhe parece que he rara maravilha,
Mais formoſa que o Sol, de que era filha.

LIV.

Huma cota leonada traz veſtida
De borboletas d'ouro ſemeada,
E de ſerpes de aljofar guarnecida,
Nos golpes com diamantes apertada:
Solta pelas eſpaldas a comprida
Madeixa do cabello, taõ dourada,
Que do Sol parecia hum novo enſayo,
O roſto hum Sol, cada cabello hum rayo.

LV.

Em ſeu divino roſto a meſma idea
Da belleza igualada ſe moſtrava,
E na luz que voando amor rodea
Contente, e liſonjeiro ſe abrazava
Se a maõ, que faz a neve eſcura, e fea
Por compor o cabello levantava,
Alli ſe vem arder em fogo leve
As deſiguaes pyramides de neve.

LVI.

Na ſoberana fronte altiva, e branda
Amor tem ſeu poder abbreviado,
Alli temido, e adorado anda
Como n'um campo de belleza armado:
Eſta eſfera mayor as outras manda
C'um movimento grave, e repouſado,
E abaixo deſte Ceo, e eſta grandeza
He ar tudo o que eſconde a natureza.

LVII.

Eraõ os olhos verdes, e ſenhores
De quanto vem com branda tyrannia,
Em ſeus rayos, e puros reſplandores
Aprendeo à ſer bello o bello dia:
Se co' a formoſa deoſa dos amores
Se achara em Ida, quando competia
Com ella Juno, e Pallas, vencedora
Só fora Cyrce entaõ, ſó deoſa fora.

LVIII.

Neſtas fontes de luzes ſoberanas,
Que ſaõ de amor aljavas amoroſas,
Fez elle agudos dardos das peſtanas,
Armas ſempre mortaes, ſempre formoſas:
Mil Cupidos com ſettas inhumanas
Sahem deſtas luzes puras, e ditoſas,
Que por naõ lhe eſcapar nada na terra
Primeiro mataõ, que publiquem guerra.

De

LIX.

Dece partindo o campo a bem tirada
Meta de tanta graça, e gentileza,
Ficando a cada parte a desfolhada
Roſa, em ſeu puro reſplandor aceza:
Logo hũa porta com rubins cerrada,
Onde abre, e fecha com mayor belleza
Em perlas vivas, e em palavras d'ouro
De graças immortaes vivo theſouro.

LX.

Deſtes Ceos o que acima ſe imagina,
Saõ creſpos fios douro, que deitados
A deſcuido da maõ pura, e divina
Fazem eſpaços de amor imaginados:
Que em confuſa belleza, e peregrina
Envoltos, e nos hombros eſpalhados
Ondas levantaõ, dando ás liberdades
Nas ſoltas ondas ſoltas tempeſtades.

LXI.

Vêſe no roſto, e peito cryſtallino
Secreta formoſura, que eſcondida
Dava por arte ao corpo peregrino
Outra graça mayor naõ aprendida:
Em ſeus membros o eſpirito divino
Com alma viva em cada parte unida
Reſplandece, e na falla gracioſa
Moſtra, que era por graça mais formoſa,

Am-

LXII.

Ambos entrando vaõ nas regias cazas
Ornadas de ouro, e ſedas mais cuſtoſas,
Onde Cupidos com laſcivas azas
Naõ tem voando as ſettas ocioſas:
Queimaõ no mais ſecreto ardentes brazas
Aromaticas maſſas, e cheiroſas,
E hum dos Cupidos, que neſta obra entende,
As azas bate, com que o fogo acende.

LXIII.

Detinha Cyrce os olhos na brandura
Do Grego capitaõ, e aſſim notava
O eloquente fallar, e a compoſtura,
Que de Hybla os doces favos igualava:
O encanto acha ſem força, e mal ſegura
A magica ſciencia, de que uſava,
Que a todos os que traz na companhia
Do anel a grande força defendia.

LXIV.

Tudo Ulyſſes comſigo conſidera,
E co' a viſta a Creonte anda buſcando,
Diſſimula o que ſente, hum pouco eſpera,
Por elle aos que o cercavaõ perguntando:
E porque a cauſa diſto vê qual era,
Na bella Cyrce a viſta ſocegando,
Mudada hum pouco a cor, pezado, e grave
Lhe falla com affeito, e voz ſuave.

Quando

LXV.

Quando, formoſa Cyrce, deſtroçado
Tomo eſte porto, que he por vós famoſo,
Naõ he razaõ que o brando gaſalhado
Se troque em fingimento cauteloſo:
As moſtras deſte roſto delicado
Mayor encanto ſaõ, e mais forçoſo,
Que obriga ámarvos pelo ver tam bello,
E ſempre padecer, e ſempre vello.

LXVI.

Deſta doce, e amoroſa tyrannia
Já obrigado, e preſo me confeço,
Liberdade a priſaõ propria ſeria,
Quando a cauſa do mal tem tanto preço:
Obrigado de amor, e cortezia,
Que em voſſo real animo conheço,
Folgara, bella Cyrce, naõ houveſſe
Couſa, que eſta alegria eſcureceſſe.

LXVII.

E para que ſocegue o penſamento
Da gente, que me ſegue mal ſegura,
Que teme eſte favor, e acolhimento,
Como ſe fora guerra aſpera, e dura:
Nos promettei com grave juramento,
Formoſa Cyrce, pela eſtige eſcura
De naõ uſar de força, ou caracteres,
Em que trasluzaõ magicos poderes.

Naõ

LXVIII.

Naõ vio o verde prado aſſim abrazada
A papoula gentil, e vergonhoſa,
Nem de ſeu verde carcere afrontada
Sahir fugindo a pudibunda roſa:
Quando a manhã ſerena, e deſtoucada
Entre a capa das nuvens mais formoſa
Paſſa embuçada, que fugir deſeja,
Antes que nua ſeu amante a veja.

LXIX.

Como Cyrce eſcreveo no bello geſto
Com roxas letras o que nalma havia,
Vendoſe o claro engano manifeſto,
Que em ſuas faces bello ſe fazia:
Aſſim com puro affecto, e modo honeſto,
Porque dar goſto a Ulyſſes pertendia,
Em tudo o que lhe pede o ſegurava,
E pelo lago eſtigio lho jurava.

LXX.

Para hum jardim entravaõ paſſeando,
Onde das varias flores a pintura
No ar ſuaves cheiros exhalando,
Agradece de Cyrce a formoſura:
Aos Capitaens da maõ hiaõ tomando
As damas com effeitos de brandura
Egiale, Ericia, Milia, Alphea,
Dimantes, Aglonice, e Panopea.

Eſta-

LXXI.

Eſtavaõ nas paredes engaſtadas
Eſtatuas excellentes de grandeza
Exceſſiva, em eſtremo bem lavradas,
Que o natural excedem na viveza:
De altos varoens, que foraõ nas paſſadas
Idades, e a preſente eſtima, e preza,
Que de exquiſitos marmores de Paro
Brias lavrou, e Calicrates raro.

LXXII.

Os vazios eſpaços occupavaõ
Os citreos troncos verdes, e pregados,
Que gratos á cultura ſe moſtravaõ,
De ſeus dourados pomos carregados:
As ruas de colunas ſe adornavaõ,
A que os fructos cobriaõ pendurados
De Thianeu, alegres, e ſuaves,
Regalo eterno das laſcivas aves.

LXXIII.

Noutra parte o jardim ſe vê partido,
Que huma fina alcatifa repreſenta,
De que a formoſa Chloris, e o marido
De ſer ſeu jardineiro ſe contenta:
De perpetuo veraõ favorecido
Novo hymeto, que quando o ſol aquenta
O Caõ celeſte, e fere o agudo inverno,
Naõ lhe impede gozar de Abril eterno.

Zefiro

LXXIV.

Zefiro alegre, e brando com laſcivas
Pennas menea as flores, que bolindo
Ambar exhalaõ, ſerpes fugitivas
De cryſtal, entre as hervas vaõ fugindo:
Das vivas pedras ſaltaõ gotas vivas,
De rocio ſuaviſſimo cobrindo
O prado, Ambroſia o verde boſque eſpira,
Retratado na liquida çafira.

LXXV.

Aqui a ſabia, e meſtra natureza
Por huma ley igual, por certo fio
Naõ muda o verde roſto, e a belleza
No Inverno, Primavera, Outono, Eſtio:
Tempera o frio a calma mais aceza,
Ella abranda o rigor do inverno frio,
Que ſe abraçaõ com laço ſempiterno
Eſtio, Outono, Primavera, Inverno.

LXXVI.

Com verdes pavelhoens antros ſuaves
Veſtem freſcas eſtancias, onde ao vento
Eſpalhaõ queixas namoradas aves,
Enchendo o ar de ſeu canoro alento:
Grutas muſcoſas, onde as horas graves
Do ſol regala hum brando movimento,
Ruas de verdes mirtos enverdados,
Para eſtorvar o ſol, das maõs tomados.

Por

LXXVII.

Por entre elles eſtatuas cryſtallinas
Se moſtraõ com decoro, e com grandeza,
Penhas aonde ſe vem neves alpinas,
Que deſmentem as leys da natureza:
De plantas verdes, e de cores finas
Bellos theatros tem a viſta preza,
Onde o nectar da Aurora vaõ libando
Solicitas abelhas ſuſurrando.

LXXVIII.

Alli Clicie formoſa, e o jacinto
Se vê, que com fragrancia o ar inflama,
O achanto, e amarecho, que extinto
De ſeus aromas o vapor derrama:
E o filho de Cinara em ſangue tinto,
Que a formoſa Acidalia adora, e ama,
E o puro carmezim da roſa fina,
Empreſtado das plantas de Erycina.

LXXVIIII.

No meyo do jardim de Apollo eſtava
Huma eſtatua de porfido luzente,
Que as de Soſtrato, e Scopas afrontava,
Sobre Oecton, que reſpira fogo ardente:
Com rayos de cryſtal puro imitava
Os do Sol mais formoſo, e refulgente,
Que alli naõ tinha occaſo, e parecia
Querer fazer eterno o mortal dia.

LXXX.

Alli por urnas de cryſtal brotando,
Os tanques enche a cryſtallina fonte,
Que eſtaõ nos fortes braços ſuſtentando
Satyros de metal de creſpa fronte:
Eſte pequeno mar andaõ cortando
Os que a morte choraraõ de Phaetonte,
A quem do Sol, que na agua reverbera,
Guardaõ co'a ſombra as filhas de Neera.

LXXXI.

Eſte quadro formoſo aſſim adornado
Em mil formas de fontes ſe partia,
Donde o cryſtal cahindo deſtilado
Por ricas ſerpes de metal corria:
De conchas exquiſitas variado,
Que o Sol nos mares Indianos cria,
Vencendo a limpidiſſima Pirene,
A famoſa Libetro, e Hypocrene.

LXXXII.

Entre os boſques ſe via a filha chara
De Peneo, dando ao meſmo Sol ardores
E o moço Phrygio, que a Cibelle amara,
Quando o primeiro amor troca em furores:
De Tisbe a planta, que já a cor mudara,
Que ſempre he triſte o fructo dos amores,
Lotis mudado em tronco o corpo bello,
E em verdes folhas o ouro do cabello.

O robl

LXXXIII.

O roble mais antigo do ar tocadas
As folhas verdes, como linguas, move,
Que a Alcides deo coroas celebradas,
E a teſta ornou do ſoberano Jove:
Que os eſtios venceo, e as indomadas
Iras do Inverno, quando troa, e chove,
Com fructo, cuja ruſtica aſpereza
Dos primeiros heroes honrou a meza.

LXXXIV.

A fruta já caduca, a verde, e a dura
No proprio, e adoptivo ramo crece,
Que ſem neceſſidade da cultura
A planta fructo, e flores offerece:
Na idade verde do anno, e na madura
Tudo igual fructifica, igual florece,
Vides opprimem os olmos abraçadas,
Verdes maridos, com que eſtaõ caſadas.

LXXXV.

Plantas eſtereis pelo ar ſe eſtendem,
Que daõ por fructo ſombra ao freſco prado,
Com que ás ervas os rayos pouco offendem,
De que os montes enfeita o Sol dourado:
Doutras os fructos já maduros pendem
No ramo, com ſeus pomos encurvado,
Tudo offerece ſingular tributo,
Prado herva, herva flores, plantas fruto.

LXXXVI.

Alli a imperial ave delicada
A Jupiter nas azas ſe levanta,
Sem della ave menor ſer infeſtada,
Que huma ſegura voa, e outra canta:
A que no Indico Ceo mais variada
Na vamgloria das pennas ſe adianta,
Naõ perturba eſta paz, que naõ altera
Mór fera, ou ave a menor ave, ou fera.

LXXXVII.

Entre as matas rugia o valeroſo
Leaõ, em ſuas garras arrogante,
Mil animaes de geſto temeroſo,
Na pelle varios, varios no ſemblante:
Tudo o que eſconde fero, e monſtruoſo
O grande Nilo, e o ſoberbo Atlante,
Aqui lugar, e aſſento achaõ ſuave
As plantas todas, toda a fera, ou ave.

LXXXVIII.

O dia alegre em danças vaõ paſſando
Com ditos, e ſuaviſſimos amores,
Aos Capitaens as damas eſcutando
Encarecidas queixas, vivas dores:
Doces reſpoſtas recebendo, e dando,
Eſperando gozar noites melhores,
Já ſe viaõ as copas levantadas,
Dos Athalicos vaſos carregadas.

Gran-

LXXXIX.

Grandes vaſos de prata ſe oſtentavaõ,
Que a arte prolixa debuxando eſteve,
Que nos concavos ventres ſe moſtravaõ
De licor cheyos eſpumoſo, e leve:
As hydrias de cryſtal ſe ſepultavaõ
No frio ſeyo da gelada neve,
E o liquido rubim, puro, encendido
Se congela nas urnas eſcondido.

XC.

Preparaſe a ſoberba, e regia meza,
Onde cobrem de orvalho os brandos ares
Fontes, que os refreſcavaõ com pureza,
Deſpertando o appetite dos manjares:
Tudo quanto no mundo mais ſe preza,
Que a terra propria dá, e alheyos mares,
Alli junto ſe vê, donde aſſiſtiaõ
Cem pulidos miniſtros que ſerviaõ.

XCI.

Varias mezas os prados occupavaõ,
Onde os Gregos mais fortes, e luzidos
Por igual ordem todos ſe aſſentavaõ,
Por praticos miniſtros conduzidos:
Aos Capitaens lugares ſinalavaõ
Em ſeus poſtos, e aſſentos divididos,
E em todos igualmente he feſtejado
O que na coxa foy do pay creado.

Soaõ

LXLII.

Soaõ os inſtrumentos, e as ſuaves
Frautas, que o grande Hypomacho tocava,
De accentos ora agudos, e ora graves
Concertada armonia ſe formava:
Levaõlhe o alto contraponto as aves,
Que tudo em ſer alegre conformava,
Tendo principio as meſas, e convite
Entrando o ſol nos braços de Amphitrite.

LXLIII.

Dous aſſentos reaes tem occupados
A bella Cyrce, e o Capitaõ valente,
De ouro mais puro, e fino marchetados
Sobre a materia do Indiano dente:
Carregavaõ manjares delicados
A meſa, e Ulyſſes, que ferida ſente
A alma, com ver a Cyrce ſe contenta,
Que amor ſó pelos olhos ſe alimenta.

LXLIV.

Cyrce a taça formoſa, e coroada
Toma na bella maõ, com que provoca
A Ulyſſes de ſua boca já libada,
E a branca cor envergonhada troca:
Elle na parte donde foy tocada,
Adorando os veſtigios de tal boca,
A ſua applica ao vaſo, e ſente logo
De amor, e Baccho o duplicado fogo.

Cli

LXLV.

Clinias nas maõs tomava o inſtrumento,
Canta hiſtorias de amor com voz ſuave,
Como os deoſes do ethereo firmamento
Sentem brando o ſeu jugo, duro, e grave:
Como he no mundo amor quinto elemento,
Que tem dos goſtos huma, e outra chave,
Que he puro effeito d'alma, que mais preza
Para ſe conſervar a natureza.

LXLVI.

Canta da bella Cinthia, que ferida
De amor em ſeu ſuave fogo ardera,
Quando ao paſtor de Latmo agradecida
Pelo gozar deixara a propria eſfera:
De Caliopea canta, que rendida
De Apollo ás leys de amor obedecera;
Canta da filha de Inacho, que os largos
Campos paſcera por induſtria de Argos.

LXLVII.

Que de Peneo a filha celebrada
Seguio junto de Amphriſo Apollo louro:
Que trocou Jove a alteza ſublimada
Por Aſterie, e Europa em aguia, e touro:
Que de Danae na torre mal guardada
Elle foy preço em brando orvalho de ouro,
Que de amor mitigando a grave pena
Rendeo em cyſne a Leda, em fogo Almena.

LXLVIII.

Outras hiſtorias canta, e canta aquella
Do forte Capitaõ, que do opportuno
Cheiro da pura flor, fragrante, e bella
Foy concebido da formoſa Juno:
Prezo com Venus, que he do mar eſtrella;
Naſcida das eſcumas de Neptuno,
Quando ſe formou nelle o corpo bello
Das partes, que cortou Saturno a Cello.

LXLIX.

Já os miniſtros tinhaõ levantado
Da regia meſa a cobertura fina,
E ſobre os aureos pratos deſtillado
Rios de agua cheiroſa, e cryſtallina:
E tendo Circe as bellas maos lavado,
Que eſcureciaõ toda a neve Alpina,
Sobre a meſa voava a olanda leve
Para nella enxugar dedos de neve.

# ARGUMENTO
## DO SEGUNDO CANTO.

*A Circe conta Ulyſſes, que de Helena*
*Se deſpedira em Tenedo, e que vira*
*Dos Cycones a coſta a Grega antena,*
*E dos ventos em Scyro a mayorira:*
*Como a Proteo abraçou, e a grave pena*
*Dos vaticinios grandes, que lhe ouvira,*
*Como o veyo aviſar que paſſe avante*
*A ſoberana filha de Thaumante*

I.

EM tanto Cynthia alegre, e luminoſa
As pontas de luz cheas ajuntava
Na altiva teſta, com que mais formoſa
O ar, a ſombra, as nuvens prateava:
Do Ceo o eterno campo vagatoſa
C'os nocturnos cavallos paſſeava,
Linhas de fogo pelo ar ſe viaõ
Das lucidas eſtrellas, que cahiaõ.

II.

Pedelhe Circe entaõ que lhe contaſſe
Seus trabalhos, taõ dignos de alta hiſtoria;
E os mares, que ſulcara, porque achaſſe
O goſto de os paſſar pela memoria:
Poſto que muito Ulyſſes duvidaſſe
Tratar de ſeu louvor, e propria gloria;
A Circe obedeceo, e em modo grave,
Ouvindo todos, diz com voz ſuave.

III.

Arde a Neptunia Troya, já rendida
Ao cavallo fatal, e Grega eſpada,
Em cinza, em fumo, em ſombra convertida,
Que a gloria humana he fumo, he ſõbra, he nada;
Já tratavaõ os Gregos da partida,
Carregando o deſpojo a grande armada:
E entre taõ rica, e ſoberana preza
Era a formoſa Helena a mór riqueza.

IV.

Já co' a cauſa, e deſculpa do Troyano
Excidio, que na cinza inda fumava,
Soltando a redea ás naos, o ſoberano
Agamenon as ancoras levava:
Da negra antena deſpregando o pano,
Que indo prenhe do vento, que ſoprava,
O porto deixa, o alto mar cortando,
Vaõſe as prayas, e os montes afaſtando.

O deſ-

V.

O deſtroço fatal de Troya viaõ
Das naos, que o Helleſponto atraveſſavaõ,
Os Gregos, quando a viſta ſuſpendiaõ
Nas terras, que já apenas diviſavaõ:
Só nas partes mais altas pareciaõ
Huns veſtigios das torres, que ficavaõ,
Onde a viſta o mais que determina,
He medir a grandeza co' a ruina.

VI.

Amfiteatros, machinas, e muros,
Piramides, coloſſos levantados,
Obeliſcos, que moſtraõ eſtar ſeguros
Contra a força dos tempos, e dos fados,
Jazem ſem fama em cinza vil eſcuros,
Das idades por fabula proſtrados,
Que o tempo os bronzes, e as colunas parte,
E os poderes da morte iguala Marte.

VII.

De bandeiras, e flamulas ornaraõ
A victorioſa armada, que partia,
E as proas para Tenedo inclinaraõ,
Que hum boſque ſobre as ondas parecia:
Que alli vaõ deſpedirſe concertaraõ,
Onde a ancora pezada o ſal feria,
Sobre ella, quando o fere, ſe dilata
O mar azul em circulos de prata.

Anbos

VIII.

Ambos de Atreu os filhos valeroſos
(Antes que hum vá a Eſparta, outro a Miſſena)
Queriaõ deſpedirſe, deſejoſos
Que alli poſſa alegrarſe a bella Helena:
Com elles ſahe ao campo, e os ſeus formoſos
Olhos, de que reparte gloria, e pena
Amor, que aſſaltear delles aprende,
Pelo florido campo, e praya eſtende.

IX.

De vella o meſmo Ceo ſe namorava,
E o ar no do ſeu roſto ſe acendia,
O mar, quando ella as conchas lhe furtava,
Parece que a beijarlhe os pés corria:
Quem as divinas graças, que moſtrava,
Contar quizer, mais facil lhe ſeria
Contar as flores do laſcivo Mayo,
E do Sol os cabellos rayo a rayo.

X.

Pela teſta ſem ordem deſparzido
Solto o cabello voa livremente,
Donde ſahe a queixarſe de opprimido
De huma cinta de pedras refulgente:
No hombro ſoa o arco do brunido
Marfim, no lado a aljava eſtá pendente;
Com menos graça ao boſque entrar coſtuma
A bella deoſa, que naſceo da eſcuma.

De

XI.

De huma ſeda ſubtil, de ouro lavrada,
Era compoſta a nobre veſtidura,
Que o pé deſcobre da aura meneada
Para beijallo lizonjeira, e pura:
No peito, collo, e face delicada
(Que as armas ſaõ da propria formoſura)
Moſtra amor querer dar mortes mais cruas,
Pois leva da belleza as armas nuas.

XII.

Das orelhas as perlas do Oriente
Igualmente pendendo, carregavaõ
Circulos de ouro puro, e excellente,
Mór graça recebendo, do que davaõ:
Da barbara cadea refulgente,
Cahindo ao ſeyo, as voltas ſe enredavaõ;
Bellezas eſtudadas com deſcudo,
Da cuidadoſa maõ inculto eſtudo.

XIII.

Quando no Ceo da altiva fronte abria
Hum, e outro ſol na luz, que derramava,
O campo todo, todo o ar ardia,
Que a tudo dava ſer, tudo animava:
A cada paſſo ſeu hum Ceo movia,
A cada rayo ſeu hum ſol moſtrava;
A cada olhar abria hum paraiſo,
E hum coraçaõ teria a cada riſo.

O vento

XIV.

O vento o ſeu cabello ondado, e louro,
Como ladraõ ſubtil, traz derramado,
Com quem baixo metal ficava o ouro,
Que parece co' meſmo Sol dourado:
Amor metendo a maõ neſte theſouro,
Hum fio lhe roubou, e tem mudado
A corda ao arco ſeu, e fez as pretas
Sobrancelhas o arco, a viſta ſetas.

XV.

Porque o ar naõ a offenda, poem reparo
Ao roſto cum ſendal, com que ſe cobre,
Que das glorias, que eſconde pouco avaro,
Mais ſede faz de ver o que ſe encobre:
Como o Sol d'entre nuvens menos claro,
Faz que a força dos rayos ſe lhe dobre,
Tal d'um ſendal finiſſimo veſtida
Vio Cytherea o paſtor Phrigio em Ida.

XVI.

Eſta era Helena, e ſe dizer vos poſſo
De ſua graõ belleza o que mais ſinto,
Vós ſois retrato ſeu, ou ella o voſſo,
Que de vós tomo as cores, com que a pinto:
No ar, na meſma graça, aonde o moço
Cego faz intricado labyrinto,
Entre mil impoſſiveis do deſejo
Imaginando eſtou que em vós a vejo.

XVII.

Alli fizemos larga deſpedida,
E as ancoras pezadas levantando
As naos poſtas a ponto de partida
Vaõ as concavas azas deſpregando:
Ao vento damos eſperança, e vida,
Com alutados remos apartando
As ondas, dando Eolo no caminho
Força ao canſado lenho, vida ao linho.

XVIII.

Voaõ as leves naos, que o tormentoſo
Golfo já do Helleſponto dividiaõ,
Da coſta de Aſia abrindo o ſeyo undoſo,
A prolixa viagem proſeguiaõ
Té onde Tanais dece preſſuroſo,
E nas do mar ſuas ondas ſe metiaõ,
Que de affrontado de huma, e outra terra
Alli do ponto Euxino as portas ſerra.

XIX.

Neſte golfo, que honrou o atrevimento
Do ouſado Phrixo, e Helle naufragante,
Vencendo no carneiro o falſo argento
Quando á eſpoſa fugiaõ de Atamante:
Dos Cycones á coſta o bravo vento
Nos arroja, que eſtava mui diſtante,
Que co' as armas nas maõs nos receberaõ,
E as naos canſadas abrazar quizeraõ.

Logo

XX.

Logo deixei o porto, que tomara,
Donde partindo, a vida ao vento entrego,
A' fertil Lemnos, por ſeu nome clara,
Grande officina de Vulcano chego:
E aos Reynos de Toante, onde a preclara
Hypſiphile a ſeu pay caduco, e cego
Das populares furias defendera,
Pagando em dar a vida, á quem lha dera.

XXI.

Vendo a inimiga Venus das ferradas
Proas as creſpas ondas divididas,
E o mar todo cuberto das armadas,
Que levaõ os fortiſſimos Atridas,
De taõ rico deſpojo carregadas,
Dos fados, e do Ceo favorecidas,
Sobre a maõ poz a face, e a viva magoa
Lhe encheo a alma de fogo, os olhos d'agoa.

XXII.

Muitas couſas na mente revolvia,
E partindo em ſeu carro acelerado,
Tomou da Ilha Eolia a incerta via,
Onde Hypotades tem ſeu gafalhado:
Alli a tempeſtade ſolta, e fria,
E o indomito vento eſtá domado,
Que humilde a natural ferocidade
De ſeu Rey treme, e adora a mageſtade.

Aqui

XXIII.

Aqui aos ventos guarda em prizaõ dura,
Donde ſahida buſcaõ com violencia,
Provando, por ſahir da cova eſcura,
Das grandes forças a ultima potencia:
Os grilhoens de diamante, e a mais ſegura
Cadea he fraca, e debil reſiſtencia,
Furias do mundo ſaõ, que Eolo encerra
Só para devaſtar o mar, e a terra.

XXIV.

A Eolo, que em parte alta, e ſubida
Tem com graõ mageſtade o claro aſſento,
A bella deoſa (que no mar naſcida
Converte em fogo o humido elemento)
Humilde falla: O' Rey, cuja temida
Força pode enfrear o bravo vento,
Grande ſenhor, cujas grandezas callo,
Que o mar podes turbar, e ſocegallo.

XXV.

Do mar Egeo as ondas vay cortando
Com ſua armada Ulyſſes cauteloſo,
Que enganoſa, e fingida paz moſtrando,
De Troya o Ilyon abrazou famoſo:
Leva os vencidos deoſes, e buſcando
Ithaca, taõ ſoberbo, e poderoſo
Se moſtra, que ſe algum caminho achara,
Até o ſagrado Olympo conquiſtara.

Eſtes

XXVI.

Este inimigo meu o mar sustenta,
E pois he justa a queixa, em que me fundo,
Solta, Rey poderoso, huma tormenta,
Que a seus atomos torne o antigo mundo:
Que a descuidada armada com violenta
Força destroce, e meta no profundo,
Onde pague seu furor, e insania
O abrazador dos muros de Dardania.

XXVII.

Assim Ericina lagrimosa, e triste
Ante o filho de Aceste se prostrava,
Elle a toma nos braços, e resiste
A cortezia, que com elle usava:
Muito mais, que no pouco que pediste,
Deosa excellente, (Eolo replicava)
Té mostrarei as forças de hum desejo,
A que me obriga o menos que em ti vejo.

XXVIII.

A tua justa dor, que a tudo excede,
A que só excede a tua formosura,
Tudo minha vontade lhe concede,
Que acertar em teu gosto só procura:
Nada póde negar quem já te pede
Que soltes desses rayos a luz pura,
Ou os escondas, que essa claridade
Fará mansa, e serena a tempestade.

A gra-

XXIX.

A grave porta da ſoberba ſerra
Tremeo no duro bronze, que gemia;
Os ventos logo, que a caverna encerra,
Rebentaõ da priſaõ eſcura, e fria:
Juntos em eſquadraõ com dura guerra,
Bramindo os campos cada qual varria:
Ao mar ſe arrojaõ, e vêſe num momento
Nas ondas o alterado movimento.

XXX.

Do undoſo leito, donde repouſava
O mar, move as areas do mais fundo,
Que fervendo nas ondas levantava,
As entranhas abrindo do profundo:
Com Boreas Auſtro a hum tempo ſe encontrava,
Como que querem deſtruir o mundo:
Treme co' a força do ſoberbo Eolo
O Ceo nos eixos d'um, e doutro polo.

XXXI.

De pezados chuveiros carregando
As nuvens voadoras impellidas,
A agua, como ſangue, vaõ botando,
Da larga eſpada de Orion feridas:
Pelas nuvens os peixes vaõ cortando,
Nadaõ no mar as aves atrevidas,
Que achaõ, fugindo, nos pezados ares
Unido o mar co' Ceo, e o Ceo cos mares.

Sem

XXXII.

Sem preſagios alguns acometendo,
O vento o mar ergueo, onde começa
Huma ſoberba luta, parecendo
Que as eſtrellas tocamos co' a cabeça:
Pelo convez entrando o mar horrendo
Os duros marinheiros arremeça,
E as arvores, e as vellas com violento
Furor rompe bramando o negro vento.

XXXIII.

Toando o Ceo os animos quebranta
O brado dos trovoens, e em quanto dura
Na confuſaõ, e horror, que o mundo eſpanta,
A fria morte a todos ſe affigura:
A nuvem carregada o mar levanta,
Com que toldava o ar de ſombra eſcura,
A eſpaços do alto fuzilar ſe via
O fogo, que até as ondas acendia.

XXXIV.

Já os miſeros nautas opprimidos,
Sem poder reſiſtir, ſe lamentavaõ;
Porém os gritos, vozes, e gemidos,
Os ventos pelo ar deſpedaçavaõ:
Huns ſe viaõ no centro ſumergidos
Onde as ondas cahindo os ſepultavaõ,
E outros ſe vem ſubidos ás eſtrellas,
Preſumindo co' as maõs pegarſe nellas.

Co' a

XXXV.

Co' a proa a Capitania levantada,
Que huma torre com azas representa,
Correndo vay, das ondas contrastada,
E co' a grandeza faz mór a tormenta:
Num bordo, e noutro inclina de affrontada,
Naõ obedece ao leme, e mal sustenta
Do mar o grave pezo, que batendo
A nao por muitas partes, vay bebendo.

XXXVI.

A arvore mayor do irado vento
Impellida se rompe, onde cahindo
Das ondas arrojada, com violento
Golpe o debil costado vay ferindo:
Toda a gente se via num momento
Com varios instrumentos acodindo,
E a confusaõ da nao, e mar mostrava,
Que tudo a seu primeiro chaos tornava.

XXXVII.

Logo a cansada nao vay alijando
Co' a força da tormenta embravecida
As mais graves riquezas, que nadando
A's ondas damos, porque escape a vida:
Entre o granizo fero o Ceo toando,
Rayos cahem por carreira retorcida,
E como que de nós o Ceo se ria,
Todo de hum polo ao outro esclarecia.

Sahin-

XXXVIII.

Sahindo o mar do natural limite
Tinha o Ceo por mil partes rociado,
E o caõ celeſte as aguas de Amphitrite
Tem co' a lingua ardentiſſima goſtado:
A's Urſas em ſeu polo ſe permite
Que ſe poſſaõ lavar no mar ſalgado,
E ſubindo Neptuno á mór altura,
Ondas introduzir no Ceo procura.

XXXIX.

Eu entaõ co' pavor, e frio medo,
Que eſtes canſados membros congelara,
Dizia: Quanto mais contente, e ledo
Fora, ſe já eſta vida ſe acabara:
Atalha a morte os males, ſe vem cedo,
Que neſte ultimo mal todo outro pára;
Naõ morrera mil vezes deſta ſorte,
Tendo para huma vida huma ſó morte.

XL.

Iſto dizendo, Boreas arrogante
Lançando nuvens, fogos, e bramidos,
Vem empolando o mar, e traz diante
Montes de agua, dos ſopros impellidos:
A esfera ſuperior quaſi nutante
Se admira em ver que os ventos atrevidos
Moſtraõ, batendo os procelloſos mares,
Querer levar a terra pelos ares.

A gran-

XLI.

A grande nao, que Alcino governava,
Em Creta fabricada, naõ podendo
A's ondas reſiſtir, com que lutava,
O lado abrindo, os mares vay bebendo:
A de Philon o centro, e Ceo tocava,
Que ſem leme, e ſem arvores correndo,
Cahe nos braços do vento, e da tormenta
Nas rochas, aonde em flor o mar rebenta.

XLII.

Rotas as vellas, e arvores rendidas,
Vendo que o mar engroſſa, os ventos creſcem,
As outras naos ás ondas atrevidas
C'uma pequena vella ſe offerecem:
As mais da companhia divididas
Raras por entre as ondas apparecem,
Nas maõs do vento, de Orion armado,
De horror, e negras ſombras carregado.

XLIII.

Vendo Juno dos ventos a braveza,
Que as naos rendidas leva, e deſgarradas,
Os naufragios, as mortes, e a riqueza
De Troya entregue ás ondas empoladas:
Deſce ao grande Neptuno com preſteza,
Dizendo: Acode Rey ás mal tratadas
Naos, primeiro que o vento poderoſo
Lhe dê (ſe naõ deo já) fim laſtimoſo.

XLIV.

Se Ulyſſes, e Agamenon abrazaraõ
A Troya, alto decreto foy divino,
Que as Gregas armas nella executaraõ,
Que mal póde eſtorvarſe o que he deſtino:
Com que ordem os duros ventos levantaraõ
Em ſerras todo o Reyno Neptunino?
Pois por Venus ſem outro fundamento
Solta Eolo as prizoens ao bravo vento.

XLV.

Para mim o teu rogo, o teu mandado
(Neptuno lhe tornava) he ley ſegura,
O vento ceſſe, e a teus pés proſtrado
Victorioſa lhe opprime a cerviz dura:
Que ainda que de Ulyſſes enojado,
Por ti me eſquece tudo, ó deoſa pura,
E aſſaz de pouco faz quem te obedece
Quando te vê, ſe tudo o mais lhe eſquece.

XLVI.

Agora o mar ſe abrande: iſto dizendo,
Sobe no carro azul, que vaõ tirando
Eſcamoſos cavallos, que vertendo
Hiaõ fogo da viſta, o mar cortando:
As ondas amariſſimas bebendo,
Que ſobre ellas em arco vaõ botando;
Neptuno a nova colera os incita,
Soa o açoute, e aos cavallos grita.

Sobre

XLVII.

Sobre as ondas mais altas se levanta
O carro, que seu pezo reconhece,
Vibra o largo tridente, o vento espanta,
Quando mais indinado se embravece:
Solta a medonha voz com furia tanta,
Que no mais fundo Thetis estremece,
Que o som da voz, e a força do tridente
Amansa o vento, e os mares juntamente.

XLVIII.

Da barba prenhe de humido rocio,
Que sobre o pardo peito descansava,
O liquido crystal correndo em fio
Lavando os membros nús, ao mar tornava:
Lá se humilha de medo o vento frio,
E aos pés por lhos beijar se debruçava,
Da crespa fronte voa em si revolto
O molhado cabello ao vento solto.

XLIX.

Fogem do ar as nuvens num momento,
Sereno o mar se mostra, o Deos irado
Voltando o rosto diz ao bravo vento,
Que rendido a seus pés está prostrado:
Onde se vio tamanho atrevimento,
Que estou? Porém soceguese o alterado
Movimento das ondas, e prometo,
Que eu o emende, estando o mar quieto,

L.

Dizey ao voſſo Rey, que elle dos ares
As furias mova, e tempeſtade fria,
Arranque os mores montes, que dos mares
Só eu tenho a profunda monarchia,
Occupe ſuas cavernas, e lugares,
Onde nunca chegou a luz do dia,
Lá tenha ſeu imperio preminente,
Que o mar ſó reconhece o meu tridente.

LI.

Diſſe, e o carro veloz atraveſſava
Sobre o undoſo campo, que cobrindo
De branca eſcuma vay, quando paſſava
A leve roda, alto caminho abrindo:
Já para acompanhallo ſe ajuntava
Copia dos deoſes humidos, ſahindo
Do mais fundo do mar, onde habitavaõ,
Que em cavallos maritimos cortavaõ.

LII.

Deixaõ das ondas o ceruleo clauſtro
Os Cidadaõs do mar, e as excellentes
Ninfas ſahindo no ſoberbo plauſtro,
Na agua accendendo vaõ chamas ardentes:
Deixaõ ſeu brio, e grandes forças Auſtro,
Africo, e Noto, ſendo taõ valentes,
Toda a ira depoem, e os negros ares
Apartaõ, ſocegando os groſſos mares.

Qual

LIII.

Qual de huma negra phoca o dorſo opprime,
Que no liquido campo governava,
Qual num monſtro diſforme, alto, e ſublime
Abre o puro cryſtal, que ſe humilhava:
Qual ſobre hum lobo ſahe, e a lança eſgrime
Do coral, que com o ar ſe congelava,
Qual pelas creſpas ondas, que atraveſſa,
O cavallo maritimo arremeſſa.

LIV.

Vem num ceto diſforme com canino
Aſpecto o velho Glauco, e de Atamante
Palemo filho, e da formoſa Ino
Nadando num delfim, vinha diante:
O buzio toca retorcido, e fino
O filho de Salacia, e a preſtante
Thetis faz ſobre o mar doce chorea,
Com Symodoce, Spio, e Panopea.

LV.

Phorcis pay de Meduſa tambem veo
Com ſeu copioſo excercito nadando:
Forma humana tomou o graõ Proteo,
E das phocas o ſegue o immundo bando:
Fere a liquida prata o graõ Nereo,
A redea diamantina governando,
Com que modera a verdinegra boca
D'uma arrogante, e prodigioſa phoca.

Qual

LVI.

Qual valeroſo Capitaõ, que tendo
Alcançada victoria glorioſa,
No campo fica alegre, recolhendo
Deſpojos da batalha ſanguinoſa:
E as tubas, que provocaõ Marte horrendo,
Leva diante em pompa ſumptuoſa:
Aſſim dos ſeus Neptuno acompanhado
Victorioſo paſſea o mar ſalgado.

LVII.

Como iſto entendeo Phebo, com luz branda
O diafano ar alegre enchia:
Fogem do Ceo as nuvens a outra banda,
E o Norte frio o largo Ceo varria:
Riaõſe as ondas, todo o mar ſe abranda,
E em priſaõ dura logo recolhia
O grande Eolo os alterados ventos,
Concertaõ paz ſegura os elementos.

LVIII.

Nas brancas azas colhe alegremente
O favoravel vento o ſolto pano,
Quando já de Climene o filho ardente
Morre, abrazando as aguas do Oceano:
A noite foge, a mal tratada gente
Do trabalho paſſado em doce engano
Pelo convez o pezo ſuſpendia
Do cuidado, e canſada fantaſia.

A touca

LIX.

A touca, que de nuvens fez delgada,
Nas ondas lava a Aurora fugitiva,
E a agua em puras gotas congelada
Recebe a concha ſobre o mar laſciva:
Que dentro della em perolas formada
Sahe para honrar a teſta mais altiva,
Que enriquece a Neptuno, o Ceo namora,
Pura neta do Sol, filha da Aurora.

LX.

Vemos, rompendo o Sol, eſtar defronte
A grande Ilha de Scyro, onde alterado
Neptuno os cornos da cerulea fronte
Quebrando ſe retira de affrontado:
Onde as nuvens aſſalta hum grande monte,
A quem a ſeu pezar tinha tomado
Thetis tamanha parte de ſeu centro,
Que eſpalha as ondas com ſilencio dentro.

LXI.

Para huma parte a levantada ſerra,
Onde humilhava hum pouco a fronte altiva,
Huma alegre enſeada dentro encerra,
De aſſentos rodeada, em pedra viva:
Onde huma, e outra fonte a freſca terra
Cruza em ſerpes de vidro, e ſe deriva,
Que offendida das pedras, que tocava,
Com eſpumoſas bocas murmurava.

Aqui

LXII.

Aqui das Ninfas era uſado aſſento,
Que aquelles freſcos boſques habitavaõ,
E alli ſeguras do inquieto vento
As naos ſe recolhiaõ, e ancoravaõ:
Sem dos mares ſentir o movimento
Dormindo ſobre as ancoras paſſavaõ,
Aqui ſolta, chegando hum, e outro pinho,
Unhas de ferro, encolhe azas de linho.

LXIII.

Sahe a gente affligida, e deſtroçada,
Bebe das fontes a copioſa vea,
A terra beija, e deitaſe canſada,
Por deſcanſar na molle, e branda area:
Ferio Alcipo a pedra congelada,
Invençaõ de Pirode, e o fogo atea,
Ao lume ſecas folhas chega, e logo
No arido alimento creſce o fogo.

LXIV.

Contentes ſe enxugavaõ nas amigas
Elãmas, vencido já o mortal perigo:
Aprendendo das providas formigas,
Tiraõ para enxugar o molle trigo:
Em quanto neſtas aſperas fadigas
Se occupavaõ os mais, eu ſó comigo,
Entrando num profundo ſentimento,
Fallava, e reſpondia ao penſamento.

Pelas

LXV.

elas ondas os olhos alongando,
Nellas os companheiros mortos via,
Que o groſſo rolo da agua vem botando
ela deſerta praya, humida, e fria:
o monte alto ſubia, imaginando
Que de mais longe o mar deſcobriria,
co' a alma nos olhos corro os mares,
em o peſo os deter de meus pezares.

LXVI.

rendo que as naos ao longe divizava,
lvoroçado deſço do alto monte,
Quando já á tarde fria o Sol pintava,
ordando de ouro as nuvens do horizonte:
reonte, que eu comigo entaõ levava,
Hum rebanho de vacas vê defronte
ndar paſcendo, e logo deſviados
m bandos os cornigeros veados.

LXVII.

autamente ſe chega, o eſpaço mede,
unta as pontas do arco, e ſacudindo
corda, ſahe veloz, que o vento excede,
mortal ſetta, o ar delgado abrindo:
hega onde a viſta aponta, e mata a ſede
o ſangue de hum graõ touro, que cahindo
Deſanimado morde a terra, e ſólta
alma robuſta em negro ſangue envolta.

Eu

LXVIII.

Eu logo á praya deſço, e alli chegados
Os navios, que aos mares eſcaparaõ.
Na terra ancoras prendem, que os ſoldados
Da proa com deſtreza ao mar lançaraõ:
Entre a furia dos ventos alterados
Ao longe apenas dous ſe divizaraõ,
Que quando mais de perto os deſcobrimos,
Perecer juntos entre as ondas vimos.

LXIX.

Os caſos da fortuna mais temidos,
(Lhes digo) vence ſó quem a deſpreza,
Que dos lugares altos, e ſubidos
Todo o caminho he cheyo de aſpereza:
Dos trabalhos paſſados, e vencidos
Se alegra o forte, que de os ter ſe preza,
Que o perigo mais aſpero, e mais grave
A paſſada lembrança o faz ſuave.

LXX.

Se a fortuna nos moſtra o roſto iroſo
Da futura alegria da eſperança,
Paſſado o tempo triſte, e procelloſo
As vellas enche a proſpera bonança:
Refaçamos a armada, e com piedoſo
Affecto aos corpos, que na praya lança
O mar, demos ſepulcro eterno, e breve,
Que c'os mortos piedade uſar ſe deve.

Log

LXXI.

Logo ſem vida cahem os levantados
Freixos nos altos montes, e as ſagradas
Palmas, e os negros alamos caſados
Co' as vides em ſeus troncos abraçadas:
E os velhos ſovereiros renovados,
Que as duras tempeſtades indomadas
Tinhaõ vencido, já feridos tremem,
E com ſeu grave pezo os carros gemem.

LXXII.

Todos em reparar com preſſa entendem
Das naos bancos, e remos, e traziaõ
De longe o boſque, e o trabalho aprendem,
Que entre todos com goſto repartiaõ:
Antenas ſobem, de que as vellas pendem,
De enxarcia os negros pinhos ſe cobriaõ,
Outros ao pio officio ſe inclinavaõ,
E humilde ſepultura aos mortos davaõ.

LXXIII.

Inclinada de todo a luz ſe via
Do Sol ſobre os dourados horizontes,
E a noite a duvidoſa luz vencia,
Roubando a graça das muſcoſas fontes:
Sobre os humildes valles já cahia
A eſcura ſombra dos ceruleos montes,
E quantos olhos o repouſo ſerra,
Tantos o Ceo abria ſobre a terra.

Por

LXXIV.

Por deſcanſar o eſpirito affligido,
Numa lapa, que o mar cavando abrira,
Quiz repouſar, moſtrandome o ſentido,
Que o repouſo de hum triſte era mentira:
Depois de ao ſono grave eſtar rendido,
Sonhando vi o que acordado vira;
Que o mal, que me occupava a fantaſia,
Me repreſenta a dor que naõ dormia.

LXXV.

Em ſonhos huma deoſa me apparece,
E que comigo falla imaginando,
Vejo que ſeu amparo me offerece,
E para veſa o roſto levantando
Chego, logo ajoelho, e me falece
O alento, e vou cahindo, e deſpertando,
Vendo a deoſa lhe digo: O' ſoberana
Divindade eſcondida em fórma humana:

LXXVI.

Quem es formoſa deoſa, que comigo
Uſas taõ deſuſada cortezia?
Já naõ temo do mar algum perigo,
Sendo tu meu amparo, e minha guia:
Sou Idotea (diz) filha do antigo
Proteo, que no mar as phocas guia,
Fiquei ouvindo, e vendo a luz ſagrada,
Confuſa a alma, a viſta perturbada.

Con-

LXXVII.

Conteilhe quanto tempo andara errando,
Entre as ondas do mar embravecido,
Co' a fortuna mil vezes pelejando,
Alagado outras tantas, e perdido:
Como vira tres vezes declinando
Do Sol o ardente carro, ter medido
Do vellocino os circulos dourados,
Indo abrazar os peixes prateados.

LXXVIII.

Como vira tres vezes as amigas
Caſas do Ceo formoſo, e radiante,
Para dourar as pallidas eſpigas
Paſſar de Daphne o deſprezado amante:
Como vira das ſerras mais antigas
No cume levantado, e arrogante
Tres vezes as cabeças carregadas
Das graves cans, das aguas congeladas.

LXXIX.

Diſſelhe entaõ: Pois ſabes o futuro
Segredo em ouro eſcrito no volume,
Que em ſeu archivo guarda o fado eſcuro,
E o tempo gaſtador já mais conſume:
Deſtes annaes divinos ver procuro
Em tua boca hum raſto, hum vivo lume,
E deſta pura luz hum rayo claro
Do que no ſeyo eſconde o tempo avaro.

Reſ-

LXXX.

Reſpondeome: Só Proteo tem ſabido
O que queres de mi, porque preſente
Lhe he tudo o que ha de vir, por eſcondido,
Por guardado que eſtê na etherea mente:
Quando o Sol ao mais alto eſtá ſubido
Por eſtas grutas paſſa a feſta ardente,
E neſta penha o ſeu armento enorme
Lhe faz guarda velando, em quanto dorme.

LXXXI.

Velo-has armado, e neſſe meſmo inſtante
A fórma muda, em puro fogo ardendo,
Como ſerpe ſe enroſca, ora arrogante
Leaõ ſe finge com bramido horrendo:
Se alli o apertas com valor conſtante,
As entranhas dos fados revolvendo
Deſcubrirá os ſegredos, e a verdade,
Que inda no ſeyo eſconde a eternidade.

LXXXII.

Neſta muſcoſa lapa na abraſada
Seſta entra Proteo quando o Sol ardia,
Na mais ſecreta parte, e mais guardada
Me eſcondo, elle ſe inclina, em fim dormia;
Nos braços o apertei, da deſuſada
Força eſpantado Proteo em pé ſe erguia,
Qual Deos faz eſte engano a vozes grita,
E faz por ſe ſoltar força infinita.

De

LXXXIII.

De hum leaõ ferocissimo tomava
A horrenda fórma, e duros braços prova,
Como serpe escamosa se enrosca va,
E em outras cem mil fórmas se renova:
Os incendios das fauces vomitava
Com antigo saber, e industria nova,
E quando lhe naõ val a força, e brio,
Quer escapar em fugitivo rio.

LXXXIV.

Com mais forças nos braços o sustento,
Porque responda nelles apertado,
Quantos annos o mar, e o surdo vento
Me negariaõ porto desejado:
C'uma voz carregada, e com violento
Torcer de olhos me diz: O immobil fado,
Por te fazer no mundo sempiterno,
Te dará por trabalhos nome eterno.

LXXXV.

Antes de ver o porto, que desejas,
Entre o furor dos procellosos mares
Quer o fado, que varios climas vejas,
Alheos Ceos passando, alheos ares:
Até que vivo no sepulcro estejas
D'um monte, e os companheiros, que levares,
Verás despedaçar com graõ fereza,
Honrando os pratos de huma imũnda meza.

Huma

LXXXVI.

Huma garça com huma aguia do profundo
Sahir verás com grande agilidade
Lá onde Phebo morre, onde outro mundo
Eſpera de ſeu roſto a claridade:
Neſte lugar o fado mais jucundo,
Te permitte fundar huma Cidade,
Que a todas as do mundo a palma toma,
Perdoe a alta Carthago, a illuſtre Roma.

LXXXVII.

Soltei Proteo dos braços admirado
Do que lhe ouvira, e n'alma me entriſtece
Ver a que males me reſerva o fado,
Que a vida ſó em cuidallo desfalece:
Em tanto Proteo toma do ar delgado
Varias fórmas, e já deſapparece,
Fico entre as pedras, do que tinha ouvido,
Eſtatua viva, hum Calpe com ſentido.

LXXXVIII.

Os cavallos do Sol, affugentando
As lucidas eſtrellas, no ar ſe viaõ,
Que do primeiro reſplandor dourando
Os fins Eoos, com ſeu fogo ardiaõ:
Settas de luz o ar atraveſſando
O liquido cryſtal do mar feriaõ,
Aonde a luz vacillante parecia,
Sobre as tremulas ondas que tremia.

LXXXIX.

Quando de Scyro as prayas encurvadas
Deixo, e cortando vou o argento undoſo,
Da antena as vellas concavas inchadas
Abrem no vaſto mar raſto eſpumoſo:
Temo inda as couſas, que já ſaõ paſſadas,
No por vir vigilante, e cuidadoſo,
E com fingidas moſtras de alegria
O mal, que n'alma levo, deſmentia.

XC.

Os males, que Proteo vaticinava,
Me eſpantaõ, quando a mente os conſidera,
De naõ ficar em Scyro me pezava,
Onde vida, e deſcanſo ter podéra:
Sem ao fado attender, que me chamava
A ver os climas d'uma, e d'outra eſfera,
Que apos eſtes perigos, ſem temellos,
Arraſtando me traz pelos cabellos.

XCI.

Da bella Phebe o carro vagaroſo
Pelos campos do Ceo correr ſe via,
Quando as feras do curſo trabalhoſo
Deſcanſaõ do prolixo, e largo dia:
Quando Juno do Olimpo luminoſo
Iris mandava, que do Ceo deſcia,
No ar junto das naos librando eſteve
O leve corpo ſobre o vento leve.

XCII.

Entrou donde em repouſo mais ſuave
(Se he repouſo o que toma hum deſcontente)
Eu refazia do trabalho grave
O mal, que n'alma tinha taõ preſente:
Alli me diz: Quem ha que tanto aggrave
Hum coraçaõ taõ bravo, e taõ valente,
Cujo valor o mundo todo aſſombra
Do principio da luz té o fim da ſombra?

XCIII.

De Proteo a profecia naõ te eſpante;
Que a feya noite traz manhã ſerena,
E os mais aſperos caſos o Tonante
Muda, e dos fados a ordem deſordena:
Vaõ ſempre os valeròſos por diante,
Naõ ſe acha gloria, ſem paſſarſe pena,
E os que perſegue mais, e os que importuna
Vencem ſoffrendo os caſos, e a fortuna.

XCIV.

O trabalho he eſcada da ſubida,
O marmol mais polido, e mais lavrado
Por golpes do inſtrumento teve vida
Para ſe ver da terra levantado:
A pedra, que nas veyas eſcondida
A nobre chãma tem, ſe o temperado
Fuzil a fere, moſtra em fogo aceza
A ignea, e levantada natureza.

Ficaõ

XCV.

Ficaõ grandes trabalhos ſendo leves,
Se as glorias vês, que o Ceo te repreſenta,
Quando teu nome illuſtre a partes leves,
Que outro Ceo cobre, que outro Sol aquenta:
Iſto Juno te diz, a quem já deves,
Quando de tuas obras ſe contenta,
Segue o que a ſorte, e fado te offerece,
Que o Ceo ſempre os ouſados favorece.

XCVI.

Sabe, que quando a Armada Grega eſteve
Quaſi perdida, Venus o ordenava,
Que eſte poder do grande Eolo teve,
Que furia, e liberdade aos ventos dava:
Quando do Ceo com movimento leve,
Juno deſcendo os mares applacava,
E o Rey do mundo da agua num momento
Recolheo nas prizoens o ſolto vento.

XCVII.

Diſſe, e de ſua rara formoſura
O reſplandor ſuave, e peregrino
Tornando em claro dia a noite eſcura,
Hum raſto deixa no ar puro, e divino:
O' menſageira, digo, da mais pura
Deoſa, que piza o corpo cryſtallino,
Em que a fortuna, e inveja ache inimigas
(Emulas da virtude, e esforço antigas.)

XCVIII.

Naõ póde haver, ó deoſa, quem me aparte
De obedecerte em tudo, armemſe os fados,
Armeſe a terra, deſça o proprio Marte,
Os mares ſe levantem conjurados:
Na mais remota, e mais deſerta parte,
Na zona ardente, e polos congelados
Vencer eſpero com favor de Juno
Força dos fados, iras de Neptuno.

ARGU-

# ARGUMENTO
## DO TERCEIRO CANTO.

*COmo a ver os Lotophagos paſſara,*
*Conta Ulyſſes, e o porto Lilibeo,*
*Como com ſeu rebanho alli encontrara*
*A Polifemo, monſtro informe, e feo:*
*A quem da viſta lucida privara,*
*As vellas entregando ao mar Egeo,*
*Parteſe, e Circe, vendo ſeu deſejo,*
*Lhe enſina os mares, onde morre o Tejo.*

I.

ROſegue o Grego, e todos eſcutavaõ:
No porto de Lotophago famoſo
Sobre as fortes amarras deſcanſavaõ
As naos do curſo largo, e trabalhoſo:
Onde as fontes juntandoſe formavaõ
Num freſco valle hum rio caudaloſo,
Cuja corrente fertil, e ſerena
Faz a praya de Hyperia mais amena.

Corre

II.

Corre por entre boſques divertido
Com curſo taõ quieto, e ſocegado,
Que nas voltas ſe moſtra arrependido
De levar agua doce ao mar ſalgado:
Deixava o arvoredo ao Ceo ſubido
Dentro no eſpelho da agua ſeu traſlado,
E em ſuaviſſima ſombra lhe pagava
O ſer, e a vida, que a ſeus troncos dava.

III.

As arvores de pomos carregadas
Livres ao goſto, e maõs ſe offereciaõ,
E os de que incautamente ſaõ tocadas,
Do mal, e bem paſſado ſe eſqueciaõ:
As naturaes potencias perturbabas,
Como eſtranhas correndo, nos fugiaõ,
Era eſte triſte venturoſo eſtado,
Onde nada lembrava do paſſado.

IV.

Hum velho venerando aqui encontramos
Entre os guardados boſques, e eſpeſſura,
A que eſte graõ ſegredo perguntamos,
De fruita taõ ſabroſa, e mal ſegura:
Elle nos conta, que nos proprios ramos,
Aos olhos convidando a formoſura,
Aſpide o pomo he do boſque ameno,
Que eſconde em ſua belleza o ſeu veneno.

Cre-

V.

Creouſe aqui (dizia) a ſoberana
Lotis, a que inclinou a natureza
Ao ſuave excercicio de Diana,
Fatigando dos montes a aſpereza:
Divindade eſcondida em fórma humana,
De ſorte pobre, rica de belleza,
Foy deſtes montes rara maravilha,
Neta de Ope, e de Neptuno filha.

VI.

Deſtes boſques foy Ninfa, a elles dava
O tempo todo, quando o Lampſafleno
Seguindo os meſmos montes, que habitava
Prezo ſe achou de ſeu olhar ſereno:
E para a grande pena, que paſſava,
Sentindo o coraçaõ vaſo pequeno,
Neſtes troncos tambem quiz que vieſſe
Seu bello nome, que com as plantas créſſe.

VII.

Quantas vezes o orvalho freſco, e brando
Da manhã nos cabellos lhe cahia,
Quando as feras ſeguindo, e fatigando,
Neſtes montes a achava o novo dia:
Quantas nas horas graves reclinando
O debil corpo, em quanto o Sol ardia,
Entre o repouſo vinha a ter diante
Eſte ſeu novo, naõ amado, amante.

VIII.

Alli nos proprios ceſtos, que tecera,
Lhe offerecia as fruitas mais mimoſas,
Nos proprios ramos a madura pera,
As cerejas, e as ginjas vergonhoſas:
As camoezas gentis da cor decera,
E no Outono o razimo das ſabroſas
Uvas, que com o orvalho puro, e leve
Póde eſcuſar artificioſa neve.

IX.

Hum dia lhe contou como encontrara
Naquelles montes huma Ninfa bella,
Que nos olhos a vida lhe levara,
Deixandolhe ſó o goſto de perdella:
E ella com deſcuido perguntara,
Quem era, por poder amalla, e vella;
Mas elle com cautela reſpondia,
Que noutra occaſiaõ lha moſtraria.

X.

Subiraõ ambos a eſte monte, quando
Na mais fragoſa parte do alto monte
Num eſpelho, que fórma alegre, e brando
De ſeus cryſtaes huma copioſa fonte:
Alli, lhe diz, que eſtava, ella entra olhando,
Quando ſe vê a ſi meſma eſtar defronte,
Foge, vendo que ao mal a cauſa dera,
E inda de ſi fugira, ſe podéra.

Dei-

XI.

Deixou-o ſem repoſta, e perturbado,
Paſſaraõ muitos, té que veyo o dia,
Que reclinando o corpo fatigado,
Sobre a relva gozava a ſombra fria:
Elle que a vio, e tempo accommodado
Para alcançar o bem, que pertendia,
Com força fez, e ſolta liberdade
As maõs executoras da vontade.

XII.

Reſiſtio, defendeo ſua pureza
Com força, e gritos animoſamente,
Armas, de que uſa a feminil fraqueza,
Com que das maõs lhe eſcapa diligente:
Co' as delicadas plantas a aſpereza
Deſtes montes medio, tendo preſente
Do falſo amante o enganoſo enredo,
E ao fugir lhe empreſtava azas o medo.

XIII.

Depois de largo eſpaço perſeguida,
Quando já a voz, e alento lhe faltava,
(Que naõ correo aſſim cerva ferida
Ao dictamo ligeira, que buſcava:)
Os olhos levantou ao Ceo rendida,
Quando, qual planta, a planta ſe pegava
A' dura terra, que ambas penetraraõ,
E em torcidas raizes ſe trocaraõ.

Vaõ

XIV.

Vaõ raizes ao centro penetrando,
Tudo o que ao ar o tronco vay ſubindo,
Veſteſe de corteza o peito brando,
E nella ſe eſcondia o geſto lindo:
Nos pomos, que produz, e vay creando,
O Ceo taõ graõ veneno eſtá influindo,
Que já mais permittio que alguem tocaſſe,
Que do que era paſſado ſe lembraſſe.

XV.

A tez do roſto vendo aſpera, e dura,
E os cabellos, que ao Sol eſcureciaõ,
Em ramos já trocados, e a brandura
Das maõs, que em verdes folhas ſe eſtendiaõ:
Arde o Deos de Heleſponto, que a figura
Mudada vê, dos olhos que o feriaõ
O tronco abraça, lagrimoſo, e triſte,
Que aos braços foge, e ſem poder reſiſte.

XVI.

O remedio promptiſſimo, que uſamos,
He levar os enfermos quando o dia
Lança os primeiros rayos, e os banhamos
Nos cryſtaes puros de huma fonte fria:
Quando para os banhar na agua tocamos,
Elles ſe apartaõ com mortal porfia,
E apagando na fonte a ſede ardente,
Bebem na agua o remedio juntamente.

A to-

XVII.

A todos nos admira o que lhe ouvimos,
E para recolhermos os ſoldados,
Huns corremos o boſque, outros ſubimos
Os montes de arvoredos povoados:
Como ſe recolheraõ, conferimos,
Se he melhor eſquecer, ou ſer lembrados,
O eſtado antigo a alguns melhor parece,
Onde o paſſado bem, e o mal eſquece.

XVIII.

Logo todos nas naos ſe repartiraõ,
Para os meſmos lugares, que tem nellas,
Do fundo para cima ancoras tiraõ,
Do alto para baixo largaõ vellas:
Já os alegres ventos, que reſpiraõ,
Sopraõ com mayor força por enchellas,
E de Neptuno as cryſtallinas cazas
Atraveſſaõ as naos com brancas azas.

XIX.

Se me naõ lembra mal, nos mezes era,
Que o velho mundo reverdece, e naſce,
De Colchos o animal em ſua eſfera
Dourava o puro Sol com roxa face:
Quando o touro da nova Primavera
Em prados de çafira eſtrellas paſce,
E ao prezo rio o claro Sol deſata
Dos grilhoens de cryſtal os pés de prata.

Já

XX.

Já pelo mar Thirreno atraveſſavaõ
Cortando as naos a larga, incerta via,
Vem do Etna ao longe as chãmas, que ondeavaõ,
Com que vencendo a noite o monte ardia:
Nas pedras abrazadas, que voavaõ,
De Vulcano a officina parecia,
Onde nuvens de fogo ardendo em ira
Contra o graõ Jove Encelado reſpira.

XXI.

Alli o fero Gigante atado, e prezo
Sulfureo fogo, e negro fumo exhala,
Quando nos hombros muda o grave pezo,
Que co' as immenſas forças mal iguala:
Graõ terremoto excita o fogo acezo,
Que as cidades maritimas abala,
Movendo o grave, e inaceſſivel monte,
De vivo incendio nunca exhauſta fonte.

XXII.

Deſafiando o alto Ceo, e eſtrellas,
Com mil bombas de fogo levantadas,
Cometas lança ao ar, vendoſe entre ellas
As brancas cabelleiras inflammadas:
Que naõ podendo as chãmas acendellas
Nas altas grenhas nunca penteadas,
Se vê de longe com diſtancia breve
Na boça fogo, nos cabellos neve.

Aqui

XXIII.

Aqui chegamos, quando o Sol dourado
Para os braços de Tethis já descia,
De Phlegon, e de Eoo arrebatado,
Que levaõ a fenecer nelles o dia:
O Ceo compunha vespero inclinado,
E as estrellas por tochas acendia,
Vendo ao Phenix do Ceo, que no Occidente
Morre por ir nascer entre outra gente.

XXIV.

Num porto entrey, que em seu regaço o monte
Lilibeo fórma, e quando se apressava
O Sol para sahir sobre o horizonte,
Eu do dia os crepusculos pizava:
Subo, e hum grande rebanho vi defronte,
Que os estendidos valles occupava,
Cheguei, imaginando que acharia
Favor na gente, amparo, e companhia.

XXV.

Já sahiaõ pizando os corredores
Do Sol as pardas nuvens, ainda escuras,
Ferindo c'os primeiros resplandores
Dos empinados montes as alturas:
A Aurora já nos prados, e nas flores
Esperdiçando vay perolas puras,
Com que taõ liberal do humor celeste
Doura o Ceo, orna o campo, as flores veste.

Quando

XXVI.

Quando ſeu manſo gado apaſcentando,
Mais de perto hum paſtor ſe me offerece,
Que nos robuſtos membros imitando
Hum monte, hum vivo monte me parece:
Hum natural cometa ſcintillando
Da levantada teſta reſplandece,
De pelles he o veſtido, a que hum pezado
Pinho ſerve de arrimo, e de cajado.

XXVII.

Nas ondas imitava o denegrido
Cabello as de Cocyto, que naõ ſente
Cultura, antes hirſurto, e retorcido
Sobre os hombros lhe cahe naturalmente:
Do queixo prodigioſo dividido
Em duas ſe deſpenha huma corrente
Da intonſa barba, que correndo immunda,
Prodigamente o largo peito inunda.

XXVIII.

Sete deſiguaes canas ajuntara,
Que como orgaõs unio com molle cera,
Onde do ar a regiaõ mais clara
O duro ſom com grave alento altera:
O grande eſtrondo, que nos montes pára,
Rompe o ſilencio, e a reſpoſta eſpera,
Com que Echo, que eſcutando eſtá defronte,
Moſtrava que tem alma, e voz o monte.

Neſte

XXIX.

Neſte inſtrumento horriſono applicava
A boca por dar vida ao inſtrumento,
Onde alternando os dedos o animava,
Dandolhe voz co' ſom, alma co' alento:
Tocando as canas deſiguaes ſoava,
Ora em agudo, e ora em grave acento
Por Galatea, que nas aguas mora,
Sem dar repouſo á fiſtula ſonora.

XXX.

A alma ferida, e abrazada tinha
Por Galatea, que abrandar deſeja,
A contarlhe ſua dor, e os males vinha,
De que foy cauſa huma amoroſa inveja:
Onde Lyparis claro ao mar caminha,
E onde eſpera que della ouvido ſeja
Namorado dizia: (eu entre tanto
Me paro a ouvir o deſuſado canto.)

XXXI.

Galatea formoſa, em cuja neve
Achou principio o fogo peregrino,
Que me ſoube abrazar, e a culpa teve
Deſte meu amoroſo deſatino:
Se me queres matar, e a amor ſe deve
Matarme, do teu ouro creſpo, e fino
Hum laço me darás, bella homicida,
Onde ſuſpendas co' a eſperança a vida.

A ti

XXXII.

A ti no prado imita a pura roſa,
Quando quer excederſe na belleza,
Por ti retrata, como mais formoſa,
As que mais bellas faz a natureza:
Ouve eſta triſte voz, que he ſó ditoſa
Quando tua graça canta, e gentileza,
Que por vangloria ſua amor ordena,
Que teus louvores cante, e minha pena.

XXXIII.

Eſta ribeira com te ver florece,
Aonde de Amalthea ſe derrama
A copia, que tua luz, quando apparece,
Anima as flores, e eſte prado inflãma:
Naſce a flor, abre a roſa, a planta creſce,
Só triſte chora quem te buſca, e ama,
Perde o ſentido quem te vê preſente,
E dás ſentido a hum monte, que naõ ſente.

XXXIV.

Se abres os bellos olhos, num momento
O Ceo ſe alegra, e doura, e te namora,
As pardas nuvens fogem, o bravo vento
Se recolhe nas grutas, onde mora:
Rouba o teu peregrino movimento
O officio, e o poder á branca Aurora
Flores abrindo, as conchas deſte rio
Perolas geraõ, ſem colher rocio.

XXXV.

Vivo imiga de verte, e quando vejo
De teus olhos a pura claridade.
Naõ quero mais da ſorte, nem deſejo
Mór premio da perdida liberdade:
E amor (pois me naõ mata amor ſobejo)
Quer ſem te ver matarme de ſaudade,
Com nova tyrannia amor me trata,
Se me matar, ſem ver a quem me mata.

XXXVI.

Se tantos males ſoffro, ó Galatea,
Tambem me ſoffre que t'os cante, e conte,
Canſada deſte rio a manſa vea,
Canſadas tenho as grutas deſte monte:
Ah quem, para que a pena ſe lhe crea,
Te moſtrara no eſpelho deſta fonte
O ardente coraçaõ, firme, e ſeguro
Mais que os rochedos, mais que as ondas puro.

XXXVII.

Dizei com verdes folhas arvoredos
(Que ſaõ linguas do monte) o que me ouviſtes,
De que fiei a fé de meus ſegredos,
E a cujos rroncos dei lagrimas triſtes:
Dizei-o vós, ó concavos penedos,
Quantas vezes as queixas repetiſtes
De minha imiga, e o echo, que me ouvia,
A ultima voz, imiga, repetia.

XXXVIII.

A neve he eſcura, ó Galátea formoſa;
E ſem cor o rubi mais abrazado,
A çafira ſem luz, ſem graça a roſa,
E o ouro a par de ti menos dourado:
Que em tua alvura, e boca gracioſa,
Olhos, e face, e neſſe longo ondado
Cabello guarda amor em mór theſouro
Neve, rubi, çafira, roſa, e ouro.

XXXIX.

Quando por cima da divina prata;
Galatea, o cabello de ouro eſtendes,
Num ſó fio, que o vento te deſata,
Mil almas atas, mil vontades prendes:
A minha, que deſprezas, como ingrata,
Em te amar ſó ſe vinga, e ſe te offendes,
A culpa de offenderte, e de enojarte
Paga offendendo com de novo amarte.

XL.

De teus raros eſtremos de belleza
Os meſmos elementos ſe namoraõ,
Perdem vendote os ventos a braveza,
Como deoſa do mar todos te adoraõ:
Minha conſtancia, e tua gentileza
Dous prodigios iguaes, e raros foraõ,
Que ambos nos fez dous monſtros a ventura,
A mim de amor, a ti de formoſura.

XLI.

Hum dia junto ao mar te eſtavas vendo
Nos cryſtaes da agua pura, e ſocegada,
Alli amor me fazia eſtar temendo,
Que ficaſſes de verte namorada:
Mas ah Ninfa, que digo, que te offendo,
Que naõ podes em flor verte mudada,
Porque quando eſte caſo te aconteça,
Naõ tem o prado flor, que te mereça.

XLII.

Goſtos deſacordado eſtou ſonhando,
Abrindo as portas d'alma a penſamentos,
E Acis em teu regaço alegre, e brando
A cabeça reclina, e braços lentos:
Naõ he novo hum ditoſo eſtar gozando
Do infelice os vaõs contentamentos,
Naõ lhe invejo a riqueza, ou formoſura
Só lhe invejo, ſe o amas, a ventura.

XLIII.

Ha pouco que levando o manſo gado
Junto das fraldas deſte freſco monte,
Me vi de membros bem proporcionado
No cryſtal puro de huma clara fonte:
Que o grande olho do Ceo, do Sol dourado,
Imita eſte, que me honra a altiva fronte,
E toco quando ſubo a eſte rochedo
As nuvens co' a cabeça, o Ceo co' dedo.

XLIV.

Que tigre, que leoa embravecida
Me estorvou, que seus filhos lhe levasse
Das tetas, e apos isso a mesma vida,
Se resistio, nas maõs me naõ deixasse?
E qual na velocissima corrida
Houve ligeiro cervo, que escapasse
De dar a dura testa, carregada
Das armas, de que foy vãmente armada?

XLV.

De quanto o monte tem, serás senhora,
De quanto veste ao prado de alegria,
Que roxinol, que os valles, onde mora,
Enche de suavissima armonia:
Qual rosa, que abre Abril, filha da Aurora,
Qual pomo, que horta mais vedada cria,
Naõ verás nessa maõ divina, adonde
Seu poder a fortuna, e amor esconde?

XLVI.

Aqui, pescando as trutas mais sabrosas,
Verdes naças no rio esconderemos,
Eu num barco ligeiro as vagarosas
Ondas cortando irei com duros remos:
Ora os curvos enzoes das mentirosas
Iscas ao doce engano cobriremos,
Oferecendo aos peixes na comida
Entre a saborosa dor morte escondida.

Acis

XLVII.

Acis he hum paſtor affeminado,
E dono vil de huma manada pobre,
Naõ póde ſer comigo comparado,
Cujo rebanho tantos montes cobre:
De Neptuno, que rege o mar ſalgado,
Sou filho, quem mais rico, e quem mais nobre?
Ficarás deſte mar ſendo ſenhora,
Do filho eſpoſa, e de Neptuno nora.

XLVIII.

Quando, Ninfa cruel, para matarme
A eſte grande amor naõ correſpondas,
Naõ entendas que podes eſcaparme,
Por mais que no profundo mar te eſcondas:
Que eſpero por gozarte, e por vingarme
Tirarte neſtes braços deſſas ondas,
E ſe já o naõ tenho executado,
He porque naõ queria amor forçado.

XLIX.

Aſſim cantava o monſtro, eu quando ouvia
O ſom da rouca frauta, que tocara,
Tudo notando fuy, tudo eſcrevia
Por couſa grande, e maravilha rara:
E no verde papel das plantas lia
Queixas, e verſos, que elle alli cortara,
Trouxe comigo a namorada hiſtoria,
Cauſa de a ter preſente na memoria.

L.

Vendo o coche do Sol, que declinava,
E que a porta do Occaſo penetrando
Se eſcondia no mar, ſe levantava
Só cos ſilvos os montes aballando:
Quando os que me ſeguiaõ lhe moſtrava,
A quem o monſtro a voz encaminhando,
Com viſta carregada, e importuna
Me diz: Quem es, vil parto da fortuna?

LI.

Deves de ſer ſem falta algum pirata,
Que indo buſcando mais remota terra,
Por te ſatisfazer da ſorte ingrata
Queres roubar os gados deſta ſerra:
Se Neptuno te vence, e disbarata,
Aqui c'um filho ſeu terás mór guerra:
Eu lhe reſpondo: O' Semideos Gigante,
Do mundo alta coluna, novo Atlante:

LII.

Nunca pirata fuy, nem com deſenho
De roubar naveguei; mas affligido,
Do mar, que ha muito exprimentado tenho,
Neſtas prayas ſahi roto, e perdido:
Do que pode eſcapar do fraco lenho
Eſte vaſo offereço, e ſe atrevido
Te pareço em dar pouco, conſidera
A vontade, que he grande, e tudo dera.

Elle

LIII.

Elle me reſpondeo: Quando a pobreza
De hum paſtor te agradar, podes comigo
Ficar, em quanto Phebe em luz aceza
Deſcobre o roſto no ſilencio amigo:
Caſtanhas molles, puro leite a meza
Te honraráõ: do Gigante as plantas ſigo,
A' porta chego, donde ao ar ſubia
Hum monte, que nas nuvens ſe eſcondia.

LIV.

Vay o gado diante caminhando,
Até entrar nas entranhas d'uma ſerra,
E das groſſas cadeas deſatando
Hum diſforme penedo, as portas ſerra:
Já o fogo ſe acende, que ondeando,
As ſombras vence graves, e deſterra,
Em pelles de animaes, em molle eſtrado
O monſtro informe, e horrendo eſtá proſtrado.

LV.

Já a cea ſe prepara, e das pezadas
Tetas de puro nectar enche hum tarro,
Deſce os quejos freſcaes das penduradas
Taboas, que rodas ſaõ de hum grande carro:
Eſtaõ as crueis meſas occupadas
De varios leites num, e noutro jarro,
Eu logo agradecido do que via
Ao fero monſtro humilde aſſim dizia:

Dar

LVI.

Dar amparo, e favor ao naufragante
Galardoa com premio peregrino
Jupiter; e sem ir mais adiante
Me replicou: Que grande desatino,
Eu naõ conheço a Jupiter Tonante,
Que sou mais forte que elle, e taõ divino;
Fallas, ó nescio hospede, e importuno,
Com Polifemo filho de Neptuno.

LVII.

Isto dizendo, estende o braço, e logo
Entre as maõs toma Lycio, e Amaranto,
Nellas os despedaça, sem que o rogo
Humilde lhe valesse, ou triste pranto:
Come huma parte, e outra sobre o fogo
Inda tremendo lança, e o grande espanto
Aos Gregos, que o cercavaõ, tem mudado
Do rosto a cor, o sangue congelado.

LVIII.

De Diomedes já pode a graõ crueza
Parecer menos fera, e deshumana,
Quando affrontando a mesma natureza,
Pasto aos cavallos dá de carne humana:
Já naõ he cruel Lynço, que se preza
De degollar aos hospedes, que engana,
Que a torpe crueldade em mór estremo
Exercitava o bruto Polifemo.

LIX.

Já pelo eſcuro Ceo da fatigada
Noite os cavallos vaõ confuſamente,
Fugindo á tocha Eoa, que a dourada
Carroça leva ao lucido Oriente:
Quando eu proprio na cea dilatada
Miniſtrava ao Cyclope o vinho ardente,
Que vay ſentindo do licor ſuave
Turbada a voz, a viſta groſſa, e grave.

LX.

Serás, me diſſe, ó hoſpede famoſo,
O ultimo, que mande ao triſte inferno
Por te pagar eſte licor ſabroſo,
Que o nectar he de Jupiter eterno:
O mitimno ſuave, e o cheiroſo
Faler, e ſem poder dizer, falerno,
Que as palavras turbada lhe impedi:
A lingua groſſa, e ao ſono ſe rendia.

LXI.

Profundamente o hirſurto monſtro dorme
Sobre os deſpojos de animaes proſtrado,
Pezo inutil, cruel, horrendo, informe,
Semimorto, em lethargo ſepultado,
Tom a alento dormindo em ſom disforme,
Que no eſcuro apoſento dilatado
Mil echos fórma, e nelles repreſenta
Trovaõ fero no ar, no mar tormenta.

Eu,

LXII.

Eu, como ſe ſubira hum grande monte,
Sobre os peitos lhe eſtampo a dura planta,
E c'uma fera eſtaca ſobre a fronte
Rompo a medonha luz, que o mundo eſpanta:
Elle banhado da purpurea fonte
O carregado corpo mal levanta,
Cahe a eſta parte, e áquella em furia acezo,
Sem poder ſuſtentar ſeu grave pezo.

LXIII.

Com graõ furor, co' as maõs pezadas toca
As feridas crueis, e com intenſa
Colera bebe o ſangue a negra boca,
Que banha o largo peito, e barba denſa:
Ferido, e cego a furia ſe provoca,
Mal acordado cahe co' a dor immenſa,
Repreſentando o alto Pelio, ou Oſſa
Brama com tom de voz horrenda, e groſſa.

LXIV.

Qual o touro encerrado, que ferido
Sacode a creſpa, e temeroſa fronte,
Em roda ſe vigia embravecido,
Acometendo quanto vê defronte:
E c'um, e outro aſperrimo mugido,
Por ſe tornar ao conhecido monte,
Co' as lanças, e reparos bravo enreſta,
Bramindo, e inclinando a dura teſta.

Tal

LXV.

Tal na caverna o horrido Gigante
Co' as maõs a cova apalpa, em ira ardendo,
Toma o baſtaõ, e quanto tem diante,
Vay com furia, e braveza desfazendo:
Dava hum, e outro brado penetrante,
Tomar ás maõs os Gregos naõ podendo,
Levanta a porta por tentar a face
Da duvidoſa luz, que ao mundo nace.

LXVI.

De ſeus gritos, e vozes eſpantados
Os animaes, nas covas ſe eſconderaõ,
Rompe o abyſſo á força de ſeus brados,
Onde as furias a pena ſuſpenderaõ,
Com que Thefeo, e Encelado abrazados
De Jupiter de novo eſtremeceraõ,
E Cheronte, que ouvio a Polifemo,
Largou das maõs o carregado lume.

LXVII.

Se de ſeus polos firmes, e ſeguros
As eſferas, que eſtaõ nelles cravadas,
Co' as cryſtallinas Zonas, e Coluros
Cahiraõ pelo ar deſpedaçadas,
Naõ fizeraõ o eſtrondo, que ſeus duros
Brados, e vozes fazem mal formadas,
Quando apagado, o Cyclope preſume
Ter na viuva teſta o grande lume.

Dos

LXVIII.

Dos mayores carneiros lhe tomamos
As freſcas pelles, com que nos cobrimos,
Entre as rezes a vida aventuramos,
E a ſahida da cova repetimos:
Nas maõs da ſorte, e ſuas entregamos
A vida, por ventura em fim ſahimos,
Só Licaonte achou na boca eſcura,
E largo ventre morte, e ſepultura.

LXIX.

Em ſuas maõs em partes ſe raſgavaõ
Seus membros, e entre os dentes ſe ſentiaõ
Ranger os duros oſſos, que eſtalavaõ,
Comendo as nuas carnes, que tremiaõ:
Co' as eſtacas, que a teſta penetravaõ,
Onde caminho á fria morte abriaõ,
Vertendo negro humor, fóra ſahia,
Neſta horrenda apparencia nos ſeguia.

LXX.

Eſpera, diz, ó hoſpede inſolente,
Eſpera acabarás o que intentaſte,
Que a hum filho do que rege o graõ tridente,
Em noite eterna vivo ſepultaſte:
Sendo taõ animoſo, e taõ valente
Naõ fujas; pois da viſta me privaſte,
Me acaba de matar, que naõ eſpero
Outro favor de ti, nem outro quero.

Monſtro

LXXI.

Monſtro fero, lhe digo, naõ te eſpante,
Se neſte braço a pena merecida
Achaſte, que a fereza d'um Gigante
Dos deoſes muitas vezes foy vencida:
Aſſim caſtigar ſabe o graõ Tonante
Eſſa alma tua ingrata, e fementida,
Que o ſangue humano, em que fartaſte a ſede,
Eſte caſtigo, eſta vingança pede.

LXXII.

Podes de tua morte gloriarte,
Se nella ha couſa, que naõ ſeja fea,
Que teu hoſpede foy para matarte
O filho de Laerte, e de Anticlea:
Sabe que Ulyſſes ſou, e quiz pagarte
Deſta maneira aquella ultima cea,
Quando para matar a ſede inſana
Te vi fartar de ſangue, e carne humana.

LXXIII.

Ah traidor, me torna elle, que Telemo
Me tinha eſte graõ mal pronoſticado,
Diziame: Naõ des, ó Polifemo,
A Grego algum amparo, ou gazalhado:
Mas como naõ te eſtimo, nem te temo,
Vendote em tal miſeria, e tal eſtado
Te agazalhei, infame peregrino,
Que a tudo acha caminhos o deſtino.

LXXIV.

Ao boſque logo os braços convertia,
E ás enzinas robuſtas, que cravadas
Até o centro eſtaõ, faz ver o dia,
Moſtrandolhe as raizes arrancadas:
Aliviado o monte ſe ſentia
Do pezo de ſuas plantas carregadas,
A que o duro Cycople com violento
Furor cortar fazia o bravo vento.

LXXV.

Apartaõſe os navios, naõ ſoffrendo
Os golpes, que do alto o mar feriaõ,
Que em cada tiro, que cahia horrendo,
Huma voragem cruel té o centro abriaõ,
Com que as ondas em circulos fervendo
Remuinhos altiſſimos faziaõ,
E por fugir ao duro Polifemo
As creſpas ondas fere o grave remo.

LXXVI.

Qual garça que no rio paſſeando,
Sentindo o caçador, que eſtá eſcondido,
Porque do arco a ſetta atraveſſando,
Leve primeiro a morte, que o ruido,
Acautelada em roda vigiando
Co' a prompta viſta eſtá, co' colo erguido,
E antes que o caçador aſtuto aponte,
Voando excede ao mais altivo monte.

Taſ

LXXVII.

Tal huma, e outra nao volatil ave
Abrindo as azas vay, porque a ſerena
Aura, que reſpirava mais ſuave,
Encheſſe os ſeyos de tecida pena:
Das ancoras ſe leva o pezo grave,
Ao alto ſe levanta a negra antena,
Por ſalvar do perigo a vida chara
Deixo as terras crueis, e coſta avara.

LXXVIII.

Elle da viva rocha (que pendia
Sobre o eſpelho do mar, onde toucava
A deſcompoſta, e toſca penedia,
Que em natural deſordem concertava)
Huma graõ parte toma, o mar feria
Com pezados penedos, que arrancava,
E ſobre as naos, que ſente eſtar defronte,
Hum monte faz voar tras d'outro monte.

LXXIX.

Hiaõſe as naos ligeiras apartando,
Fugindo aos duros golpes, que deſciaõ,
Co' as vellas, e co' a proa o ar cortando,
E o campo azul do mar co' remo abriaõ:
Quando de longe ſe hiaõ diviſando,
Outros feros Gigantes, que ſe viaõ
Andar com Polifemo pelas prayas,
Vivos cypreſtes, e animadas fayas.

Já

LXXX.

Já cada qual das naos deſapparece:
Polifemo, que ſente como as vellas
O porto deixaõ, grita, e ſe embravece
Deſejando vingarſe, e desfazellas:
Com grandes golpes ſobre as ondas dece
Co' baſtaõ duro, e no mais alto dellas
Entra, e onde mais fundo o pego eſtava,
As eſpaldas a penas lhe molhava.

LXXXI.

Té alli nos foy ſeguindo, e naõ podendo
Hir adiante, pára, e naõ atina
Para que parte as vellas vaõ correndo,
E o que deve ſeguir mal determina:
Atroa o mar c'um tom de voz horrendo,
Neptuno fóra da agua cryſtallina
Bota a cabeça, e arder ſe via logo
O Rey dos mares noutro mar de fogo.

LXXXII.

Entaõ diz o Gigante: O' ſobrano
Rey das ceruleas ondas, que o profundo
Habitas, e c'os braços do Oceano
Cinges a grande machina do mundo:
Aqui teu filho tens de furia inſano
Que em tuas aguas lava o ſange immundo,
De que banhado eſtou, e quaſi exangue
Botando num mar d'agua hum mar de ſangue.

LXXXIII.

Deſprezando o poder do teu tridente,
As altas ondas deſte fundo pégo
Com inſolentes armas inſolente
Duſado corta hum victorioſo Grego:
Por morte mais cruel, e mais vehemente
Me deixou vivo, ſe ficando cego
Vivo fiquei, que em dor taõ exceſſiva
Naõ me tenho por vivo, ainda que viva.

LXXXIV.

Ouvio-o o graõ Neptuno, commovido
Do amor de pay, e para as naos olhava,
E o odio, que tem n'alma concebido,
Já nos fogoſos olhos cintillava:
E co'a magoa do filho ver ferido
A longa barba pela maõ paſſava,
E fallando entre dentes enojado,
No fundo ſe eſcondeo do mar ſalgado.

LXXXV.

Era de noite, e o ſeu immundo armento
Protheo nas fundas grutas eſcondera,
Repouſando os delfins, dormia o vento,
Canſada a natureza a luz eſpera:
Rompendo as naos o humido elemento
Cinthia argentava a ſuperior eſfera,
E o mar, que as brandas ondas encreſpava,
Da Lua a imagem tremula imitava.

LXXXVI.

No levantado polo que apparece
Com viſta prompta vou na noite eſcura,
Donde Helice formoſa reſplandece
De Urſa immortal na celeſtial figura:
Vendo o tardo Boote como dece
Rodeando em ſeu plauſtro a Cynoſura,
Temendo que Neptuno com mor furia
Vingue de Polifemo a nova injuria.

LXXXVII.

Naõ tardou muito eſpaço, quando vemos
Em altos valles todo o mar cavado,
As vellas rompe, o goroupez, e os remos
O vento de braveza, e furia armado:
Já co' a humana força naõ podemos
Vencer, e no trabalho acoſtumado
Os marinheiros erraõ voz, e intentos
Entre as vozes, que daõ na enxarcia os ventos.

LXXXVIII.

Huma nuvem de horror no ar ſe eſtende,
Que o Ceo cobria, e todo o mar ſe altera,
A nao abrindo, cos balanços pende,
Da jornada, e da vida o fim ſe eſpera:
Dos fogos, com que em roda o ar ſe acende,
Tremia o fogo em ſua meſma eſfera,
Aqui, en xergamos d'um cabello azida
A eſperança ſem fim, e o fim da vida.

Logo

LXXXIX.

Logo Sylenio os ares vem cortando,
E dos mares abranda o movimento,
A Armada impelle, as ondas apartando;
E em popa nos ajuda alegre o vento:
Quando a luz duvidosa vem mostrando
O Sol minino ainda somnolento,
Este famoso porto apparecia,
Onde o vento forçados nos metia.

XC.

Estas fortunas asperas passamos,
Trabalhos nunca de outrem padecidos,
Por entre os largos mares, que cortamos,
Entre as cerúleas ondas sumergidos:
Té chegar a este porto, onde esperamos
Ser por voz bella Circe socorridos,
Certo amparo, e firmissima coluna
Dos que nos fez seus monstros a fortuna.

XCI.

Aqui deo fim Ulysses valeroso
A' navegaçaõ grande, que fizera,
E em repouso os sentidos mais sabroso,
No que resta da noite, suspendera:
Entraõ no paço illustre, e sumptuoso,
Cuja riqueza em Chipre, e em Cithera
Nunca para seus gostos teve junta
A Rainha de Phapho, e de Amatunta.

XCII.

Em toda a caſa as tochas cento a cento
Ardendo eſtaõ, que o ar alumiavaõ,
A noite deſterrando do apoſento
Nas luzes, com que as ſombras illuſtravaõ:
Os panos, das paredes ornamento,
De ouro, e de varias ſedas igualavaõ
Os de agulha prolixa dibuxados,
E lavor Babylonico lavrados.

XCIII.

Aqui ardia em fogo mais ſuave
A odorifera lenha, que deſtina
A ſua pyra de Arabia a immortal ave,
Quando naſcer no fogo determina:
Enchem de nobre fumo a ſombra grave
As lagrimas, que chora a peregrina
Synara, e no apoſento mais ſecreto
Ardiaõ de Hybla as plantas, e de Hymeto.

XCIV.

Tudo quanto o Sabeo molle cultiva,
O Indo aduſto, o Arabe ditoſo,
Que em ſuas penhas tem Attica altiva,
Heſperia guarda em ſeu jardim famoſo:
Quanto Pindo produz, quanto a laſciva
Chipre cria mais puro, e mais cheiroſo
O rico eſtrado cobre, co' as melhores
Vindas de eſtranhos Ceos, barbaras flores

Huma

XCV.

Huma formoſa alcoba alli ſe via,
Que ornaõ tapeçarias do Oriente,
Fadiga peregrina, aonde ardia
Com lavor Perſio a Tiria cor ardente:
Huma cama entre todas excedia
Tudo o que ha mais cuſtoſo, e excellente,
Com agulha da China dibuxada
Dos lavores de Aragnes delicada.

XCVI.

Tres vezes pela ecliptica o dourado
Apollo as duas metas da alta eſfera
Viſitara, e outras tantas abrazado
No caõ celeſte o Syrio fogo ardera:
Quando a Ulyſſes com Circe deſcuidado
A bella filha de Thaumante eſpera,
E da roſada nuvem, que veſtia,
Com boca, e roſto alegre lhe dizia.

XCVII.

Que alto deſcuido, ó Capitaõ famoſo,
Te detem de Penelope eſquecido,
Entre tantos cuidados ocioſo,
Entre enganoſos bens taõ mal perdido:
Naõ vives de Telemacho ſaudoſo?
Qual num deſerto em ti proprio eſcondido,
Occultandote ao fado, que te chama,
Perdes por goſto breve eterna fama.

Rom-

XCVIII.

Rompe a tardança, e laço diamantino;
Que o Ceo to manda, e na futura idade
Moſtra por entre ſombras do deſtino
Grandes couſas de ti na eternidade:
Onde ao mar entra o claro Lybiſtino,
Fundarás hum emporio, huma Cidade,
A cujo cetro ſua riqueza propria
Renderá Perſia, Arabia, e Ethiopia.

XCIX.

Deixa amores de Circe, deixa enganos,
Que Juno ſeus favores te offerece,
E Venus entre os deoſes ſoberanos
Tuas illuſtres obras engrandece:
Que arrependida dos paſſados danos
Te procura ajudar, porque conhece
Que ainda ha de eſquecer por Luſitania
Os abrazados muros de Dardania.

C.

Diſſe, e com iguaes azas vay cortando
Os diafanos ares, e o valente
Grego ſeu graõ deſcuido eſtá accuſando,
E ſeu cuidado accuſa juntamente:
Como ſe partiria imaginando,
Onde enleado na alta dor, que ſente,
Circe o achou, e a alma lhe penetra
A embaixada, que a filha deo de Eletra.

Bem

CI.

Bem sey que Juno, diz, minha inimiga
Tua partida, e a morte me deseja,
Naõ basta que a fortuna me persiga,
Sem tambem perseguirme a sua inveja:
Já que a fallar sua paixaõ me obriga,
Naõ he razaõ que taõ divina seja,
Que naõ soy falsa a nuvem, e sombra leve,
Quando o Rey de Thessalia em braços teve.

CII.

He costume no mundo inveterado,
Que o defeito de hum grande nos parece
Digno de ser cuberto, e ser louvado,
E só no humilde o crime se conhece:
Cada qual com seus vicios abraçado
Poem lhe outro nome, e nelles envelhece,
Parece o que está em alto mais perfeito,
Que encobre co'a distancia o mór defeito.

CIII.

Vay grande Ulysses aonde o Ceo te chama,
Que eu chorarei a minha infausta sorte,
Historia ao mundo dá, materia á fama,
Refirase em tuas glorias minha morte:
Assim chorava, qual a verde rama,
Que chora, e arde em fogo intenso, e forte,
Entre arder, e esperar lagrimas perde,
Que amor he fogo, e a esperança he verde.

Mal

CIV.

Mal te poſſo eſconder Circe formoſa;
Ulyſſes diz, eſta fatal partida,
Nem deſta alma a ferida ſaudoſa,
Sendo as lagrimas ſangue da ferida:
Tu ſabes qual he a cauſa, e quaõ forçoſa,
Que naõ ignora couſa taõ ſabida
Quem do Sol os trabalhos mede, e ſabe,
E o que da Urſa ao polo oppoſto cabe.

CV.

Póde o fado apartarme injuſto, e forte,
Mas naõ fará, que quem ſeus males ſente,
Naõ torne á doce vida, e doce morte,
Na prizaõ, aonde eſtava taõ contente:
Naõ ſe muda o amor, mudaſe a ſorte,
Dorme a memoria do que vive auſente,
Se ama naõ dorme, que eſte ſentimento
Naõ conſente repouzo ao penſamento.

CVI.

Entende o Grego em reparar a Armada,
Com elle toda a Grega companhia
Se diſpoem a partirſe alvoroçada,
Só Circe n'alma eſconde o que ſentia:
Sendo a primeira magoa já paſſada,
Da partida contente ſe fingia,
E tendo a culpa de ſeu mal taõ viva,
Trata ſó de entreter ſua dor eſquiva.

Para

CVII.

Para hum retrete o leva, em que detinha
A viſta nas pinturas exquiſitas
De hiſtorias, que o pincel inſigne tinha
Em viva, e muda poeſia eſcritas:
Alli Phebo correndo a aurea linha
Das doze caſas, que com a luz viſitas,
Vias cahir o que teu carro infama,
Dando co' a morte ao Pado eterna fama.

CVIII.

Moſtralhe logo na primeira idea
O mundo num confuſo chaos, e eſcuro,
E que daquella maſſa informe, e fea
He o Sol alma immortal formoſo, e puro:
Alli ſe vem Meliſſa, e Amalthea
Crear ao grande Jupiter, e o duro
Saturno, que com ſua eterna fome
Os filhos, que gerara, irado come.

CIX.

Deſcobrelhe outro quadro, onde a pintura
Hum edificio de obra ſumptuoſa
Moſtra, que abrio té o centro a terra dura
Por ſe eſconder na eſfera luminoſa:
Suſtenta os capiteis de prata pura,
De diamante a parede alta, e luſtroſa,
Donde hum clarim perpetuamente chama
Aos que aſpiraõ gozar de eterna fama.

Eſta

CX.

Eſta parte, lhe diz, ſublime, aonde,
Affrontando do Ceo as luzes bellas,
A altiva teſta o grande Olympo eſconde
Coroada dos rayos das eſtrellas:
O alcaçar he da fama, que reſponde
Ao ſitio nas grandezas, que de vellas
Com a nobre architectura do apoſento
Suſpende a viſta, enleva o penſamento.

CXI.

As janellas abertas, e patentes,
E as aureas portas nunca eſtaõ ſerradas,
Que de varias naçoens, e varias gentes
Dia, e noite ſe vem ſempre occupadas:
De correyos, e eſpias differentes
De regioens das noſſas apartadas
O inconſtante rumor, que dentro habita,
As entradas diſpenſa, e facilita.

CXII.

Sobre huma nuvem lucida, e dourada
Tem a fama ſeu alto, e nobre aſſento,
Onde a luz de Pyropos abrazada
Vence as luzes do ethereo firmamento:
Daqui ſahe com carreira acelerada,
Abrindo as azas ao ligeiro vento,
Que a toda a hora nas regioens ſerenas
Do ar voando eſtende as aureas pẽnas.

Duas

CXIII.

Duas trompas ſuſtenta nos nervoſos
Braços, a que dá alento peregrino,
E dobrandoſe os ecos portentoſos
No mundo todo ſoa o metal fino:
Com mil linguas os caſos duvidoſos
Publica, e logo com buril divino,
Porque os futuros ſeculos eſpante,
Os lavra em taboas de ouro, e de diamante.

CXIV.

Junto a ſeus pés eſtá aſſentada a hiſtoria,
Rodeada de livros, onde eſcreve
Feitos, que dignos ſaõ de eterna gloria,
A que offender a idade naõ ſe atreve:
Seus archivos, e annaes guarda a memoria,
Tem ante ſi proſtrado o tempo leve
A inimiga fortuna, a morte eſcura,
A que com a planta opprime a cerviz dura.

CXV.

Outras muitas eſtancias occupadas
Se vem de altos varoens, que as merecidas
Coroas tem por obras eſtremadas,
Dando caducas por eternas vidas:
E os que em ſegura paz com leys ſagradas,
Como com muros, deixaõ guarnecidas
As terras, ou co' a penna o Ceo tocando
No apoſento da fama entraõ voando.

Varios

CXVI.

Varios retratos nas paredes pendem
De matronas inſignes, que a pintura
Taõ vivas moſtra, que co' a viſta acendem
Deſejos de imitar ſua formoſura:
Com eloquencia muda alli reprendem
As da idade preſente, e da futura,
Que ſem buſcar da fama o claro aſſento
Na ſombra eſtaõ do bruto eſquecimento.

CXVII.

Eſte caſtello em roda eſtá cercado
De arduos caminhos, donde vaõ ſahindo
Os que com juſto paſſo acelerado
A' eterna fama vaõ caminho abrindo:
Aqui tambem lugar terás guardado,
Onde eſſa altiva fronte irá cingindo
A coroa, que as folhas naõ perdeo,
Da glorioſa planta de Peneo.

CXVIII.

Deſcobre logo hum mapa, onde abraçada
Tem comſigo Neptuno a redondeza,
De plantas, feras, e aves variada,
Que o variar faz bella a natureza:
Aqui lhe moſtra a terra dilatada,
A quem do eterno lume a tocha aceza
Do Sol illuſtra, e nella as deſcubertas
Partes, e as que inda temos por incertas.

Vês

CXIX.

Vès como com seus braços, lhe dizia,
A terra cinge o tumido Oceano,
Aqui Africa está, que as feras cria,
Dos fins de Grecia ao freto Guaditano:
Aqui he Asia, donde nasce o dia,
Cujo alto imperio o Nilo de Africano
Divide, e a verde Europa mais avante
De Tanais até o largo mar de Atlante.

CXX.

Aqui se vê na Europa alta, e famosa
Grecia rica das aguas de Castalia,
O Illirico, e Panonia poderosa,
Entre o mar de Adria, e Thusco mar Italia:
Aqui a Tracia em rios caudalosa,
Aqui os lyrios da abundante Gallia,
Entre o Rheno, e Danubio a graõ Germania,
Aqui a Hesperia, e logo a Lusitania.

CXXI.

Lançando a voz do peito alto, e facundo
Circe prosegue: O naõ mudavel fado
Nesta parte, que he ultima do mundo,
Onde no mar se banha o Sol dourado,
Onde começa o Oceano profundo,
Entrando nelle o Tejo taõ inchado
Com curso taõ soberbo, e absoluto,
Que mostra darlhe leys, e naõ tributo.

CXXII.

Aqui te manda o Ceo buſcar a terra
Por eſte profundiſſimo rodeyo,
Onde tanto perigo, e morte enſerra
O graõ Neptuno no ceruleo ſeyo:
Por duros caſos, e ſanguinea guerra
Conquiſtarás a terra, e Reyno alheyo,
Deſcanſo tinhas cá, ſem ſer buſcado,
Sem co' ſangue das veyas ſer comprado.

CXXIII.

Foges de mim ao ſom de hum doce engano
Para buſcar repouſo taõ cuſtoſo,
Vida entregando, e vellas ao Oceano,
A Ceo eſtranho, e mar tempeſtuoſo
Por largos erros de caminho inſano,
Tendo aqui vida, e eſtado poderoſo,
Trocando com vontade pouco experta,
Por incerta fortuna eſta mais certa.

CXXIV.

Sylla ouvirás, e o canto doce, e brando
Das ſereas, dos nautas taõ temido,
Chegarás aonde as portas vay ſerrando
Ao trato humano Alcides atrevido:
Depois de andar no largo mar errando,
Verás o Tejo, tendo dividido
As ondas do Oceano, a quem refreya
Jupiter com grilhoens de branca areya.

Aqui

CXXV.

Aqui neſte lugar os nobres muros
Levantarás com gloria, a que tremendo
Todo o Oriente em ſeculos futuros
Inclinará a cerviz obedecendo:
Quando ao mundo naſcerem aquelles puros
Eſpiritos, que o Elyſio eſtá detendo,
Até que o tempo vagaroſo, e lento
Traga o dia a ſeu claro naſcimento.

CXXVI.

Daraõ á graõ Lisboa deſcendentes,
Que dilatem co' a vida o novo imperio
Até as caſas do Sol, e nas ardentes
Areas de Aſia eſcrevaõ o nome Heſperio:
Affrontaráõ com animos valentes
O frio, e ardentiſſimo hemisferio,
Ficando o mundo todo campo eſtreito
A hum Reino ſó de mil imperios feito.

# ARGUMENTO
## DO QUARTO CANTO.

*DEsce Ulyſſes ao centro acompanhado*
*De Circe, que lhe moſtra o eſcuro averno;*
*Vê as ideas no Elyſio, a quem o fado*
*De Lisboa guardou o alto governo:*
*Vio Anticlea, e porque o Sol dourado*
*Sahir queria, deixa o triſte inferno,*
*E da ſombra, que occupa a gente morta,*
*Ao mundo torna pela eburnea porta.*

I.

EM fogo honroſo Ulyſſes ſe abrazava,
Ouvindo os Reys, que Circe referia,
Quer aos cãpos deſcer, q̃ a Eſtige lava,
Onde ver Anticlea poderia:
Difficuldades Circe excogitava;
E em vaõ de ſeu intento o divertia
Com razoens, com que entrar lhe naõ permite
No eſcuro Reyno do ſevero Dite.

Ella

II.

Ella as occultas cauſas lhe declara,
Inſta Ulyſſes com animo ſeguro,
Concedeme o que peço, ó deoſa chara,
Filha do meſmo Sol, formoſo, e puro:
Niſſo, diz ella, ó Capitaõ repara
Que poder penetrar o Reyno eſcuro,
He couſa grande, a poucos concedida
Os que gozamos a aura deſta vida.

III.

Naõ baſta peito, e coraçaõ conſtante,
Que o peito, e coraçaõ mais animoſo
Naõ tem para ſoffrer força baſtante,
Do Cerbero o latido temeroſo:
Tentar do Inferno os muros de diamante,
De ondas de fogo hum mar tempeſtuoſo,
Hydras, furias, miniſtros de tormento,
Excede todo o humano atrevimento.

IV.

Amo-te Ulyſſesmu ito, e naõ quizera
(Poſto que andas tratando da partida)
Que algum mal, ou perigo ſucedera
A huma prenda deſta alma taõ querida:
Nada, diz elle, o coraçaõ me altera
O perigo, que póde ter a vida,
Antes ſerá moſtrar animo forte
Hir buſcar a ſua caſa a meſma morte.

V.

Circe por darlhe goſto ſe prepara,
E já intumece co' furor do eſprito,
Toma hum livro nas maõs, logo huma vara,
Com que as aguas enfrea de Cocito:
Depois que variamente o livro olhara
De caracteres barbaros eſcrito,
Detem a aguda viſta na pintura,
E olhando ao Ceo com rouca voz murmura.

VI.

Logo ſobe num carro, que levado
De dous grifos ſe vay da terra erguendo,
Que abrem batendo as azas o ar delgado
Co' altivo collo ás nuvens excedendo:
A redea Circe leva, o acelerado
Carro já a terra inclina, e vay deſcendo,
E pela pura, e cryſtallina via
Cortando as rodas fervidas rompia.

VII.

Toca de hum monte a teſta levantada,
Que faz coluna ao Ceo co' as penhas graves,
A que co' a leve pena exercitada
Podem mal arribar ligeiras aves:
Abaixo toa o Ceo da congelada
Eſpalda, acima os ares tem ſuaves,
Que da fronte as gadelhas ornamento
Nem Iris molha, nem perturba o vento.

VIII.

De eſcondidas cavernas ſahe brotando
Hum furibundo rio de agua eſcura,
Por voragens, e grutas exhalando
Ares horrendos de Memphite impura:
Alli o lago Averno eſtá formando,
A que rodea a terra aſpera, e dura,
As hervas mata, e em ſua margem fria
Só venenoſas ſerpes gera, e cria.

IX.

Por entre duras penhas levantadas
Troncos hirſutos pelo ar ſe erguiaõ,
Das arvores dos rayos fulminadas
Secas, que verdes folhas naõ veſtiaõ:
De Acroceraunia, e Phlegra as inflammadas
Rochas as deſte monte pareciaõ,
Saõ as vozes, que ſe ouvem, de inclementes
Bufos, e mortaes ſilvos de ſerpentes.

X.

Em pedaços pendentes os rochedos
Eſtaõ ruina eterna ameaçando,
E para naõ cahir altos penedos
As maõs por ſuſtentarſe ſe eſtaõ dando:
Negros ares, e eſcuros arvoredos
Nunca vento ſuave reſpirando
Moveo, que a morte quiz, que alli de fóra
Lhe guarde o eſpanto as portas, onde mora.

XI.

Eſte he o Cymerio monte coroado
De hum ſulfureo vapor, mortal, e eterno;
Que o ar em roda deixa inficionado,
E a negra boca faz do eſcuro Inferno:
Onde o boſque medonho, e carregado
De horrenda ſombra cobre o lago Averno,
Cujas exhalaçoens triſtes, e graves
Matað voando as fugitivas aves.

XII.

Aqui chegado tinha a bella Eea,
Solto o cabello para tras ao vento,
Na maõ a vara, com que da Febea
Lampada faz parar o movimento,
Com que de Phlegetonte o curſo enfrea,
Do abutre a fome, de Ixion o tormento,
Faz que Ticio deſcanſe, e a ſede eſquiva
Tantalo apague na agua fugitiva.

XIII.

As roupas apertando paſſeava
Por entre as triſtes ſombras animoſa,
Hum negro touro a Hecate imolava,
No Ceo, e grande Herebo poderoſa
Os vaſos de lieo lhe derramava
Na creſpa fronte, e nella artificioſa
Certas ſedas eſcolhe, e dellas logo
Faz ſacrificio no faminto fogo.

Tar-

XIV.

Tartareo Jove (diz) do fogo eterno,
Que, porque o igneo mundo em verte trema,
Te honraõ a teſta, e roſto ſempiterno,
Serpes feras por lucido diadema:
Tendo entre as ſombras do temido Averno
Imperio, e dignidade taõ ſuprema
Que o fogo que deſcer nunca podera,
Deſce por ti de ſua propria eſfera.

XV.

Proſerpina triforme, triſte eſpoſa
Do graõ Plutaõ, em cuja monarchia
Coube a parte do mundo tenebroſa,
Que com ſeus rayos naõ viſita o dia:
Eterna noite aos homens temeroſa,
Filha de chaos, em cuja ſombra fria
Nocturnas aves as regioens ſerenas
Cortando vaõ com carregadas pennas.

XVI.

Triſte Cocito, Phlegetonte eſcuro,
Que de Dite cercais a graõ cidade,
Cujo alcaçar ſoberbo eſtá ſeguro
Contra o poder da longa eternidade:
Enfermas caſas, abrazado muro,
Moradas da fatal neceſſidade,
Inimigo do Sol, Reyno do eſpanto,
Portas abri a meu forçoſo encanto,

XVII.

Vós Radamanto, e Minos poderoſo
Deixai da urna leve o movimento,
Dai favor ao que peço, e o cavernoſo
Inferno abri, e ignifero apoſento,
Para que poſſa Ulyſſes valeroſo
Entrar no eſcuro Reyno do tormento,
Eumenides horrendas, que tomaſtes
Vivo, intenſo cabello de Ceraſtes.

XVIII.

E tu que as triſtes almas vas paſſando,
Cujo pezado remo as ondas corta
De Cocito abrazado, navegando
Para o Reyno da morte a gente morta:
Tu Cerbero indignado, que ladrando
Guardas o lumiar da ferrea porta,
Para que neſſa regia taõ temida
Nada entrar poſſa, ſem deixar a vida.

XIX.

Se alguma couſa tenho merecido
Sacros numes, havendo convocado
Voſſa deidade, e victima offrecido
No altar a voſſos nomes dedicado:
Se de algum tenro infante deſparſido
Viſtes o puro ſangue, que arrancado
Das tetas foy da mãy, ou propria ama,
Segui quem vos invoca, e quem vos chama.

Vendo

XX.

Vendo que tarda hum circulo, e figura
Em roda pinta, e nelle recolhida
Co' pé deſcalço fere a terra dura,
Contempla a luz de Phebe amortecida,
Move a vara, que já da ſombra eſcura
Almas trouxe a informar com nova vida
Seu primeiro cadaver, e levanta
A voz, batendo a terra a dura planta.

XXI.

Sentio Phebe o encanto, e de affrontada
Encolhe os rayos, com que a noite arrea,
De negras nuvens moſtra rebuçada
A face, que imitava a luz Febea:
Ficou a natureza perturbada,
O Ceo tornaſe eſcuro, a noite fea,
Tudo ſe vê alterado de improviſo,
O Ceo, a bella Cinthia, o negro abyſo.

XXII.

Eis que o boſque ſe move, e o negro vento
Ferve entre os ramos com mortal ruido,
Treme a terra em ſeu proprio fundamento,
Nos baixos valles, e no monte erguido:
De paſſaros nocturnos o violento
Gemido ſe ouve, e aſpero latido
Dos caens por entre a ſombra, que moſtrava,
Que a ſeus rogos a deoſa ſe inclinava.

Olhan-

XXIII.

Olhando para Ulyſſes lhe dizia:
Agora he occaſiaõ, Grego famoſo,
D'outro esforço mayor nova ouſadia,
Que hoje te importa mais ſer valeroſo:
Segueme, e logo entrava, elle a ſeguia
Turbado o coraçaõ, mas naõ medroſo,
No punho a eſpada, e pela cova dentro
As ſombras piza do temido centro.

XXIV.

Agora Clio, Euterpe, e Melpomene
Voſſo favor eſpero, que me acuda,
Que nas facundas aguas de Hypocrene
Deis voz ſonora a minha lingua ruda:
Porque as penas ſem ordem alguma ordene
Da eterna noite, e deſta ſombra muda
Diga os ſegredos, que no ſeyo encerra
Prenhe de chammas a abrazada terra.

XXV.

Já venciaõ com paſſo errante os medos
Da eſcura entrada, donde os carregados
Ramos de ſeus confuſos arvoredos
Do ar (por mór terror) ſaõ meneados:
Quando chegaõ ao pé d'altos rochedos,
Onde do lago Eſtigio os abrazados
Fogos, que da outra parte ao ar ſubiaõ,
Sua corrente a eſpaços deſcobriaõ.

Com

XXVI.

Com eſta eſcura luz ſe diviſava
Hum batel, que atraveſſa lentamente,
Que o canſado Charonte navegava,
Oppondo o braço á rapida corrente:
Chega á praya, quem eraõ perguntava,
Contra os dous move o paſſo diligente,
E conhecendo a Circe, lhe declara,
Como Hecate, que os paſſe, lhe mandara.

XXVII.

Era Charonte velho, a que cobria
A viſta a ſobrancelha carregada,
E ſobre o pardo peito lhe cahia
A eſpeſſa barba nunca penteada:
Os membos núſ, que a partes deſcobria
A roupa de longo uſo maltratada,
Velho porém robuſto por eſtremo
Com forças aptas ao pezado remo.

XXVIII.

Logo as miſeras almas, que eſperando
Paſſar, as largas prayas habitavaõ,
Vendo a Ulyſſes armado, o vaõ cercando,
Que de tal novidade ſe admiravaõ:
Por entre as ſombras outras vaõ voando,
Em quanto o eſcuro rio naõ paſſavaõ,
Como as aves, que vendo ao Sol diſtante,
Paſſaõ do heſperio Calpe ao mouro Atlante.

Que-

XXIX.

Queria atraveſſar o rio eſcuro,
Charonte no peſado remo pega,
Onde para ſubir Ulyſſes duro
Firma o pé, mete o remo, o batel chega:
Geme co' pezo o barco mal ſeguro,
Elle as almas aparta, entra, e navega,
A rota vella o ar deſencolhendo,
Os remos igualmente vay batendo.

XXX.

Sahem na deſerta praya, e vaõ ſubindo
Por huma eſtrada, ao parecer formoſa,
Viaõ graves viſoens, naõ lhe impedindo
Do Inferno a livre entrada, e temeroſa:
Gritos ſoaõ, que os montes repetindo,
A jornada faziaõ duvidoſa,
E a pouco eſpaço a porta vem do Inferno,
Que hum medo infunde, e hum pavor interno.

XXXI.

Vem as ſoberbas torres de aço puro,
Que naõ temem de Jove o forte braço,
E os negros lenços do abrazado muro,
Que guarda, e cinge o temeroſo paço:
O lume, que arde dentro, inda que eſcuro,
As ſombras vence por hum grande eſpaço,
Que pelas bocas, que no muro abria,
Linguas de immortal fogo deſpedia.

Das

XXXII.

Das torres pelos ares levantadas
se vê co' a luz do fogo a architetura,
Naquella parte em pé, nesta gastadas
Por entre a confusaõ da noite escura:
De fumo nuvens densas, e dobradas
Sobem do ar impuro á mór altura,
Bramaõ graves trovoens continuamente,
Donde se precipita o rayo ardente.

XXXIII.

Phlegetonte das casas, onde habita
A eterna noite, os muros vay lambendo,
Espadanas de fogo, com que imita
Os rios, pelas margens brota ardendo:
Nas ondas, que do centro ao ar vomita,
O espumoso rio está fervendo,
Vendose as almas, que arrojava o centro,
Sahir ao alto, e recolherse dentro.

XXXIV.

Alli hum graõ portal se vê cortado
Em penha viva, aonde a vista alcança
N'um bronze, em letras igneas entalhado,
Quem entra, deixa aqui toda a esperança:
Alli se via Cerbero indignado,
A quem de massa soporada lança
Circe graõ parte, e logo resupina
A triforme cabeça a fera inclina.

Cahe

XXXV.

Cahe a fera disforme amortecida
Em grave ſomno, e ſem vigor proſtrada,
Logo a Esphinge ſe vê dura, e temida
Dos filhos de Philyra acompanhada:
Da Chimera, e da Hydra embravecida
A ſahida da porta eſtá guardada,
E co' a fouce fatal de agudo corte
Preſide a todos a invencivel morte.

XXXVI.

Alli a ſoberba eſtá, que por empreza
Toma atreverſe a Jupiter celeſte,
Eſtá a ſeu lado a inveja em fogo aceza,
Que os membros nus mordendo apenas veſte:
O triſte, e frio medo, a vil pobreza,
A pallida avareza, a mortal peſte,
Outros monſtros ſe vem, a quem fazia
O ſomno irmaõ da morte companhia.

XXXVII.

Na temeroſa porta ſe detinha
Ulyſſes, que ao entrar eſtá patente,
Plutaõ triſte, e pezado o roſto tinha,
E a viſta nelle poem fera, e ardente:
Sobre o robuſto corpo ao ar caminha
A teſta em grandes cornos eminente,
Irado aos monſtros grita, que tremendo
Se apartaõ co' terror do brado horrendo.

Todos

XXXVIII.

Todos fizeraõ praça, e rodearaõ,
Com preſteza cercando a Ulyſſes forte
Eſtranhos vultos, e horridos moſtraraõ,
E na viſta hum terror da meſma morte:
A terra alguns de formas eſtamparaõ
Ferinas de eſtupenda, e varia ſorte,
Diante eſtavaõ Furias inclementes,
Toucadas de cabellos de ſerpentes.

XXXIX.

Alli ſe vem Harpias, indomados
Centauros, vemſe Gorgonas temidas
Soberbos Gerioens, que levantados
Tres almas moſtraõ ter num corpo unidas:
Sybilaõ Hydras, e Pitoẽs irados,
Briareos, Ephialtes homicidas,
Sem ſe poder julgar neſta incerteza
Se he mór a fealdade, ſe a fereza.

XL.

Circe lhe diz: O' Rey do fogo puro,
Do graõ Saturno, e de Opé peregrina
Filho, e irmaõ do ſoberano Anxuro,
Charo eſpoſo da bella Proſerpina:
Tu, que eſte Reyno do tormento eſcuro
Governas, e com traça alta, e divina
Em deſconcerto, e triſte horror ordenas
Conforme ás culpas as temidas penas.

Per-

XLI.

Permitte a Ulyſſes, que do lago Averno,
Que teu imperio, e teu aceno adora,
Penetre os ſeyos, e do eſcuro Inferno
Antes que ao mundo ſaya a roxa Aurora:
Manda que pare eſte tormento eterno,
E aos eſpritos nús a vingadora
Alecto deixe em paz, ſem offendellos
Co' venenoſo açoute dos cabellos.

XLII.

Concedelho Plutaõ, e logo acena
Aos ſeveros miniſtros, e ceſſavaõ
Os gritos, ſuſpendendo a dura pena,
Com que as almas té entaõ ſe atormentavaõ:
E porque ſaibaõ todos o que ordena,
Megera com as irmãs, que a acompanhavaõ,
Filhas da noite, huma trombeta toca,
A que dá immundo alento a negra boca.

XLIII.

Soa o metal ferido horrendamente
Cum tom rouco, terrivel, eſpantoſo,
Dobraõſe os ecos, como quando o ardente
Trovaõ paſſa com brado temeroſo:
Torna atras de Cocito a graõ corrente,
E entre as ondas do fogo poderoſo
As almas ſe erguem, e cada huma eſpera
O que manda a feviſſima Megera.

Ven-

XLIV.

Vencendo as negras ſombras vaõ entrando
Ulyſſes valeroſo, e a ſabia guia,
Ambos com prompta viſta hiaõ notando
As varias penas, que no Inferno havia:
Vem as intenſas chammas, que ondeando
De fogo huma ſeara parecia,
Que ſem materia alguma ſe ſuſtenta,
E impaſſiveis eſpritos atormenta.

XLV.

Alli vem dentro quanto o mundo abarca,
A'quella breve eſtancia reduzido,
O miſeravel pobre, e o Monarcha,
Hum deſprezado cá, outro temido:
Todos iguala a inexoravel Parca,
Que a miſeria, e grandeza he hum veſtido
Que ſe deſpe ao morrer, e ſó o eſprito
He o nobre, he o immortal, he o infinito.

XLVI.

Qual ſem conſiderar ſeu naſcimento
Fraco, e mortal, ſe julga por divino,
Fundando torres ſobre o leve vento,
Sendo tudo vaidade, e deſatino:
Só tem a fama eterno fundamento,
Porque o valor mais raro, e peregrino
He filho d'alma, e o tempo naõ ſe atreve
Quebrar as taboas, onde a fama eſcreve.

XLVII.

Vós os que os doces ares da privança
Bebeis, andando nella tranſportados,
Sabei, que a ſorte humana naõ deſcança;
O rayo buſca os montes levantados:
A gente que vos ſegue, e que vos cança
Quando paſſais temidos, e adorados,
Se ſe ajoelha, adora, e ſe importuna,
Naõ ſe dá a honra a vós, daſe á fortuna.

XLVIII.

Por entre as roxas flammas, que ondeavaõ,
Já o grande Grego, e Circe ſe metiaõ,
E as almas, que de vellos ſe admiravaõ,
Pela viſta o tormento ſuſpendiaõ:
Já ao grave, e duro tribunal chegavaõ,
Onde crueis ſentenças proferiaõ
(Quaes ſe naõ viraõ mais com rigor tanto)
Minos, Eaco, e o fero Radamantho.

XLIX.

Aqui Circe lhe diz, ſaõ accuſados
De ferreas almas duros homicidas,
Que diſſimulaõ animos danados
Tendo os roſtos por maſcaras fingidas:
Vês Procuſtes arder que aos convidados
Matava, onde por preço deſtas vidas
A ſua deo, fazendo, quando a perde,
Purpurea de Cephiſo a margem verde.

Eſte

L.

Este, que vês estar mais adiante
Com a abrazada purpura vestida,
Que tem na maõ o cetro rutilante
Insignia taõ amada, e taõ temida,
He Polimnestor, que o formoso infante
Polidoro privou da doce vida,
Sem lhe guardar a fé, que promettera
A Hecuba, que o filho em guarda dera.

LI.

Vês Mamertes Corinthio, que atrevido
As leys da natureza em pouco teve,
Porém que coraçaõ naõ tens vencido
Da pezada coroa ambiçaõ leve?
Na espada de Syfapo cahe rendido,
Paga co' sangue, o que a seu sangue deve,
E agora passa áquelle carro atado
Dos velozes cavallos arrastado.

LII.

Aqui arde Eriphyle, porque entrega
O pobre Amphiarao á dura Argia,
Que a tanto a vil cubiça humana chega,
Que em odio paga o que em amor devia:
Vês Perseo, e Scyla com vontade cega
De ambiçaõ, e de amor, que se atrevia
Elle matar o Rey famoso Acrisio,
Cortar ella o cabello ao velho Niso.

LIII.

Vês as netas belliſſimas de Bello,
Que o iniquo mandado executaraõ
Do pay, e por melhor obedecello
Os miſeros eſpoſos degollaraõ:
Que junto ao triſte rio por vencello
Em vaõ nas negras ondas trabalharaõ,
Vês como a dura pena merecida
Paga Oreſtes, e Agyrtes fratricida.

LIV.

Neſtoutro tribunal com recta vara
Se punem inſolentes tyrannias,
Eſte he Phinen co' as meſas, que prepara
Povoadas de exquiſitas iguarias:
Porque os filhos privou da viſta chara
Lhas levaõ imaniſſimas Harpias
Sempre faminto eſtá, ſempre inquieto
Sem lhe poder valer Calais, ou Zeto.

LV.

O que entre o rio, e ramos mal ſeguros
A mór ſede á mór fome ſe provoca
Sem os pomos poder lograr maduros,
E ſem a magoa tocar a ardente boca:
He Tantalo, que impuro aos deoſes puros
Deo o filho em manjar, a quem ſó toca
Ceres, e aquella parte, que comera,
Lhe deo eburnea na melhor eſfera.

Aquelle

LVI.

Aquelle, que alli vês arder entre eſtes,
He filho da formoſa Hypodamia,
Que por poder vingarſe de Thieſtes
O filho offereceo por iguaria:
O Sol ſeus rayos eſcondeo celeſtes
De taõ infame meſa aquelle dia;
Vês o cruel Diomedes, e Tiphonte
Syron, Orcamo, Agiro, e Licaonte.

LVII.

De ver os Reys no inferno eſtá admirado
Ulyſſes, tendo a Jove taõ propicio,
Que no mundo lhe deo tamanho eſtado,
Que he de favor divino grande indicio:
Aqui, diz Circe, tem aparelhado
O ſeu caſtigo, os maos por beneficio
Dos bons, e poucos Reys o inferno encerra,
Porque entre poucos ſe divide a terra.

LVIII.

Aqui verás Fallacia eſtar ouvindo
Os amantes, que inſanamente arderaõ,
Vê Ticio, a que o abutre eſtá ferindo
As fibras, que feridas renaſceraõ:
Porque de amar Latona preſumindo
Seus laſcivos deſejos a offenderaõ,
Tendo morte immortal, por ſer pequena
Para taõ grande mal taõ grande pena.

LIX.

Vês logo junto a filha de Cynara,
Que de seu torpe amor naõ teve pejo,
Dando por elle a fama, e vida chara,
Que custa a vida, e fama hum vil desejo:
Enriqueceo Arabia, donde pára,
Que nisto pára sempre amor sobejo,
Vê Menefron como o castigo teve
Entre o rigor da congelada neve.

LX.

Alli vê os que amaraõ insanamente,
Vê Machareo a que abrazou Canace,
Vê o pay de Cyane juntamente,
E com Cassandra o valeroso Aiace,
De Neusimene os filhos, a excellente
Biblis com triste, e vergonhosa face,
E tu, que em chãma intenta te abrazaste
Co' filho de Antenor bella Lycaste.

LXI.

Preside aqui Laverna aos que viveraõ
De latrocinios grandes, e infestaraõ
A terra, lhe diz Circe, e naõ temeraõ
A Jove, cujos rayos provocaraõ:
Marchilas, a que os povos se renderaõ,
Que a sylva Dodonea povoaraõ,
Tytigias taõ temido em dura guerra,
E o soberbo Egeon filho da terra.

Isto

LXII.

Iſto dizendo, chegaõ onde ouviaõ
De arraſtadas cadeas graõ ruido,
Que as abobadas negras repetiaõ
Com terrivel, e aſperrimo bramido,
Amargas vozes, que ſoando criaõ
N'alma pavor, e magoa no ſentido,
Aqui ſe vê, diz Circe, o fogo eterno
Do Tartaro cruel, do baixo Inferno.

LXIII.

Aqui os caſos ſe punem mais pezados
Dos que já contra os deoſes ſe atreveraõ,
Aqui tem os gigantes debellados
As penas, que ſuas obras mereceraõ:
De cuja força os polos enfiados,
Vendoſe acometer, eſtremeceraõ,
Quando no Phlegreo campo o ſoberano
Jove os ferio c'os rayos de Vulcano.

LXIV.

Vês alli dos Aloides gigantes
Ephialtes, e Otho a quem encerra
Jupiter, atrevendoſe arrogantes
Para o deitar do Ceo ſubir da terra:
De Diana, e de Apollo as penetrantes
Settas provaraõ na ſanguinea guerra,
E Phlegias Rey dos Lapitas famoſo,
Que o templo á Apollo abraza ſumptuoſo.

Vês

LXV.

Vês seu filho Ixion, que á roda atado
Do baixo ao alto della vay subindo,
Para ao centro descer arrebatado,
Correndo vay tras si, de si fugindo:
Porque daquelle gosto imaginado
As glorias vans ao mundo descobrindo
Se gabou que na nuvem, que abraçara,
Da consorte de Jupiter gozara.

LXVI.

Vês Lauzo, Capaneo, Glauco arrogante,
Que contra os deoses peleijar se atreve,
E Pentheo, de quem Bacho petulante
Taõ offendido, e desprezado esteve:
Vês as filhas de Preto, que á prestante
Venus negaõ a gloria, que se deve
A seu rosto excellente, e peregrino
Prepondo o ser humano ao ser divino.

LXVII.

Vês acolá Salmonio ir arrastando,
Porque igualarse a Jupiter queria,
Quando com veloz carro atravessando
Sobre huma ponte de metal corria:
De Jupiter o estrepito imitando
Dos trovoens, que imitarse mal podia,
Medindo o que ha do centro á altiva ponte,
Emulo do abrazado Phaetonte.

Lá

LXVIII.

Lá no mais fundo centro eſtaõ metidos
Em mayor fogo, e com mayor affronta
Os que com roſtos falſos, e fingidos
Querem q̃ o mundo os tenha em melhor conta:
Que montaõ apparencias, e veſtidos,
E a falſa opiniaõ tambem que monta,
He o hypocrita falſo nova Eſfinge,
Porque he peſſimo o mao, ſe bom ſe finge.

LXIX.

Se contar por extenſo te quizera,
Quanto neſta regiaõ de luz avara
Se eſconde, em fogo, e ſombra mal podéra,
Que tanta confuſaõ mal ſe declara:
Se mil bocas, e linguas mil tivera,
E com todas a hum tempo te fallara,
Querer comprehender tudo era grande erro,
Tendo entranhas de bronze, e voz de ferro.

LXX.

Do que Ulyſſes ouvira, e do que via
C'os olhos cheos de agua, e ſentimento,
O' triſte humana condiçaõ, dizia,
O' eterna affliçaõ do penſamento:
Num ponto acaba esforço, e galhardia,
Seguemſe eternos annos de tormento;
Mas, com que fundamento culparemos
A propria condiçaõ, com que naſcemos!

Hiaõ

LXXI.

Hiaõ vendo ao paſſar do graõ Letheo
O triſte, e negro pego, onde ſe viaõ
Os que por ſeu viver infame, e feo
Eterno eſquecimento mereciaõ:
E os que tratando o eſpirito como alheo
Lhe ſervio a alma ſó, com que viviaõ
De ſal, com que nos annos que duraraõ
Os corpos incorruptos conſervaraõ.

LXXII.

Chegaõ de Erebo aos muros levantados,
E Circe diz: Aqui Plutaõ encerra
Os varoens, cujos feitos ſublimados
Merecem fama, e nome ſobre a terra:
E os que em virtudes altas eſtremados
Na branda paz, e ſanguinoſa guerra
Com grandes obras, dignas de alta hiſtoria,
Compraõ com breve vida eterna gloria.

LXXIII.

Aqui no grande Erebo vaõ paſſando,
Os largos annos, que Plutaõ lhe ordena,
O alto, e nobre eſpirito apurando
Só na eſperança de ſahir da pena:
Daqui ao campo Elyſio caminhando,
Regiaõ mais alegre, e mais ſerena,
Por onde as almas já purificadas
Sobem ás eſtelliferas moradas.

Entra-

LXXIV.

Entraraõ ambos dentro, onde encontravaõ
Muitos Gregos, que em Troya feneceraõ,
Co' as proprias armas, com que pelejavaõ,
Co' as feridas que nella receberaõ:
No meyo as almas Gregas o tomavaõ,
E grande eſpaço alli ſe detiveraõ,
Entre os claros eſpiritos cercado
O grande Ulyſſes reſplandece armado.

LXXV.

A velo corre Agamenon, que vinha
Ferido, a quem Ulyſſes abraçava,
Do ferro o peito atraveſſado tinha,
De que o ſangue ainda freſco lhe manava:
Alli lhe diz, em quanto ſe detinha,
Co' a voz que dentro n'alma ſe formava
Ao caſo inopinado, e nunca viſto,
Deo Clytemneſtra a cauſa, o ferro Egiſto.

LXXVI.

Pallido encontra Achilles, e turbado,
A quem Patroclo ſegue mal ferido,
Para abraçallo corre acelerado
O Capitaõ, dizendo, que atrevido
Ferro pode tocarte? Elle admirado
De o ver reſponde, quando fui metido
Na eſtige, as plantas na agua naõ tocaraõ,
Por onde os fados ſeu caminho acharaõ.

Che-

LXXVII.

Chegandoſe nos braços o apertava,
E tello Ulyſſes nelles preſumindo,
Aquella meſma ſombra que abraçava,
Delles ſe deſatava, e hia fogindo:
O grande Heytor de o ver ſe perturbava
Como que a gente Grega o vem ſeguindo,
E os Troyanos heroes, que alli ſe achavaõ,
Alterados de vello ſe apartavaõ.

LXXVIII.

Alli as almas ſe vem na ſombra eſcura,
Dos que o fio cortou a Parca impia,
Levando-os a encerrar na ſepultura
Das entranhas da mãy, ſem ver o dia:
E os que tendo goz ido da luz pura,
Arrebatou com maõ pezada, e fria
Dos peitos, de quem Rumia tem tomado,
Como adoptiva mãy, novo cuidado.

LXXIX.

Paſſando vaõ aos campos venturoſos,
Onde os eſpritos tem doces moradas,
E da morte, e ſeus males victorioſos
Tem o goſto, que as penas ſaõ paſſadas:
Por entre boſques altos, e frondoſos
Ao longo de ribeiras ſocegadas
Em danças, em choreas, e alegrias
Paſſaõ num dia eterno eternos dias.

No

LXXX.

No Elyſio campo hum valle eſtá ſombrio,
Por mór veneraçaõ de boſque eſcuro,
A que huma nuvem cobre, e hum freſco rio
Com manſa vea corta alegre, e puro:
Alli do tempo o ordenado fio
Guarda eſpritos gentis, que no futuro
Huns haõ de ſer na paz, outros na guerra
Dynaſtas, ſemideoſes ſobre a terra.

LXXXI.

Aqui, lhe diz, do imperio Luſitano
Para onde o fado, e claro Ceo te chama,
Os Reys verás, que iraõ pelo Oceano
Té ver do Sol dourado a ignea cama:
Por elles ao famoſo Tejo ufano,
(Eſcurecendo toda a antiga fama)
Ajoelhados de longe, o mar abrindo,
A maõ viraõ beijar o Gange, e o Indo.

LXXXII.

Dizlhe Ulyſſes entaõ: O' poderoſa
Deoſa, que com altivo penſamento
Na ſombra eſcura, e esfera luminoſa
Podes o centro abrir, e o firmamento,
Moſtrame eſſa proſapia glorioſa,
E deixame adorar o fundamento
Da illuſtre Luſitana Monarchia,
A quem a ſabia Circe reſpondia.

Aqui

LXXXIII.

Aqui verás na idade derradeira
Da generoſa eſtirpe Luſitana
Os varoens, que procedem da primeira
Raiz do velho Henrique ſoberana:
Verás, que inda que a fama liſongeira
No que nos conta ás vezes nos engana,
Aqui diz menos, que a immortal memoria
Delles honrará viva, e morta hiſtoria.

LXXXIV.

Aquelle varaõ forte, que diante
Vés de todos, taõ bravo, e taõ guerreiro,
Nos membros robuſtiſſimo gigante,
He o grande Henrique, illuſtre Cavalleiro,
Luſitano Mavorte, que arrogante
A forte lança empunha elle primeiro
Com força, que as humanas muito excede,
Matando no inimigo ſangue a ſede.

LXXXV.

Eſte em dourado jugo de Himeneo
Ligado co' a belliſſima Tareja,
Pondo ao Mouro atrevido honroſo freo,
Encherá Heſpanha de glorioſa inveja:
Té as partes, onde foy vencido Antheo,
Lhe foge o Agareno, que deſeja
Eſconderſe da lança enſanguentada,
Moſtrando a nua eſpalda em vez da eſpada.

Junto

LXXXVI.

Junto delle eſtá Affonſo de alto aſpeito;
Que tem no punho a eſpada vencedora,
A quem ficará ſendo imperio eſtreito
O que ha do frio Occaſo á roxa Aurora:
Eſte com firme, e invencivel peito
Da gente, que nos Caſpios montes mora,
Cinco Reys vencerá, pondo a Lisboa
Das cinco huma digniſſima coroa.

LXXXVII.

Vencerás o inimigo, ó Rey famoſo,
Digno deſte triunfo illuſtre, e claro,
Pizando os eſtandartes victorioſo,
Que contra ti tremola o Mouro avaro:
Da Maura inſania açoute milagroſo,
Por quem milita o Ceo com favor raro,
Vendo a teus pés mil vezes arrazado
O vivo muro do inimigo armado.

LXXXVIII.

Mandará vir o Ceo para ajudarte
Guilherme illuſtre da inclita Alemanha;
Childe Rolim de Flandres novo Marte,
Que no cerco te ſegue, e te acompanha:
O perigo entre todos ſe reparte,
De ſangue alheyo, e ſeu cada hum ſe banha,
Que entraõ na empreza os fortes Cavalleiros
Como vaſſallos naõ, mas companheiros.

O que

LXXXIX.

O que eſtá junto delle he o excellente
Sancho, do mundo aſſombro, e maravilha;
Por quem verá Albayaque ir a corrente
De Alquibir ſanguinoſa á graõ Sevilha,
A quem depois Miramolim potente
A cerviz com mais treze ao jugo humilha,
Que faz co' ferro abrindo negras veas,
Purpurear as pallidas areas.

XC.

Vês o ſegundo Affonſo, que manchada;
Por ſer de tantos Mouros homicida,
Moſtra do ſangue a cortadora eſpada
No temeroſo Alcaçar taõ temida:
Junto delle eſtá Sancho, que a prezada
Coroa engeitará, buſcando a vida
Mais ſegura, a quem ſegue o valeroſo
Terceiro Affonſo de Matilde eſpoſo.

XCI.

O que vês co' a viſeira reluzente
He Dinis, que na aceſa viſta ardendo
De ſeu braço, e eſpada refulgente
Em Caſtella Fernando eſtá tremendo,
A quem depois co' a valeroſa gente
Portugueza, do Mouro defendendo,
Eſtenderá ſua fama pela dura
Guerra do Sagitario a Cynoſura.

Eſſe

XCII.

Este terá a illustre, e chara espoſa
Do ſangue de Aragaõ bella Iſabella,
Que ſó procura n'alma ſer formoſa,
Sendo ſobre a mayor belleza bella:
Da terra ao Ceo na morte milagroſa
A' mór esfera ſobe a ſer eſtrella,
A terra enriquecendo de memoria,
De eſpanto Heſpanha, o meſmo Ceo de gloria.

XCIII.

Aquelle do baſtaõ ſerá o temido
Quarto Affonſo, nas armas Marte irado,
Pelo invencivel braço conhecido
Na ſanguenta batalha do Salado,
Aonde Alboacem ſendo vencido,
Quieto o Hiſpano Affonſo, e ſocegado;
Elle, que gloria ſó procura, e ama,
Nada quer da victoria além da fama.

XCIV.

Eſte, que vês robuſto, e bem diſpoſto,
Cor parda, nariz alto, olhos fogoſos,
He Pedro, que deſmente em fero roſto
Os brandos penſamentos amoroſos,
Que amará a bella Ignez, e aquelle goſto
Lhe roubaráõ os fados invejoſos,
Quando matando a dous hũa ſó ferida,
Cahirá do meſmo golpe o amor, e a vida.

Quem

XCV.

Quem he aquelle de aſpeito venerando,
Pergunta o Grego, a quem reſponde logo
Circe, que nas delicias he Fernando
Mais conhecido, que no Marcio jogo:
Que em ſua terra o Caſtelhano bando
Soffrerá, vendo arder o Hiſpano fogo,
Voar Lisboa do lugar que teve
Aos eſpaços do ar em fumo leve.

XCVI.

O da inſignia verde, e grave aſpeito,
Que em corpo giganteo alto, e membrudo
Veſte de arnez luzente o forte peito
Apertando no punho o eſtoque agudo:
He Joaõ, que a ſeus pés tem o perfeito
Dom Nuno Alvares Pereira, vivo eſcudo
Do Reyno, e Rey, que o jugo Caſtelhano,
Sacode do peſcoço Luſitano.

XCVII.

Por eſte a patria afflicta, libertada,
Eſtendida, opulenta, ennobrecida
A rica idade gozará dourada,
Que ſó ſerá de ferro em ſer temida,
Qual cometa fatal a ſua eſpada
Depois de dar ao Orco tanta vida,
Ornada de diamantes, e de eſtrellas
Será no Olympo collocada entre ellas.

Eſte

XCVIII.

Eſte Rey ſem vencello a adverſidade
Porá no Ceo as Luſitanas quinas,
E do ſolto inimigo a liberdade
Enfreará veſtindo as armas finas:
Dará premio, e caſtigo em igualdade,
Nutrindo, e fecundando artes divinas,
Da patria pay, para que o mundo veja,
Que alli naõ acha que emendar a inveja.

XCIX.

Logo o grande Duarte, que affectando
Das eſtrellas, e Ceo o arduo caminho,
Do mar as ermas ondas povoando
Irá com tanta vella, e tanto pinho:
Do Sol co' a viſta os rayos aturando,
Que he aguia taõ real, como he ſeu ninho,
Vencendo o ſeu belligero eſtandarte
Dous mores inimigos morte, e Marte.

C.

Aquelloutro, que o Sol imita armado
No reſplandor, he o grande Affonſo quinto,
A quem ſe devem para ſeu traslado
Marmores Parios, bronzes de Corinto,
De quem a terra, e mar mais apartado
Tremerá deſte polo ao mais diſtinto,
Dando mór fama para engrandecela
A graõ Lisboa, que Alexandre á Pela.

CI.

Logo Joaõ ſegundo bellicoſo
Fará eſcura toda a fama alhea,
Vendo levar ſeu nome glorioſo
Té onde o ardente Sol ferve na area,
Deſcobrindo o graõ cabo, que o famoſo
Nilo em cothurnos de chryſtal paſſea,
Rey exemplo de Reys, digno governo,
Que fora eterno Rey de hum Reyno eterno.

CII.

He o do largo manto o preeminente
Primeiro Emanuel, que a vencedora
Serpe levará aos mares do Oriente,
E aos bordados de luz Reynos da Aurora:
A eſte Neptuno humilha a graõ corrente,
E a gente, que de Antheo nos campos mora,
Vem pedir leys, e o barbaro gentio
Da terra, onde o Sol faz perpetuo eſtio.

CIII.

Chegará onde nunca o eco, ou fama
Chegou, toda a Aſia tremerá de ouvilo
Da parte, onde o Sol tem dourada cama,
Té onde acaba ſem mudar o eſtilo:
De medo já com ſete bocas brama,
Por ſe eſconder dentro em ſeu mar, o Nilo,
Dandolhe eſtatuas o que bebe Hydaſpes
De ouro, e Atlante de Africanos jaſpes.

Junto

CIV.

Junto delle Joaõ eſtá terceiro,
A quem ſeu mar, ſeu Oriente humilha
O inventor raro do animal guerreiro:
E da terra, e do Sol a bella filha,
Será depois de tantos o primeiro
Terror dos mares de Aſia, e maravilha,
Em cujos hombros deſcançar podera
O grave pezo da mayor eſfera.

CV.

Vês logo Sebaſtiaõ forte, e temido,
Novo filho do Sol, que entra arrogante
E em ſuas grandes forças atrevido,
Quer pizar a cerviz do velho Atlante:
Intenta ver a hum tempo deſtruido
De Marrocos o muro, e Turudante,
Mas ah que vejo ao Reyno ſua ruina
Num Rey, que he moço, e ſó ſe determina.

CVI.

Vê bem o grave, e carregado aſpeito,
Com que hum mudo pavor nas almas cria,
E nota que em ſeu roſto, e forte peito
Grandes couſas ſe vem co' a fantaſia:
Que dá eſperanças o famoſo objeito
De naõ imaginada monarchia,
Mil ſombras de inimigos debellados
O cercaõ, mil de Reynos conquiſtados.

CVII.

Seguirá de Bellona a imagem fera,
A que a Ninfa de Amphriſo a glorioſa
Rama prepara, que cingir eſpera
A ſua altiva fronte victorioſa:
Fatal aſſombro de hũa, e d'outra esfera;
Se a tantas eſperanças invejoſa
A fortuna, que o vê, naõ no atalhara,
Larga nos males, ſó nos bens avara.

CVIII.

Que ſaudoſo pranto, e magoas vejo
Dizer ſem fructo á Luſitana gente,
Quando chorar com dor, e amor ſobejo
Sua morte, e ſua ruina juntamente:
Que exequias lhe farás ſaudoſo Tejo,
Vendo creſcer co' pranto a tua corrente,
Quando os funebres tumulos, e altares
Com tuas ondas turbadas viſitares.

CIX.

Venhaõ cheiroſos lirios, venhaõ roſas,
Venhaõ flores deitadas a maõ chea,
E a eſtas ſaudades amoroſas
Dos olhos acompanhe a larga vea:
O que em purpureas veſtes glorioſas!
Com tanta mageſtade o corpo arrea,
O ſanto Henrique he, para que fique
Do nome do primeiro ultimo Henrique.

O que

CX.

O que veſtido o arnez tem rutilante
He o graõ Filippe, cuja forte armada
Teme o Turco em Lepanto, a quem Barbante
A cerviz dura inclinará domada:
A quem hum mundo naõ ſerá baſtante,
Cujo leaõ co' a garra levantada
Olhando a terra, e todo o mar profundo
Fará tremer o antigo, e novo mundo.

CXI.

Logo Filippe, que goſando unida
Em paz a dilatada Monarchia,
Verá o fio cortado á doce vida,
Que em fuzo de ouro Lacheſis lhe fia:
De Cometas infauſtos opprimida
Se verá a noite arder pallida, e fria
Por moſtrar que de Rey taõ excellente
A morte, e perda até no Ceo ſe ſente.

CXII.

O ultimo, que vês, he o graõ Monarca,
E terceiro Filippe eſclarecido,
A quem em tear de ouro a juſta Parca
O eſtame tece a ſeu valor devido:
A quem beijará o pé tudo o que abarca
Da pura Thetis o humido marido,
Para emular ſeu ſimulacro raro
Ha de deſentranhar ſeus montes Paro.

A eſte

CXIII.

A eſte graõ Monarcha deſcobrindo
O Sol novas naçoens no mar profundo,
Naõ contente que mande o Chile, e o Indo,
Lhe quer na terra abrir terceiro mundo:
Ao quinto Carlos em valor ſeguindo,
A Filippe primeiro ſem ſegundo
No ſaber, que no alto peito enſerra,
Será Pilippe em paz, Carlos na guerra.

CXIV.

Hum, e outro Neptuno carregado
De fayas tremerá nos dous eſtremos,
Hum de boſques de vellas ſubjugado,
Outro ferido de pezados remos:
Verſehá o Ingles, e Belga fulminado,
Que dos leoens Hiſpanos bem podemos
Preſumir, que ſuas forças ſingulares
Nas unhas levaráõ terras, e mares.

CXV.

Verá o Imperio ſeu taõ eſtendido,
Que elle meſmo ſe impida o creſcimento,
De perolas, e neve guarnecido
Verá o Norte, e o Sul ſeu grande augmento:
Com diamantinos cravos impedido
Da roda da fortuna o movimento
Ha de eſtar firme, inda que o tempo corra,
Ha de viver, ainda que o tempo morra.

Niſto

CXVI.

Niſto Anticlea para Ulyſſes vinha,
Que em ſeus braços ſuſpenſo hum pouco eſteve,
E quando neſte engano ſe detinha,
Vê que delles lhe foge a ſombra leve:
O' doce mãy, lhe diz, ó gloria minha,
Aſſim me roubas eſte goſto breve,
Quando ſó por te ver ao Inferno venho
Buſcando a gloria, que em teus braços tenho.

CXVII.

Naõ quiz o Ceo que em Ithaca me achaſſe;
Quando della fizeſte deſpedida,
Porque os olhos morrendo te cerraſſe,
Honrando com meu pranto tua partida,
Porque eſta dor, e magoa me ficaſſe
Para me atormentar em toda a vida,
Que para naõ ſentir pena taõ grave,
Já a triſte morte me ſerá ſuave.

CXVIII.

Vive, diz ella, Ulyſſes, e permita
O Ceo que contes annos deſcanſados,
Neptuno tua morte ſolicita,
Ventos movendo, e mares empolados:
A paciencia os caſos facilita,
Soffrendo has de vencer fortuna, e fados,
Sempre o animo ergue a couſas altas,
Se elles faltarem, vejaõ que naõ faltas.

CXIX.

Preguntalhe Laerte, ſe vivia,
Vive, ella lhe reſponde, e tua eſpoſa,
E Telemacho d'ambos alegria,
Com que enganaõ a vida ſaudoſa:
Torna a alegrar aquella companhia,
Penelope taõ caſta, e taõ formoſa
Naõ era para auſente, inda que caſta,
He formoſa Penelope, e iſto baſta.

CXX.

Largo eſpaço eſtiveraõ praticando,
Até que Circe tendo eſpeculado
Da ſocegada noite o curſo brando,
E o muito tempo já que tem gaſtado,
Que ſe partaõ lhe diz, elle abraçando
A cara mãy em lagrimas banhado,
Os paços deixa, aonde a noite mora,
Que já as chaves no Ceo ſe ouvem da Aurora.

ARGU-

# ARGUMENTO
## DO QUINTO CANTO.

*Deixa Ulyſſes a Circe o mar abrindo,*
*Quando alterado ſente o ſalſo argento,*
*A's Ninfas Thetis ſahe favor pedindo*
*Para abrandar a furia ao mar, e ao vento:*
*Via no eſtreito Alcides reſiſtindo*
*Ao ſeu mayor que humano atrevimento,*
*Do Tejo as ondas corta, aonde ſentia*
*Já de Protheo cumprida a profecia.*

I.

A quarta eſfera o claro Libyſtino,
Monarcha das eſtrellas refulgente,
Da Ecliptica incanſavel peregrino,
Olho do Ceo, e tocha do Oriente,
Da luz moſtra o theſouro matutino,
Abrindo o novo dia á nova gente,
Quando já o Grego, obedecendo ao fado,
Quer a vida entregar ao mar ſalgado.

Em

II.

Em Telegonio tinha a propria vida,
Que já de Circe os braços carregava,
E por de ambos temer a deſpedida
Fazella occultamente procurava:
Quando de ſeus intentos advertida
Circe, co' a grande pena, que levava,
Furioſa chega a Ulyſſes, e os furores
Converte em doces lagrimas, e amores.

III.

Como, diz, inimigo te atreveras
Deixarme aſſim offendida, e ſaudoſa,
Se naõ quando matarme pertenderas
Primeiro que eſta auſencia vagaroſa:
Se aſſim matarme mais depreſſa eſperas,
Sendo a pena cruel, fora piedoſa,
Se a triſte Circe, e Telegonio amavas,
Tanto a partida em vellos dilatavas.

IV.

Rendido a eſta amoroſa competencia,
Promette Ulyſſes a jornada breve
Com lagrimas, que ſaõ muda eloquencia,
Com que contando ſua magoa eſteve:
Em fé que hei de vencer taõ dura auſencia,
Tomando o filho, que entre braços teve,
Lhe diz: Eſte penhor Circe offereço,
Que tanto preço tem, que naõ tem preço.

Vaite

V.

Vaite, diz ella, vaite, que naõ quero,
Pois para te partir eſtás diſpoſto,
Fazer que eſperes mais, que naõ eſpero,
Que niſſo queiras darme hum breve goſto:
Tres vezes de aço tens o peito fero,
No coraçaõ es hum, outro no roſto,
Triſte quem ama, que na dor preſente
Sente o que diz ſer menos do que ſente.

VI.

Iſto dizendo, o fogo, em que ſe acende,
De lagrimas os olhos lhe arrazava,
E o brando coraçaõ co' a dor ſe rende,
Mudo orador das penas, que paſſava:
Para abraçar o filho o braço eſtende,
Que fugindolhe aos peitos ſe apertava
Da mãy, que laſtimada, e triſte via,
Com que novas ſaudades lhe acendia.

VII.

Naõ te quero, lhe diz, pois es retrato
De hum ingrato mayor, que o mundo teve,
Porque naõ no pareças ſendo ingrato,
E quem me leva a vida o goſto leve:
Mas naõ te dou eu filho taõ barato,
Bem deſta vida bre, ſem dizer breve,
Que as lagrimas lhe afogaõ, num momento
Entre as fauces da voz o ultimo acento.

Toma

VIII.

Toma Ulyſſes a Circe entaõ nos braços,
E Telegonio, e diz: Tanto temia
Romper por eſtes ſoberanos laços,
De que goſava em quanto Deos queria,
Que deſtes ſuaviſſimos abraços
(De que minha fortuna me deſvia)
Fugia por temer que ſe chegaſſe
A vos deixar, que a vida alli deixaſſe.

IX.

Naõ ſe ſabe apartar quem ama, e pena,
E quem niſto he mais fraco, eſte he mais forte;
A dor da meſma morte he mais pequena,
Que quem morre, melhora muito a ſorte:
Quem morre, acaba o mal, que toda a pena
Dura co' a vida, ſem paſſar da morte,
Mayor pena padece o que eſtá auſente,
Pois morre de ſaudade, e morto ſente.

X.

Em quanto os dous amantes aſſim eſtavaõ
Enganando as ſaudades da partida,
Tambem aos ſeus as Damas eſcutavaõ
Magoas da rigoroſa deſpedida:
Egiale, e Leoſtenes ſe abraçavaõ,
Androgeo, e Ericia, a quem a vida
Tinha entregue, o meſmo Penopea
Faz a Philemo, e a Palemo Alphea.

Só

XI.

Só Dimantes, que tem por gentileza
Ser diamante, a Polibio naõ conſente
Lagrimas, e ſaudades, que ſe preza
De que nenhuma pena, ou magoa ſente:
A variedade honra a natureza,
Lhe diz, e naõ te canſe amigo auſente
Deixarme, que de mim terás notado,
Que me naõ dá cuidado algum cuidado.

XII.

Ficava Circe, Ulyſſes ſe partia,
Que co' pranto acendia ſeus furores,
Vaite inimigo amado, lhe dizia,
Minhas penas dobrando, e meus temores:
E como quando ao mar inclina o dia,
As ſombras ſobre a terra faz mayores,
Aſſim n'alma de Circe, que ficava,
A ſombra da triſteza ſe dobrava.

XIII.

O anno novo, bello, e florecente
Junto á idade juvenil andava,
Quando Aſtrea co' as noites juntamente
Na aurea balança os dias igualava:
A inimiga do dia diligente
A terra em roda, e ares occupava,
E a ſeu pezar o Sol, que em torno gira,
Vinha abrazando os campos de çafira.

Já

XIV.

Já da Saturnia Heſperia vaõ ſahindo
As naos ligeiras com alegre vento,
Co' as levantadas proas dividindo
A creſpa prata do humido elemento:
Quando fora das aguas ſacudindo
A cabeça Neptuno: Oh fraudulento
Ulyſſes, diz, permitte o Ceo ſereno,
Que ares a meu pezar o mar Tyrrheno!

XV.

Eſpera: e naõ diz mais de impaciente,
E ſobre as molles ondas, que pizava,
Eſgrime furibundo o graõ tridente,
E o mar vendo-o enojado ſe encreſpava:
Colhendo a Armada o vento brandamente
A' viſta de Parthenope paſſava,
Vê logo o Tybre entrar no mar profundo,
A cujo imperio ha de ajoelharſe o mundo.

XVI.

Com proſpera bonança vaõ paſſando,
Quando o Piloto vê ſobre a cabeça
As carregadas nuvens, que voando
Vaõ no mais alto do ar com grande preça:
Hiaõſe os horizontes abafando,
Cruzaſe o mar, nas ondas ſe atraveça
A grande Capitania, que recebe
Co' a proa o groſſo mar, que arfando bebe.

Diſſe

XVII.

Diſſe o Piloto: Amaina a grande vella,
Que logo os marinheiros vaõ colhendo,
Quando do alto deſce a graõ procella,
Todo em montanhas de agua o mar erguendo:
Os ventos conjurados a vencella
Sopraõ, as vellas concavas rompendo,
E batendo por hum, por outro lado,
Quer dentro introduzirſe o mar ſalgado.

XVIII.

Mais aſpera fortuna exprimentava
Cada huma das naos da companhia,
Que poſto hum monte noutro o Ceo tocava;
E ao centro profundiſſimo deſcia,
De negra ſombra o ar ſe coroava
Por maõ da noite, que do Ceo cahia,
E o vento alma das nuvens nova guerra
Movia, dando aſſalto ao mar, e á terra.

XIX.

Nas entranhas do mar em graõ planura
Se vê hum edificio levantado
De rara, e excellente architectura,
Pela famoſa Thetis fabricado:
Os altos corucheos de prata pura
Carregaõ ſobre jaſpe bem lavrado,
Do portal a ſoberba fronte admira
Cortado de finiſſima çafira.

Na

XX.

Na quadra mais alegre, e mais ornada,
Que eſtá na melhor parte do apoſento,
Das bellas Ninfas Thetis rodeada
Seu nobre eſtrado tem, ſeu rico aſſento:
Nereas alli eſtaõ, que por eſtrada
Incognita, e occulto movimento
O puro humor á terra comunicaõ,
Com que os campos florecem, e frutificaõ.

XXI.

Das mais Ninfas, que aſſiſtem, huma ſe via
Dançar pulſando as cordas docemente,
Outra, que a prata, e ouro em roca fia,
E em conchas colhe a perola excellente,
Qual do fundo o coral moſtrava ao dia,
Que logo endurecer ao Sol ſe ſente,
E qual da area aparta o peregrino
Graõ eſtimado do metal mais fino.

XXII.

Saõ nos roſtos formoſos parecidas
Como irmãs, mas diverſas no cabello,
Que hum he louro, outro verde, ſe eſparzidas
Suas bellas tranças vaõ no corpo bello:
D'um delgado cendal andaõ veſtidas,
Que acende mais a deſejar de vello,
Thetis as chama, e ellas, que a ouviaõ,
Todas a obedecella concorriaõ.

Thetis

XXIII.

Das alteradas ondas alterada
Thetis temia, vendo offerecida
A' braveza do vento a Grega Armada,
Que seja por Neptuno destruida:
Lembralhe o seu Achilles, e a passada
Historia de Peleo, e enternecida
De ver taõ grande dano, e tanta mágoa,
Falla ás Ninfas c'hum mar nos olhos de agoa.

XXIV.

Vedes, doces amigas, como o fero
Boreas, e Euro se mostraõ alterados,
E os meus Gregos perecem, que hoje espero,
Que por vós haõ de ser remediados:
Que o furor lhe amanseis, amigas, quero,
Sey, que de vós andaõ namorados,
E nas mostras da vossa gentileza
Logo lhe ha de esquecer toda a braveza.

XXV.

Já sobre as ondas Thetis vay subindo
Com Doris, Symodoce, e com Thalia,
Descubria Anfitoe o gesto lindo,
E o azul de seus olhos Lemnoria:
Na belleza, e na graça competindo
Galatea, Panope, e Oritia,
Larga o cabello ao vento Dinamene,
Que pela eburnea maõ toma a Climene.

XXVI.

Sobre a prata das ondas deixa Doto
Nadar do creſpo ouro as tranças bellas;
E os olhos verdes deſcubria Proto,
Que ſaõ do mar azul verdes eſtrellas:
Boreas, e Euro, e o valente Noto
Manſos ficaraõ todos ſó de vellas,
E a bella Doris, a quem Noto amava,
Mais que nunca rendido aſſim fallava:

XXVII.

Póde, Doris, a pura claridade
De teus olhos azues n'hum ſó momento
Lançar duros grilhoens á tempeſtade,
E o furor aplacar do bravo vento:
Para nunca ſahirte da vontade,
A minha atada tens, e o penſamento
Para naõ querer mais, que ſó quererte;
Nem ver mais gloria, que a que tenho em verte.

XXVIII.

Se queres, lhe diz ella, que te crea,
Que me ſerves com fé limpa, e ſegura,
Deixa o furor, que amor ſempre ſe arrea
De ſuaves effeitos de brandura:
Noto lhe torna: Se achas couſa fea
Eſta dureza, tu porque es taõ dura?
Que vejo, que es, ó Ninfa fugitiva,
Pedra inſenſivel naõ, mas pedra viva.

O

XXIX.

O molle campo azul do mar ſalgado
O azul dos olhos teus tranquillo veja;
As ondas ceſſem, durma o vento irado,
Diante de teus pés proſtrado eſteja,
Que eu folgarey que tudo eſtê callado,
Porque de ti melhor ouvido ſeja,
Que ſuave me ouças, e reſpondas,
Sem deſculparte c'o rumor das ondas.

XXX.

Quando, Doris cruel, terás lembrança
Se do amor naõ, ao menos do meu dano;
Pois traz deſta amoroſa confiança
Vou enganando apos hum anno outro anno:
Mas como vence aos males a eſperança,
Temo que a eſta fé vença o deſengano,
Buſcando, aſſim enganado do que eſpero,
O mal, que naõ queria, o bem, que quero.

XXXI.

Dáme eſſa bella maõ, Ninfa preſtante,
Que por eſcravo, e por eſpoſo peço,
E prendeme neſſe ouro rutilante,
Que aos cabellos do Sol roubaõ ſeu preço:
Naõ peço muito, pois ſou muito amante,
Que nunca em grande amor ha grande exceço;
E ſe iſto he exceſſo, amor exceſſo he todo,
Que he modo amor, que nunca teve modo.

XXXII.

Grande prazer, diz ella, Noto amigo,
Me farias, ſe as Gregas naos tomaſſes,
E ſalvando-as do mar, e do perigo,
A porto alegre, e proſpero as levaſſes:
Teu goſto, lhe replica, ó Doris ſigo,
Baſta que aſſim o quizeſſes, e mandaſſes;
E ſó me canſa agora obedecerte,
Porque me obrigas a deixar de verte.

XXXIII.

A ſoccorrer as naos Noto caminha,
Em quanto Euro aos pés ſe debruçava
Da bella Galatea, que o detinha,
Que ſó com vella as furias amanſava:
Solto o cabello pelos hombros tinha,
Onde o vento ſutil ſe embaraçava,
Podendo competir qual he mais bello
Prata, e ouro, do corpo, e do cabello.

XXXIV.

Euro lhe diz: O' minha branda amiga,
Em cuja viſta, e viva claridade
O ar ſe adorna da pureza antiga,
E foge a rigoroſa tempeſtade:
Conſente, ó bella Ninfa, que te diga
O que trago ha mil dias na vontade,
Que quero neſta dor para ſoffrella
Contar o que padeço á cauſa della.

Neſſe

XXXV.

Neſſe ouro creſpo ao vento deſparſido
A minha ſolta liberdade ſe ata,
O Ceo vejo em teus olhos recolhido,
De que auſente me trouxe a ſorte ingrata,
Nelles o vivo fogo anda eſcondido,
Onde a viſta dos meus ſe acende, e mata,
E aſſim venho a eſtimar no mal, que ſigo,
Por premio a morte, a vida por caſtigo.

XXXVI.

Amor em teu amor me purifica,
Porque mereça o bem de meu tormento,
Novo altar em minha alma te edifica,
Onde ſe adora o teu merecimento:
Meus deſejos leaes te ſacrifica
A fé por maõ do altivo penſamento,
Ou me dá vida, Galatea ingrata,
Com teu favor, ou por favor me mata.

XXXVII.

Galatea, que iſto ouve, reſpondia:
Naõ me tenhas por dura, e te prometo
De ouvirte até que eſconda o claro dia
Entre eſtas ondas o paſtor de Admeto,
Recolhe as naos da Grega companhia
Por me dar goſto agora, e eſte inquieto
Mar ſe ſocegue; e o meſmo a Boreas pede
Lemnoria formoſa, elle o concede.

Logo,

XXXVIII.

Logo os ventos deixando a coſtumada
Braveza, ſobre as ondas ſe eſtendiaõ,
Juntaõ as divididas naos da Armada,
Que entre a furia dos mares pereciaõ,
A' Capitania rota, e quebrantada
As delicadas Ninfas acudiaõ,
Todas concorrem para o meſmo effeito
Pondo no duro pinho o brando peito.

XXXIX.

Logrando eſta bonança refazia
A enxarcia deſtroçada, as rotas véllas
O forte Grego, e quando o novo dia
Dava no prado vida ás flores bellas,
E a clara luz cegando a noite fria,
Lhe faz cerrar os olhos das eſtrellas,
As naos colhendo os ventos, que ſopravaõ
No mar, as grandes azas deſpregavaõ.

XL.

Ouve de Scylla o rouco brado horrendo;
Que atroando os maritimos lugares,
Nas voragens, e fauces recebendo,
O mar bramindo torna aos negros ares,
E as ondas amariſſimas bebendo.
Charybdis com tal furia os groſſos mares
Arroja, que das gotas eſpalhadas,
Se vem o Ceo, e eſtrellas rociadas.

A'

XLI.

A' vista de Peloro Siciliano
Junto da costa a Armada atravessava,
Na arvore se pegava o solto pano,
E o mar c'o vento apenas se encrespava:
Quando soava hum canto soberano,
Que os socegados ares regalava,
E a graõ suavidade, e melodia
Pelos ouvidos a alma suspendia.

XLII.

Fóra das ondas as cabeças tinhaõ
As formosas Sereas, e largando
As vozes suavissimas detinhaõ
O vento fero por ouvillas brando:
As naos, como animadas, naõ caminhaõ,
Esta sonora musica escutando,
Que rémora naõ ha, que possa tanto,
Que iguale a força de hum suave canto.

XLIII.

Manda arribar Ulysses, e varrendo
O negro pinho os mares socegados,
As Ilhas Estoechades vencendo,
Vê de Nisea os montes levantados:
Já as correntes do Rhodano bebendo
Massilia passa, vendo os congelados
Montes, onde enterrada Pyrene,
Que em vaõ abraza o filho de Clymene.

Vaõ

XLIV.

Vaõ pelo alto, e ſocegado argento
Lavando o mar as fayas encurvadas,
Rompendo as proas com furor violento
De Thetis pura as liquidas moradas:
Dos monſtros de Protheo o immundo armento
Se eſconde nas cavernas mais guardadas,
Das vellas, e das arvores a ſombra
Do ceruleo Neptuno o reyno aſſombra.

LXV.

Paſſava o grande Ibero, e Gaditano
Eſtreito, aonde achou o fim famoſo
De ſeus trabalhos Hercules Thebano,
E Atlante o Ceo ſuſtenta luminoſo,
Adonde Abila, e o Calpe do Africano
Imperio Europa apartaõ, pelo undoſo
Seyo pondo altas portas, e limite
A's terras com ſuas ondas Amfitrite.

XLVI.

Tinha a noite com ſeu confuſo manto,
De eſtrellas, e planetas guarnecido,
Cuberta a eſfera luminoſa, em quanto
Paſſava a Armada o eſtreito taõ temido:
Quando o Piloto com terror, e eſpanto,
O' Jupiter, dizia, esclarecido,
Que ſombra he a que vejo taõ pezada,
Fatal ruina deſta grande Armada?

Logo

XLVII.

Logo hum robuſto corpo apparecendo
No ar, co' a alta cabeça o Ceo tocava,
De victorioſa rama a fronte erguendo
Coroada, arrogante, altiva, e brava:
Veſtida a pelle de hum leaõ horrendo,
Na maõ direita huma pezada clava,
Negras ſombras, e eſcuras o cercavaõ,
Que o ar de horror, e medo carregavaõ.

XLVIII.

O enredado cabello, e retrocido
Em anneis ſobre o hombro lhe deſcança,
E o reſplandor do roſto eſclarecido
Abre á ſombra co' a luz, que aos ares lança,
C'hum tom da voz horrendo, e deſabrido,
Que atemoriza a tudo quanto alcança,
Começou a fallar, e n'hum momento
Se abre o Ceo, calla o mar, e ceſſa o vento.

XLIX.

Quem es, ó atrevido, que com tantas
Naos eſtes mares nunca navegados
De fayas medes com ligeiras plantas,
Com chaves immortaes d'antes fechados?
As colunas fortiſſimas quebrantas,
Termos, que puz aos mares levantados,
Que Neptuno venera, e quando paſſa,
Lhe beija os pés, e com reſpeito abraſſa?

Dei-

L.

Deixa o caminho, navegante insano,
Que além desta, e da opposta alta coluna
Naõ se vê mais que o Ceo, e o Oceano,
Theatro das tragedias da fortuna:
Muda de intento, colhe o solto pano,
Deixa a fadiga barbara, e importuna,
Se naõ buscas no mar tempestuoso
Sepulchro eterno de crystal undoso.

LI.

O Grego o ouve, a quem com voz tremante
Dizia: O' grande Cidadaõ celeste,
Tu es o que com animo constante
As fraudes de Euristeo vencer podéste?
Tu ao dragaõ Hisperio vigilante,
Centauros, e leaõ Nemeo venceste,
E tu as mesas de Fineo honraste,
Donde as Harpias sordidas lançaste.

LII.

O Cerbero prendeste, e por comida
Diomedes déste ás féras, que guardava,
Despojaste Acheloo vendo rendida
A Hydra, que as cabeças renovava:
Em teus braços deixou Antheo a vida,
E Caco, que os incendios vomitava,
Mataste o javali, e o rutilante
Globo tomaste descansando Atlante.

LIII.

Ulyſſes ſou do illuſtre ſangue Grego,
Que lavrando taõ largos mares venho,
E ás grandes portas do Oceano chego,
Sobre taõ fraco, e taõ caduco lenho:
No monſtruoſo Polifemo cego,
O graõ Neptuno, que offendido tenho,
Naõ quer, que em ſuas ondas quaſi abſorto
Buſque paz, ache vida, alcance porto.

LIV.

Tu, grande excelſo nume, e ſempiterno,
Que iſto vês, me ſoccorre, e o mar ſerena,
Acabe a vida, ou o trabalho eterno,
Que em mim tem reſiſtencia taõ pequena:
Tragueme o bravo mar, abraze o inferno,
Acabe em tanta pena minha pena,
Que já paſſado tem meu ſentimento
Todo o termo, que tinha o ſoffrimento.

LV.

Vi Cycones, Lotophagos, e undoſos
Mares, graves tormentas repentinas,
Duras mortes, e caſos prodigioſos,
Deſuſadas viagens peregrinas:
Vi rayos, vi incendios temeroſos,
Nas ondas de Neptuno altas ruinas,
Que ſó contra mim ha no mar, e eſtrellas
Ruinas, rayos, mortes, e procellas.

Man-

LVI.

Mandame o Ceo buſcar aquella parte,
Que o Sol com ſua immenſa claridade
Ultima vê, quando de nós ſe parte,
Para erguer com eterna mageſtade
A Cidade belligera, que a Marte,
Inimigos, e a longa eternidade
Ha de vencer pelo humido caminho,
Dando a eternos heroes eterno ninho.

LVII.

Neſtes annos de minha vida breves
O fim deſte diſcurſo ver tomara,
Tu ampararme, grande Alcides deves,
Que aquelle he grande, que ao affligido ampara:
Alcides ſe enternece, e torna leves
Os graves Ceos, e faz alegre, e clara
Nos campos do ar a noite, e do que ouvia
Hum pouco magoado lhe dizia.

LVIII.

Agora alcanço, ó Grego venturoſo,
Que tu es o que em annos florecentes
Cingirás o cabello victorioſo
Das invejadas ramas eminentes:
A Lisboa erguerás muro famoſo,
A quem beijando os pés com ſuas correntes
Lhe offerecerá o Tejo cryſtaes puros
Para famoſo eſpelho de ſeus muros.

Eſtes

LIX.

Eſtes trabalhos teus Protheo contava
Nos ſeculos paſſados, e dizia,
Que hum Grego neſtes mares ſe eſperava,
De que o grande Neptuno tremeria:
Que donde o Tejo ameno os campos lava,
Com gente de eſtremada valentia
De Atlante humilharia a altiva fronte,
Bebendo o Nilo em ſua propria fonte.

LX.

Em quanto aos hombros o alto Ceo ſuſtenta
Eſtá vendote Atlante perturbado,
Que ruina fatal lhe repreſenta
A tua viſta do Africano eſtado:
Tem ſabido que em Africa, que aquenta
O Sol com rayos, e calor dobrado,
Levantará com força mais que humana
Altos trofeos á gente Luſitana.

LXI.

Vê que o grande Joaõ co' eſtoque agudo,
Onde da gloria a nobre inveja o chama,
Paſſa dos ſeus diante como eſcudo
Rendendo a forte Ceita ſó co' a fama,
Onde fará correr do Mouro rudo
Rios ao mar de ſangue, que derrama,
Quando tanta cabeça vir cortada
Do invicto braço ſeu, da invicta eſpada.

Te-

LXII.

Teme que ainda Ceita o celebrado
Ninho ha de ſer dos claros deſcendentes
De Noronha, de lanças fabricado
Por lenhas odoriferas, e ardentes,
Aonde hum Fenix, e outro renovado
Com obras peregrinas, e excellentes
Daraõ, enriquecendo ſua memoria,
Alta materia a ſoberana hiſtoria.

LXIII.

Teme q̃ hum grande Henrique, e q̃ hũ Fernando
Entraraõ pela terra Tingitana,
Feitos illuſtres co' a eſpada obrando,
Deſmentindo o poder, e a força humana:
Teme que lá em Arzila devaſtando
Mulei Barraxe o campo, o deſengana
Dom Joaõ, que ſe oppoem com pouca gente,
E os Mouros rompe, que he leaõ rompente.

LXIV.

Teme que o meſmo Dom Joaõ querendo
Entrar co' de Tarouca taõ temido,
De Fez o Rey lhe fugirá tremendo,
De dous Martes honrado, e perſeguido:
O porto de Larache abrindo, e vendo,
O graõ Ferrobo abrazará atrevido,
E de Azamor com animo ſeguro
Arrazará co' a viſta o forte muro.

Teme

LXV.

Teme que hum Ataide illuſtre, e forte
Verá Tedneſt rendido, e profligado
De Marrocos o exercito, que a morte
Evita no fugir acelerado:
Teme do graõ Duarte a illuſtre ſorte,
Que a Tangere do Mouro já abrazado
Suſtentará, e que Azamor cahido,
Será do grande Jaime defendido.

LXVI.

Vê de Alcoutim o Conde, a quem o peito
Honroſo fogo de alta gloria inflama,
Vê de hum Ceſar o feito nunca feito,
Que vencerá dos Ceſares a fama:
Obrado neſte eſtreito, a quem he eſtreito
Todo o eſpaço, onde o Sol ſua luz derrama,
E hum Maſcarenhas, e outro ſoberano
Novo Heitor, novo Achilles Luſitano.

LXVII.

Com razaõ teme Atlante que ſe veja
A coſta debellada Tingitana,
Que naõ entres no Oceano deſeja,
E naõ toques a praya Luſitana:
Quando naõ produz odio, ou vil inveja,
He eſteril a virtude ſoberana,
Que o valor, e virtude preeminente
Preſente deſagrada, amaſe auſente.

LXVIII.

Naõ diſſe mais, e a ſombra, que ſe via
Levantada no ar, qual grande torre,
Repreſentando que no mar cahia,
Deſce do alto, e pelas ondas corre:
Ulyſſes que huma dor grave ſentia,
Co' pavor, que até os oſſos lhe diſcorre,
Pegada a voz ás fauces, levantava
A viſta ao Ceo, e a Jupiter fallava.

LXIX.

Circulos immortaes que arrebatados
Deſſe primeiro, e eterno movimento,
Em diſcordia ſuave concertados
A's leys obedeceis do firmamento:
Eſpritos, que dos orbes eſtrellados
Sois almas, que infundis divino alento,
Fallai co' as linguas do ſilencio mudo,
Tudo falle por mim ao Autor de tudo.

LXX.

Oh grande Amon, que a eterna monarchia
Tens num, e noutro Ceo, onde a formoſa
Tocha do bello Sol autor do dia
Alumia eſta machina luſtroſa:
Tu que as ſombras da noite eſcura, e fria
Honras com pregadura taõ cuſtoſa
De eſtrellas, e planetas rutilantes,
Que tanto excedem lucidos diamantes.

Naõ

LXXI.

Naõ permittas, que as ondas temeroſas,
Com que vimos té o centro o mar aberto,
E dos ventos as bocas eſpumoſas
Nos impidaõ gozar do porto incerto:
De Hyperia ſobre as prayas arenoſas
Perdidos nos ſalvamos por acerto,
Ajudados da força ſoberana,
Que ſem o Ceo naõ val induſtria humana.

LXXII.

Já da triſte viſaõ nada apparece,
Da qual todos ficaraõ perturbados,
E atraveſſando o eſtreito lhes parece,
Que a mayores perigos ſaõ chegados:
A noite foge, o Sol formoſo crece
Sobre os mares lançando os abrazados
Rayos, que o grande tanque ſoberano
Illuſtraõ do vaſtiſſimo Oceano.

LXXIII.

Veſtioſe o ar de graõ ſerenidade,
Que d'antes negro, e carregado eſtava,
Com as nuvens foge a ſolta tempeſtade,
E os chuveivos, que Noto ameaçava:
Razas as ondas vaõ, que a ſuavidade
Do vento a agua apenas encreſpava,
E com graça mayor, do que coſtuma,
Encanecia o mar de branca eſcuma.

LXXIV.

Dizia entaõ Creonte: Aqui ſe encerra
O que diſſe Protheo da ſorte avara,
Pois ſem deſcanſo achar, e amiga terra,
A roda deſtes males nunca pára:
Quaõ mais ditoſo fora quem na guerra
Comſigo ſeus trabalhos encerrara
Dentro na anticipada ſepultura,
Que he morte a vida ſe entre os males dura!

LXXV.

Aquelle, que atrevido o pinho leve
Poz nas ondas dos ventos agitadas,
O coraçaõ tres vezes de aço teve,
E de bronze as entranhas fabricadas:
Que de Boreas, e de Africo ſe atreve
Provar a luta, e forças indomadas,
Quando da eſpeſſa nuvem o ſeyo abrindo,
Rebentaõ no ar graves trovoens bramindo.

LXXVI.

Os mares acomete o atrevido
Nauta, que a fronte eſcura vê cuberta
Do monte Acroceraunio, e no bramido
De Cauro a tempeſtade tem por certa:
Aos perigos da terra os do temido
Mar ajuntou a gente pouco experta,
Com alma da ambiçaõ leve enganada,
Oh gente humana em teu perigo ouſada.

LXXVII.

O claro Betis, o Ana caudaloſo,
E o ſacro promontorio já dobravaõ,
E com Favonio alegre o ſeyo undoſo
Da Luſitana coſta navegavaõ:
Para onde o Tejo paga ſeu famoſo
Tributo, as leves proas ſe inclinavaõ,
Levando ao mar riquiſſimo theſouro
De prata as aguas, e as areas de ouro.

LXXVIII.

Huma garça do Tejo ao ar ſe erguia,
Que o vento na preſteza atraz deixava,
E como que a queixarſe ao Ceo ſubia,
Ao fogo as leves penas arriſcava:
A que huma aguia real detraz ſeguia,
Que em voltas por chegarlhe ſe apreſſava,
Levando ſempre a viſta firme, e prompta
Na garça, que entre as nuvens já remonta.

LXXIX.

Depois de em largos gyros ter cortado
Os diafanos ares vem deſcendo,
Como hum rayo de Jupiter alado,
A garça as brancas azas encolhendo:
A que a aguia por hum, por outro lado
C'os cerrados encontros o ar rompendo,
Inſtando opprime, e com furor afferra,
Onde era o fim da vida o fim da guerra.

LXXX.

Vendo Ulyſſes o caſo aos ſeus gritava:
Aqui, amigos, ſe acaba o graõ caminho,
Com que d'hum fado n'outro nos levava
Boreas, varrendo o mar c'o negro pinho:
Para eſte porto o fado nos guiava,
Aqui alcançamos deſejado ninho,
Que eſtes ſinaes, que vejo mo declaraõ:
A que todos com vozes acclamaraõ.

LXXXI.

Cada qual do trabalho ſatisfeito,
Que tem paſſado, eſtá ledo, e contente,
O Tejo ás naos canſadas punha o peito,
Que atraz da popa murmurar ſe ſente:
Chegaraõ aonde em dilatado leito
Emula ao mar ſe eſtende a graõ corrente,
E cada huma das naos qual mais ligeira
A proa pega na humida ribeira.

LXXXII.

Deſcanſaõ nas amarras, e procura
Sahir a gente em terra alvoroçada,
A area beija, e bebe a fonte pura
Nas maõs por alvas pedras derivada:
Aſſentaõſe contentes na verdura,
Onde o prado lhe faz verde almofada
Junto das fontes, onde ſeus licores
Bebem avidamente hervas, e flores.

Como

LXXXIII.

Como verdes doceis, os levantados
Boſques davaõ repouſo ás brandas aves;
Que eſpalhando queixumes namorados,
Leves fazem da calma as horas graves:
Chovem das folhas ſonos ſoſſegados,
Que perturbavaõ Zefiros ſuaves,
Entre as hervas parecem ſerpes vivas
De cryſtal puro as lynfas fugitivas.

LXXXIV.

Aqui hum paſtor de venerando aſpeito,
Que o gado neſte monte apaſcentava,
Nos annos grave, a quem no largo peito
A copioſa barba deſcanſava:
A's perguntas, que Ulyſſes tinha feito
Da terra, e por que Rey ſe governava,
Lhe diz: Aqui ſe eſtende o mar profundo,
Onde da agua começa o mayor mundo.

LXXXV.

Aqui de Luſitania he graõ cabeça,
Donde paſſar naõ ſaberá o deſejo,
Aqui a terra ſe acaba, o mar começa,
Aonde ſeu nome perde o doce Tejo:
Que para que com o Lethe ſe pareça
Nos ares, na freſcura, no ſobejo
Mimo de terra, quantos o beberaõ
De tudo o mais do mundo ſe eſqueceraõ.

Por

LXXXVI.

Por Gorgoris o Reyno he governado,
Que o ama, ſem queixarſe de opprimido
De outro poder mayor, nem he vexado
Do tributo com traças admittido:
Com duas canas diante acompanhado
Dos ſeus amado ſahe, e ſahe temido,
Quem quer que o temaõ por injuſtos modos,
Quando todos o temem, teme a todos.

LXXXVII.

De Jupiter he neto, porque eſtando
Na torre Danae donde a recolhia
Achriſio, num orvalho alegre, e brando
Convertido o graõ Jupiter deſcia:
Daqui Perſeo naſceo, Danae cortando
Co' filho o mar por deſuſada via,
A Italia veyo em braços de Neptuno,
Onde a quiz por eſpoſa o graõ Piluno.

LXXXVIII.

Perſeo creſceo, e co' a fatal eſpada
Talares de Cilenio, eſcudo forte
De Pallas, a cabeça vio cortada
De Gorgona, que entrega á eterna morte:
Do ar pizando a regiaõ dourada
A Eſtella vio por peregrina ſorte,
A' terra deſce em lucidos talares,
Abrindo namorado os leves ares.

Gover-

LXXXIX.

Governava eſte Reyno o grande Abante
Da bella Cynthia eſpoſo, e pay de Eſtella
Dotada de hum angelico ſemblante,
Sobre os eſtremos de belleza bella:
Perſeo a vio, e amou, e neſſe inſtante
Porque lha nega o pay, quiz pertendella
Por armas, e co' eſcudo, que trazia,
A ſingular batalha o deſafia.

XC.

No Cynthio monte armado Abante eſpera,
Confiado em ſuas forças, e o valente
Perſeo deſcobre logo a imagem fera
No eſcudo, que cingia a graõ ſerpente:
Abante alheyo do que de antes era,
Em pedra dura transfomarſe ſente,
E os que neſte perigo o acompanharaõ,
Os membros em penhaſcos transformaraõ.

XCI.

Foy Eſtella por elle alli roubada:
Hymeneo, que lha dera por eſpoſa,
Aſſiſte ſem cothurnos, e apagada
A tocha d'antes clara, e luminoſa:
De Cynthia tomou Cintra celebrada
O nome, que em rochedos he famoſa,
Gorgoris naſce, e como a idade chega,
Perſeo ſe parte, e o Reyno ao filho entrega.

Por

XCII.

Por eſtes montes Gorgoris galhardo
Ao urſo, e javali fero arremete,
Sacudindo ligeiro o mortal dardo
De cima do belligero ginete:
Ao veado cornigero, ao pardo,
O animal mais feroz bravo acomete,
He no rio, e nos montes fatigada
A veloz garça, e a perdiz pintada.

XCIII.

Eſte alto Rey, que excede em valentia
Ao forte Alcides, vence juntamente
Ao ſeu valor na branda cortezia,
Mais que na lingua em obras eloquente:
Sendo diſto aviſado elle viria
Regalarvos, e a toda a Grega gente,
Que ſempre ás naos, que porto aqui tomaraõ,
Nelle favor, e acolhimento acharaõ.

XCIV.

Ceſſou, e o monſtro, que as eſtrellas toca,
Que com mil olhos vê, mil pennas voa,
Que adquire forças caminhando, e troca
Em varias fórmas tudo o que apregoa:
Applicando ao metal ſonoro a boca,
Que deſte polo ao mais remoto ſoa,
Tinha já publicado como a Armada
Eſtava ſobre as ancoras fundada.

Já

XCV.

Já Gorgoris a gente preparava
Por ver as naos, que ao porto tem chegado,
E a pequena Cidade ſe alterava,
Donde ſahia de armas rodeado:
Quando com Leoſtenes encontrava,
Que do Grego fortiſſimo enviado
Os diſcurſos, e os erros lhe declara
Dos mares, por que Ulyſſes navegara.

XCVI.

Elle, que as cauſas na memoria tinha
De amar a Ulyſſes, deſce da alta ſerra,
E alvoroçado pelo ver caminha
A offerecerlhe o porto, e propria terra:
Encontra o Grego, que a buſcallo vinha,
Tornaſe em paz a imaginada guerra,
Daõſe os braços, e as maõs, e do que via
Ulyſſes obrigado lhe dizia.

XCVII.

Já dos trabalhos, que paſſado tenho,
Me eſqueço para os dar por bem paſſados,
Pois por elles a voſſas terras venho
Para favores receber dobrados:
Os mares, que ſulquei no fraco lenho
Entre o rigor dos ventos indomados,
Me ſeriaõ ſuaves, ſe cuidara,
Que a fortuna a eſte porto me arrojara.

Ha

XCVIII.

Ha muitos annos, Gorgoris dizia,
Que vos venero só por nome, e fama,
Que ouvindo amor nos animos se cria,
Como por olhos por ouvidos se ama:
O que de Achilles, e de vós ouvia.
E de Troya já entregue á mortal flama,
Me acendia num fogo, e num desejo
De ir ver o Xanto, e de esquecer o Tejo.

XCIX.

Na regia sala a Ulysses esperava
Astrea com Calypso peregrina
No parecer, que os ares inflammava
Nos rayos de sua luz clara, e divina:
O paço de tapizes se adornava,
De Persico brocado, e seda fina,
As lavradas cadeiras poem diante
De evano, e puras linhas de elefante.

C.

A todos diz Ulysses: Justamente
Espero achar em vós favor, e amparo,
Podendome animar ser descendente
Do vosso mesmo sangue illustre, e claro:
Gerou Achrisio Jove, elle o valente
Laerte de Anticlea esposo charo,
Destes nasci, a quem o fado chama
Por trabalhos sem fim á immortal fama.

Vós

CI.

Vós procedeis de Danae, por quem dece
Jupiter namorado, e taõ rendido,
Que em graos de ouro por preço ſe offerece,
Do Olympo, e ſuas grandezas eſquecido:
Avô de ambos he Jove, e ſe conhece
Ter deſte illuſtre tronco procedido
Os grandes ramos deſta planta altiva,
Donde dos dous o ſangue ſe deriva.

CII.

Aſſentaõſe, e Ulyſſes levantando
A voz, que de Hybla os favos igualava,
As iras de Neptuno vay contando,
Que pelo cego filho executava:
De Circe o gazalhado, e como entrando
Nos campos infernaes, que a Eſtige lava,
Só por ver Anticlea aventurara
Ao Cerbero trifauce a vida chara.

CIII.

Pendem de ſua boca, em quanto conta
Da navegaçaõ larga o graõ perigo,
Doce a memoria faz da antiga affronta
Com graça nova, e com ſaber antigo:
Calypſo (que com a alma, e viſta pronta
Tecendo hum labyrinto eſtá comſigo
Do que ouve ao Capitaõ grave, e eloquente)
Hum cego fogo nas entranhas ſente.

En-

CIV.

Entre as Reaes peſſoas aſſentado
Ulyſſes ſe enlevava no que via
Da formoſa Calypſo, que a ſeu lado
Mais formoſa que o Sol lhe parecia:
Nos olhos ſe encontravaõ, e alterado
O coraçaõ na viſta ſuſpendia,
Deſcubrindo o que ſente no que calla,
Que amor he mudo, e pelos olhos falla.

CV.

Era gaſtada a vagaroſa tarde,
E das eſtrellas lucidas cahindo
A noite eſcura vem lenta, e cobarde,
A ſombra as portas do temor abrindo:
Quando a formoſa ſala em fogos arde,
Hum novo, e claro dia repetindo,
Enchiaõ lautamente a regia meza
Os manjares com pompa, e com grandeza.

CVI.

Vencida a cea, ao Capitaõ famoſo
Perguntavaõ da guerra, e da victoria
As cauſas, porque o Ilyon poderoſo
Perdera a antiga, e peregrina gloria:
E do excercito Grego victorioſo
As batalhas, que tinha na memoria:
Por lhe dar goſto o Grego referia
Com grave, e branda voz, e aſſim dizia.

ARGU-

# ARGUMENTO
## DO SEXTO CANTO.

*DE Helena o rapto a Gorgoris contava*
*O Grego, e grande Armada, que partia,*
*omo com Paris em duelo entrava*
*Atrida, a que Acidalia defendia:*
*como Rheſo a ſoccorrer chegava,*
*com Heytor Achilles combatia,*
*morte de Dolon, e como o duro*
*rego abrazou de Troya o forte muro.*

I.

QO' aquelle raro monſtro de belleza,
No mundo por deſgraças affamado,
Que de Leda, e de Jupiter ſe preza
Menelao, diz Ulyſſes, foy caſado:
De cuja viſta a liberdade preza
aris contente vio amante, e amado,
Que Venus quiz moſtrarſe agradecida
)a ſentença, que deo por ella em Ida.

Ella

II.

Ella formoſa, Menelao auſente,
Em huma nao, que tinha aparelhada
Paris a Helena leva occultamente,
Huns dizem, que por goſto, outros forçada:
Já o filho de Atreu, que a injuria ſente,
Agamenon convoca, e n'huma Armada,
Que debaixo eſcondia o mar Egeo,
Parte, e com elle o filho de Peleo.

III.

Em mil armadas naos o acompanhavaõ
Os povos de Boecia, e Panopea,
Os de Daulida, e Criſia, e os que goſtavaõ
Do famoſo Ceſiſo a fertil vea:
Os que a fonte Lilea povoavaõ,
E os da famoſa Euboya, e Eritrea,
Que ſaõ os que ha de mais valente peito,
Do ponto Euxino até o Herculeo eſtreito.

IV.

De Thirintia, e de Herminia a forte gente,
E c'os Argivos os de Eſparta, e Faro,
E os que bebem de Amiclas a corrente,
E de Trios ameno o cryſtal claro:
De Troiſe, e de Pidauro juntamente,
Da forte Egina o lavrador avaro,
E os de Helle, onde já foy navegante
Helle, que á eſpoſa foge de Atamante.

Ver

V.

Vem os de Creta, e Rhodes valeroſos
Myrmidones, e os de Ithaca, que eu chamo;
Que he terra, e gente minha, que os famoſos
Soldados ſeguem de Egilipe, e Samo,
Os Arcades, e Etolios generoſos,
A que orna a teſta o victorioſo ramo;
Que he pouco todo o liquido elemento
A tanta faya, a tanta vela o vento.

VI.

Partio a groſſa Armada, e hia cubrindo
O mar, que hum grande boſque parecia,
A azul eſpalda de Neptuno abrindo,
Já a terra a pezada ancora mordia:
A gente ſahe na praya, o Sol ferindo
Nas armas, repreſenta o ar, que ardia,
Campo de fogo, e a gente, que marchava,
No eſtrepito hum trovaõ, que atraveſſava

VII.

Todos deſembarcámos n'hum momento,
Os cavallos aos carros ajuntámos,
E pelo largo campo ao leve vento
As alegres bandeiras deſpregámos:
Cercaõ vallos o grande alojamento,
Veſtem tendas o campo, que occupámos,
O Xanto geme, as terras emmudecem,
E da alta Troya os muros eſtremecem.

Jun-

VIII.

Junto de Troya hum pouco ſe levanta
Hum eminente paſſo, donde tinha
Exploradores Priamo, que eſpanta,
O eſquadraõ, que talando as terras vinha:
Eſtes lhe dizem, como a gente he tanta,
Que inunda os largos campos, e caminha
Para ſeus muros; e do grave eſpanto
Atonito de a ver ſe pára o Xanto.

IX.

Bem como o lavrador, que da ſemente
Os graves ſulcos tinha enriquecido,
Vendo o rio inundar, e que a creſcente,
Tem já ſuas verdes margens excedido,
Contempla do alto a rápida corrente
Do rio pelos campos eſtendido,
E vê, que affogará qualquer tardança
Da verde terra a fertil eſperança.

X

Tal dos ſeus eſtá Priamo cercado,
Com que eſte grave aperto conferia,
Hum vota ſem alento, e perturbado,
No roſto a outro o coraçaõ ſe via:
Naõ ſoffre dilaçoens tempo apertado,
Antenor ſabio, e velho lhe dizia:
Co' as armas recebamos o inimigo,
Entrando todos no commum perigo.

XI.

Ao uſo de Bellona offerecido
á naõ abria a terra o ferro duro,
Em forte lança, e eſpada convertido,
Em elmo, e peito lucido, e ſeguro:
A fouce, e antigo raſtro, que eſcondido
Eſtava na ferrugem, limpo, e puro
Sahe para ver o Sol reſplandecente
Com nova fórma da fornalha ardente.

XII.

Ordenaſe, que o grande Heytor tomaſſe
A redea, e Capitaens comſigo eleja,
Que repartiſſe as hoſtes, e ordenaſſe
O campo, e déſſe o modo da peleja:
Que os de Dardania Eneas governaſſe,
E acompanhado neſte officio ſeja
De Archiloco, e Achamas cavalleiros,
Ambos de eſtranha força, ambos guerreiros.

XIII.

Que a forte gente, que da fertil Ida
Sahio até a ribeira celebrada
De Eſopo pelas armas taõ temida,
Seja do forte Adreſto governada:
A quem do pay Precopio a conhecida
Morte (que he ſabio) foy prognoſticada,
Sem o mover do intento, que forçado
Pelos cabellos o arraſtava o fado.

XIV.

De Arisbe, Ceſto, e Abido a dura gente
O valente Hyrtacides governava,
Que os cavallos, que cria a Seelente
Ribeira, ferociſſimos domava,
Os Pelaſgos Hypoto, que a excellente
Lariſſa deo, que Pilio acompanhava,
Ambos filhos de Letho, e naõ tem conto
Os que Achamas trouxera do Helleſponto.

XV.

Como a guerra, e furor por pontos crece,
A gente popular, que o riſco via,
Diz a Paris, que injuſta acçaõ parece
Negar a Menelao o que pedia:
Outro diz, que a contenda ſó merece,
Que os dous provem ſeu braço, e valentia;
Que elles ſó façaõ a aſpera peleja,
E ao vencedor Helena o premio ſeja.

XVI.

Eſte concerto Paris naõ recuſa,
E a todos com valor ſe poem diante,
Por entre a multidaõ cega, e confuſa
Falla com voz compoſta, e arrogante:
O ignaro povo ſem razaõ me accuſa,
Que com eſpada, e coraçaõ conſtante
Nada temo, que ſabe o animo forte
Forçar eſtrellas, e vencer a ſorte.

XVII.

Já o duello os Gregos lhe pediaõ,
Paris ſe offerecia ouſadamente
A' duvidoſa ſorte, e já veſtiaõ
Sobre a tecida malha o arnez luzente:
Já Gregos, e Troyanos concorriaõ
No campo, que guarnece Marte ardente
De Capitaens, e de armas, que o cercavaõ,
Que alegre viſta, e horrida formavaõ.

XVIII.

Depois de aſſim o duello concertado,
O lugar da batalha ſe aſſinala,
Já tinhaõ varias rezes degollado,
E o cheiro de Pancaya o fogo exhala:
Menelao ante Jupiter proſtrado
Sua grave affronta com ſilencio fala,
Cada qual promettendo fé ſegura,
Por Febo intonſo, e Phlegetonte o jura.

XIX.

Concertaõ, que o que delles for vencido;
Ou vencer, com Helena juntamente
As joyas goze, ou torne a ſeu marido,
Segundo a ſorte for triſte, ou contente:
Paris as fortes armas tem veſtido,
E embraçado o eſcudo refulgente,
Com agulha a correa debuxada,
De que pendia a generoſa eſpada.

XX.

A celada compoem, onde se aperta
A famosa plumagem, que brotava
Da boca de huma serpe, que desperta
Nos olhos, como viva, scintilava:
Tem Menelao a colera encuberta,
Que n'alma a grave dor dissimulava,
Qual vendo o javali irado treme
O libré o forte, e por soltarse geme.

XXI.

Deo a Paris lugar primeiro a sorte,
Para ferir co' a lança ao inimigo,
Naõ quer Priamo ver taõ duro, e forte
Combate, e ao caro filho em tal perigo:
Que Paris vença, ou tenha honrada morte,
(Diz elle) ou caso adverso, ou fado amigo,
Naõ poderey ver transe taõ custoso,
Tudo em maõs deixo a Jove poderoso.

XXII.

Do campo se sahio, e levantando
O braço, Paris tira a grossa lança,
Menelao a recebe no dobrado
Escudo, onde ferindo ella descança:
A sua voa, e rompe o ar delgado,
E Paris affrontado da tardança,
Cuberto do escudo, com mór pressa
Contra o ferro inimigo se arremessa.

Já

XXIII.

Já cada qual dos dous a eſpada ardente
Moſtra nos duros punhos apertada,
Sobre elmo, ſobre eſcudo refulgente
Os golpes ſoaõ de huma, e d'outra eſpada:
Pariz ajoelhou, a que o valente
Menelao corre, e azindo da celada,
Arraſtando o levava, onde acabara,
Se Venus, que iſto via, o naõ guardara.

XXIV.

Huma forte correa, que o trazia
Já ſem alento, Venus lhe deſata;
Com elle n'uma nuvem ſe eſcondia,
Que ſobre o largo campo ſe dilata:
Da viſta foge, e Menelao, que via
Voar a nuvem em circulos de prata,
Acidalia conhece, que ao Troyano
A vida quiz ſalvar por eſte engano.

XXV.

Nas maõs lhe fica o elmo, e deſcontente
Com ira o rompe, e vinga a ſorte eſcaça,
Qual o touro feroz, que ao lado ſente
O que a deſafiallo entrou na praça,
Se a capa lhe deixou, corre vehemente,
E co' a teſta inclinada a deſpedaça,
Tal Menelao nas maõs tendo a celada
Lhe diz: Perjuros, que he da fé jurada?

Ferve

XXVI.

Ferve o concurſo, os campos ſe alteravaõ,
Huns, e outros com armas acodiaõ,
Huns o defendem, outros o accuſavaõ,
E o tumulto co' as vozes acendiaõ:
Os Gregos Capitaens com força inſtavaõ,
Que quebrarſe os concertos naõ podiaõ,
E entre eſta confuſaõ eſtá diante
Menelao victorioſo, e arrogante.

XXVII.

Já o Rey de Miſſena em toda a parte
Manda as tubas tocar, para que o ſiga
O Grego bando, e qual irado Marte
De Troya os muros a tremer obriga:
Sobre o carro veloz furioſo parte,
Que deſtramente guia o velho auriga,
Toma nas maõs a lança, e parecia
Hum cometa, que infauſta luz vertia.

XXVIII.

Qual no Ceo claro a autumnal eſtrella
Vence os denſos vapores refulgente,
Quando a medonha luz, que naſce della
Com males ameaça a mortal gente:
Aſſim o Gregõ neſta parte, e aquella
As eſquadras viſita diligente,
Vendo, ordenando, e abrazando tudo
Co' a luz medonha do temido eſcudo.

Mar-

XXIX.

Marchavaõ já as eſquadras ordenadas,
Como as ondas, que o bravo mar levanta,
Que humas ſuccedem a outras apreſſadas,
Té que na praya o rolo ſe quebranta:
E encontrando nas rochas levantadas,
Ferem com tal braveza, e furia tanta,
Que erguendo o mar eſcumas arrogante,
Moſtra que as ſerras quer levar diante.

XXX.

Os Gregos vaõ deſta arte arremetendo,
Moſtrando animos fortes, e guerreiros,
Honroſas mortes dando, e recebendo,
Onde deſejaõ todos ſer primeiros:
Aos que o lugar, e a vida vaõ perdendo,
Succedem no perigo os derradeiros,
Cahe Archidamo alli qual grande torre,
Que he o primeiro, que entre as lanças morre.

XXXI.

A eſte mata Anthiloco arrojando
A lança, que os delgados ares parte,
Que o bem dobrado eſcudo atraveſſando
Lhe paſſa o peito de huma, e d'outra parte:
No ar Creonte o braço levantando,
Que de ſeus tiros treme o proprio Marte,
Lançar a muitos faz de cada tiro
A alma envolta no ultimo ſuſpiro.

Logo

XXXII.

Logo o filho de Priamo galhardo
Antifo, para darlhe eſcura morte,
Animoſo vibrava o mortal dardo,
Que a Licaon levou a imiga ſorte:
Eu, que o via cahir, para o baſtardo
Antifo ardendo huma mortal, e forte
Lança arrojei, que na ſoberba fronte
Caminho abrio do altivo Archigeronte.

XXXIII.

O forte Diomedes neſte dia
Como hum leaõ correndo deſatado,
Pelas Troyanas lanças ſe metia,
Como ſe fora o campo deſarmado:
A Heytor buſcando, as hoſtes diſcorria,
Tendo o campo de corpos ſemeado,
Pandaro o via, e logo da encurvada
Lua ſoltava a dura ſetta ervada.

XXXIV.

Junto do hombro o fere, onde a armadura
Lugar ao golpe dava, mal ferido
Diomedes ſe conhece, que da pura
Pallas foy levantado, e ſoccorrido:
Nectar lhe applica, e co'a divina cura
Mais forte ao campo torna, e mais temido,
Salta no carro, que Niſiros guia,
Que ſeu pezo, e governo conhecia.

Ao

XXXV.

Ao atrevido Pandaro defende
Eneas em ſeu carro, onde ſeguro
Naõ eſtá de Tydides, que pertende
A vingança có' ferro, e braço duro:
A grave lança atira, os ares fende,
Até parar tingindo o ferro puro
No ſangue de Phegeo, que morto, e exangue
Vomita a vida no eſpumoſo ſangue.

XXXVI.

Já có' a eſpada na maõ do carro falta,
A que Eneas ſe oppoem no campo aberto,
Hum baixa a eſpada traz, outro a poem alta,
Hum deſcuberto o corpo, outro cuberto:
Fere a Eneas na perna, onde ſe eſmalta
De ſangue o verde campo, e tinha perto
Da vida o triſte fim, ſe Venus chara
Deſte grave perigo o naõ guardara.

XXXVII.

Elle, que nos enganos a conhece,
Contra Venus a eſpada ergue atrevida,
Correndo vay, e Venus eſtremece,
Que de hum golpe na maõ ſe achou ferida:
Deixando o campo já deſapparece,
E na ſala dos deoſes offendida
A Jupiter chorando o caſo conta,
E affrontada faz bella a propria affronta.

Mar-

XXXVIII.

Marte, ou foſſe movido de alta inveja,
A Diomedes ſe oppoz bravo diante,
Ou movido de amor antigo ſeja,
Com elmo ardente, e hombros de diamante,
Chamando o eſtá com vozes á peleja,
A que elle ſahe com coraçaõ conſtante,
E a groſſa lança cada hum deſpede
Com força deſigual, com igual ſede.

XXXIX.

Pallas, que a Diomedes acompanha,
De Marte a forte lança lhe deſvia,
E a de Tydides com huma furia eſtranha
Contra Mavorte pelos ares guia:
Toca de Marte o peito, e com tamanha
Força nas fortes armas o feria,
Que torna atras, ao ar reſurtem logo
Faiſcas, que acendiaõ Marte em fogo.

XL.

Os Troyanos canſados naõ podendo
Suſtentarſe no campo, as coſtas davaõ,
Vaõſe aos muros, e vallos recolhendo,
Donde dardos, e lanças arrojavaõ:
Heytor bravo na voz, na viſta horrendo,
Corrido de que os ſeus ſe retiravaõ,
De colera abrazado, de ira cego
Correr mil rios faz de ſangue Grego.

Aſſim

XLI.

Assim rindo a fortuna ora aos Troyanos,
Ora aos Gregos, as sortes variava,
Sustentando a guerra tantos annos,
A nenhuma das partes inclinava:
Que entre os deoses do Olympo soberanos
Favor Venus a Troya, e a Grecia dava
Pallas, e Heytor, que estas tardanças sente,
Dos Gregos desafia o mais valente.

XLII.

Antes que o caso em sortes se poesse,
Para o campo sahir se offerecia
O forte Agamenon, que resplandece,
Como Marte, nas armas, que vestia:
Hum nobre, e honroso fogo em todos crece
De mostrar seu valor, e galhardia,
Buscando em dura guerra honrada morte;
Cahe em Creonte a duvidosa sorte.

XLIII.

Entraõ no campo os monstros de braveza,
Em quem das armas o valor se encerra,
Os escudos embraçaõ com destreza,
E debaixo dos pés lhe treme a terra:
Nas forças, e valor cada hum se preza
De ser mayor que o mesmo Deos da guerra:
Metendose na espada do inimigo
Esquecidos da vida, e do perigo.

Nos

XLIV.

Nos eſcudos fortiſſimos reparaõ
Os golpes, que naõ cahem ſem grande effeito,
Correndo hum para o outro ſe toparaõ,
Oppondo eſcudo a eſcudo, e peito a peito:
As ardentes eſpadas levantaraõ,
E já o eſcudo em muitas partes feito
Mal defendia os corpos, e as dobradas
Armas ſe vem dos golpes aboladas.

XLV.

Nem de Vulcano na horrida officina
Os pezados martellos tanto ſoaõ,
Quando a maſſa eſtendendo diamantina
Succede hum golpe ao outro, e tudo atroaõ:
Das fortes armas, e da malha fina
Já muitas peças pelos ares voaõ,
E do eſpumoſo ſangue, que corria,
Roxa a armadura toda parecia.

XLVI.

Do Olimpo o grande Jupiter olhava
A batalha taõ aſpera, e temida,
De Creonte, que a Parca ameaçava,
Quiz o fio eſtender da breve vida:
Ao Sol, que ao Occidente caminhava,
Fez que tomaſſe mais veloz corrida,
E a noite o negro coche aceleraſſe,
Porque a batalha fervida atalhaſſe.

Quan-

XLVII.

Quando com justo passo a Aurora abria
Nos Ceos a claridade matutina,
Vendo o filho de Atreu, que vinha o dia,
A morrer, ou vencer se determina:
Vá os muros, gritando, acometia:
Quando a varia fortuna, que se inclina
Em favor dos Troyanos, nos mostrava,
Que ella mesmo por elles pelejava.

XLVIII.

Nesta batalha os deoses soberanos
Ao grande Heitor favor, e ajuda deraõ,
E com mortes crueis, e graves danos
Os Gregos até as naos se recolheraõ:
Ficaraõ victoriosos os Troyanos,
E por saber o que fazer esperaõ,
Como cuberto o ar de sombra vimos,
A explorar o inimigo nos partimos.

XLIX.

Com Diomedes parti, quando occupava
Da parda terra a noite a escura fronte,
O Ceo com suas luzes scintilava,
Que as trévas affugentaõ do horizonte:
Quando perto Diomedes divizava
Huma sombra, que desce do alto monte,
Escondidos estamos esperando,
Té ver, que a sombra a nós se vem chegando

Era

L.

Era Dolon Troyano, que ſe atreve
Vir ao campo dos Gregos no ſegredo
Da noite eſcura, cuja ſombra leve
Sepulta os valles, que occupou mais cedo:
Elle a eſtrada repete eſcura, e breve,
Ligeiras azas lhe empreſtava o medo,
Fugio, foy perſeguido, e foy tomado
Pegada a voz ás fauces de affrontado.

LI.

Conta-nos como o grande Heitor deſeja
Saber o que no exercito paſſava,
Que a elle o manda, por que note, e veja
Se a gente Grega eſpera, ou ſe embarcava:
Se os animos diſpoem para a peleja,
E o que ſobre iſto entre elles ſe tratava:
A ver, dizia, eſtes ſegredos vinha,
E aqui me trouxe a má fortuna minha.

LII.

Entaõ lhe foy Diomedes perguntando
O modo, em que os Troyanos ſe alojavaõ,
Tudo o prezo Dolon lhe hia contando,
Os lugares, e poſtos, que occupavaõ:
E que em o Sol c'os raros apontando,
Para ir queimar as naos ſe aparelhavaõ,
E como de ſoccorro o valeroſo
Rheſo veyo c'o Thrace bellicoſo.

O qu

LIII.

O qual hum carro traz, que bem podia
Competir c'o do Sol em formoſura,
Cujos cavallos cada qual vencia
Nos pés o vento, a neve na brancura:
E que entre as mais riquezas, que trazia,
He de ouro huma fortiſſima armadura,
Que prezo me tenhais, me diz, conſinto
Até verdes c'os olhos, que naõ minto.

LIV.

Diomedes lhe tornou: Pois na temida
Noite te atreves com ligeira planta
Os Gregos explorar, paga co' a vida
Taõ grande atrevimento, aſtucia tanta:
Dos hombros a cabeça dividida
Lhe cahe, cegando a eſpada a vil garganta,
Lança c'o ſangue a alma, e o triſte eſprito
Deſce bramindo ás aguas de Cocito.

LV.

Logo o caminho fomos proſeguindo,
Até que no arrayal contrario entrando,
A muitos, que em deſcuido eſtaõ dormindo,
Do ſono a eterno ſono imos paſſando:
Dalli a grande tenda deſcubrindo,
Que Rheſo occupa com repouſo brando,
Eu lhe corto a cabeça, e o corpo frio
Lança de ſangue hum caudaloſo rio.

E dan-

LVI.

E dando a meſma morte aos que o guardavaõ,
Os cavallos ao carro inſigne atámos,
E as armas, que ao redor pendendo eſtavaõ,
Victorioſos, e alegres carregámos:
As redeas, com que brandos ſe domavaõ
Os ligeiros cavallos, concertámos,
Quantos o carro vem, cuidaõ, que Rheſo
He da quadrilha o glorioſo peſo.

LVII.

Sahimo-nos do campo, conhecendo,
Que o eſquadraõ belligero ſe armava
Para com a nova luz amanhecendo
Ir ſobre a Armada, que no porto eſtava:
Agamenon o carro, e preza vendo,
Honras nos promettia, os braços dava,
As armas, e os cavallos vê nevados,
Que parece que ao Sol foraõ furtados.

LVIII.

Apenas cahe ſobre os mayores montes
A duvidoſa luz do Sol ardente,
Subindo aos abrazados horizontes
Para eſpertar no mundo a cega gente:
Quando qual rio, que as antigas pontes
Ameaçando, corre impaciente,
Se diffundia o imigo, que ſe chega
A pôr a fogo, e ferro a Armada Grega.

O lar

LIX.

O largo campo de armas inundava,
E a Grega gente toda recolhida
Defenderſe nos vallos procurava,
Tratando huns da victoria, outros da vida:
A Diomedes huma ſetta, que voava,
De purpura banhou de huma ferida,
Que peleja taõ dura, e porfiada
Nem eſta idade a vio, nem a paſſada.

LX.

A's naos levava Heitor ardentes flãmas;
Fogo, gritava, ás naos, a quem ſeguiaõ
Alchatoe, e Agenor, e Polydamas,
E outros que ao meſmo effeito concorriaõ;
Cingindo as frontes de eminentes ramas
Os filhos de Antenor alli ſe viaõ,
Levar ás naos as flammas crepitantes,
Archiloco era hum, outro Atamantes.

LXI.

Iſto o famoſo Achilles conſidera,
E ſuas armas a Patroclo veſtia,
Que aos Troyanos vencer co' a fama eſpera;
Tanto o braço de Achilles ſe temia!
E cuidando os que o vem que Achilles era,
Todo o arrayal voltava, e lhe fugia,
A quem o medo a morte faz preſente,
Que tanto a opiniaõ póde entre a gente.

LXII.

Como o lobo voraz, que na manada
Das ovelhas entrou, ellas ſentindo
O inimigo, com furia arrebatada
Sem ordem derramadas vaõ fugindo:
Tal ao furor da generoſa eſpada,
Com que largo caminho vay abrindo,
As hoſtes inimigas ſe apartavaõ,
E as eſpaldas fugindo lhe moſtravaõ.

LXIII.

Declaraſe a fortuna entaõ notoria
Por noſſa parte, e Patroclo a ſeguia
Querendo entrar em Troya, que a victoria
Neſte falſo favor ſe promettia:
Achaſe o mór perigo na mór gloria,
Quando co' a lança as portas já feria,
Na maõ de Apollo o arco, e corda ſoa,
E nas azas da ſetta a morte voa.

LXIV.

No roſto o fere, e logo ſobre a terra
Inclina, pondo a maõ por ſuſtentarſe,
Co' a eterna ſombra os olhos abre, e cerra,
Provando em vaõ tres vezes levantarſe:
Sobre elle corre Heitor, adonde a guerra
Mais aſpera começa a declararſe,
Contra Patroclo hum corre a deſpojallo,
Outro por defendello, e por livrallo.

LXV.

Como, quando dobrando ſeus ardores
O Syrio fogo, as meſſes carregadas
Vaõ derrubando os duros ſegadores,
Que pelo campo atraz deixaõ cortadas:
Aſſim ſe vem por maõs dos vencedores
Muitas gargantas pelo chaõ ſegadas,
Fazem truncados corpos ſobre a terra,
Amargo fructo da ſanguinea guerra.

LXVI.

Alli o bravo Heitor, que naõ deſcança,
Vendo que o elmo a Patroclo cahira,
Lhe arroja a grande, e temeroſa lança,
Que as vias atalhou, com que reſpira:
A purpurea alma da ferida lança,
Que a Phlegetonte deſce ardendo em ira;
Sem lhe valerem armas, porque veja
Que contra o fado, e Ceo ninguem peleja.

LXVII.

Entre o rigor das armas retirado
Comſigo Achilles ſó conſiderava
As mortes, com que cobre Marte irado
As prayas, que co' ſangue o Xanto lava:
Ou porque de Briſeida privado
Agamenon o tem, que mais amava,
Ou porque ſe entretem na doce pena,
Que a viſta lhe cauſou de Policena.

LXVIII.

A morte ſente do fiel amigo
Achilles, e de dor, e de ira inſano
Já deſeja meterſe no perigo
Para de ſangue ſe fartar Troyano:
Já deſprezando eſtava o ocio antigo,
Vendo que cauſar póde mayor dano
Qualquer tardança; o peito, e a celada
Adapta, ao lado cinge a forte eſpada.

LXIX.

Já de Thetis o filho valeroſo
Junta ao carro os cavallos, que no raſo
Campo levaõ com curſo impetuoſo
Balio, Capyſtro, e Xanto com Pedaſo:
O Heſpero imitando temeroſo,
Quando encendido corre pelo Occaſo,
Levando a invicta eſpada, e braço forte
Co' ultimo caſtigo o horror da morte.

LXX.

Os Troyanos o vem com grande eſpanto
De fortes membros, de virtude rara,
E qualquer, que ouza velo, o teme tanto,
Que o campo, e proprias armas deſampara:
Mudada leva a cor o claro Xanto
Do muito ſangue, e impedido pára
Dos que a morte da eſpada naõ quizeraõ,
E nadando nas ondas a beberaõ.

Co

LXXI.

Como a langosta sordida passando
Hum lago, ou rio de voar cansada,
Huma sobre outra morre, e vay formando
Para a que detraz vem segura estrada:
Assim os Troyanos por fugir nadando
De Achilles, que os seguia, á forte espada,
Entravaõ no Escamandro, e na corrente
Huns morrem, outros passaõ juntamente.

LXXII.

Nas veas congelado o medo frio,
As armas os Troyanos recusavaõ,
Esquecido o valor, e antigo brio,
Para salvar a vida as costas davaõ:
Heitor Achilles chama a desafio,
Hum contra o outro as lanças arrojavaõ,
Achilles Marte Grego, e da outra parte
O valeroso Heitor Troyano Marte.

LXXIII.

Erguia Heitor o braço, donde a lança
(Que era huma faya) despedida desce,
Que ameaçando tudo, quanto alcança,
Rayo na maõ de Jupiter parece:
Cortando os ares vem té que descança
No escudo, com que Achilles se offerece
Ao golpe, a lança fere, e naõ podendo
Passar, do que fizera está tremendo.

LXXIV.

De Heitor o Grego o peito rutilante
Reconhece, que a Patroclo veſtira,
Embravece co' a dor de o ver diante,
E da viſta arrojava rayos de ira:
A hum tigre ferido ſemelhante,
Que a varia pelle arriça, e fogo eſpira,
Quando do ſilvo, ou ſetta provocado
Nas lanças entra de fereza armado.

LXXV.

Na maõ a groſſa lança ſopezando,
Todo em corage, e em furor ſe acende,
Que do eſcudo huma parte penetrando,
Já nelle preza inutilmente pende:
As eſpadas nos punhos apertando,
Cada qual deſce, a ſeu contrario attende,
Que toparſe vieraõ fronte a fronte,
Qual ſe hum monte topara n'outro monte.

LXXVI.

Nem quando impera Jove ſoberano
Com tal furor os Cyclopes valentes,
Nas negras ferrarias de Vulcano
Lhe forjaõ rayos lucidos, e ardentes,
Como o Capitaõ Grego, e o Troyano
As eſpadas levantaõ refulgentes,
Ferindo os elmos, onde tremolavaõ
As plumas, de que o campo ſemeavaõ.

Qual

LXXVII.

Qual dous leoens famintos ſobre a preza
Do veado, que morto tem diante,
Chea a boca de ſangue, e de braveza,
Cada qual mais cruel, mais arrogante:
A eſcura viſta em puro fogo aceza,
Dando hum rugido, e outro penetrante,
Se abraçaõ, raſgaõ, té que o mais ferido
Sem deſcubrir fraqueza, cahe rendido.

LXXVIII.

Aſſim os monſtros da guerra arremetiaõ,
Do alto abaixo olhando ſe buſcavaõ,
N'huma parte apontavaõ, outra feriaõ,
E as mais vezes o golpe executavaõ:
Agora as armas com engano abriaõ,
E nellas juntamente ſe cerravaõ,
Tentandoſe por huma, e outra parte,
Oppondo a arte á força, e a força á arte.

LXXIX.

Prova o valente Heitor toda a deſtreza,
Que em vaõ ferir Achilles pertendia,
Acha nelle, e nas armas a defeza,
Que a toda a eſpada, e forças reſiſtia:
Bem como a ignea pedra ardendo aceza
Dos golpes do fuzil, já o ar ſe via
Das ardentes faiſcas abrazado,
Que reſurtem do eſcudo temperado.

Hei-

LXXX.

Heitor a fria morte vê defronte,
Que na eſpada inimiga anda eſcondida,
Em negro ſangue de huma, e d'outra fonte
Vay pouco a pouco deſtilando a vida:
A armadura mais forte, que fez Bronte,
Por mil partes eſtava dividida,
O aperto, a que a vida he já chegada,
Com mil bocas o diz a propria eſpada.

LXXXI.

Conhece-ſe ferido, e que o fervente
Sangue já as fortes armas lhe banhava,
Contra Achilles corria impaciente,
Que a vida, e o perigo deſprezava:
Girava a hum lado, e a outro a eſpada ardente
Co' a voz, que ſolta, aos montes abalava,
Que hum trovaõ parecia a voz pezada,
Traz elle hum rayo o fulminar da eſpada.

LXXXII.

Sentia a coxa eſquerda mal ferida,
O eſcudo lança atraz, a eſpada afferra,
Que ſobre Achilles cahe grave, e temida,
Com que ambos os joelhos poz por terra:
Bravo ſe ergue da affronta recebida,
Aperta os dentes, co' inimigo cerra,
Nos braços o levanta, e entre os braços
Se daõ ambos duriſſimos abraços.

Nem

LXXXIII.

Jem da ſetta belligera feridos
) urſo fero ou javali arrogante
'azem ſoar taõ grave a ſeus bramidos
\ gruta, ou a caverna mais diſtante:
Com quanta força os Capitaens temidos
'ara affrontarſe os peitos poem diante,
\ ſeus braços os montes reſponderaõ,
: feridos da planta eſtremeceraõ.

LXXXIV.

Como ſe Peleo, e Olympo ſe topaſſem
)e duras rochas fronte, e peito armados,
. na toſca aſpereza ſe abraçaſſem
Co's braços de ſeus troncos carregados,
nte, em fontes de apertados rebentaſſem:
.ſſim eſtes vivos montes abraçados
e apertaõ, onde Heitor qual vivo monte
rotava ſangue de huma, e d'outra fonte.

LXXXV.

nportalhe ajudarſe de deſtreza
Na paleſtra, em que o corpo exercitava,
'enta co' a força Achilles na fraqueza
)as pernas, que hum eſtende, outro encurvava;
azendo vacillar a fortaleza
)as colunas, que Alcides reſpeitava,
Achilles affrontado do perigo
. deſtreza temia do inimigo.

O bra-

LXXXVI.

O braço cada qual irado eſtende,
E co' inimigo ſe ata em laço eſtreito,
Huma vez ſe ſoltava, outra ſe prende
Torcendo os braços, chegaõ peito a peito:
No ar o Grego o grande Heitor ſuſpende,
Depois que varias provas teve feito,
Grande parte do campo aſſim diſcorre,
Crendo trazer nos braços huma torre.

LXXXVII.

De naõ vencer corrido, e affrontado,
O corpo robuſtiſſimo cingia,
E o grave pezo n'um, e n'outro lado
Vacillando, moſtrava que cahia:
Porém todo pendente, e reclinado
Com novo esforço, e nova valentia
Em pé ficava, quando á terra inclina
Depois de ameaçar fatal ruina.

LXXXVIII.

Como Antheon o duro Heytor ficava
Depois de ter tocado a amiga terra,
De novas forças, e vigor ſe armava
Para ſeguir a começada guerra:
Maravilhado Achilles ſe moſtrava,
Vendo o valor, que no alto peito encerra,
Que ſeu grande vigor o deſengana,
Que naõ he ſeu esforço couſa humana.

Vio

LXXXIX.

Vio começar o Sol eſte duello,
E já entaõ inclinava a luz Febea,
Sem ſangue ſe acha Heitor, que de perdello
Roxa tornada tinha a branca area:
Achilles, que na maõ tinha o cabello,
De que a fortuna a eſcura fronte arrea,
Bravo, e furioſo inſtava com intento,
Que naõ tomaſſe Heytor hum breve alento.

XC.

Achilles, que ſe vê mais alentado,
Eſtreitamente aperta Heitor comſigo,
Mete o joelho eſquerdo ao dextro lado,
Carregando nos peitos do inimigo,
Que ſem poder ſuſterſe, cahe forçado,
Sem deſcuidarſe em ſeu valor antigo,
Que nos braços o aperta taõ veheménte,
Que ambos a terra medem juntamente.

XCI.

Heitor, a quem o peito a dura lima
Da dor grave em mil partes dividia,
Tendo de Achilles o graõ pezo em cima,
A quem já conſtraſtar taõ mal podia:
Moſtrando que ainda aſſim menos o eſtima,
D'um lado n'outro o corpo revolvia,
Que ſem temer contrario taõ temido,
Vencido quer naõ parecer vencido.

Vê

XCII.

Vê no ar levantado o braço forte,
E apertado hum punhal na dextra erguida,
Do alto ao roſto vê deſcer a morte,
Indo eſconderſe o ferro na ferida:
Gozando Achilles mais ditoſa ſorte,
Os laços corta deſta illuſtre vida,
Tendo outra vez no ar a adaga fera,
Como que a alma por ferilla eſpera.

XCIII.

Triunfa a morte, e Marte do arrogante
Deſpojo, que no campo ſe eſtendia,
A eſpada jaz, e o eſcudo rutilante,
Que Grecia toda com razaõ temia:
O Ilion poderoſo, e triunfante
Nelle a gloria contempla, que perdia,
Cuja alta fama, quando o Ceo tocava,
Neſta viva coluna deſcanſava.

XCIV.

Achilles vencedor quaſi vencido
O eſcudo embraça, que já mal ſuſtenta,
Toma a eſpada das forças impedido,
E a planta move vagaroſa, e lenta:
De canſado dos golpes, e opprimido
Eſtar com pouca força repreſenta,
E com tremante paſſo a maõ pezada
Vay fazendo bordaõ da propria eſpada.

Reco-

XCV.

Recolhemſe em ſeus muros os Troyanos,
As vidas ſegurando, e defendendo,
E nelles contra os fados tantos annos
Suſtentaõ o furor de Marte horrendo:
Eu vendo os riſcos, e perpetuos danos
Que por pontos, e horas vaõ creſcendo,
Hum cavallo inventei, com que podeſſem
Entrar em Troya os Gregos, e a rendeſſem.

XCVI.

No monſtruoſo corpo, que com tanta
Soberba creſce, que a arte propria admira,
Primeiro medo infunde do que eſpanta,
Parecendo que he vivo, e que reſpira,
Repreſentando hum monte ſe levanta,
O largo ventre cheyo de armas, e ira,
Grave, e fatal prenhez, onde ſe encerra
N'uma apparente paz occulta guerra.

XCVII.

No cavallo ficamos encerrados
Os que a ſorte eſcolheo, e a Grega armada
Fingidamente aos ventos ſocegados
Na negra antena ſolta a vella inchada:
Vendo que nos partimos, os canſados
Troyanos ſahem ao campo, e a levantada
Machina os admirava, a alguns pareſle
Que fogo ao graõ cavallo ſe puzeſſe.

Dei-

XCVIII.

Deixamos entre os boſques eſcondido
Ao aſtuto Sinon, auctor de enganos,
Que ſe finge dos Gregos offendido,
Dando nas maõs dos miſeros Troyanos:
Conta que delles tinha recebido
(Aſſiſtindo na guerra tantos annos)
Males, e affrontas, corre a ouvillo a gente,
Que enternecida o cria facilmente.

XCIX.

A que viera perguntado, e donde,
Reſponde promptamente, e confiado,
Com lagrimas miſtura o que reſponde,
Aos que por vello, e ouvillo o tem cercado:
Sem a fraude luzir que n'alma eſconde,
Lhe conta que o cavallo levantado
Os Gregos co' trabalho edificaraõ,
Que á victorioſa Pallas conſagraraõ.

C.

Perſuademſe todos os que ouviaõ
A Sinon, que o cavallo o muro entraſſe,
Se bem ao rude povo outros diziaõ,
Que com ſuppoſtas chammas ſe abrazaſſe:
Varios votos ſe daõ, os mais venciaõ,
Que para entrar, o muro ſe raſgaſſe,
Sem ver quaõ grandes erros traz comſigo
Crer a fé, e as offertas do inimigo.

Entra

CI.

Entra o fatal cavallo, e na ſegura
Praça o deixaõ ficar, ſoberbo, e quedo,
Deſce a cobrillo logo a noite eſcura,
Que no mar ſe banhara o Sol mais cedo:
Naõ ſe via no Ceo eſtrella pura,
Tudo eraõ trevas, tudo horror, e medo,
E os que encerrados no cavallo eſtamos,
Pela ſombra a ſahida anticipamos.

CII.

Qual da vibora os filhos, que a comprida
Dilaçaõ do naſcer abbreviando,
Raſgaõ da mãy o ventre, porque a vida
Tem com ſua morte, o morto pay vingando;
Tal das entranhas, onde eſtá eſcondida
A Grega gente, as horas apreſſando,
Armada naſce para a dura guerra,
Como os que ſemeou Cadmo na terra.

CIII.

De noite as armas vaõ reſplandecendo
Entre as chammas do fogo levantadas,
Qual c'os rayos de Cynthia o ar ardendo,
Se vem ondas do mar alumiadas:
Huns vaõ fugindo, e outros recolhendo
A dura maõ nas fervidas eſpadas,
A ſombra o graõ tumulto, e furia augmenta,
Que os perigos eſconde, e os accreſcenta.

Creſ-

CIV.

Creſce o tumulto, vozes, e armas crecem;
Que faz a eſcuridade mais temidas,
Varias mortes entre ellas ſe offerecem,
Dando outra eterna noite a tantas vidas:
Arde a Neptunia Troya, onde perecem
Nos fios das eſpadas homicidas
Os ſeus, que Pyrrho com mortal eſtrago
De Phrigio ſangue faz de Troya hum lago.

CV.

A fabrica mayor, mais levantada,
Da violencia dos fados opprimida,
Por maõ da dura guerra cahe proſtrada,
E em ſua grandeza meſma eſtá eſcondida:
Do eterno pay dos ſeculos gaſtada,
Que tira aos duros marmores a vida
Trofeos de ambas fortunas, que em pedaços
Faz na robuſta força de ſeus braços.

CVI.

A natureza, quando Troya ardia,
Parece que no antigo chaos ſe encerra,
O Ceo de negro luto ſe cobria,
Quando em ſepulchro ardente a Troya enterra,
Tarda o Sol em trazer o novo dia,
A eſcura ſombra occupa o mar, e a terra,
Que por naõ ver arder couſas taõ bellas
O Ceo cerrava os olhos das eſtrellas.

ARGU-

# ARGUMENTO
## DO SETIMO CANTO.

*POr festejar Ulysses ordenava*
*Gorgoris real caça, e monteria:*
*Ulysses, que a Calypso acompanhava,*
*Por venturosa sorte se perdia:*
*Logo erguia a Lisboa adonde achava*
*Agouros de mais alta monarchia,*
*Fallalhe o Tejo, e canta docemente*
*Legea altas victorias do Oriente.*

I.

Orgoris admirado do que ouvira
Contar a Ulysses com saber facundo;
Com inveja de gloria arde, e suspira,
Porq̃ na ultima parte está do mundoa
Porém Calypso muito mais se admira;
Perturbada, e suspensa, no profundo
Pensamento amoroso combatida,
De si propria comsigo está rendido.

II.

Calypſo penſativa bem moſtrava
Eſtar ferida de amoroſa ſeta,
Com varios penſamentos pelejava
Na melhor parte da alma, e mais ſecreta:
Na cama em campo de batalha eſtava,
E perturbada a alma, e inquieta;
Secretario do mal, que traz comſigo,
Ao campo faz, e ao ſilencio amigo.

III.

Para hum jardim ſahia acompanhada
De huma criada, de quem mais ſe fia,
A eſta ſó as hiſtorias da abrazada
Troya, que ao Grego ouvira, repetia:
Gabalhe a gentileza, e eſtremada
Eloquencia, em que a todos excedia,
Que naõ póde haver rayo aſſim violento,
Como a continuaçaõ de hum penſamento.

IV.

Abrindo vinha o Ceo nocturno, e frio
Do Rey da luz a bella embaixadora,
E mudando em aljofar o rocio,
Urnas de ouro derrama a roxa Aurora:
A branda teſta as perolas em fio
Toucavaõ, com que mais ao Sol namora,
E com o vêo das nuvens, que a cercava,
Do roſto as frias gotas enxugava.

Feſte-

V.

Feſtejando a Princeza do Oriente,
Que ſahe as nuvens lucidas pizando,
Os filhos do ar com pena diligente
Vinhaõ o Ceo, e a terra namorando:
Que com farpada lingua docemente
Naõ aprendida muſica eſpalhando,
Quando nas leves azas ſe levantaõ,
A alma ſuſpendem, e o ſentido encantaõ.

VI.

Traz della os abrazados horizontes
Com ardente pincel o Sol bordava,
E a altiva teſta dos ſoberbos montes
De rayos de ouro, e prata coroava:
As plantas, rios, flores, prados, fontes,
Cada hum com lingua muda ao Sol fallava
Como que agradecia a graõ belleza,
Com que enfeitava o Sol a natureza.

VII.

Moſtrava a terra verde as bellas flores
Veſtidas com tal graça, e alegria
De mais finas, e mais ſuaves cores,
Que eſtarſe rindo o prado parecia:
O vento c'os primeiros reſplandores,
Entre as folhas callado entaõ dormia,
E as fontes, que paſſando murmuravaõ,
A ſuave repouſo convidavaõ.

VIII.

Sahe Gorgoris dos ſeus acompanhado
Para onde o forte Ulyſſes o eſperava,
Que corre a recebello alvoroçado,
A quem no roſto o coraçaõ moſtrava:
Porque o monte he de feras povoado,
Por alegrar a Ulyſſes ordenava
Huma caça real, e monteria,
Com que fatigue a ſelva, e gaſte o dia.

IX.

Já de atavios ricos adornadas
As egoas remendadas ſe apercebem,
Que no campo do Tejo ſaõ criadas,
Seus fenos paſcem, ſuas correntes bebem:
Que de Boreas, e de Euro cubiçadas
De ſeu fecundo eſpirito concebem,
Dando aos filhos por eſte naſcimento
A ligeireza do paterno vento.

X.

Gorgoris para a caça apercebido,
Das inſignias do campo ſe guarnece,
Carrega ao hombro de ouro arco brunido,
E a aljava rica ſobre o lado dece:
No cordaõ de ouro, e ſeda retorcido
A eſmaltada buzina reſplandece,
Curta lança na maõ, que foy mais vezes
Terror mortal dos javalis montezes.

Entre

XI.

Entre os mais hum libreo leva famoſo,
Branco, de negras malhas todo cheyo,
De largos peitos, roſto portentoſo,
Que tem a formoſura em ſer taõ feyo:
Hia cuberto de aço luminoſo,
Luſtroſo, forte, e engraçado arreyo,
No peſcoço hum colar, que com pungentes
Pontas affronta as féras mais valentes.

XII.

Moſtra-ſe logo Aſtrea, e a formoſa
Calypſo ao monte, que ſe alegra em vellas,
Qual na noite ſerena, e luminoſa
Se acende o claro Ceo de luzes bellas:
Ulyſſes, que na luz pura, e ditoſa
Das duas ſuaviſſimas eſtrellas
Se vê abrazar, já de ſua dor contente
Contava á cauſa della o mal, que ſente.

XIII.

Diz a Calypſo entaõ: Vede, Senhora,
Como tudo ſe alegra em vós ſahindo,
O Ceo, o mar, a terra vos namora,
E as boninas á roda ſe eſtaõ rindo:
O Sol, porque vos vê na terra agora,
De envergonhado os rayos encubrindo,
Das cores, que lhe ſahem ſobre eſtes montes,
Abraza os prateados horizontes.

Qual

XIV.

Qualquer ave, que ao ar livre ſe eſtende,
Vendovos taõ formoſa, já parece,
Que outra voz toma, e outro canto aprende,
Com que do campo por vos ver ſe eſquece:
Pois ſe vos ama quem vos naõ comprende,
Que fará quem vos ama, e vos conhece,
Se tudo em fim ſe rende á voſſa viſta,
Quem taõ livre ſerá, que lhe reſiſta?

XV.

Mal (formoſa Calypſo) o incendio, que arde,
Mal ſe eſconde o amor, e ſe refrea,
Naõ ſoffre eſta affeiçaõ, que mais aguarde,
E o fogo, que em minha alma amor atea:
Atrevido calley, fallo covarde,
Naõ tenho couſa, que naõ veja alheya,
Que em vos vendo, vos dey tudo o que tinha,
Que até minha alma por ſer voſſa he minha.

XVI.

E ſe atégora o medo a voz me atava,
Naõ he muito ante vós tella impedida,
Com lingua muda minha dor fallava,
E a pura alma nos olhos derretida:
Que os voſſos me mataraõ, bem moſtrava,
Sahindo o ſangue á viſta do homicida,
Morte, e vida me daõ, vendo-os taõ bellos,
Deſejallos a morte, a vida vellos.

Ca-

XVII.

Calypſo o ouve, e como ſe envergonha,
Naõ reſponde, e nas faces ſe cubria
De huma cõr abrazada de vergonha,
Com que inda mais formoſa parecia:
Bebendo eſta ſuaviſſima peçonha
Nas amoroſas queixas, que lhe ouvia:
Quando eſte goſto alegre lhe interrompem
Buzinas, que ſoando os ares rompem.

XVIII.

As vozes dos monteiros o ar feriaõ,
Com que os ecos nos montes ſe dobravaõ,
Prezos nas trellas os libreos gemiaõ,
Que a ſahir, e a afferrar ſe aparelhavaõ:
Já de huma brenha altiſſima ſahiaõ
Dous javalis, que o monte atraveſſavaõ,
De monſtruoſos corpos, que fugindo,
Co' as meyas luas vaõ o mato abrindo.

XIX.

Hum delles corre o monte, naõ ſoffrendo
Dos monteiros as vozes, e o ruido,
Por hum valle cortava diſcorrendo,
Onde poſſa eſcapar ſem ſer ſentido,
Calypſo o topa, o palafrem temendo
A brava féra, pelo monte erguido
Corre eſpantado, e Ulyſſes naõ deſcança,
Té nas entranhas lhe eſconder a lança.

Quan-

XX.

Quando tornava alegre, e victorioſo,
E Calypſo bufcava na eſpeſſura,
A huma, e outra parte temeroſo
Diſcorria com viſta mal ſegura,
Cahida em fim a encontra, e do formoſo
Roſto eclipſada a viva formoſura,
Pállido chega, que ſem alma vinha,
Buſcando o corpo, que por alma tinha.

XXI.

Com voz ſaudoſa, e de ſuſpiros chea
As maõs lhe beija, e docemente chora:
Quizſe fazer formoſa a morte fea
Com voſſa formoſura, alta ſenhora,
Lhe diz Ulyſſes, e da branda vea
De huma fonte a rocia, e como Aurora,
Que abre o Oriente, entaõ Calypſo abria
O Sol da viſta, donde naſce o dia.

XXII.

Aſſim com ella entrava deſmayada
Por huma pobre caſa de paſtores,
Onde por molle cama, e regalada
Tem brandas pelles, e puniceas flores:
Da tarde grande parte era paſſada
Em ſaudoſas lagrimas, e amores,
Onde mais teſtimunhas naõ ſe achavaõ,
Que arroyos, que do caſo murmuravaõ.

Nos

XXIII.

Nos montes, e apartados arvoredos
Muitos nocturnos paſſaros voaraõ,
E nas concavidades dos penedos
Vozes de aves infauſtas ſe eſcutaraõ:
Sem cothurno, e ſem faxa a eſtes ſegredos
Aſſiſtio Hymineo, e naõ faltaraõ
Gemidos de animaes, que o ar abrindo,
Foraõ triſtes agouros repetindo.

XXIV.

Em ſeus braços Calypſo as horas paſſa,
Que da prizaõ ſuave ſe contenta,
Hum amoroſo laço ambos enlaça,
Ambos huma alma anima, ambos ſuſtenta;
Na bella viſta, e peregrina graça,
Em quanto elle ſeus olhos apaſcenta,
Praticando co' a alma a alma eſtava,
E o coraçaõ co' coraçaõ fallava.

XXV.

Eſtá Chelos á viſta altivo monte,
Fertil de muita caça, que com tanta
Altivez ſobre as nuvens ergue a fronte,
Que do Olympo, e do Pindo ſe adianta:
De cuja eſpalda huma perpetua fonte,
Cahe até lhe beijar a humilde planta,
Depois que pelo frio inverno teve
Penteadas do vento as cans de neve.

Dos

XXVI.

Dos monteiros ſoava a vozeria,
Das buzinas o eſtrondo juntamente,
Ferve a montanha toda, onde tremia
O tronco mais robuſto, e eminente:
Das altas brenhas o eco reſpondia,
Como que a voz humana repreſente,
Sahem as feras, deixando ſuas moradas,
De ligeireza, e de fereza armadas.

XXVII.

Os animaes cobardes fugitivos
Sahem em eſquadras, cuja variedade
Eſpanta, alguns ás maõs ſe tomaõ vivos,
Sem lhe valer ſua grande agilidade:
Ligeiros gamos, corços, e os altivos
Veados ſahem, que na velocidade
Dos pés a vida trazem, e na corrida
Hiaõ fugindo dilatando a vida.

XXVIII.

Alli hum dobra o arco, a terra eſmalta
Do negro ſangue da inocente fera,
Eſte ſubido na arvore mais alta,
O bravo porco, e o veado eſpera:
A rede outro eſtendia adonde falta,
Outro do cordaõ larga, onde prendera,
O Libréo forte, e manda que arremeta,
Sahindo qual de hum arco a aguda ſeta.

Apos

XXIX.

Apoz ſylveſtres cabras, que eſpalhadas
Paſcendo os largos valles vaõ cobrindo,
Gorgoris vay com voltas dilatadas,
A humas dando morte, outras ſeguindo;
Ellas trepaõ nas penhas levantadas,
E de huma pedra n'outra vaõ ſubindo,
Gorgoris ſe avantaja na deſtreza
A todos, no ar do corpo, e gentileza.

XXX.

Crendo que entrara Ulyſſes na eſpeſſura,
Pelo alcançar os montes fatigava,
Quando hum ſabujo, e outro pela eſcura
Mata rompendo o valle atraveſſava:
Hum veado arrebenta, que a armadura
Da fronte em varias pontas rematava,
Bate os fendidos pés, e indo voando
Por ver quem o ſeguia pára olhando.

XXXI.

Nas egoas os monteiros apreſſados,
Que parece que o vento naſceo dellas,
Seguros vaõ batendo ambos os lados
Co's rayos de agudiſſimas eſtrellas:
Nos valles, e nos montes impinados
Mil voltas davaõ nas ſeguras ſellas,
Monte, filhos, e cova conhecida
As feras deixaõ por fugir co' a vida.

Can-

XXXII.

Canſada a egoa Gorgoris levava,
E n'um ginete Hiſpano ſe ſubia,
Eſte o chaõ taõ veloz atropellava,
Que moſtra que voava, e naõ corria:
Co' as maõs ferradas, que no ar dobrava,
Taõ ligeiro, e taõ forte o chaõ batia,
Que deſafia os ventos, e parece
Que co' pezo que leva enſoberbece.

XXXIII.

Foyſe cerrando o ar, foyſe cobrindo
De nevoa groſſa, o cervo amedrontado
Por hum valle, e outro valle ſacodindo
Os pés, apenas piza o verde prado:
Chega a hum precipicio, alli cahindo
Co' furor da carreira arrebatado,
N'uma perna do alto juntamente
Cahe afferrado de hum libréo valente.

XXXIV.

Eſte o veyo ſeguindo, que animoſo,
Vendo-o canſado, fortemente afferra,
O caminho deſcendo alto, e fragoſo
Detendo-o vay, cozendoſe co' a terra:
E quando cahe do monte cavernoſo,
Vendoſe deſpenhar naõ deſafferra,
Para que a ambos ſeja deſta ſorte,
O perigo commum, commua a morte.

Gor-

XXXV.

Gorgoris por ferillo a lança erguendo,
Chegado a ponto de cahir esteve
C'os pés no precipicio, onde temendo
O ginete suspenso se deteve,
E o perigo, e ruina conhecendo,
Volta em roda no ar, ligeiro, e leve,
Desfaze a nevoa, e vê no chaõ prostrado
O libreo forte, e o timido veado.

XXXVI.

Tornava aos seus correndo o monte erguido,
Que o ginete com leves plantas mede,
Quando acha hum javali na agua metido,
Que em sangue mata, e naõ no rio a sede;
Este alli apertado, alli timido,
Das lanças, descompondo a forte rede,
As costas segurando, a testa vira,
D'um lado n'outro volta ardendo em ira.

XXXVII.

Tasca furiosa escuma, quando sente
As lanças, esgrimindo o navalhado
Cutelo de marfim do agudo dente
Contra os inimigos, que sentia ao lado;
A vista irada aceza em fogo ardente,
A cola retorcida, o eriçado
Cerro das negras sedas encrespadas,
Qual para a guerra lanças ordenadas.

Inf-

XXXVIII.

Inſtando com furor acometiaõ
Os libreos mais valentes, que afferravaõ,
Os ſabujos de fóra alto latiaõ,
As horridas buzinas no ar ſoavaõ:
Os monteiros co' as lanças o feriaõ,
Com que os caens afferrallo ſe animavaõ,
Chegaõ, e o que mais chega ſahe voando,
Na ferida as entranhas palpitando.

XXXIX.

Com elle alli enveſtia o mais famoſo
Libréo, que na pendente orelha afferra,
A fera ronca, e do marfim luſtroſo
Brámindo as meyas luas abre, e cerra:
Té que de hum bote o caõ forte, e nervoſo
Aberto cahe, tingindo o ſangue a terra,
Onde lançava a eſpumoſa vida
Envolta em negro ſangue da ferida.

XL.

Gorgoris, tendo a lança levantada,
Duro arremeço faz, dizendo: Neſta
Verás a morte, e a fronte carregada
Rompe o ferro amolado, e dura teſta:
Tremendo cahe do golpe enſanguentada
Sobre ſeu grande corpo a fera beſta,
A quem com goſto o vencedor levanta,
E os que eſpantara viva, morta eſpanta.

Já

XLI.

Já Gorgoris da caça fatigado,
Morto o graõ javali, de Chelos dece,
Monte alto, donde o nome derivado
De Chellas hoje dura, e permanece:
Nos valles Caballinos vê proſtrado
O que Ulyſſes matou, que inda parece
Que o nome querem conſervar comſigo
Com pouca corrupçaõ do nome antigo.

XLII.

Alli chegou Ulyſſes, e tornando
Para a Cidade, goza dos favores
Da graõ Calypſo, em cujo peito brando
Tanta impreſſaõ tem feito ſeus amores:
Neſtes doces cuidados enganando
Os dias, que entaõ julga por melhores,
Nota hum ſitio eminente, e mais ſeguro
Para erguer da Cidade o nobre muro.

XLIII.

C'os ſeus o caſo Ulyſſes conferia,
Huns erguer a Cidade lhe approvavaõ,
Outros votando por diverſa via,
Fundar os novos muros reprovavaõ:
Que ſe erga a graõ Cidade ſe vencia
Contra os que pela patria ſuſpiravaõ,
Que he graõ doçura a com que a patria amiga
A ſuave lembrança nos obriga.

Hum

XLIV.

Hum grande altar a Jupiter potente
Ulyſſes forma, ante elle ſe proſtrava,
E coroado de arvore eminente
Com grande affeito o forte Grego orava:
Concorre a acompanhallo alegre a gente,
E cada qual de Baccho coroava
A ardente taça, e por diverſos modos,
Dando vozes ao Ceo, ſe alegraõ todos.

XLV.

E da arvore do Sol cingindo as frontes,
A erguer os novos muros ſe animavaõ,
Ao Genio, que habitava aquelles montes,
E antiga terra, em verſos celebravaõ:
Ao velho Jano as Nayades das fontes,
Ao graõ Neptuno, e a Eolo libavaõ:
Toou Jove do alto, e pelo raro
Ar corre hum reſplandor divino, e claro.

XLVI.

Todos com vozes altas vaõ ſeguindo
O grande agouro, que no Ceo ſe via,
Com duro ferro a dura terra abrindo,
Que agradecerlhe os golpes parecia:
Que nome lhe dariaõ conferindo
A' Cidade fatal, que entaõ naſcia,
Hum lhe chama Ulyſſipo, outro a nomea
Pelo famoſo Ulyſſes Ulyſſea.

Que

XLVII.

Que ſe chame Ulyſſea concordaraõ,
Viva Ulyſſea, dizem, glorioſa,
Quando nos fundamentos, que lançaraõ,
Couſa deſcobre o Ceo rara, e famoſa:
Que no templo, que a Pallas levantaraõ,
Huma cabeça humana portentoſa
Viva nas cores viaõ, e huma eſpada
Dos poderes do tempo reſervada.

XLVIII.

Hyripilo agoureiro Ulyſſes chama,
Que com aſtro divino lhe dizia:
Aonde eſta cabeça teve a cama,
Quer Jove erguer mais alta Monarchia:
Aqui grandes varoens de eterna fama,
Além dos termos, que preſcreve o dia,
Faraõ que no Univerſo ſe conheça,
Que he de Europa Ulyſſea alta cabeça.

XLIX.

Tanto que o cerco repartido eſteve
Da famoſa Ulyſſea, honra de Marte,
E o muro, e templo aſſignalado teve,
Ruas abrindo vay, praças reparte:
Ferver ſe via a obra em tempo breve,
E o trabalho exceder modellos, e arte,
Pelos montes ſe ouvia, donde mora,
Os golpes repetir Echo ſonora.

L.

Quantos robuſtos braços ſe veriaõ
Suar na obra, tendo por ſuave
Trabalho o com que os marmores partiaõ,
Arraſtando no carro o peſo grave:
Outros o monte, e boſque alto feriaõ,
Donde a peſada pedra, e groſſa trave
Deſce, que ao templo, e muro ſe accommoda
Pelo artificio da voluvel roda.

LI.

Eſte a lenha do monte ás coſtas paſſa
Ao fogo intenſo, que arde, outro trabalha
Fazendo a dura terra em molle maſſa
Para a cozer na fervida fornalha:
Qual porque ſirva na ſoberba traſſa,
A pedra pule, e a coluna entalha,
E outro ſobre a porta levantada
A cornija accommoda carregada.

LII.

Como ſe na obra Dedalo aſſiſtira,
Com graõ cuidado, e graõ fervor ſe obrava,
Cada hum ſuccede no trabalho, e tira
O carro, que gemendo atraveſſava:
Quem vê o muro, com razaõ ſe admira
Como huma pedra, e outra aſſim quadrava,
Que repreſenta a obra illuſtre, e rara,
Que a cithara Thebana edificara.

LIII.

Já ſe viaõ creſcendo erguer ſeguros
A teſta altiva os muros levantados,
Rompendo com a grandeza os ares puros,
Das correntes do Tejo rodeados:
Ameaçando do alto os fortes muros,
De luſtroſas ameas coroados,
(Sobre o tanque do Oceano profundo)
As coroas do velho, e novo mundo.

LIV.

Vendo o carro do Sol na mór altura,
Do ſuave trabalho ſe apartava
Ulyſſes, e onde a vea doce, e pura
Suas amenas prayas beija, e lava:
N'huma lapa, que abrio na rocha dura,
Que a repouſo, e deſcanſo convidava,
Entra para entregarſe ao ſono lento,
E dar hum breve alivio ao penſamento.

LV.

Neſte rochedo grande porta abria
O rio, que ovas pardas pendurando,
Como de natural tapeçaria,
Vay a Neptuno alcobas adornando:
Que em lugar de prezada laçaria
A rocha pouco a pouco foy limando,
Que as pedras gaſta da agua o molle dente
Co' a força naõ, mas co' ferir frequente.

LVI.

Moſtrava neſta ruſtica bruteza
Exceder os burís de arte melhores,
Onde, como zombando, a natureza
Entalhou pedras de ſutís lavores:
Hum arco ſe formava de grandeza
Eſtranha, onde a caverna dos ardores
Do Sol naõ offendida, a mais ſuaves
Sonos dava lugar nas horas graves.

LVII.

D'entre as pedras em gotas diſtillada
A fonte, em puras lagrimas deſcendo,
Eſtá fios de prata congelada,
Para enfiar as pérolas, vertendo:
No chaõ em partes a agua reprezada
Por labyrintos de cryſtal correndo,
Meandros fórma, e pela molle fralda
Com vidros cobre muſgos d'eſmeralda.

LVIII.

No tempo era, que o Sol mais abrazado
Exhalava no ar flammas ardentes,
Quando ſua pompa exangues pelo prado
Cahindo inclinaõ as flores excellentes:
E quando rumiando o manſo gado
As ſombras buſca, e liquidas correntes,
Bordava a ardente luz de Apollo louro
De Nemeo leaõ a pelle d'ouro,

Ou-

LIX.

Ouvindo o canto das laſcivas aves,
Que o ar ſuave enchiaõ de armonia,
E o murmurar da fonte, que nas graves
Pedras quebrando ſeu cryſtal rompia:
E com o ſopro das leves, e ſuaves
Auras, que as verdes folhas revolvia,
Entre as humidas azas de Morfeo
D'alma os graves cuidados ſuſpendeo.

LX.

No mais fundo do Tejo hum ſumptuoſo
Palacio o Rio habita, de luzentes
Cafiras, e cryſtal puro, e luſtroſo,
Que as paredes faziaõ tranſparentes:
Aqui foy aviſado o Tejo undoſo,
Que junto de ſuas liquidas correntes
Ulyſſes n'uma lapa repouſava,
E logo o centro pelo ver deixava.

LXI.

Manda hum Tritaõ, que do humido apoſento
De eſcamas d'ouro lucidas veſtido
Sahindo fora, dê ſonoro alento
Com a negra boca a hum buzio retorcido:
Voa nas azas do ligeiro vento
O ſom por varias partes repetido,
Deixaõ as naturaes concavidades
Para acodir ás humidas deidades.

De

LXII.

De veſtes roçagantes, e luzidas
De hum cryſtal molle, e molles eſmeraldas
Hum ſahe veſtido, e outro guarnecidas
De eſcamas d'ouro as nitidas eſpaldas:
Outros camiſas brancas tem veſtidas
De congelada eſcuma, e nas grinaldas
As Ninfas vaõ aljofar enlaçando
No coral fino, em ſuas ondas brando.

LXIII.

Chegaõ aonde o Tejo os eſperava
N'um ſolio altivo, claro, e preeminente
Na ſala, cujo tecto carregava
Em colunas de maſſa tranſparente:
Alli ſobre urnas de ouro ſe encoſtava,
Sahindo de cada huma huma corrente,
Por fallarlhe a cabeça ſacudia,
E o chaõ de aljofre, e perolas cobria.

LXIV.

Contalhe como Ulyſſes he chegado,
E á Luſitania hum ſeculo famoſo,
Em que ha de ſer do Tejo ſubjugado
De ambas as Thetis o temido eſpoſo:
Que quer ir viſitallo acompanhado
Das deidades do rio caudaloſo,
Todos o approvaõ, e elle neſſe inſtante
Os paſſos move, os deoſes vaõ diante.

Pizando

LXV.

Pizando ſahe as humidas areas
O velho Rio, n'uma verde cana
Arrimado, entre o coro das Nereas,
Coroado de junco, e de eſpadana:
As Nayades famoſas, e as Napeas,
Deſcem das fontes, donde o Tejo mana,
Vaõ com elle as Oreades, e as Drias,
E a verde alma das plantas Amadrias.

LXVI.

Mil vezes ſalve, ó Ulyſſes venturoſo,
Ao ſabio Grego diz o antigo Rio,
Que eſte porto ſerá por ti famoſo,
Da plaga Auſtral além do Norte frio:
Quando os peixes de prata, e mar furioſo
Reconheçaõ meu largo ſenhorio,
Quando vencedor pize o Tejo ufano
A cerviz dura ao tumido Oceano.

LXVII.

Ergue a nobre Cidade, e naõ te eſpante
O graõ furor de Gorgoris valente,
Por minhas ondas paſſarás avante,
Onde armas acharás, e ouſada gente:
Eu por guia te irey ſempre diante,
Humilhando eſta tumida corrente,
Que quando eſte ditoſo pezo a opprima,
Correráõ minhas ondas para cima.

Man-

LXVIII.

Mandou entaõ o Rio venerando
A Legea, que toque a doce lira,
E o ſuave inſtrumento acompanhando
Com a branda voz, que o Ceo, e a terra admira
Reconte a profecia, que cantando
Os ſegredos do fado, a Protheo ouvira,
Como abriria á Luſitana gente
O mar té as roxas portas do Oriente.

LXIX.

Ella obedece, e c'uma graça eſtranha
Poem a animada neve no inſtrumento,
A que com a voz angelica acompanha,
Ceſſou nas folhas eſcondido o vento.
Naõ podendo caber couſa tamanha,
Se naõ for n'um divino penſamento,
E o que a Protheo ouvira, referia
Cantando a bella Ninfa, e aſſim dizia.

LXX.

Entre os ſegredos da futura idade
Grande gloria te eſpera, ó Tejo ufano,
Quando os muros erguer da graõ Cidade
Em tuas margens hum Grego ſoberano:
Em cujo imperio, e eterna mageſtade
Depois do mar de Atlante, e do Oceano
Se ha de ver o mar roxo navegado,
Perdendo a cor vermelha de enfiado.

LXXI.

Tomando o quinto Affonſo bellicoſo
Na Regia maõ do Reyno a redea leve,
E achando aquelle coraçaõ famoſo
O Luſitano imperio eſtreito, e breve:
As vellas dando ao mar tempeſtuoſo,
Já co's mares Atlanticos ſe atreve,
Verá a ultima terra, aonde viviaõ
Tres irmaõs, que de hum olho ſe ſerviaõ.

LXXII.

Depois do Infante Henrique com valente
Coraçaõ vencer de Africa os ardores,
Arguim, e as ilhas Garças juntamente,
E os da ſerra Leoa habitadores,
Vencendo de Guiné o Sol ardente,
Deſcobre as grandes ilhas dos Açores,
Porque ſejaõ do imperio Luſitano
Limite o Ceo, e as ondas do Oceano.

LXXIII.

Virá o graõ Manoel eſclarecido,
Que com groſſas armadas ſolicita
Hum, e outro Neptuno, onde atrevido
O quinto Affonſo, e grande Henrique imita:
Eſte, que por valor ſerá temido,
Em quanto hum, e outro Sol com a luz viſita,
Fará que os Portuguezes vaõ ſubindo
Até as fontes beber do Gange, e Indo.

Dei-

LXXIV.

Deixando ſubjugada a Barbaria,
Onde ſe vê o Ethiope abrazado,
Porque o carro do Sol o filho guia
Por caminho do Ceo menos trilhado:
E os que do lago bebem a agua fria,
Donde o Azanaga corre ao mar ſalgado,
E os que de Zaire vem mudar o eſtilo,
Rico das aguas, que lhe empreſta o Nilo.

LXXV.

Como quem gloria ſó procura, e ama,
Naõ temerá mandar a forte gente,
Com que os mares cortando o forte Gama,
Abre as fechadas portas do Oriente:
O cabo tormentorio de alta fama,
Que eſta naval affronta naõ conſente,
Humilhará ſuas ondas, e braveza
A's forças, e á fortuna Portugueza.

LXXVI.

Victorioſo o Gama illuſtre paça,
Vencendo os elementos, e vencendo
As perfidias, e enganos que em Mombaça
O Rey aſtutamente irá tecendo:
Debaixo a Equinocial, que o mundo abraça,
Verá Melinde na Ethiopia ardendo,
Fazendoſe temer da negra gente
Abrazada do fogo do eixo ardente.

Já

LXXVII.

Já neſte tempo as metas, que o Thebano
Alcides poz aos mares arrogantes,
Seraõ fabula vil, que do Oceano
Deſcobrem mais os Luſos navegantes:
Quando com furor alto, e mais que humano
Seus lenhos terras nunca viſtas d'antes
Deſcobriráõ do Auſtro á Noruega,
Onde o Sol arde, e donde nunca chega.

LXXVIII.

Levarás tu primeiro, ó forte Gama,
As Luſitanas Quinas, e as antenas
Taõ longe, que da viſta as perde a fama,
Que tantos olhos tem, e tantas pẽnas:
Onde hum perpetuo Eſtio o mundo inflãma,
E Cynthia faz as noites mais pequenas,
Té os hyperboreos frios pouco eſtimas
Paſſar, emulo ao Sol, por varios climas.

LXXIX.

Irá logo o Cabral varaõ famoſo,
Ver do Braſil a coſta prolongada,
Onde hum trofeo levanta glorioſo,
Em que deixa ſua fama eternizada:
O mar irá cortando victorioſo,
Té ver de Moçambique a deſejada
Coſta, vencendo o largo mar, que abraça
A viçoſa Quiloa com Mombaça.

Ven-

LXXX.

Vencido o mar vermelho, vence o duro
Inimigo, que finge ſer amigo,
Mancha em ſeu bruto ſangue o ferro puro
De ſua graõ perfidia igual caſtigo:
Podendo ver no derrubado muro,
Que era melhor amigo que inimigo;
Fará em Cochim em paz a nobre eſcala,
Abrindo o ignoto porto de Cofala.

LXXXI.

A eſte o grande Novoa irá ſeguindo,
Que os ſeyos Perſio, e Arabico paſſando
De Calecut as naos, que eſtaõ cobrindo
A coſta Malabar, vay deſtroçando:
Com quatro fós a cento reſiſtindo,
Parte mete no fundo, e outras tomando
Té lhe fugir o inimigo de affrontado
Do Portuguez já de vencer canſado.

LXXXII.

Quanto convém que ſejaõ preferidos
Para os cargos da guerra os eſforçados,
Que ao valor os lugares ſaõ devidos
Para os que em obras qnerem ſer honrados:
Os que vem do alto tronco, ſe eſquecidos
Do herdado exemplo eſtaõ de ſeus paſſados,
Que a virtude abraçaraõ preeminente,
Roubaõ lugar alheyo injuſtamente.

Que

LXXXIII.

Que montaõ os leoens, as aguias puras,
Com que a ſoberba eſpera eternizarſe?
Que montaõ atrios, carros, e pinturas,
Se quer a ignavia nellas gloriarſe?
Que as fumoſas imagens, as figuras,
De que a vangloria ſabe namorarſe,
Affrontaõ os que imbelles encoſtados
No tronco antigo eſtaõ de ſeus paſſados.

LXXXIV.

Tornará o forte Gama, já Almirante,
A ver da Perſia os procelloſos mares,
Levando o Rey de Calecut diante,
Vencido entre o furor dos Malabares:
Onde com o de Cochim a paz conſtante
Aſſentará em ſeus poſtos, e lugares,
Trazendo o graõ tributo, que a Lisboa
A ElRey ſeu Senhor manda o de Quiloa.

LXXXV.

Do primeiro Albuquerque a forte eſpada
Em favor de Cochim na dura guerra
Temerá o Caymal, que debellada
Virá igualar a Repelim com a terra:
Vendo n'hum meſmo tempo derrubada
Quanta no Camorim força ſe encerra,
Que entre os dous Albuquerques naõ duvida
Perder além do eſtado a propria vida.

Hon-

LXXXVI.

Honraraõ ſeu ſepulchro os levantados
Trofeos, inſignias de invejada gloria,
As bandeiras pendentes, os gravados
Arnezes, onde vive alta memoria:
As taboas dos navios abrazados,
Portas, chaves, tambores de victoria,
Eſpadas inimigas penduradas,
A' meſma eternidade conſagradas.

LXXXVII.

Irá fazer aguada o graõ Saldanha
No tormentorio cabo, e coſta ardente;
Dando ſeu meſmo nome á terra eſtranha,
Que nella ha de durar eternamente:
A quem com as fortes armas acompanha
Contra os da India, e C,amorim potente
O graõ Pacheco, que com a eſpada nua
A fama de ſeu Rey eſtende, e a ſua.

LXXXVIII.

De fortes paraós com dura guerra
Mambeja cubrirá de naval muro
O eſtreito paſſo, e de eſquadroens a terra
C'os Reys de Cucuraõ, e de Bipuro,
Deſcendo o Rey de Catagém da ſerra
De Coriga, e Tanor com braço duro,
Todos confederados, e de modo,
Que os podéra temer o mundo todo.

Nada

LXXXIX.

Nada teme o Pacheco, nada o eſpanta,
Podendo toda a India ſó temello,
Com pouca gente ſe arremeſſa a quanta
Virá na terra, e mar a acometello:
Sahindo hum trovaõ negro da garganta
Bramindo pela boca de hum camello,
Os paraós deſtroça, onde o eſpumoſo
Neptuno ardendo entrava furioſo.

XC.

Dos caſtellos, e popas torreadas
As duras ſettas deſpedidas voaõ,
De tambores, e trompas as dobradas
Vozes nos ares repetidas ſoaõ:
Voaõ dardos, e chuças amoladas,
Soberbos golpes todo o mar atroaõ,
Hum cahe atraveſſado, e outro exangue
Nas ondas nada de ſeu proprio ſangue.

XCI.

Qual morto cahe as ondas penetrando,
Creſcendo o mar co' ſangue da ferida,
E qual nellas abſorto anda nadando
Por á morte eſcapar, que tem bebida:
Qual no remo ſe pega, e vay trepando,
E esforçandoſe eſtá para a ſubida,
E cahe ferido do pelouro ardente,
Deixando a vida, e remo juntamente.

XCII.

Eis que do bronze concavo incendido
Rebenta o pó ſulfureo abrazado,
Que dando no ar aſperrimo bramido,
Na abobada do Ceo reſponde o brado:
Voa o pelouro em flammas eſcondido,
Qual o rayo de Jupiter irado,
Que de Tyfeo a grande furia imita,
Quando as pedras ardendo ao ar vomita.

XCIII.

Virá ſegunda vez eſte inimigo,
Cometer com mais velas, e mais gente
O meſmo vaõ, naõ tendo mais comſigo,
Que ſó a ſi meſmo, o Capitaõ valente:
Entra com dous bateis neſte perigo,
Paſma em vello o inimigo, e já ſe ſente;
Que tem poſta a eſperança na fugida
Por naõ deixar antes do paſſo a vida.

XCIV.

O' Alcides Luſitano, honra de Heſpanha,
Digno de eterna, e ſoberana hiſtoria,
A que o trabalho proprio, e terra eſtranha
O fructo rendem de invejada gloria:
A patria, a quem tu dás honra tamanha,
E ao mundo, onde eſpalhaſte tua memoria,
Exemplo, e eſpelho deixas, onde veja,
Que alta virtude dá por fructo inveja.

XCV.

Naſce, dizia, hum reſplandor divino
Do Almeida, e ſeu braço ſoberano,
Quando dos Reys caſtiga o deſatino
De Mombaça, e de Onor com mortal dano:
Que o de Cochim no ſolio peregrino
Com braço, e peito aſſenta mais que humano;
Primeiro Viſorrey, por elle vejo
Chorar perlas o Ganges, e o patrio Tejo.

XCVI.

Com elle irá Lourenço valeroſo,
Que do valor do pay ſegue as pizadas;
Que deixará em Cochim o alto, e famoſo
Padraõ com as Quinas de ouro levantadas;
Onde hum ſepulchro, e outro portentoſo
Deſcobrirá, que as fabulas ſonhadas
Enſinaõ com rumor, e fama eſcura
Ser dos primeiros pays a ſepultura.

XCVII.

Mas em Chaul a imiga, e dura ſorte,
Que durar hum bem grande naõ conſente;
Lhe dá entre as lanças a formoſa morte,
Que invejada ſerá perpetuamente,
Rompelhe a forte bala o peito forte,
Levandolhe huma perna hum rayo ardente
Do corpo, aonde a alma ſe detinha,
Que ſó ao coraçaõ por armas tinha.

XCVIII.

Porém o velho pay, a quem naõ cança
O exercicio do ſanguineo Marte,
De Dabul tomará cruel vingança,
Onde levanta o bellico eſtandarte:
Queima, por terra poem, e naõ deſcança;
Té que o fogo ſe atea em toda a parte,
Tudo effeitos crueis de forte rayo,
De que encolhido treme o graõ Sabayo.

XCIX.

Mirocem, que nas forças atrevido
De armadas galés, e bellico aparelho
Se atreve a reſiſtir, foge vencido,
E o mar d'antes azul fará vermelho:
Onde as bandeiras do Sultaõ temido
Piza com as plantas o valente velho,
A quem guarda depois a terra dura
Do Cabo a eſtranha, e iniqua ſepultura.

C.

Logo o famoſo Affonſo o mar cubrindo
De naos, os Malabares affugenta,
Do graõ Neptuno as ondas opprimindo,
Que de ſeu grave peſo já rebenta,
Levando o Marichal, que á fama abrindo
Novos caminhos, pela eſpada augmenta
A vida, que c'o ſangue, que derrama,
Vencido vence, e vive pela fama.

CI.

Seguindo eſtes varoens o graõ Soares,
Temido ſe fará naquella parte,
Que Arabia volve os procelloſos mares;
Logo o Siqueira, Luſitano Marte:
Tremem de Ormuz os muros, e lugares
Do valor do magnanimo Duarte,
Que c'o vento das azas, que abre, e ſerra
Sua fama os fortes muros poem por terra.

CII.

Quando o terceiro Joaõ Rey excellente
Subir ao Real ſolio, deſejando
Proſeguir as victorias do Oriente,
Do Olympo ſó os caminhos affectando,
Mandará o forte Gama taõ valente,
Que dos annos o peſo deſprezando
Comete o mar, ſem deſcubrir fraqueza,
Que o coraçaõ deſmente a natureza.

CIII.

Tremerá toda a India ſó de vello,
Seu eſforço, ſeu braço, ſua fortuna,
Treme Neptuno, e moſtra em fim temello;
A tempeſtade indomita, e importuna:
Porém ſó o fado poderá vencello,
Quebrando eſta firmiſſima coluna
Do novo mundo, aonde deſcançava
O peſo, que em ſeus hombros carregava.

CIV.

Succederlheha morrendo o grande Henrique,
Porque tambem no esforço o represente,
Que deste Fenix quer o Ceo, que fique
Outro nas mortas cinzas do Oriente,
Que em Baticala tantas naos a pique
Ao centro manda, e rende juntamente,
Para que o C,amorim se desengane
Pelejando em Coulete, e em Panane.

CV.

No Malabar a grande fortaleza
Elle defenderá no estreito paço
Com Heitor da Silveira, que se preza
De Lusitano Heitor no forte braço:
Quando a todos mostrar naõ ter defeza,
Os peitos nús, como se foraõ de aço,
A's mortes exporáõ, e aos móres riscos
Sem a vista temer dos basiliscos.

CVI.

Da India os mares lavrará o temido
Sampayo, que com poucos Portuguezes
Verá desbaratado, e destruido
O poder do inimigo tantas vezes:
Sentilloha Bacanor, e o atrevido
Geral de Bisnagá, que a seus revezes
Naõ acha malha, ou elmo, que resista,
Confessando, que o vence só com a vista.

Aq

CVII.

Aqui a Ninfa hum pouco levantando
A voz ſonora, diz: Pelo Oceano
Virá o Cunha illuſtre navegando,
Que a Mombaça fará taõ grande dano:
Vence Cambaya, e a Batel queimando,
Fará temido o nome Luſitano,
Que pelos inimigos, que tem morto,
Dos mortos dará nome ao meſmo porto.

CVIII.

Em Dio a nobre fortaleza erguendo,
Que o Sultaõ Mahamud com grande inveja
Quer igualar com a terra, naõ podendo
Chegar co' forte braço, onde deſeja:
Duas Turqueſcas chama, que vertendo
Sangue no mar ſe poem, e na peleja
Veraõ nas roxas ondas ſeus turbantes
Nadar morrendo os Turcos arrogantes.

CIX.

Irá logo o Noronha, e o novo Gama
Tomar o leme do famoſo Eſtado,
Que o irmaõ rega co' ſangue, que derrama,
Que a terra, e Ceo tem ambos conquiſtado:
E o grande Martim Affonſo, cuja fama
Fará ao eſquecimento ſer lembrado
De ſua gloria, que taõ mal ſe encerra
Nos eſpaços do ar, e nos da terra.

Aqui

CX.

Aqui, dizia a Ninfa, he neceſſario
Outro peito, outra voz, outra ſciencia;
E que me empreſte o plectro o meſmo Clario,
Pondo em meus beiços favos de eloquencia,
Para que cante, a quem de marmor Pario
Eſtatuas deve a humana providencia,
Antes eſtatuas de ouro, e de alabaſtro
O illuſtre, o pio, o invencivel Caſtro.

CXI.

Succederás, ó Caſtro venturoſo,
Em quem de Alcides o valor ſe encerra,
Quando o Rey de Cambaya poderoſo
A Dio ſitiará por mar, e terra:
Onde teu meſmo filho valeroſo,
Envolto no furor da dura guerra,
Piza as bandeiras, onde no ar tremola
Com as meyas luas a ſoberba cola.

CXII.

Aqui mudando o canto em laſtimado
Accento triſte, a Ninfa proſeguia:
Aqui, mancebo illuſtre, rodeado
Dos teus, que haõ de imitarte na ouſadia,
Vendo dar fogo ſobre a mina armado
Renaſces, como Fenix, neſte dia
Nas roxas flammas, onde abriſte logo
Para voar mais alto azas de fogo.

Em-

CXIII.

Embraçado o escudo rutilante,
Vem o famoso Castro com presteza
A soccorrer os seus, elle diante
Pouco estimando a perigosa empreza,
Armado sahe de hum animo constante
Desprezador da vida, e só se preza
Da alta virtude, que a seu braço unida,
A India toda o teme, e a faz temida.

CXIV.

Tal preço de sua barba, e tal valia
Teraõ só dous cabellos, que o thesouro
Mayor do Sol (que com seus rayos cria
Nas grandes veas, cujo sangue he ouro)
Menos estima tem, que a quanto a fria
Noite esconde, e descobre Apollo louro,
Tocando o mais remoto paralello,
Excede desta barba hum só cabello.

CXV.

Irá o grande Cabral tomar o pezo
Do novo mundo aberto no Oriente,
Que a Chambe voa em puro fogo acezo,
E a terra abraza como rayo ardente:
Bardelá o sente, onde cercado, e prezo
Arde o Rey, e com elle a Maura gente,
E na marinha, e miseras aldeas
Purpureas torna as pallidas areas.

Lo-

CXVI.

Logo irá o Noronha, que correndo
De Ormuz o mar com a poderoſa armada,
A' fortaleza chega, que tremendo
Cahe de ſeus fortes rayos abrazada:
Eufrates de ſuas naos co' pezo horrendo,
Opprimido dará por força entrada;
Que ás Portuguezas armas, e aos intentos
Obedecem té os proprios elementos.

CXVII.

Quando tremer Malaca da ouſadia
Dos Reys vizinhos, vence a furioſa
Gente co' duro braço Dom Garcia,
Tornando imbelle a eſquadra bellicoſa,
N'hum barco, aonde em pó Vulcano ardia,
Sahe pelo ar com força portentoſa
Voando a morte, e leva juntamente
Ao General, e ao filho a balla ardente.

CXVIII.

Ferve o mar, e já em ondas ſe levanta
Todo de branca eſcuma coroado
Co' armada imiga, que ſó vella eſpanta
C'hum lenho, e outro lenho torreado:
Quando o metal, que os animos quebranta,
O rayo lança com ſonoro brado,
O inimigo a ouſadia em medo troca
Ouvindo o eſtrondo da ſulfurea boca.

Hu-

CXIX.

Huma armada com outra a hum tempo afferra
Prenhe do occulto fogo, que ſahindo
Em negros gyros cobre o mar, e a terra,
Incendios exhalando, e repetindo:
A balla voa, que o metal encerra,
Que nos ares caminho largo abrindo,
De Jupiter o ardente rayo imita,
Que huns deſpedaça, a outros precipita.

CXX.

Voa Vulcano ardente, e com violento
Eſtrondo alto bramido, e voz funeſta
Os cornos quebra no ar ao negro vento,
Quando entre as nuvens ergue a dura teſta,
Treme Neptuno, e ſobre o ſalſo argento
Chama os marinhos deoſes, e ſe apreſta,
Vendo do grande eſtrondo, e das pezadas
Ballas as creſpas ondas infeſtadas.

CXXI.

Já ſe afferraõ as popas diligentes,
Abrindo o ferro alli ſanguinea porta,
De mil vidas o fio nos ardentes
Fios de ſeu cutelo Atropos corta:
E ſobre as rapidiſſimas correntes
Nadará tanto ſangue, e gente morta,
Que a quem as vir de roxo ſangue cheas
Pareceráõ as ondas Eritreas.

CXXII.

Depois o largo mar irá cortando
O forte Mascarenhas, naõ vencido,
Por Rey de Visapor alevantando
O irmaõ á vista do Hidalcaõ temido:
O graõ Barreto a India governando
Verá a seu braço o Camorim rendido,
Que de alto esforço, e de valor deseja
Encher o mundo, e de glorioſa inveja.

CXXIII.

Tremendo está a fortiſſima Cidade
De Mangalor, té as pedras abrazada,
Onde o Rey com a vida a liberdade
Deixa nos fios da inimiga espada:
E o de Cambaya em marcia tempestade
Verá Manora, e Asiarim queimada,
E o Hidalcaõ fugindo, que a Salsete
Com vingativas armas acomete.

CXXIV.

Logo irá o famoso Constantino
Do Real tronco ramo florecente,
A cujo alto valor, e peregrino
Será estreito Imperio o do Oriente:
Dámaõ provando o aço puro, e fino,
A seu braço se rende, e o potente
Rey de Janapataõ por maravilha
A seus pés a coroa, e o sceptro humilha.

Lo-

CXV.

Logo o grande Coutinho, e o esforçado
Mendoça, e o graõ Noronha com presteza
Ergue de seus soldados ajudado
De Mangalor a nobre fortaleza:
Aqui o rouco plectro, e já cansado
A Ninfa despertava com destreza,
Dando á sonora voz mayor alento,
Affina as doces cordas do instrumento.

CXXVI.

Virá (diz ella) á India a governalla
O grande Dom Luiz, rayo da guerra,
Com cuja vista o mar tremendo calla,
E em vello treme, e emmudece a terra:
Este, que a grande fama aos Ceos igualla,
Lá no monte Parnel queimada a serra
Fará o Mogor fugir, pizando a praya
Da ardentissima costa de Cambaya.

CXXVII.

A Onor debella, que co' a hervada seta
Em nuvens tolda o ar, com que tirava,
Dandolhe occasiaõ, que entaõ cometa,
Porque á sombra das settas pelejava:
Quando o Rey dos Achens mais inquieta
Os muros de Malaca, alli se achava
Dom Leoniz, ou leaõ melhor dissera,
Que rosto a rosto o inimigo espera.

Este

CXXVIII.

Eſte famoſo Atlante aos hombros tendo
Da India o peſo, vencerá a porfia
Do Hidalcaõ, que a Goa acometendo,
Tremerá de ſua eſtranha valentia:
De cabeças hum grande monte erguendo,
Eſtas em carros ao inimigo envia,
Deſterrando a ſoberba Mauritana
De Goa até a remota Tapobrana.

CXXIX.

O' patria inſigne, ó terra venturoſa,
Ditoſo Rey de taõ altiva gente,
Que em toda a parte a eſfera luminoſa,
Onde he mais fria, e onde mais ardente,
Vê a Luſitana eſpada victorioſa,
Que hum Portuguez fugido, e deſcontente
Baſtará a revolver o mar profundo,
E abrir nelle caminho a hum novo mundo.

CXXX.

Que terra taõ remota, e taõ eſtranha,
E qual no mar vermelho procelloſo
Inculta Ilha, em Scithia alta montanha,
Na Ethiopia deſerto perigoſo:
Qual regiaõ Boreal, que a neve banha,
Onde da fama, e ſeu clarim famoſo
(Além do berço, em que ſe iguala o dia)
Naõ chega o ſom de tanta valentia.

CXXXI.

O Alfeo, o Pó, o Garona, o graõ Sylauro,
Que as arvores em duras pedras troca,
O Eufrates, Danubio, Arno, e Metauro,
E o Ganges, que do Sol as plantas toca,
Caiſtro, Ermo, Pactolo, Amphriſo, e Dauro,
E o Nilo, que entra ao mar por tanta boca,
E os mais, que callo, ajoelhados vejo
Eſperar ſantas leys do antigo Tejo.

CXXXII.

Ouve o Tejo a Legea o doce canto,
E antes de ſe ir ás ondas, onde mora,
De grande gloria cheyo, e grande eſpanto
Do que ouvira cantar pérolas chora,
Inclina ao Grego a branda viſta, em quanto
Com lingua de agua fórma voz ſonora,
E eſtas palavras myſterioſas falla:
O' eu ditoſo, ó tu ditoſo; e calla.

CXXXIII.

A Ulyſſes deixa o venerando, e velho
Rio, de altas riquezas abundante,
Ao lado os rios vaõ de ſeu conſelho,
Os mais pequenos rios vaõ diante:
Nas ondas claras, qual em claro eſpelho,
Via Febo ſeu carro rutilante,
As Nayades, e Oreas para as fontes
Se tornaõ, as Amadrias a ſeus montes,

Deſ-

CXXXIV.

Deſperta Ulyſſes, indo levantando
Os olhos quaſi abſorto, e ſem ſentido
Ergue-ſe, a gruta obſerva, a côr mudando
Co' ſangue a ſeu principio recolhido:
Como aquelle, que incauto paſſeando,
Vio cahir junto a ſi rayo encendido,
Aſſim Ulyſſes fica, aſſim ſe admira
Do grave canto, que a Legea ouvira.

CXXXV.

Levanta as ſobrancelhas admirado,
Repetindo o que a Ninfa lhe diſſera,
E o que inda em ſombras lhe eſcondia o fado;
Com profundo cuidado conſidera:
Chega ás primeiras ondas do dourado
Tejo, e ajoelhado alli o venera,
Toca a agua com as maõs, a voz levanta,
Hymnos ao Tejo, e ſeus louvores canta.

AR-

# ARGUMENTO
## DO OITAVO CANTO.

*A Gorgoris Megera o peito inflãma,*
*Guerra com tuba horriſona apregoa,*
*Adraſto a Ulyſſes, que elle amou por fama,*
*Soccorro dá por defender Lisboa:*
*Apaga o Tejo a voadora chãma,*
*Que ás naos ſe pega, e do alto chove, e toa;*
*Gorgoris ſe recolhe, e a Aurora abrindo*
*O Ceo, de armas o campo vem cobrindo.*

I.

QUando o muro de ameas coroado
Da famoſa Ulyſſea ao ar ſe erguia,
Correo hũ reſplandor ao dextro lado,
Que clara luz nos ares diffundia:
Gorgoris do que vê maravilhado,
Sabios convoca, o caſo conferia,
Até que de canſado em ſono lento
Faz tregoas co' cuidado, e penſamento

Em

II.

Em tanto Circe, que na mente altiva
Os ſucceſſos de Ulyſſes obſervava,
Vendo, que de Calypſo a chãma viva
Amor pelas medullas lhe ateava:
Com exceſſivo amor, dor exceſſiva
Os ſepultados fogos deſpertava,
A Teſifone invoca, da vingança
Concebendo certiſſima eſperança.

III.

Vós, eſpiritos, diz, que no eſcondido
Tartaro repartís a pena dura,
Ouvime, e o curſo rápido, e temido
Pare da Eſtige envolta em ſombra eſcura:
O favor me darás taõ merecido
Teſifone, pois vi do Sol a pura
Face em teus braços, cuja maõ divina
Exercitou o officio de Lucina.

IV.

Se bem tu, deoſa amiga, me enſinaſte
Os trabalhos do Sol, e o movimento,
De Febe os incrementos me moſtraſte,
E o que mais em ſi eſconde o Firmamento;
Pois como mãy, ó deoſa, me creaſte,
Vê de Ulyſſes o ingrato penſamento,
Da-lhe o duro caſtigo, que merece,
Acode ao mal, que co' a tardança crece.

V.

Quando Cynthia nos campos de çafira
Os seus diamantes lucidos semea,
A Gorgoris dormindo n'alma inspira
De Ulysses, e Calypso a culpa fea:
A furia, que de Circe a queixa ouvira,
A rapida corrente, a inculta area
Obrigada do encanto, que a chamava)
Das margens deixa, que o Cocyto lava.

VI.

Ella junto da praya desgrenhada
A's cobras da cabeça permittia
Lamber as tristes ondas da abrazada
Ribeira; que de enxofre as revolvia:
Não sahe da mão de Jove a setta irada
Com a pressa, que Tisifone sahia,
Que com a pompa das cobras o horizonte
Vinha assombrando da cerulea fronte.

VII.

Sahe da Tenaria porta, onde chegarão
Os cavallos do Sol, e estremecerão,
De fumo o ar enchendo perturbarão
Os ares, o caminho, e luz perderão;
Os cabellos de Atlante se eriçarão,
E nos robustos hombros lhe tremerão
Os estrellados eixos, que os assombra
Do feyo rosto a denegrida sombra.

VIII.

De eſpantado largava o graõ Gigante
O alto pezo da eſfera cryſtallina,
E arriſcando o eſtellifero Tonante,
Ameaçava o Ceo grave ruina:
E o velho Proteo co' rebanho errante
No mais fundo do pego determina
Ir eſconderſe nas cavernas, onde
Os ſegredos do mar Neptuno eſconde.

IX.

Tornando o Tejo atraz, os levantados
Muros batendo vay da alta Lisboa,
A ſerra Mariana os congelados
Cornos ſacode, e delles chove, e toa:
Ao Mondego em rodeos dilatados
Cahe da cabeça a liquida coroa,
E ao Douro o medo frio os braços ata
Nos puros laços da laſciva prata.

X.

Sentio nos groſſos ares o ruido
O Pachino, o Peloro, o Caſſio monte,
De ambos os mares o Iſtmo combatido
Se quiz abrir ao mar, que tem defronte:
Temeo Pirene, e o Rifeo temido,
Rodope altivo, e a Parnaſia fonte,
E as mãys, onde os gemidos penetraraõ,
Ao peito os tenros filhos apertaraõ.

A terra

XI

A terra toda, o mar, por onde paſſa,
Inficionados deixa, e já ſe ſente
A pallida doença, a fome eſcaſſa,
E até nas meſmas fontes ſede ardente:
Igual a morte a todos tudo abraſſa
O ar pezado, negro, e peſtilente
Seu torpe alento faz, que tudo offende,
E dando huma mão n'outra fogo accende.

XII.

Pára no monte Almata, onde ſemea
A diſcordia fatal, que arder ſe via
Nos duros defenſores de Ulyſſea,
E em quem ſeus novos muros offendia:
Té os boys, que o lavrador na propria aldea,
Vendo a manhã ſahir, no jugo unia,
Renovando o trabalho começado,
O jugo rompem ſem ſoffrer o arado.

XIII.

Em tanto a furia hum corpo do ar tomando,
No ſilencio da noite eſcura entrava
N'um apoſento, adonde repouſando
Em alto ſono a Gorgoris achava:
Huma grave, e ſevera voz formando,
Com barba, que no peito deſcanſava,
N'um bordaõ arrimada, que trazia,
Meneando a cabeça lhe dizia.

XIV.

Dormes, valente Rey, taõ pouco ſentes
Que te occupe o inimigo a propria terra
Sendo opprimido de eſtrangeiras gentes!
Quem dorme ao proprio dano os olhos cerra:
Naõ dormem, nem deſcanſaõ Reys prudentes,
Deſterre ao ocio vil a honroſa guerra,
Melhor parecerias embraçado
O eſcudo, ſcintillando o arnez gravado

XV.

Cinge, graõ Rey, a generoſa eſpada,
Que em ocio tens, podendo ſer temida,
Abre a porta, que Jano tem cerrada,
Do Olympo ſegue a eſtrada eſclarecida:
Por Calypſo tua fama eſtá manchada,
Depois de fama, e honra eſtar perdida
Naõ fica que perder, que eſta jactura
Ao tempo vence, e eternamente dura.

XVI

Eu ſou Polibio, que no tempo antigo
De Capitaõ ſervia a teus mayores,
Para outra vez poder morrer comtigo
Corpo melhor tomey, forças melhores:
E para te ajudar neſte perigo
Da ſepultura teus predeceſſores
Verás ſahir com animos altivos,
Que os mortos ſe erguem, quando faltaõ vivos.

Gor-

XVII.

Gorgoris já deſperto, e do que ouvira
No coraçaõ fogoſo, e viſta ardendo,
Imaginando eſtava, ſe he mentira,
Ou illuſaõ do ſonho o que eſtá vendo:
Naquella parte, onde a Polibio vira,
Os olhos, e alma prompta ſuſpendendo,
Erguia o pavilhaõ, e obſerva attento
As paredes, e ſombras do apoſento.

XVIII.

Com ardente pincel de reſplandores
Apenas a alva as ſombras animava
Das nuvens, que pintara em varias cores,
Pela parte mais rara o Sol paſſava:
Luz ao Ceo, côr ao prado, vida ás flores
Sahindo, ardendo, e rociando dava:
Quando Gorgoris deixa a branda cama,
E os mais prudentes a conſelho chama.

XIX.

Que huma viſaõ, dizia, prodigioſa
Aquella noite toda o perſeguira,
E que com voz pezada, e temeroſa
Seu deſcuido, e tardança lhe arguira:
Botando pela viſta portentoſa,
E pela negra boca fogo, e ira,
Que a alma lhe deixou taõ perturbada,
Que a affronta inda naõ cuida, que he paſſada.

Pro-

XX.

Propondo o caſo a todos, referia
Como o ſagaz Ulyſſes o enganara
Por levantar com manha, e ouſadia
O muro, onde ſe acolhe, e ſe repara:
Cada hum tira do peito o que ſentia,
Pela patria offerece a vida cara,
Varias conſelhos daõ por varios modos,
Que a Cidade ſe arraze aſſentaõ todos.

XXI.

Porém, que antes de tudo ſe mandaſſe
Alcino, Cidadaõ prudente, e velho,
Que os motivos da guerra declaraſſe,
E o que tinha aſſentado em ſeu conſelho:
Que Gorgoris em tanto preparaſſe
Armas com todo o bellico aparelho:
Partio Alcino, que de Ulyſſes teve
Repoſta ao que propoz, aſtuta, e breve.

XXII.

Depois de o ter ouvido, carregando
A fronte, proſeguia gravemente:
Que alli fizera aſſento deſejando
Fazer vaſſallos ſeus a Grega gente:
Que os perigos dos mares receando,
Para o poder ſervir perpetuamente
Quizera ter morada, em que viveſſe,
Onde de ſua patria ſe eſqueceſſe.

Que

XXXIII.

Que as leys o permittiaõ da amizade,
E obrigavaõ as leys da natureza
Dar hoſpicio, e favor, dar liberdade,
Que de hum Rey he mais propria eſta grandeza;
Se com tudo offendia huma Cidade
Breve, eſtreita, ſem força, e ſem defeza,
Que facil abrazalla lhe ſeria,
Se o fado eſta ruina permittia.

XXIV.

Que viſſe como a caſo naõ tomara
Porto, mas por impulſo mais que humano
A fereza dos ventos contraſtara
No bravo Egeo, e tumido Oceano:
E lhe lembraſſe a luz divina, e clara,
Que o ar abrio, por Jove ſoberano
Querer moſtrar, que no ethereo aſſento
De Lisboa approvava o naſcimento.

XXV.

Gorgoris, que a repoſta conſidera,
Com a gente ao campo ſahe, que armada tinha;
Porém a Ulyſſes o animo lhe altera,
Porque em buſcar ſoccorro ſe detinha:
Vê ſua pouca gente, e naõ eſpera,
Para antiga Tubuci em fim caminha,
Aonde o Rey Adraſto ſenhorea
A famoſa Colipo, e grande Amea.

Com

XXVI.

Com poucos companheiros se partia
Em huma embarcaçaõ leve, e pequena,
Que mais pequena, e leve parecia
Ao doce Tejo, e sua corrente amena,
Que tanto estima o pezo, que corria
Com veya taõ suave, e taõ serena,
Que a prompta vista mal determinava
Para que parte o Tejo caminhava.

XXVII.

Chega a Tubuci a tempo, que occupado
Adrasto em sacrificio sumptuoso,
Entre hum bosque de hum valle consagrado
Altares ergue a Alcides valeroso:
E vendo tudo de armas povoado,
Manda a seu filho, que do porto undoso
A area toque a se informar da gente
Da sua em traje, e armas differente.

XXVIII.

Vendo Filarco a Ulysses, e sabendo
Quem era, dalhe os braços, e comsigo
O leva ao pay, que alegre recebendo
O grande hospede, o honrava, como amigo;
A quem pessoa, e terra offerecendo,
Estou, lhe diz, n'hum sacrificio antigo,
Que naõ posso deixar; e ambos tomavaõ
Copas, que a Jove, e a Hercules libavaõ.

Con-

XXIX.

Contalhe, que eſta feſta celebravaõ
Os povos, que alli juntos concorriaõ,
Que de Alcides a fama, e gloria honravaõ
Com as grandes aras, que a ſeu nome erguiaõ,
Porque entre as couſas, que por fama achavaõ,
Era a de huma victoria, que diziaõ,
Que Alcides alcançara de hum tyrano,
Que devaſtara o Reyno Luſitano.

XXX.

Chamavaſe (diz elle) Pithodemo,
De grandes forças, lutador famoſo,
Que em membros excedia a Polifemo,
Temerario igualmente, e temeroſo:
Eſte junto do mar no duro extremo
D'hum monte, que ſuſtenta o luminoſo
Olympo, n'huma gruta ſe eſcondera,
Que capaz apoſento aos roubos era.

XXXI.

Fez hum jardim famoſo, que igualava
O que já n'outro tempo Heſperia tinha,
Onde os pomos hum rio, que paſſava
Com brandas aguas, ſuſtentando vinha:
Alcides, que maçans no rio achava,
Por ſua margem freſca alto caminha,
A ver aquelles pomos, que cahiaõ,
Em que terreno, em que jardim naſciaõ.

Foy

XXXII.

Foy pelo rio das Maçans correndo,
Que eſte nome conſerva hoje comſigo,
Chega a hum monte, que as nuvens excedendo
Era de aves, e feras fero abrigo:
Do alto cume ao baixo diſcorrendo,
A porta vê, que de hum penedo antigo
Eſtá ſellada, e nella vê cravados
Os deſpojos dos tímidos veados.

XXXIII.

Do leaõ, e do urſo alli ſe via
A enrugada teſta eſtar pendente,
E a negra, e fera boca, onde luzia
De cada lado o navalhado dente:
O rebanho eſcondido alto mugia
Do monte nas entranhas eminente,
A porta tenta, quando vê diante
O monſtruoſo corpo de hum gigante.

XXXIV.

Caminhante, lhe diz, ouſado, eſpera,
Que tua vinda eſtimo em grande eſtremo;
Porque eſſa féra maſſa, e teſta féra
As portas honraráõ de Pithodemo:
Ergue o baſtaõ, que hum tronco inteiro era,
A que Alcides reſponde: Naõ te temo,
Monſtro, ſó em palavras arrogante,
Sabe, que ao grande Alcides tens diante.

Só

XXXV.

Só com ouvillo a voz, e côr perdendo,
Vencido eſtá da fama, e do que ouvira,
E reſiſtir a Alcides mal podendo,
Ao intratavel monte ſe retira:
Sobre as azas do vento vay correndo,
Traz delle Alcides ſobe ardendo em ira,
Que á porta outra vez deſce, e mudo, e quedo
Os duros hombros prova no penedo.

XXXVI.

Naõ podendo vencello, ao duro mónte
Sobe irado, tomando novo alento,
Onde de pedras orna a creſpa fronte,
Que ſempre açouta a tempeſtade, e o vento,
Onde nem ramo ſoa, ou ferve fonte,
De aves nocturnas horrido apoſento,
Enorme, e feyo, povoado apenas
De ſecos juncos, e de quentes penas.

XXXVII.

No mais alto huma penha ao ar erguida
Se moſtrava, que Alcides enojado
Abraça duramente, que impellida
Nuta levada n'hum, e n'outro lado,
Cahe do monte graõ parte deſaſida,
Vê ſe de Pithodemo o agaſalhado,
Que pállido, e medroſo naõ atina,
Que cauſa tem taõ ſubita ruina.

Naõ

XXXVIII.

Naõ rompem com eſtrondo ſemelhante
Os largos ſeyos de agua carregados
As nuvens, que toando o Ceo diante,
Soltaõ chuveitos negros, e pezados:
Nem com tal furia vibra o graõ Tonante
Os rayos por Vulcano fabricados,
Quando as coſtas do mar feridas gemem,
E as eſferas do Ceo nos polos tremem.

XXXIX.

Pithodemo confuſo eſtá, e medroſo
Vendo taõ perto o ultimo perigo,
Pedras arroja a Alcides valeroſo,
Que ao centro vay buſcar ſeu inimigo,
Pela abertura ſalta, onde animoſo
Lhe levava nos braços o caſtigo,
Que fugirlhe, e eſconderſe em vaõ procura,
Illuſtrada do Sol a cova eſcura.

XL.

Como ſe a parda terra ſe raſgaſſe
Té ás entranhas, moſtrando o eſcuro Averno,
Onde da morte pállida ficaſſe
A eſcura regiaõ aberta ao Ceo ſuperno:
Se a pura luz do Sol ouſada entraſſe,
Na horrenda confuſaõ do triſte inferno,
Seria entre os tormentos, e crueldade
Temida, e odiada a claridade.

Por

XLI.

Tal Pithodemo as ſombras vay buſcando;
Onde ſe eſconda, e Alcides diligente
O ſeguia, a caverna penetrando,
E nos braços o aperta eſtreitamente:
Nelles os duros oſſos eſtalando,
A alma ſahe do corpo impaciente
Deixa os membros, moſtrando amortecida
A cor do roſto, a boca denegrida.

XLII.

Já das groſſas cadeas deſatava
Alcides o penedo, que ſervia
De porta á eſcura caſa, que guardava
Os furtos, que o vil dono alli eſcondia:
Deixava Alcides a pezada clava,
E o penedo c'os braços revolvia,
E o arrugado roſto, e barba eſqualida
Da cor deſcobre verdinegra, e pallida.

XLIII.

Abre a porta, ao claro Ceo moſtrando
Dos furtos o ſegredo manifeſto,
Alcides, pelos pés tira arraſtando
O inutil pezo, ao Ceo, e á terra infeſto;
Que com ſeu bruto ſangue eſtá afeando
Os olhos triſtes o medonho geſto
De Pithodemo morto, horrido, e feo,
Qual novo Caco, ou Africano Antheo.

Tanto

XLIV.

Tanto que a fama, que com tantas pẽnas,
E tantas linguas, e olhos que naõ cerra,
O mundo corre, e as couſas mais pequenas
Sempre acreſcenta, quando menos erra,
Naquellas regioens freſcas, e amenas,
No baixo valle, e mais remota ſerra
Divulgou eſta morte, ninguem fiqua
Sem ver de Pithodemo a caſa iniqua.

XLV.

Deſpovoaõſe os campos, e os lugares
Por ver deſte tyranno o corpo infando,
Que levaõ com fortiſſimos collares
Hora no ar ſuſpenſo, hora arraſtando:
A Alcides erguem, e a Megara altares
Em honra deſte dia memorando,
E o tempo gaſtador, que tudo come,
De Collares conſerva o proprio nome.

XLVI.

Iſto Adraſto lhe diſſe, e levantado
Do ſacrificio, alegre ſe partia,
E a Ulyſſes, que levava ao dextro lado,
Favor liberalmente promettia:
Da guerra as cauſas tinha relatado,
E como as ouve Adraſto, reſpondia:
Pezame verme carregado, e velho,
Que ſó poſſo ajudarvos co' conſelho.

Lá

XLVII.

Lá no vigor da verde mocidade
Eu partia hum leaõ, eu só proſtrava
Hum touro, onde ninguem na agilidade,
Na força, e na carreira me igualava:
Tudo leva comſigo a longa idade,
Té o animo, que os membros governava,
Na pezada velhice a triſte vida
He de ſeu proprio dono aborrecida.

XLVIII.

De Gorgoris Adraſto era inimigo,
Porque infeſtado já da guerra dura
D'elRey Licinio fora em tempo antigo,
Que hum mortal odio eternamente dura:
Promettelhe ajudallo como amigo,
E ſobre eſta palavra, e fé ſegura
Theſouro, armas, e gente lhe offerece,
Que Ulyſſes cortezmente lhe agradece.

XLIX.

Filarco eſtá preſente, a que o facundo
Ulyſſes perſuade a dura guerra,
Que elle com goſto aceita, e do profundo
Odio inſtigado, que no peito encerra:
Naõ temais, lhe dizia, a todo o mundo,
Que ainda que ſe ajunte o Ceo, e a terra,
Só eſta baſta, e hum pouco a cor mudada,
Leva até o meyo a generoſa eſpada.

Em

L.

Em aneis de ouro todo lhe enredava,
Collo, e hombros, o lucido cabello,
Do roſto a mageſtade acompanhava,
Que entre ſuas ondas era inda mais bello:
De minio a cor as faces lhe adornava,
Naõ podendo a inveja reprendello,
Que parecia a cor aſſim abrazada
Huma roſa nas faces desfolhada.

LI.

Qual o catulo novo, que ſe via
Da teta da leoa deſcontente,
Da gruta eſcura ſahe, aonde ſe cria,
Que de animoſo deixa impaciente:
As unhas prova, que na pedra afia,
Armada a boca já de fero dente,
Sobe ao monte com a viſta em fogo aceza,
Solicitando a fugitiva preza.

LII.

Aſſim Filarco a Ulyſſes ſe offerece,
De fortes armas vindo ao campo armado,
Gorgoris entre tanto reſplandece
Dos eſquadroens guerreiros rodeado:
Sobre hum carro voando, que parece
Deixar na area apenas eſtampado
Sinal da roda, vay com grave aſſombro
Huma lança brandindo ſobre o hombro.

Já

LIII.

Já o rouco clangor da horrenda, e brava
Tuba nos leves ares se estendia,
Que topando nos montes se quebrava,
Onde a guerra em mil bocas repetia:
Guerra nos montes, guerra no ar soava,
Em seus quicios gemendo Jano abria
A ferrea porta, onde a paz encerra
O estupendo furor da dura guerra.

LIV.

Entre a nuvem do pó, que que levantada
No ar Leostenes vio, que o faz escuro,
Se via scintillar a gente armada
Nas lanças, e nos peitos de aço puro:
Armas, armas gritava, hum leva a espada;
Outro á porta descia, e sobe ao muro,
Todos a hum tempo se armaõ, e desenrolaõ
As bandeiras marciaes, que no ar tremolaõ.

LV.

De fóra ao muro escadas se applicavaõ,
Que os de dentro com furia rebatiaõ,
Lanças no ar voando se topavaõ,
Huns dardos do alto descem, outros subiaõ:
As portas já com maquinas tentavaõ,
Que os cercados com outras defendiaõ:
Fulgurando nas armas vem diante
Lanoso, que era em membros hum gigante.

LVI.

De armas luzentes vem veſtido, e dellas
Os rayos ſcintillavaõ o ar enchendo
Das laminas, que verdes, e amarellas
Humas vaõ ſobre as outras ſuccedendo;
E nas armas ferindo, as eſcarſellas
Ruido excitaõ, quando as vay movendo;
E o grave peſo ſeu naõ o embaraça
Para eſgrimir a carregada maça.

LVII.

Traz Gorgoris comſigo a Valinferno
Graõ Capitaõ de muita gente armada,
Que tem o famoſiſſimo governo
Da Cidade por Hercules fundada:
Onde o Mondego com licor eterno
Os fortes muros beija, e a dourada
Margem regando com ſaudoſa vea,
Cerca de cryſtal puro ilhas de area.

LVIII.

E de aço na fortiſſima corrente
Traz duras feras, com que pelejava,
Hum Lybico leaõ, huma ſerpente,
Bravo, e fero o leaõ, a ſerpe brava:
Entre as valentes feras mais valente,
Que quem da garra, e boca lhe eſcapava;
Se na maſſa (que he hum pinho inteiro) toca
Tem mór perigo, que na garra, e boca.

La-

LIX.

Lanoſo alli ſe achava, a voz erguia
Contra os do muro: O' Gregos atrevidos,
Lhe diz, onde guardais eſſa ouſadia,
Como imbelle rebanho recolhidos:
Mas antes que no mar ſe eſconda o dia
Entrados vos vereis, e deſtruidos,
Em que a Jupiter peze, e com voz alta
Arriba, diz, e o forte muro aſſalta.

LX.

Ouveſe o grito univerſal, que davaõ
As eſquadras, que ao muro levantado
Chegandoſe, as eſcadas applicavaõ,
Que tem por varias partes oppugnado:
Creonte, a quem as armas naõ pezavaõ,
No perigo mayor mais alentado,
O muro, e baluartes viſitava,
Tudo em ordem diſpoem, tudo animava.

LXI.

D'entre as ameas altas embebiaõ
Co' braço duro as luas encurvadas,
Com que tapando, o Sol o ar cobriaõ
Nuvens de ſettas de veneno armadas:
A muitos, que eſtaõ longe o peito abriaõ,
Atraveſſando ás pennas apreſſadas
O ar ſutil, e o corpo mais armado
Deixaõ de ardente purpura banhado.

LXII.

Quer Lanoſo valente entrar o muro,
E na eſcada, que arrima, eſtá ſubido,
Graves golpes ſoffrendo, o braço duro
Ao muro eſtende de armas guarnecido:
Qual coſtuma deſcer do ſeyo eſcuro
O granizo da nuvem ſacudido,
Tal a chuva das pedras, que cahiaõ,
Nas armas, e no eſcudo a rebatiaõ.

LXIII.

Elle co' eſcudo o corpo vay cobrindo,
Que cravado de ſettas embraçava,
De huns os golpes recebe, outros ferindo,
Qual torre as meſmas torres igualava:
Subindo Alcino, e Alaſtor ſubindo,
A ambos a inveja a vida lhe cuſtava,
Que a brava eſpada alli Creonte eſgrime,
Com q̃ do muro a hum deita, ao outro opprime

LXIV.

Hum cahe ferido, logo o outro morre,
Porém o valentiſſimo Lanoſo
Entre as ameas da ſoberba torre
Bravo acomete o paſſo perigoſo:
A defenderlhe a entrada Sergio corre,
Vendo imigo taõ forte, e poderoſo,
Que já parece de ferido, e exangue
Huma penha de ferro em mar de ſangue.

De

LXV.

Depois que ſobre o muro foy rompendo
Pelas armas, e tiros atrevido,
Muitas feridas dando, e recebendo,
De eſpadas, e de lanças opprimido,
Grande eſpaço reſiſte, e naõ podendo
Durar já de acoſſado, e de ferido,
Da parte, donde o muro he menos alto,
Té o foſſo mede em perigoſo ſalto.

LXVI.

Grande rumor as armas excitaraõ
Co' g·ave golpe do feroz Lanoſo,
E ſobre a terra as veas derramaraõ
Do negro ſangue hum rio caudaloſo:
Até que os ſeus nos braços o tiraraõ
Do conflito da guerra perigoſo,
Quando deſamparado quaſi teve
Ao carregado tronco a vida leve.

LXVII.

Depois de na batalha ſanguinoſa
Com mil combates aſperos, e duros
Ter Gorgoris paſſado a trabalhoſa
Tarde, batendo os levantados muros:
Vendo gaſtado o Sol, e que a formoſa
Luz molhava no mar ſeus rayos puros,
Para ir queimar as naos ſe aparelhava,
Que á terra a tenaz ancora ligava.

Com

LXVIII.

Com ſua ſombra a noite carregada
A toda a preſſa atraz da luz corria,
E ſobre os horizontes dilatada
Encobre os rayos do formoſo dia:
Já de luzentes féras rodeada
A Caçadora lucida ſeguia
Co' Syrio caõ na clara noite eſtiva
A urſa torpe, a lebre fugitiva.

LXIX.

Paſſando atraveſſava n'hum formoſo
Ruço, que negro o cabo, e crinas tinha,
Que os fortes braços levantando airoſo
E os largos peitos pelos ares vinha:
Chea de prata a boca do eſpumoſo
Freyo, taõ agil, taõ veloz caminha,
Que apenas ſinal deixa, donde punha
As meyas luas da ferrada unha.

LXX.

Por entre a ſombra as teyas levantando
Ao mar Gorgoris corre ouſadamente,
Que á viſta dos cercados caminhando
Do Tejo buſca a rápida corrente:
De Baccho as negras furias imitando,
Vencia a noite eſcura a faxa ardente,
Ficaõ da luz dos pinhos abrazados
De denſa nuvem os ares coroados.

Dor

LXXI.

Dormindo ſobre as ancoras eſtavaõ
As naos, quando do fogo a teya ardendo,
De fóra as maõs imigas applicavaõ,
As enxarcias, as proas, o ar lambendo:
Creonte, a quem os olhos ſe arrazavaõ,
A Jupiter Tonante a voz erguendo:
Move, dizia, ó ſoberano Jove
Tuas fortes armas, ſe eſta voz te move.

LXXII.

Defende, graõ Senhor, a Grega Armada,
Que foy por ti mil vezes defendida,
Que a Scilla, e a Carybdes indomada
Venceo, e de Euro a furia embravecida:
De rayos moſtra a maõ divina armada,
Que he no inferno, na terra, e Ceo temida,
Com preſſa acode, pois a cauſa he tua,
Antes que a Armada Gorgoris deſtrua.

LXXIII.

Ao grande eſtrondo logo o Tejo undoſo
Fóra das ondas a cabeça lança,
Vê Gorgoris com flammas victorioſo,
Que por queimar a Armada naõ deſcança:
Derrama da urna de ouro o ſeu copioſo
Cryſtal, com que a corrente pura, e mança
Altera grandemente, e com mór brio
Já ſuas margens excedia o rio.

LXXIV.

Vay as furioſas ondas levantando,
Entumecendo ſerras de agua erguia,
Hum monte n'outro monte encapellando,
As fauces do ceruleo abyſſo abria:
Contra o bravo inimigo pelejando,
As eſpadanas, de que ſe cingia,
Como eſpadas oppunha ouſadamente,
Fiel amigo a ſeu amigo auſente.

LXXV.

Convoca os groſſos ares, n'hum momento
Se vem os horizontes abafados
Das nuvens, que trazia o fero vento,
Dos Hyperborios frios congelados:
Corre a huma parte, e a outra o Ceo violento
Com mil chuveiros negros, e pezados,
Tudo era grave horror, e repreſenta
Irſe armando no ar grande tormenta.

LXXVI.

A agua o ar açouta congelada,
Que no roſto os feria gravemente,
Cauſando a tempeſtade inopinada
Medo fatal na Luſitana gente:
Fugia a multidaõ deſenfreada,
Huns a outros matando inſanamente.
Rios de agua, e de ſangue miſturavaõ
Os que a todo o correr as coſtas davaõ.

Ca-

LXXVII.

Cahindo rayos, o ar, e o Tejo ardendo,
O Tejo o Ceo nos rayos imitava,
A meſma natureza parecendo,
Que armando os elementos pelejava,
Tempeſtade de fogo, e de agua erguendo,
E quem fugia d'hum, n'outro topava.
Subindo ao Ceo as ondas, e ſobre ellas
Cahem diluvios de rayos das eſtrellas.

LXXVIII.

Vemſe de ſeus amigos offendidos,
Crendo, que os inimigos tem ao lado,
A agua o ſangue iguala dos feridos,
Que a propria cor ás ondas tem mudado:
Quem foge ao ferro, cahe nos encendidos
Fogos: quem delles foge, no enrolado
Pégo ſe abraza, onde perece logo;
Que hũ arde em agua, outro ſe afoga em fogo.

LXXIX.

Alli huns ſobre os outros pereceraõ,
Abrindoſe caminhos com as eſpadas,
Outros nas ondas tumidas verteraõ
Doces vidas, bebendo aguas ſalgadas:
Das bandeiras, e inſignias, que perderaõ,
Se vem do Tejo as ondas ſemeadas,
Trofeos de ſeu furor, que com graõ feſta
Ergue nos cornos da cerulea teſta.

Gor-

LXXX.

Gorgoris affrontado, e já rendido,
Porque o rio o perſegue, o Ceo, e o vento,
Oppoem ao Ceo as armas atrevido:
Inſana dor, inſano atrevimento:
Mil vezes affogado, e mil perdido
Com viva alteraçaõ do penſamento
Eſperava do Sol os rayos puros
Para tentar de novo os novos muros.

LXXXI.

Quando outra vez a Aurora o ſeu theſouro
Deſcobre em luz banhado no Oriente,
E imitando ao ſeu cabello louro,
O mar ſe empola em ondas juntamente:
Pizando eſtrellas com cothurnos de ouro,
As flores poem na teſta preeminente,
Lançando aljofar das mimoſas fraldas,
Sobre os campos de verdes eſmeraldas.

LXXXII.

Sahe Gorgoris mais bravo, os ſeus anima,
Sobre o carro a lança no ar brandindo,
Aos do muro arremeça, onde os de cima
Vaõ chuveiros de ſettas deſpedindo:
Graves eſcadas para o muro arrima,
E por ellas hum tempo eſtá ſubindo,
Sobre a cabeça o eſcudo, e aferrada
Na alta eſcada huma maõ, outra na eſpada.

Com

LXXXIII.

Com elle Arga, e Gerés, varoens temidos,
Entre as ameas poem duras escadas;
Das armas inimigas opprimidos,
E as que vestem dos golpes aboladas:
De disformes encontros sahem feridos,
Apertadas nos punhos as espadas,
Onde cahindo cada qual media
O espaço, que do alto ao fosso havia.

LXXXIV.

Naõ montava a Agenor dobrado peito,
Nem elmo forte a Menesteo valente,
Nem o escudo de sete dobras feito
A Licon, que na espalda a morte sente,
A hum Gorgoris co' a ponta abria o peito,
Na testa d'outro tinge o ferro ardente:
Naõ se acha quem a opporse se lhe atreva,
A Pico a perna, a Sylvio o braço leva.

LXXXV.

Moço era Sylvio, o gesto descobrindo,
Era no braço forte, em rosto bello,
Invejaraõlhe a cor cisnes do Pindo,
E o mesmo Apollo o ouro do cabello:
Que igual outro naõ vio de Atlante ao Indo
O abrazado senhor da antiga Delo,
E da cerulea até a vermelha Thetis,
Do Tejo a Tanais, e do Gange a Betis.

Aos

LXXXVI.

Aos ſeus, dizia Gorgoris, ouſados
Capitaens: Naõ ſoffrais, que neſſes muros
Fiquem Gregos logrando os deſejados
Campos do ameno Tejo em paz ſeguros:
Todo o caminho he facil a esforçados,
Brandos acha o valor os paſſos duros,
Seguime; e por ſeguillo os ſeus correndo
Hum tecto no ar de eſcudos vaõ tecendo.

LXXXVII.

Cubertos chegaõ dos eſcudos fortes,
Sobre elles deſce a tempeſtade fera
Das pedras, donde voaõ tantas mortes,
Qual ſe cahiraõ da mayor esfera:
Pezos disformes cahem de varias ſortes,
Que hum monte cada qual fundir podéra,
Arrojaõ grandes lanças, ſeguem logo
Graves teyas de pez ardendo em fogo.

LXXXVIII.

Trazem os Luſitanos levantada
Huma disforme trave de groſſura
Exceſſiva, que a teſta tem cravada
Do ariete mortal, pezada, e dura:
Nas rodas velociſſimas tirada
Na ferrea porta bate mal ſegura,
E a ſeus ſoberbos golpes vacillando
A porta geme, o muro eſtá nutando.

Naõ

LXXXIX.

Naõ baſta o marmor ſolido, e conſtante
A reſiſtir a força, que trazia,
Que os quicios de metal firme, e poſſante
Rebentaõ, com que a porta ſe rompia:
Nenhum grande reparo era baſtante,
Quando a teſta cruel nelle feria,
Acomete o inimigo a aberta entrada,
E acha de gente a viva porta armada.

XC.

Alli a eſpada forte revolvendo
Leoſtenes, o inimigo ouſado offende,
Duras malhas abrindo, e desfazendo,
Braços, eſcudos, e cabeças fende:
De mortos ſobre a porta hum monte erguendo,
Já com elle dos vivos ſe defende,
E tal eſtrago faz, que entrar a porta
A' gente viva impede a gente morta.

XCI.

Inſtaõ os inimigos, eſte atira
O forte dardo, aquelle da encurvada
Lua a corda ſacode, porque o fira,
Outro no ar levanta a larga eſpada:
Elle a todos reſponde em fogo, e ira,
Naõ recebe ferida mal vingada,
Nobres ſaõ todas, e das ſuas feridas
Sahiraõ pelas coſtas muitas vidas.

Aqui

XCII.

Aqui o ſoberbo Fulvio, que preſente
Se acha, o eſcudo embraça, e do luzido
Ferro, qual d'hum eſpelho tranſparente,
Cercado move os paſſos atrevido:
Contra todos aperta a eſpada ardente,
E no famoſo eſcudo recolhido,
Bramindo ſe arremeſſa, que podera
Tremer delle Mavorte, e a quinta esfera.

XCIII.

Naõ freme aſſim do caçador Rifeo
Barbara tigre, que da ſetta dura
Leva as pennas no lado, quando veo
Beber na calma ardente á fonte pura:
Nem com tanto furor o mar Egeo
Com as forças de Auſtro em tempeſtade eſcur.
Ergue as tumidas ondas, com que aſpira
Bater do Olympo os muros de çafira.

XCIV.

Tem negra cor, cabello retorcido,
Fundidos olhos, teſta abbreviada,
E do beiço o bigode ſahe comprido,
No largo queixo a barba toſquiada,
Groſſo, e rombo o nariz, e denegrido,
De ſuicos profundiſſimos lavrada
A triſte face, e de verrugas chea,
Que a menor fealdade era ſer fea.

XCV.

Já deita ſangue mais que de huma fonte,
Já a maõ naõ rege a eſpada, e ſempre eſteve
Sem perder a braveza, que defronte
Com quantos ſe lhe oppoem bravo ſe atreve:
Contra todos levanta a altiva fronte,
Faz tudo quanto a valeroſo deve,
E quando vê de todo que deſmaya,
Eſcolhe hum, a que mate, e com que caya.

XCVI.

Cahe ſem alento, e tendo vomitado
A alma, e ſangue, nelle o corpo vira;
Dando o peito ferido hum apreſſado
Anhelar congoxoſo, com que eſpira:
Ainda o eſcudo aſſim tinha embraçado,
E a eſpada no pulſo, e quem o vira,
Cuidara, que era vivo, e eſtá de modo
Que era huma ſó ferida o corpo todo.

XCVII.

Em quanto neſtas provas vaõ paſſando,
E a porfia da guerra ſe dilata,
O Sol ſeu carro ás ondas inclinando,
Torna as agua do Tejo em pura prata:
Sua corrente Ulyſſes vem cortando,
Que mais veloz, e alegre ſe deſata,
Com ſoccorro, que traz, e o pezo grave
A's eſpaldas do Tejo era ſuave.

Os

CXVIII.

Os cercados daõ vozes de alegria,
Tocaõſe as roucas tubas, que ſoavaõ,
De mil gritos hum grito o Ceo feria,
Volteando as bandeiras tremolavaõ:
Ulyſſes, que do Tejo os muros via,
Que as armas inimigas aſſombravaõ,
A proa á terra inclina, que deſeja
Meterſe na Cidade, e na peleja.

XCIX.

Porém Gorgoris n'alma a pena ſente
De ver taõ graõ ſoccorro, e as vivas cores
Das flamulas, que cobrem a corrente,
E acendem no ar altivos reſplandores:
Deixa o combate, e corre diligente
A' praya, onde eſperava os vencedores
Ferros tingir, ſe ao Tejo entaõ fizeſſe
Que em lugar de cryſtal ſangue correſſe.

C.

Alli ligeiro voa, alli corriaõ
Os que ſeguindo o vaõ, e ſobre as manças
Ondas do Tejo a terra huns pertendiaõ,
Que outros defendem com ſoberbas lanças:
Botes ſoaõ, eſpadas retiniaõ,
E da Cidade as novas eſperanças
Huns procuraõ cortar, outros por ella
Perdem a vida, e querem defendella.

Sobre

CI.

Sobre hum dourado bargantim Phylarco
O ſocegado rio vem cortando,
Mil vezes dobra, e mil ſoltava o arco,
Donde as aladas ſettas ſahem voando:
Na terrra pega a proa o leve barco,
Donde n'hum ſalto deſce, e alli embraçando
O forte eſcudo, a grave eſpada afferra,
Arde em furor, c'os inimigos ferra.

CII.

Em roda a eſpada vibra generoſa,
Que iguala a de Orion, quando ſubindo
No ar por entre a noite tenebroſa,
As nuvens prenhes de agua vay ferindo:
Quando com luz infauſta, e temeroſa,
Com rayos ſahe a eſcuridade abrindo,
E ajudado das turbidas procellas
A ferro poem exercitos de eſtrellas.

CIII.

Do bargantim por hum, por outro lado
Todos com as maõs nas armas ſe arrojavaõ,
Huns graõ parte do Tejo tem goſtado,
E os corpos nos eſcudos ſuſtentavaõ:
Eſte, que toma fundo, paſſa armado,
E outros, que ainda fundo naõ achavaõ,
Nadaõ até que a planta a praya toca,
Outro á terra co' a eſpada ſahe na boca.

CIV.

Gorgoris pela praya diſcorria,
E os ſeus com grandes vozes animava;
Vendo, que ao Occidente inclina o dia,
E a gente a ſeu pezar deſembarcava:
A Sergio, que do barco á praya via
Sahir, co' ferro nu ſe arremeſſava,
Moço galhardo, a quem a guerra engana,
Grande ſenhor da ſerra Mariana.

CV.

A primeira lanugem ao moço louro
A faee apenas veſte, e tremolando
Em ſuaves anneis o ſutil ouro
Decoramente o roſto vay cercando:
Em ſete partes o dobrado couro
Do eſcudo abria o ferro penetrando,
Na eſpalda moſtra a ponta enſanguentada,
E nos peitos co' punho bate a eſpada.

CVI.

Os que a ſeu Rey no barco acompanhavaõ,
Todos a ſoccorrello concorreraõ,
E como a hum lado todos carregavaõ,
Grande parte do Tejo recolheraõ:
Huns debaixo dos outros ſe affogavaõ,
Outros lançando as ondas, que beberaõ,
A' terra ſahem, e quando á praya chegaõ,
A vida na inimiga eſpada entregaõ.

CVII.

Ulyſſes entre tanto tem veſtido
As fortes armas, e do barco dece,
Reſplandecendo armado, e taõ temido,
Que o inimigo de vello ſó eſtremece:
A Telefo até o pomo vê eſcondido
O eſtoque, e com ſeu ſangue o Tejo crece,
Que ſobre as ondas cahe morto, e exangue,
E as aguas, que bebera, paga em ſangue.

CVIII.

Ouve Creonte o eſtrondo, e do que ouvira
Maior aquella affronta imaginava,
E nos cerrados muros naõ cabia,
Porque alli pelejando naõ ſe achava:
Sahe da Cidade, o imigo acometia
Por hum lado, a quem tanto perturbava,
Que eſtá aſſombrado, mas conſtante, e quedo,
Como quem nunca vira o roſto ao medo.

CIX.

Co'a preſſa, e grave horror, q̃ a noite augmenta,
Hum foge indo ferido, o outro geme,
A huns ſegue o inimigo, que affugenta,
Outro ſem o ſeguirem foge, e teme:
Qual ſobre a rocha, onde o mar rebenta,
Aos duros golpes o penhaſco treme,
Gorgoris atalhado, e impedido,
Se vê d'hum lado, e d'outro combatido.

CX.

Creonte o arco forte ſacudindo,
Com a ſetta alada os leves ares fende,
Ao bruto, e fero Capaneo ferindo,
Que os grandes membros ſobre a terra eſtende
Caminho a morte na ferida abrindo,
Onde a dourada fibula ſe prende,
Eſtava co' tremor da morte horrendo
O corpo em negro ſangue revolvendo.

CXI.

Homem tímido, e vil de naſcimento,
Nobre ſó pela mãy, que tinha feito
Provas de graõ traidor, e fraudulento,
Sendo no roſto hum, outro no peito:
Cruel, e de alterado penſamento,
Cabeça ao alto aguda, corpo eſtreito,
Affeminada a voz, menos ſuave,
Que branda ſoa, e logo groſſa, e grave.

CXII.

A tudo a morte, e grande horror cobriaõ,
Vêſe de corpos todo o campo cheyo,
Debaixo eſtaõ feridos, que gemiaõ
Affogados de ſangue ſeu, e alheyo:
Confuſamente alli ſe revolviaõ
Mortos, e vivos neſte horrendo, e feyo
Eſpectaculo, e quanto alli ſe achava
Em deſiguaes fortunas ſe igualava.

Aperta

CXIII.

Aperta o ferro Ulyſſes, e ſeguia
O inimigo, que foge amedrentado,
Gorgoris por deter os ſeus porfia,
Delles temido mal, mal eſcutado:
Por entre ferro, e ferro eſtrada abria,
Que ſempre o medo foy deſenfreado,
Eſte mais que o inimigo os affugenta,
Que tudo faz mayor, tudo accreſcenta.

CXIV.

Huns ſem ordem fugindo, outros inſtando,
Donde hum pé ſe levanta, outro ſe imprime
Vaõ os mortos aos vivos atalhando,
E o que morto cahio ao vivo opprime:
A eſpada, e braço todo Ulyſſes dando
A Peneo, (que com graõ deſtreza eſgrime)
O fez cahir entre mortaes aſſombros,
Inclinando a cabeça ſobre os hombro

CXV.

Era formoſo ainda enſanguentado,
Na triſte, e maltratada formoſura,
E no pállido roſto, e deſmayado
Moſtrava da alma a nobre ſepultura:
Qual branco lirio, que cortou o arado,
Inclinava a cerviz na terra dura,
Que a cor, e graça (poſto que ſem vida,
Naõ era de ſeu roſto deſpedida.

Aos

CXVI.

Aos ſeus Gorgoris diz: Fieis amigos,
Vós, que os furores ſuſtentar podéſtes
De outros mais fortes, e aſperos imigos,
Eſte brio, e valor onde o perdeſtes?
Vós, que as mortes tragando, e os perigos
Em marmores eternos eſcreveſtes
O nome Luſitano, que hoje dura,
Quereis fazer taõ clara fama eſcura?

CXVII.

Vay a morte ſeguindo o que he medroſo,
Sempre o ouſado goza alegre ſorte,
A gloria eſtá no caſo perigoſo,
Nada acha muito o coraçaõ, que he forte:
Entre o furor da guerra temoroſo
Me deixais ſó, ſabey, que honrada morte
Eternamente dura, e permanece,
Que quem a morte teme, eſſe a merece.

CXVIII.

Naõ pára a multidaõ deſenfreada,
E Gorgoris ouſado eſtá diante,
No coraçaõ, nos membros, e na eſpada
Temeroſo, nas forças arrogante:
Trazendo-a dos que fogem enſanguentada,
A que co' ferro, e rigido ſemblante
Ameaça, detem, increpa, e chama,
Sem o freyo os deter da honroſa fama.

Cerraſe

CXIX.

Cerraſe a noite, e ás couſas vay roubando
A cor, com que a victoria ſe atalhava,
E entre a ſombra da noite eſcura errando,
Cegas mortes o ferro incerto dava:
Por ultimo eſte dia imaginando
Da guerra, o grande Ulyſſes pelejava,
E ſem falta aqui fora o fim da guerra,
Se a ſombra naõ cobrira o ar, e a terra.

CXX.

Foy o fim da batalha o fim do dia,
E deſcontente Gorgoris ſe parte,
Os ſucceſſos na mente revolvia
Do fado iniquo, e do contrario Marte:
Dos inſtrumentos bellicos ſe ouvia
O ſom guerreiro n'huma, e n'outra parte;
Triunfaõ os vencedores, huns curavaõ
Feridos, e outros mortos ſepultavaõ.

CXXI.

Eſtaõ os verdes campos povoados
De troncos de homens mortos, e feridos,
Sobre ſeu proprio ſangue reclinados,
Pelas roxas areas eſtendidos:
Meſas funeſtas, onde os esfaimados
Lobos com triſtes vozes, e bramidos
Deſcem de noite da fragoſa ſerra
As reliquias gaſtar da dura guerra.

Davaõ

CXXII.

Davaõ novas do Sol, que já naſcera,
Eſtendidas as ſedas matutinas
Nas janellas do Ceo, e a quarta esfera
Corrida tinha as lucidas cortinas:
A deſtoucada noite naõ eſpera
O reſplandor das luzes peregrinas,
De altos montes cahindo arrebatada,
Mede os ares com planta congelada.

CXXIII.

O Grego com Phylarco eſtava vendo
Como já ao campo Gorgoris ſahia,
Sobre a cabeça a todos excedendo
Da Luſitana gente, que o ſeguia:
Das tubas ſe ouve o ſom de Marte horrendo
Nos montes, onde o echo o repetia,
Fere os peitos luzidos, e galhardos
O Sol metido entre nublados pardos.

CXXIV.

Vinhaõſe pondo em ordem de peleja,
E Ulyſſes a Phylarco perguntava:
Quem ſaõ os Capitaens; porque deſeja
Saber que gente Gorgoris levava:
E porque melhor tudo note, e veja,
D'hum lugar eminente os contemplava,
Elle, que os conhecia, e partes donde
Saõ naturaes, ao Grego aſſim reſponde:

O que

CXXV.

O que diante eſtá grave, e ſevero,
Que d'ouro, e verde traz cuſtoſo arreo
Batendo as cilhas do ginete Ibero,
Que pratea de eſcuma o aureo freo,
He Gorgoris na armas Marte fero,
Que ao lado eſquerdo leva o grande Antheo
De Gerabria ſenhor, cuja armadura
He de hum dragaõ a pelle forte, e dura.

CXXVI

Eſta herdou de Tyfeo, que de materno
Sangue tem por avô, quando os gigantes
Pertendendo eſcalar o Ceo ſuperno,
Poem ſobre montes montes arrogantes:
Onde a Lua, e o Sol, que deſte eterno
Globo ſaõ puras almas rutilantes,
Do medo de ſeus braços perturbados
Perderaõ curſo, e luz, como infiados

CXXVII.

De eſpeſſa barba, hirſuta, negra, e feya
Tem o roſto té o olhos povoado,
A teſta eſtreita, de cabellos cheya,
E dos olhos o lume atraveſſado,
De monſtruoſo corpo, a quem affeya
O ventre prodigioſo, e carregado,
A todos no valor vencer deſeja,
Que em fogos arde de glorioſa inveja.

O ou-

CXXVIII.

O outro, que atraz delle vay brandindo
A groſſa lança, he Mincio valeroſo,
Senhor do grande Arecio, que encobrindo
Nas armas vay o coraçaõ fogoſo:
Eſte no monte hum javali bramindo
Tomou nos duros braços, e o formoſo
Sol fez olhar a deſmedida fera,
Que nunca a ver o Sol a teſta erguera.

CXXIX.

De huma panthera a pelle traz famoſa,
Da qual os peitos arma, e traz luzida
Celada, de que a boca portentoſa
Campea de alvos dentes guarnecida:
E huma, e outra orelha prodigioſa
Como pluma no ar ſe vê ſubida,
Hum arco de elefante traz brunido,
Esforçado nas armas, e temido.

CXXX.

Aquelloutro, que vês bravo, e ſeguro
Atraveſſar no carro refulgente,
Açoutando co' a pluma azul o puro
Ar, que a vay meneando brandamente,
He Celio, a que obedece o forte muro
De Nabancia, nas forças excellente,
Galhardo, e aprazivel, que por arte
Adonis he na paz, na guerra Marte.

O da

CXXXI.

O da caſaca azul he o poderoſo
Polimio, que traz gente coſtumada
A' dura guerra lá do Minio undoſo,
De groſſas lanças fortemente armada:
O do baſtaõ he Alcino, do nervoſo
Arco tirando a dura ſetta hervada,
De Pineto ſenhor, que traz a gente,
Que ao Limia bebe a liquida corrente.

CXXXII.

Eſte na affronta ardendo em fogo, e ira
He prodigio fatal da natureza,
Quando a eſpada pezada em roda gira,
No corpo monſtruoſo, e na fereza:
Saõ fogo os olhos, fumo o que reſpira,
Parece a eſpada, em puro fogo aceza,
Hum açoute do Ceo, na agilidade
Rio inundante, ou fera tempeſtade.

CXXXIII.

O que vês de armas verdes, he Leutaro
Capitaõ mui valente, dos amenos
Campos do Rio Nebis freſco, e claro
Conduz os Numitanos, e Lubenos:
E o morador do promontorio avaro,
Que junto ao freſco Avô os verdes fenos
Co' gado paſce na viçoſa terra,
Gente robuſta para a dura guerra.

CXXXIV.

He velho, e coraçaõ tem bellicoſo,
Que trabalho já mais póde vencello,
He delgado nos membros, mas nervoſo,
E mal lhe veſte á face o raro pello:
A calva de ornamento mentiroſo
Cobre adoptiva rede de cabello,
Fingindo idade verde na madura
Por beneficio da arte, e da pintura.

CXXXV.

O que o neto da eſcuma debuxado
Traz no eſcudo fatal, com que ſe arrea,
He dos ſoldados Glauco acompanhado,
Que o Dorio velociſſimo rodea:
O que das feras vês eſtar cercado
He Valinferno, a quem a pura vea
Do Mondego obedece, e o jugo ſente
De Ruſticana, e Araduca á gente.

CXXXVI.

Eſte, e Bolaõ por armas conquiſtaraõ
As largas prayas do Mondego frio,
E da Herculea Cidade, que ganharaõ,
Valinferno eſcolheo o ſenhorio:
A Bolaõ ſó os campos lhe ficaraõ,
Que inunda o freſco, e caudaloſo rio,
Temidos qual no Olimpo conſagrado
Temem as eſtrellas a Orion armado.

O que

CXXXVII.

O que na famoſiſſima quadriga
Traz de ouro o elmo erguido na vizeira,
Cujos cavallos fez o deſtro auriga
Romper o campo com veloz carreira
He Clyto, de alta fama, e caſa antiga,
Que nos montes da Lua a derradeira
Terra do mundo occupa, eſte nos braços
Toma hum leaõ, que raſga em mil pedaços.

CXXXVIII.

He forte, e corpulento grande, e groſſo,
De membros, e eſtatura gigantea,
Huma torre animada, hum graõ coloſſo,
Que tudo o que tem perto ſenhorea:
No freſco Abril dos verdes annos moſſo,
E na teſta eſtupenda lhe campea
A coroa da planta illuſtre, e verde,
Que nem os rayos teme, ou folhas perde.

CXXXIX.

Vês aquelle, que a maſſa irado eſgrime,
He Geres, junto delle os paſſos Arga
Move, a que a dura maſſa pouco opprime,
Que a taõ robuſto braço he leve carga:
He ſua fama, e ſeu valor ſublime,
Que junto de Aqua Flavia a grande, e larga
Montanha occupa, donde bem podera
Temello por mais fero qualquer fera.

CXL.

De paſtores á funda coſtumados
Traz grande copia, com luſtroſo alardo
Guiando os robuſtiſſimos ſoldados,
Hum, e outro ſahio bravo, e galhardo:
Os peitos dos deſpojos ſó guardados
De hum leaõ, e nas maõs hum forte dardo,
A coxa, e hombro a nobre eſpada aggrava,
E de pelle de tigre a forte aljava.

CXLI.

Geres de idade, e de vigor robuſto,
Nas armas, e trabalho calejado,
Eſtatura cõmum, de roſto auguſto,
De coraçaõ audaz, nunca domado,
Da cor do roſto juvenil aduſto,
Quadrado corpo, peito relevado,
Que naõ ſe póde achar homem mais duro
Da plaga Auſtral ao congelado Arcturo.

CXLII.

O que ſolta no ar a pluma leve,
He o bravo Alcides, cuja força eſpanta
Quando a eſpada, que cinge ao lado breve,
Os duros elmos abre, a malha, ou anta:
Huma ſerpe feroz no berço teve
Preza com a lactea maõ pela garganta,
E pela ſemelhança deſtas lides
Com razaõ lhe ficou nome de Alcides.

De

CXLIII.

De Araudes he ſenhor, e juntamente
De Capiana as armas traz comſigo,
E do Barbario promontorio a gente,
Dura para ſoffrer qualquer perigo:
Os que habitaõ de Scalibis a corrente,
Os de Evandria, e Ebura, que ao imigo,
Qual forte Partho, tiraõ da dobrada
Frecha fugindo a ſetta acelerada.

CXLIV.

Traz grande cabelleira, e de ambar chea,
De aureos aneis todo o cabello feito,
De fuzis groſſos barbara cadea,
Que do hombro lhe atraveſſa o largo peito:
As orelhas de perolas arrea,
Move a terror no carregado aſpeito,
Veſte luzentes armas, que ſe preza
De ſe armar como de armas de fereza.

CXLV.

Traz gente á dura guerra coſtumada,
Que o Sol naõ vio melhor deſde o Oriente
Em quantos cingem generoſa eſpada
Até o Tauro Scytico eminente:
Nenhum riſco, ou fadiga prolongada
Recuſou nunca a bellicoſa gente,
Todo o duro trabalho eſtima leve,
Suores beber ſabe, e pizar neve.

Quem

CXLVI.

Quem he aquelle, o Grego perguntava,
Que o dragaõ pinta no ſoberbo eſcudo?
Acriſio he, Phylarco lhe tornava,
De corpo giganteo, alto, e membrudo:
De Lacobriga traz os que na aljava
Eſcondem a dura ſetta, e o dardo agudo
Vibraõ, traz delle vay Alcimidonte
Co' a gente, que creou o Herminio monte.

CXLVII.

He, inda que pequeno na poſtura,
Arrogante, e nos feitos valeroſo,
Que deſmente com as obras a eſtatura
No animo valente, e generoſo:
De oſſos dobrado, e feya catadura,
De grandes forças, bravo, e temeroſo,
Nos annos moço, e na ferocidade
Vence com forte coraçaõ a idade.

CXLVIII.

Eſtes, que o ſeguem, todos de dobrados
Corpos, a quem temer Marte podera,
Uſaõ na guerra duros paos toſtados,
E as pelles de hum leaõ, ou de panthera:
Rompem do urſo c'os baſtões pezados
No corpo os oſſos, e na teſta fera,
Se a caſo ſalteou com força iniqua
Das abelhas no monte a caſa riqua.

Movi-

CXLIX.

Movido de alta inveja o valeroſo
Ulyſſes ſahe, e em vello o campo treme,
Da Cidade abre a porta, onde o luſtroſo
Metal ſoa c'o grave pezo, e geme:
Elle num carro fervido, e famoſo
Com a lança ao hombro, que o inimigo teme,
Phylarco o acompanha, e juntamente
A Grega toda, e Luſitana gente.

CL.

N'hum mellado, que de ouro a cor vencia,
E c'o peito as cadeiras igualava,
Que airoſamente ao paſſear partia,
E té ás cilhas os braços levantava:
A que huma ſylva a teſta dividia,
E com mais graça a altiva fronte ornava,
Negros a cólla, crines, e topete,
Trovaõ nos pés, e rayo ſe arremete.

CLI.

A cabeça Phylarco illuſtre arrea
De elmo, que opprime o ſeu cabello louro,
Traz no eſcudo huma ſerpe horrida, e fea,
Que nas unhas aperta huma aguia d'ouro:
Com a gente de Tubuci, e nobre Amea,
E os de Colipo; que de hum grande touro
Cingem a pelle, em cujas fundas ſoaõ
Pedras, a que daõ azas, com que voaõ.

CLII.

Traz no elmo outra ſerpe portentoſa;
Que as negras azas pelo ar deſprega,
Que a cólla fera enroſca, a venenoſa
Viſta, quando ſibila, os olhos cega:
Juntas move tres linguas taõ furioſa,
Que eſpanto cauſa, a quem a vela chega;
No fero aſpeito, e movimento vago
Moſtra ſer obra de hum inſigne Mago.

CLIII.

Sahe Liſio, que de Jupiter ſe preza
Ser claro, e conhecido deſcendente,
Da Ninfa Doto, cuja graõ belleza
Deſceo do Olympo a Jupiter potente:
Entre a gente que o ſegue Portugueza
Conduz os que de Cuda a graõ corrente
Habitaõ, e a provincia Tranſcudana,
E os que deſcem da ſerra Mariana.

CLIV.

Robuſtos membros tem, no corpulento
Tronco grande cabeça, a planta breve,
Da viſta hum rayo ſahe duro, e violento,
Qual á ſua ira, e ſeu furor ſe deve:
Repreſenta no fero movimento
A'quilo, quando levantar ſe atreve
As ondas, com que pratear coſtuma
De Atlante os pés com Africana eſcuma.

Sahe

CLV.

Sahe Tereo com bandeira, que partida
De ouro leva hum leaõ de viſta fera,
Que movida do vento, com ſubida
Garra acomete o Sol na propria esfera:
Elle empunha huma lança deſmedida,
Que hum tronco de huma faya inteiro era,
O ar na luz das armas ſe inflãmava,
Onde o Sol, quando as fere, ſcintillava.

CLVI.

De Merobriga a forte gente guia,
Que lanças uſaõ largas, e poſſantes,
E do grande Maronio, a quem ſeguia
Tamaca com ſuas aguas abundantes:
No eſcudo hum grande monte poem, que ardia,
Botando fóra as chammas crepitantes,
A que hum rayo feria, os paſſos move,
Marte no reſplandor, nos rayos Jove.

CLVII.

De armas negras veſtido o graõ Broteo
Dos montes traz comſigo a dura gente,
De grande corpo, monſtruoſo, e feo,
De carregada celha, e viſta ardente:
De disformes ſinaes o roſto cheo,
Sinaes certos no roſto de hum valente,
Temeroſo na voz, hirſuto pello,
Negras, e largas ſedas por cabello.

CLVIII.

Ferrea tem a alma, a natural fereza
Traz de aço puro, e forte guarnecida,
Com gente, de que fica na aſpereza
Igualada á dos montes, e vencida:
Eſtes, como ſalvagens na bruteza,
Cada qual huma pelle traz veſtida,
Baſtoens baſtantes a fazer pedaços
Hum monte, o pé deſcalço, e nus os braços.

CLIX.

No campo Ulyſſes valeroſo entrava,
Formando o eſquadraõ bravo, e luſtroſo;
A Phylarco fortiſſimo entregava
Da vanguarda o governo perigoſo:
Dous mil homens de guerra alli plantava
Eſcolhidos, Phylarco taõ brioſo
Eſtá, que o mundo acometer podera
Com a fronte do eſquadraõ ſoberba, e fera.

CLX.

Logo tres mil o ſeguem bem armados
De duras lanças, que Tareo galhardo
Conduz com mil, que feros paos toſtados
Uſaõ por lança, e por agudo dardo:
Mil com fundas, que aos ventos apreſſados
Podem fazer o movimento tardo,
E no meyo as bandeiras vaõ guardadas
De mil eſcudos, e outras mil eſpadas.

CLXI.

Com quatro mil Broteo valente armado
Por de fóra o eſquadraõ todo cingia,
Pondo de armas dous mil a cada lado,
Com que todo ſe armava, e guarnecia:
A maõ dextra a Creonte, ao eſtremado
Leoſtenes a oppoſta obedecia;
E Ulyſſes ſobre o carro rutilante
A tudo aſſiſte, a todos vay diante.

CLXII.

Já neſte tempo o Sol, que ao mar guiava
O ſeu carro de fogo aos horizontes
De varios arrebois de luz bordava,
E a noite deſce dos ceruleos montes:
Já o ſilencio as armas occupava,
E já do ſono as opprimidas frontes
Na dura terra inclinaõ onde os ſoldados
Paſſaõ em vinho, e ſono ſepultados.

# ARGUMENTO
## DO NONO CANTO.

*O campo ſahe armado o bellicoſo*
*Gorgoris, a quem ſegue a Luſa gente,*
*Rios de ſangue fervido, e eſpumoſo*
*De frios peitos tira a eſpada ardente:*
*Vendo Ulyſſes o imigo victorioſo,*
*Nos muros ſe recolhe, e juntamente*
*Gorgoris quer entrar, a gente cresce,*
*Com que a guerra nas portas ſe embravece.*

I.

JA' dos Eoos fins a luz ſuave
Encuberta, ſeguindo ſeu coſtume,
Miſturandoſe vay cõ a ſombra grave,
Naõ vence o lume a ſombra, ou ſombra o lume:
Naõ tem inda voltado a Aurora a chave,
Mas por detraz do mais remoto cume
Com a manhã dourada a noite fria
As ultimas reliquias confundia, Logo

II.

Logo os cavallos lucidos bufando
Sahem das portas do Ceo, e o puro alento
Em ſuave rocio transformando,
Ferem com a luz o ar, com a planta o vento:
Ao graõ ſenhor de Delo vem tirando
No ſeu carro veloz com paſſo lento,
Moſtrando ſobre as nuvens prateadas
Do fogo ardente as crines eriçadas.

III.

Já ſe hia deſcobrindo o naõ maduro
Parto do novo Sol, que vem naſcendo,
Os campos já rompia arado duro,
Os ſulcos com trabalho enriquecendo:
Dourado eſtava o horizonte eſcuro
Quando o geral ſilencio interrompendo
Com rouco brado as trompas, que ſoavaõ,
Os animos, e as armas deſpertavaõ.

IV.

Nuvens de negro pó ſe levantaraõ,
Em cujo grave horror o ar ſe cerra,
Os tambores horriſonos ſoaraõ,
Com que moſtra fundirſe a meſma terra
Os echos pelos montes ſe dobraraõ,
Tudo alterava o ſom da dura guerra,
Torna ſeu curſo atraz o Tejo inchado,
Do eſtrepito das armas pertubado.

Logo

V.

Logo a eſte primeiro deſafio,
E ao ſom, que as tubas pelos ares deraõ,
As Gregas trompas com dobrado brio,
Aceitando a batalha, reſponderaõ:
Aos roſtos rouba a cor o medo frio
Dos que com as maõs nas armas o venceraõ,
E num, e noutro campo horrenda, e brava,
Tiſifone diſcordias ſemeava.

VI.

Ulyſſes ſahe, e reſplandece armado,
Sobe do monte ao levantado cume,
De huma luz que o cercava rodeado,
Grande, e auguſto fóra do coſtume:
Sobre a roſada face dilatado
Hum natural ardor, e vivo lume
No grave olhar, a authoridade crece,
Com que elle mortal couſa naõ parece.

VII.

Bem como prodigioſa eſtrella aguda,
Que vem de longe fogo ſcintillando,
Com que as coroas, e os imperios muda,
Pállida luz nos ares eſpalhando:
A que com viſta do alto attenta, e muda
O nauta, e o paſtor eſtá obſervando,
Que no papel do ar cum rayo eſcreve
De ruinas fataes hiſtoria breve.

Aſſim

VIII.

Assim o Grego sahe, e os estandartes
Imigos, e o som, que tudo atroa,
E diffundirse por diversas partes
Os que vem debellar a alta Lisboa:
De armas guarnece os novos baluartes;
Onde a guerra mortifera apregoa,
E por buscar o imigo de mais perto,
Preparase a sahir ao campo aberto.

IX.

Sobre o carro belligero partia,
Tudo em ordem dispunha, e visitava,
De honrosa ira os fogos, em que ardia,
Com natural brandura temperava:
Animo, e esforço ao timido infundia,
Que ao valeroso em velo se dobrava,
A todos com palavras animando,
Merces, e honras fazendo, abraços dando.

X.

Tomando hum alto, solta a voz famosa,
Que as bellicosas hostes escutaraõ,
A huns suave, a outros temerosa,
Com palavras, que n'alma se formaraõ:
Naõ trouxeraõ carreira taõ forçosa
As aguas, que c'o Sol se desataraõ,
Cahindo do alto monte, donde as teve
Prezas o inverno nos grilhoens de neve.

Com-

XI.

Companheiros, e amigos, bem ſe engana
Quem de vós eſperaſſe outra vangloria,
Que ſer vencido, como da Troyana
Soberba já alcançaſtes fama, e gloria:
Se aqui eſtá toda a força Luſitana,
Quer Jupiter, que n'uma ſó victoria
Com eſta pouca valeroſa gente
Ganhemos mil victorias juntamente.

XII.

Naõ vos eſpante ver como ſe eſtende
Pelas cabeças d'uma, e d'outra ſerra
A inculta multidaõ, que mal entende
O exercicio da ſanguinea guerra:
He gente mal avinda, que depende
De abrir com arado curvo a dura terra,
Naõ ha de reſiſtir, pòrque a defeza
Nas plantas lhe deixou a natureza.

XIII.

A pouca gente bellicoſa experta
A muita vence mal diſciplinada,
Que eſta a ruina tem propinqua, e certa,
De ſua meſma ignavia debellada:
Varie as ſortes a fortuna incerta,
Que eu com eſta a vencer acoſtumada
A ſeu pezar eſpero ver mui cedo,
Que primeiro, que o ferro os vença o medo.

O ini-

XIV.

O inimigo, que as hoſtes ordenando,
Eſtá já poſto em acto de peleja,
Vós o vereis rogar humilde, e brando,
Quando eſte ferro nú diante veja:
Quando voſſas eſpadas vaõ cortando
O elmo, ou de aço, ou de diamante ſeja,
Quando o ſoldado, que ſeus campos ara,
Vir que ſuas inſignias deſampara.

XV.

Os ſoldados, que aqui trago comigo,
Comigo iguaes nos riſcos, e na gloria,
A todos ſei a patria, e ſangue antigo,
E n'alma os trago, mais que na memoria:
Qual ſetta voa, ou fere ao inimigo
Eſpada, ſem me ſer a mim notoria?
Que conheço voando, e na ferida
O arco, que atirou, e o homicida.

XVI.

Comvoſco em occaſiaõ mais importante
Cheguei, e vi, e em fim venci chegando
As forças, e as bandeiras do arrogante
Marte fui abatendo, e arraſtando:
Como alli fui diante, irei diante,
Preparando a victoria, e vós pizando
Os troncos deſſes fracos lavradores,
Honrados de vos ter por vencedores.

Da

XVII.

Da viva voz de Ulyſſes animados
Facil lhes parecia a dura empreza,
Terçando as groſſas lanças os ſoldados,
A encontrarſe partiaõ com peſtreza:
Agudas ſettas de arcos encurvados
Graõ tempeſtade excitaõ, vêſe aceza
A peleja nos campos inimigos,
Correndo para as mortes, e perigos.

XVIII.

Bem como as ondas, que no mar furioſo
Se vaõ com igual preſſa ſuccedendo,
E a azul eſpalda de Neptuno undoſo
Em altos montes de agua vaõ erguendo,
Té ſahir com ruido impetuoſo
Na praya, que ferida eſtá gemendo,
E ſobre a molle area, ou na mais alta
Rocha quebrando o mar, aos ares falta.

XIX.

Aſſim corria á ſelva das pezadas
Lanças no campo de armas accupado,
No ar ſe topaõ ſettas arrojadas,
Dardos abrem voando o ar delgado,
Os cavallos ligeiros das ferradas
Unhas a eſtampa a penas tem deixado
No verde campo, que com voltas giraõ,
E fumo, ardendo em colera, reſpiraõ

Já

XX.

Já d'uma, e d'outra parte nas guerreiras
Hoſtes ſe ouve o rumor, com que diſcorrem,
Largaõſe freyos, deſcemſe vizeiras,
Huns contra os outros duramente correm:
Os cavallos ſe encontraõ, das primeiras
Lanças huns cahem feridos, e outros morrem,
Deſapparece o largo campo aberto,
De nuvens de armas, e de pó cuberto.

XXI.

Tal golpe ha, que o eſcudo deſpedaſſa,
Tal que á malha fortiſſima rompia,
Alli o cavallo já ſem dono paſſa,
Outro com elle ſem vigor cahia:
Elmo, e cabeça hum meſmo golpe amaſſa,
Todo o campo da morte o horror cobria,
Acendeſe a peleja, e dura tanto,
Que excede á que mudou a cor ao Xanto.

XXII.

Logo Antiloco a dura lança enreſta
Contra o forte Trazilo que acomete,
Falſalhe o eſcudo, e pela dura teſta
Do agudo ferro grande parte mete:
Quando huma ſombra pállida, e funeſta,
Que das aguas ſahio do eſcuro Lethe,
Lhe ocupa a viſta, e com temor interno
Cahe ſemivivo o corpo em ſono eterno.

A eſte

XXIII.

A eſte Helefanor, hum forte Grego,
Leva arraſtando para deſpojallo,
E na vã preza de avarento, e cego
Naõ vê que Alcino vinha por vingallo:
Atraveſſado cahe no undoſo pego
De ſangue, e procurando levantallo,
Torna a cahir de novo, e aſſim morrendo,
A alma irada lança, o chaõ mordendo.

XXIV.

Sobre eſtes corpos a contenda crece,
Que huns levavaõ, e outros defendiaõ,
Creonte chega a tempo, que embravece
A peleja, que as vozes acendiaõ:
Contra Leuco, que em velo já eſtremece,
Com forças, que as humanas excediaõ,
A lança com furor bravo arremeſſa,
Com que do peito ás coſtas o atraveſſa.

XXV.

Cahe o moço gentil com graõ ruido,
Qual coſtuma cahir no freſco prado
Alamo verde, ou platano ferido
Do duro vento, ou ruſtico machado:
Pelo vingar Hipolaco atrevido
Hum mortal dardo atira, que levado
A Dareto chegou, que na alta fronte
De roxo ſangue abrio purpurea fonte.

E Gor-

XXVI.

E Gorgoris, que o campo deſcobria,
Socorre a tudo, a todos animando,
A Creonte, e Leoſtenes juntos via
Por terra tantas vidas derramando:
Mal ſoffre ver que o campo ſe cobria
De horror, de ſangue, e corpos inundando,
Bramando geme, e neſta grave affronta
D'um grande freixo ajunta ao conto a ponta.

XXVII.

Por entre as duras meſles das eſpadas
Ouzado corre, e c'o inimigo cerra,
Com tal furor as aguas reprezadas
Naõ ſe deſpenhaõ da impinada ſerra:
O mar, que bate as rochas levantadas,
Rayo, que as torres igualou com a terra,
Trovaõ, que no ar bramindo, o mundo aſſombra
Fazem de ſeu furor pequena ſombra.

XXVIII.

Tres vezes ſobpezou a lança grave,
Com que a Edipo atira, que voando,
Repreſenta huma antena, ou groſſa trave,
O eſcudo forte, e peito atraveſſando:
A ſombra negra occupa a luz ſuave,
Cahe da ferida os membros palpitando,
Corre de ſangue hum eſpumoſo rio,
Pallida moſtra a cor, o alento frio.

Logo

XXIX.

Logo outras lanças toma, que arrojava,
Dando em todas huma morte differente,
E embraçando o eſcudo ſe lançava
Do grande carro com furor vehemente:
Encontra Manlio, a quem o roſto ornava
A lanugem da idade florecente,
Deolhe c'o braço a eſpada, que atrevida
A tea corta a taõ formoſa vida.

XXX.

Na nuca, e lado abrio huma larga eſtrada
A Toante, que alli trouxera a ſorte,
Na viſta, e peito ſahe a forte eſpada,
Dous caminhos abrindo á meſma morte:
A vida de ſeu tronco já cortada
Ao meſmo tempo ſahe do peito forte,
Sobre ſeu ſangue cahe, onde eſpirava,
E hum ferreo ſono a viſta lhe occupava.

XXXI.

Correndo o campo todo victorioſo,
A Tirio, que tratava da fugida,
Pelas coſtas a eſpada o temeroſo
Braço fartou de ſangue na ferida:
Eſtá a ſeu lado o Capitaõ Lanoſo,
Que a maſſa dura eſgrime, e faz temida,
E a terra tantos corpos occuparaõ,
Que os vivos pelos mortos caminharaõ.

Qua

XXXII.

Qual lenhador, que a Pirene, ou Pindo
Alivia dos troncos, que em pedaços
Na terra eſtende, o boſque alto ferindo
Com a dura força dos nervoſos braços:
Onde do morto tronco dividindo
A robuſta alma, atada em verdes laços;
Ferida ſoa do alto golpe a terra,
A que reſponde a mais remota ſerra.

XXXIII.

Aſſim Gorgoris vay com furia tanta,
Aceza a viſta, a fronte alta, e ſublime;
Taõ preſtes corre, que a ligeira planta
Na terra apenas ſeu final imprime:
Soltando a dura voz, que a tudo eſpanta,
Como que em nada o Grego campo eſtime,
Abre as hoſtes, dizendo em voz pezada:
A toda a Grecia baſta a minha eſpada.

XXXIV.

Nezo, que o ouve, fero lhe reſponde,
E advertindo as palavras, que dizia,
Elle as aparta de hum revez, aonde
Nas fauces as formava a lingua fria:
A Scilo e eſpada dentro n'alma eſconde,
A quem o roſto pállido cubria
Grave horror, onde Gorgoris valente
Lhe tira a eſpada, e alma juntamente.

XXXV.

A Japeto c'hum talho a teſta fende
Té os olhos, que do ar ao chaõ cahindo,
Seu irmaõ Lauſo chega, que o defende,
Suſtentallo nos braços preſumindo:
Já Gorgoris contra elle o braço eſtende,
E do piedoſo Lauſo o peito abrindo,
Ambos á terra vem, que a meſma ſorte
Irmaõs na vida os fez, e iguaes na morte.

XXXVI.

O pay Licon, que os filhos vê feridos,
Que de hum parto lhe deo a bella Agave,
Tanto no corpo, e roſto parecidos,
Que cauſavaõ aos pays erro ſuave:
Vendo o poder dos fados naõ vencidos,
Com a dor, que ſente n'alma, dura, e grave,
Ferido geme, e com furor ſuſpira,
E eſtá ſuſpenſo entre o amor, e ira.

XXXVII.

Traz Gorgoris corria inſanamente:
Eſpera hum fraco velho imigo forte,
Eſpera hum vivo morto, impaciente
Dizia, que te pede a propria morte:
Se melhor ſorte a minha naõ conſente,
Quero vencer morrendo minha ſorte,
Que a terey por ditoſa, e avantajada,
Tendoa nos ſios deſſa meſma eſpada.

A Gor-

XXXVIII.

A Gorgoris chegou, com a eſpada erguida
Deſce c'hum mortal golpe, elle o recebe
No forte eſcudo, e onde a cara vida
De Licon tem morada, a eſpada embebe:
Lança o ſangue da boca, e da ferida,
Que a fria terra por ſeus poros bebe,
Cahe o cadaver ſobre a molle area,
Aberta a boca denegrida, e fea.

XXXIX.

Valinferno tambem ſoberbo eſgrime
Contra o fero Creonte a ferrea maſſa,
Que ora as pedras acende, ora ſublime
Se faz temida na ſoberba praſſa:
O que eſpera, o que foge, a hum tempo opprime,
Pizando corpos victorioſo paſſa,
E qual faminto lobo lhe moſtrava,
Que quanto ſangue bebe, o naõ fartava.

XL.

De conchas Valinferno armado vinha,
A quem do corpo o ar nas armas crece,
Que de huma jazerina o peito tinha
Guardado, e nelle a eſpaços reſplandece:
De huma pelle de tigre ſe detinha
Prezo o talim, que de ouro ſe guarnece,
Donde pende o alfange, e levantada
Na maõ trazia a maſſa carregada.

XLI.

A ſerpente, e leaõ, que lhe aſſiſtiaõ,
Correndo o campo vaõ com lentos paços,
Os que as armas lhe oppoem, ou reſiſtiaõ,
Com boca, e garra fazem mil pedaços:
Sobre elle os fortes Gregos concorriaõ,
Mas o graõ Briareu, que com cem braços,
E cem eſpadas juntas pelejara,
Seu grande esforço apenas igualara.

XLII.

Elle ſó poem o roſto, elle reſiſte,
Da guerra o duro pezo elle ſuſtenta,
Aos que intentaõ fugir gritando aſſiſte,
Com que os anima, e forças lhe acreſcenta:
De huns ſe defende a hum tempo, outros enviſte,
Tem os que fogem, outros aflùgenta,
Mas tantas armas creſcem, tanta gente,
Que o leva a ſeu pezar a graõ corrente.

XLIII.

Paraſe Valinferno forte, e quedo,
E o diluvio detem deſenfreado,
Alguns mandou ao tartaro mais cedo,
C'os graves golpes do baſtaõ pezado:
A todos entra hum congelado medo,
Vendo-o deſtes dous monſtros rodeado,
Bravo, acezo na viſta, e naõ reſpira
Por boca, e olhos, ſenaõ fogo, e ira.

Vi-

XLIV.

Vinha em seu grande carro discorrendo
Ulysses pelo campo, o estrago via,
Que o bravo Valinferno vem fazendo,
A quem ninguem se oppunha, ou resistia:
A Gorgoris de longe estava vendo,
Que de mortos hum grande monte erguia,
Turbado fica, dentro n'alma geme,
Como ouzado acomete o que mais teme.

XLV.

Bem como a aguia, que do alto esteve
Vendo a preza entre os matos escondida,
E nas azas librando o corpo leve,
Se arremessa veloz sobre a ferida:
Tal Ulysses que olhando se deteve,
Onde ferve a batalha mais temida,
Do alto voa, e com a crua espada
Se faz por entre as armas larga estrada.

XLVI.

Vay contra Valinferno duro imigo,
De Creonte animoso acompanhado,
Leostenes o seguia, que o castigo
Lhe levava na espada, e braço armado:
Todos se chegaõ, e no comum perigo
Acometem por hum, por outro lado,
Elle para mostrar que os naõ temia,
Sorrindose ergue a massa, e lhe dizia.

Nes-

XLVII.

Neſta agora verás Grego inſolente,
Abrazador dos muros de Dardania,
Se cria o brando Tejo forte gente,
Quando caſtigue a tua grande inſania:
Nas entranhas terás deſta ſerpente
Sepulchro na guerreira Luſitania,
Que a teus atrevimentos exceſſivos
Eſtas feras ſeraõ ſepulchros vivos.

XLVIII.

Cuidavas fraudulento autor de enganos,
Quando ſeguro porto aqui tomaſte,
Que achavas Circe, ou miſeros Troyanos,
Que por amor, e armas debellaſte:
Tendo durado a guerra tantos annos,
Seus muros com enganos arraſaſte,
Sabe que aqui terás mores perigos,
Que Luſitania he tumba de inimigos.

XLIX

Ulyſſes lhe tornou: Saõ eſcuſadas
Inſolentes palavras, baſte agora
Que ſejaõ lingua as folhas das eſpadas,
E da veloz quadriga ſalta fóra:
Leoſtenes, e Creonte ás indomadas
Feras (como ſe a empreza facil fora)
O eſcudo, e peito armado offereciaõ,
A quem todos a hum tempo acometiaõ.

A mor-

L.

A mortal lança Ulyſſes levantando,
A Valinferno ſacudida parte,
Onde a pallida morte vay voando,
A que naõ pode oppor-ſe, ou força, ou arte:
Mas o golpe, e o ferro deſviando,
No ar o torce o valeroſo Marte,
Que a Valinferno ampara, e com eſte erro
Huma braça no chaõ ſe eſconde o ferro.

LI.

Tira Ulyſſes a eſpada, que parece
Hum rayo ardendo, c'o inimigo ſerra,
Elle com hum golpe, e outro irado desce,
Todos graves, mortaes, e todos erra:
E para que ferir melhor podece
Se chega, e cahe ferindo a dura terra,
Aonde tal cova abria a maſſa dura,
Que juntos dava morte, e ſepultura.

LII.

D'hum giro n'outro Ulyſſes o rodea,
Golpes acena, e cautamente finge,
Vence com a propria arte a força alhea,
Marcial Edipo deſta brava esfinge:
Da dura malha o campo ſe ſemea,
C'o ſuor creſce o ſangue, as armas tinge,
Valinferno ſe aparta, e com braveza
Torce cheyo de raiva a viſta aceza.

Ulyſſes

LIII.

Ulyſſes bravo corre, e vay dobrando
Os golpes, com que aſſombra o forte imigo,
Que o campo já perdia vacillando,
Que por ultimo eſtima eſte perigo:
Vaiſe de ira, e furor nobre abrazando,
Entra, e nos braços o apertou comſigo,
Fazendo ambos temerſe nos ardentes
Olhos de fogo, e no rangir dos dentes.

LIV.

Naõ corre com tal furia, e com tal ira
O valente Auſtro, e Aquilo valente,
Quando o mar, quando o Ceo bramindo eſpira
Ondas, nuvens, e fogos juntamente:
Quando nenhum ſe rende, ou ſe retira,
Antes ſopraõ com furia mais vehemente,
Como os dous, que abraçarſe caminharaõ,
Nas forças, e nas armas ſe toparaõ.

LV.

Neſte tempo Creonte do arrogante
Leaõ, que por ferillo a garra erguia,
Mais que a fera, elle fero eſtá diante,
Sem poder enxergarſe que a temia:
Com duro braço deſce, e neſſe inſtante
Ao leaõ como Alcides remettia,
O eſcudo, e eſpada deita, e em fortes laços
Comſigo o aperta nos nervoſos braços.

A ſe-

LVI.

A fera brama irada preſumindo
Sahir dos braços, onde eſtá apertada,
Os cabellos eriça, a boca abrindo
Com a voragem das fauces dilatada:
A colla pelos ares eſgrimindo,
E a garra de ira, e de furor armada
Sem vigor moſtra, e com mortal ruina
Os duros membros deſmayando inclina.

LVII.

Já os oſſos lhe tinha quebrantado,
E entre os laços, onde eſtava prezo,
Cahe com o lume dos olhos apagado,
Terror do monte em quanto eſteve acezo:
Solta Creonte ao já deſanimado
Tronco com a lingua fóra, inutil pezo,
Por juntarſe a Leoſtenes, que ſe ſente
Ferido, e mal tratado da ſerpente.

LVIII.

Brandia de ouro eſcalido, e de prata
A cabeça, no ar o collo erguendo,
Já ſe prende, ſe enroſca, e ſe deſata,
Fel, e eſcuma na boca revolvendo:
O peſcoço ora encolhe, ora dilata
De ſilvos, e ira todo o campo enchendo,
E o torpe alento, quando reſpirava,
De ſeu veneno o ar inficionava.

Com

LIX.

Com Leoſtenes a ſerpe eſtava unida,
Que ſibilando vibra a lingua aguda,
Que tres linguas parece ſacudida,
Com a graõ preſteza, que a menea, e muda:
Na cabeça com a eſpada a tem ferida,
E deſmayando a ſerpe torpe, e ruda,
As roſcas vay abrindo, e ſem alento
Privada eſtá de todo o movimento.

LX.

Vendo o remedio Valinferno incerto,
De Ulyſſes deſatarſe pertendia
Dos braços, onde o traz em tanto aperto,
Que já o alento, e animo perdia:
E vendo que inimigos tem taõ perto,
Sobre as azas do medo lhe fugia,
Segue-o o Grego, e em quanto hia correndo,
Eſtas palavras altas vay dizendo.

LXI.

Como foges de Ulyſſes fraudulento,
Que os muros de Dardania poz por terra,
Que ordenou o cavallo com intento
De dar com paz fingida occulta guerra:
Naõ me davas ſepulchro, e fim violento
N'uma ſerpente, ſem tocarme a terra,
Pois como naõ me aguardas, ſe te ſigo,
Como temes taõ debil inimigo?

Qual

LXII.

Qual lobo foge do redil guardado;
Seus guardadores fervidos temendo,
Que quando corre, ſente ao proprio lado,
Com furia, e com latidos o ar rompendo:
Até que a lingua deita de acoſſado,
Com que o ſangue dos beiços vay lambendo,
Tal Valinferno foge, e o roſto vira
A Ulyſſes, que o ſeguia ardendo em ira.

LXIII

C'o pezo da armadura ſe detinha,
Quer aſſentarſe por tomar alento,
Quando vê que atraz delle o Grego vinha,
Que na preſteza iguala ao meſmo vento,
Como quem ſó nos pés a vida tinha,
Que mais ligeiros faz o medo lento,
Torna a correr, ſentindo o eſpaço breve,
Que por tomar alento ſe deteve.

LXIV.

Qual cerva, que acoſſada vay fugindo,
E vendo ſombra, ou fonte de agua viva,
Tendo eſcapado aos caens, que a vaõ ſeguindo,
Goza da fonte freſca, ou ſombra eſtiva:
Quando outra vez o caçador ſentindo,
Deixa o deſcanſo, e corre fugitiva,
Sem eſtimar á viſta do perigo
A calma grave, e o trabalho antigo.

Tal

LXV.

Tal Valinferno voa, onde encontrando
A Gorgoris, lhe diz: Aos teus ſoccorre,
Que Ulyſſes tuas hoſtes devaſtando,
Por todo o campo ſem temer diſcorre:
A cor ao verde monte vay mudando
Com ſangue, que em diverſas partes corre,
E Pallas, que a ſeu lado anda preſente,
Poem em fugida a Luſitana gente.

LXVI.

Gorgoris, a que a nova o peito altera,
Guiava o carro a hum alto, donde via
O campo todo, e nelle conſidera
Como de ſangue, e mortos ſe cobria:
De longe o eſcudo vê, e imagem fera,
Que da guerreira Pallas parecia,
A'quella parte corre, onde os que o viaõ
Com as vozes, e com as armas o ſeguiaõ.

LXVII.

Qual coſtuma o belligero ginete,
Que das prizoens, que teve, deſatado,
Ao campo livre fervido arremete,
Correndo alegre n'um, e n'outro lado:
Ao ar eriça as crines, e o topete,
Sobre ſi meſmo o collo levantado,
Tal Gorgoris valente, deſprezando
O eſquadraõ, pelas armas vay entrando.

O cam-

LXVIII.

O campo atraveſſava em furia ardendo;
A ſeguillo ſe movem os mais guerreiros,
Por duras armas, e eſquadroens rompendo,
Os ultimos queriaõ ſer primeiros:
Huns derrubando, a outros ſocorrendo,
Lhe diz: O' esforçados Cavalleiros,
Eſtes, que tem de vós victoria, e palma,
Tem mais que duas maõs, tem mais q̃ hũa alma?

LXIX.

Pára o forte eſquadraõ, ſem ir avante,
Por elle ſoccorrido, e animado,
Ulyſſes valeroſo eſtá diante
Entre o furor das armas abrazado:
E Gorgoris c'os ſeus mais arrogante
Para o ferir no meyo o tem tomado,
De haſtes hum boſque, e eſpadas o cercava;
E hum chuveiro de ſettas, que voava.

LXX.

Qual o ſoberbo touro, que ferido
Do fogo do ciume impaciente
Terrivelmente brama, e c'o bramido
Chama animoſo ſeu rival auſente:
Prova n'hum tronco os cornos offendido;
E o vento deſafia ouſadamente,
Provoca o imigo erguendo ao ar a terra,
Por dar principio á porfiada guerra.

Tal

LXXI.

Tal affrontado Ulyſſes, que deſeja
A Gorgoris moſtrar o que podia,
Se preparava em acto de peleja,
E com as armas nas maõs o cometia:
Gorgoris deixa o carro, e porque veja,
Que deſigual batalha naõ queria,
Da maõ ſoltava a hum tempo o grave loro
A Lampom, Lamo, Cicere, e Peloro.

LXXII.

Armados traz os membros da pezada
Loriga, em cima o peito refulgente,
A teſta opprime o elmo, a coxa a eſpada
De antigo meſtre, e tempera excellente:
Qual de luz a alta fronte coroada
Ameaçando no ar cometa ardente,
Com cabellos de rayos nos declara
Ruina do mór ſcetro, ou mór thiara.

LXXIII.

Tal Gorgoris nas armas ſcintillava,
Que airoſo vay movendo bravo, e forte,
Na viſta, e eſpada fervida levava
Medo aos que fogem, aos que eſperaõ morte:
Com Bolaõ Valinferno o acompanhava,
E o valente Lanoſo, e o graõ Mavorte,
Que a ſeu grande furor naõ he baſtante
A reſiſtir hum peito de diamante.

Mon-

LXXIV.

Montanha inacceſſivel, e temida,
De antiga ſelva, e monſtruoſas feras,
Rio, que cahe da rocha mais erguida,
Chuveiros negros, tempeſtades feras:
Neve nos frios Alpes derretida,
E fogo, que do Ceo lambe as eſferas,
Naõ podéra impedir ſeu forte braſſo,
Nem fizera a ſeus pés torcer hum paſſo.

LXXV.

Ulyſſes dos mais fortes rodeado
Aos imigos ſe oppoem quando enveſtiaõ,
Eſcudo a eſcudo, lança a lança armado,
Peito a peito n'hum tempo acometiaõ:
Já de pedaços de armas ſemeado
O chaõ ſe vê, que os golpes dividiaõ,
E ſobre os elmos, que as eſpadas fendem,
Soava o ar, que ſcintillando acendem.

LXXVI.

Na batalha ardentiſſima, e travada
Creſce o ardor com a furia da peleja,
Já de ſeu ſangue a terra eſtá manchada,
Huns a vingança move, outros a inveja:
Já eſquecidos de ferir com a eſpada,
C'os punhos, e c'os pomos ſe peleja,
Já ſe topaõ c'os elmos, e membrudos
Corpos ſobre os fortiſſimos eſcudos.

Gorgo-

LXXVII.

Gorgoris, que hum graõ monte repreſenta,
De membros, e eſtatura bem compoſto,
Mete hum, e outro pé, e a eſpada tenta,
Que Ulyſſes livra, e ſahe com a ponta ao roſto:
Ferir ſobre a cabeça o imigo intenta,
E logo o forte eſcudo em alto poſto,
Por baixo delle o grande corpo eſtende,
Com que na perna a Gorgoris offende.

LXXVIII.

Elle ſe vê ferido, e quando ſente
O dano, por vingarſe em vaõ ſe cança,
E com vergonha honroſa, e deſcontente
Quer com a preſſa emendar qualquer tardança:
Com ferro, e voz reſponde juntamente:
Eſpera, ó fraudulento, e ſe abalança,
E ſobre o elmo o fere, onde cortava
A pluma, que ferida ao ar voava.

LXXIX.

Ulyſſes, que do golpe recebido
Em honroſa coragem ſe acendia,
Deſprezando os reparos atrevido
Nas inimigas armas ſe metia:
E por vingarſe leva o braço erguido,
Com a forte eſpada, que do ar deſcia,
Tal reſpoſta lhe dava, e com tal furia,
Que bem lhe paga a recebida injuria.

Do-

LXXX.

Dobrando os golpes vay com graõ deſtreza,
D'hum lado n'outro Gorgoris diſcorre,
Acha no eſcudo já fraca defeza,
Da ferida em graõ copia o ſangue corre:
Marte, que vê o perigo, com preſteza
A Gorgoris já exanime ſoccorre,
E Ulyſſes, que o conhece, em fogos de ira
Ardendo perturbado, ſe retira.

LXXXI.

Logo huma nuvem deſce, onde encuberto
Gorgoris ſahe do campo, e naõ ſe rende,
Que da morte cruel, que tinha perto,
Marte oppondoſe a Ulyſſes o defende:
Elle, que via o engano deſcuberto,
Sem o temer, com a eſpada a Marte attende,
Com as armas o acomete, a que a guerreira
Pallas reprende, e diz deſta maneira.

LXXXII.

Quando, Ulyſſes, a Marte te atreveſſes,
Naõ ſeria valor, mas furia inſana,
Se ao Ceo com braço humano te oppozeſſes,
Naõ ſe iguala á divina a força humana:
Naõ te baſta, que a Gorgoris venceſſes?
Naõ provoques a furia ſoberana
De hum Deos, q̃ he immortal, taõ bravo, e forte
Que o meſmo Olympo treme de Mavorte.

LXXXIII.

Qual o lobo voraz, que pelo eſcuro
Da tormenta ao rebanho vay guardado;
E nas tetas da mãy balar ſeguro
Ouve o manſo cordeiro agaſalhado:
Quer entrar os reparos forte, e duro,
Tendo o redil mil vezes rodeado,
E neſta trabalhoſa, e vã porfia
Paſſa raivando a noite larga, e fria.

LXXXIV.

Tal Ulyſſes rodea aquella parte,
Donde com Marte Gorgoris fugira;
Torna huma, e outra vez, ao proprio Marte
A vozes deſafia acezo em ira:
Vociferando, e rebentando parte,
Chegando a Valinferno, vê, que atira
C'hum graõ penedo, que nas maõs tomava,
De que Broteo ferido ſe proſtrava.

LXXXV.

Entaõ lhe diz: O' barbaro atrevido;
E ſem que o elmo temperado monte,
Da generoſa eſpada cahe ferido,
Abrindo grande parte da alta fronte:
Naõ cahe da nuvem o rayo deſpedido,
Quando das maõs forjado ſahe de Bronte,
Com tal furor, ficando a forte eſpada
Do negro ſangue, e cerebro manchada.

An-

LXXXVI.

Entre os olhos lhe voa a ſombra eſcura,
Por ſoccorrella alli Bolaõ ſe chega,
Contra Ulyſſes erguendo a maſſa dura,
Que de hum golpe o baſtaõ, e as maõs lhe cega:
De huma ponta a finiſſima armadura,
E peito lhe abre, e da ferida rega
O eſpumoſo ſangue a terra eſtranha,
E o irmaõ, que vivo amou, morto acompanha.

LXXXVII.

Qual álemo abraçado á antiga vide,
Se o duro ferro hum tronco, e outro corta,
Obedecendo ao fado, que os divide,
Cahe c'o verde marido a hum tempo morta;
Aſſim Bolaõ, que vio a ultima lide
De Valinferno, e aberta a fria porta
Ao negro ſangue, que das veas corre
Das feridas do irmaõ, primeiro morre.

LXXXVIII.

Porque quando a turbada viſta erguia,
Entre as vaſcas da morte a Valinferno
Sobre ſuas armas ſanguinoſas via
Cuberto de huma ſombra, e ſono eterno:
Mais que o ſeu fado o do irmaõ ſentia,
Donde a alma indignada ao triſte Averno
Irada deſce, tendo o irmaõ defronte,
Carga pezada ao braço de Cheronte.

LXXXIX.

Em quanto hum campo, e outro pelejava
Com as fortes armas, de ambos taõ temidas,
E a fortuna, e eſperança igual eſtava,
Perdendo tanto ſangue, e tantas vidas:
Eis que huma grande nuvem ſe chegava,
Prenhe de rayos, e armas homicidas,
Grande ſoccorro, com que Alfeo chegara,
Que além do Tejo os largos campos ara.

XC.

Eſtes com novo ardor acometendo
Aos que de pelejar eſtaõ canſados,
Nos Gregos graõ deſtroço hiaõ fazendo;
Que o campo deixaõ já deſordenados:
E de mortos hum alto monte erguendo,
De ſangue correm rios derivados,
Quem foge, a vida tem mais arriſcada
Nos pés do amigo, e na inimiga eſpada.

XCI.

Da batalha ſuſpenſa eſtá a balança,
Que huns favorece Pallas, e outros Marte,
Hum meſmo temor frio, huma eſperança
Em todos igualmente ſe reparte:
O eſcudo, o elmo, a malha, o peito, a lança
Jazem por terra de huma, e d'outra parte,
Que o perigo he commum, e igual o dano
No campo Grego, e campo Luſitano.

As

XCII.

As armas, que já foraõ taõ prezadas,
Pelo chaõ, como inuteis, e abatidas,
Perdida a luz, e o luſtre, enſanguentadas,
Ao forte vencedor ſe vem rendidas:
As que já foraõ ricas, e douradas,
Em pedaços ſe viaõ divididas,
Tudo o pó cobre, e o ſangue, que onde alcança,
A nada deixa a antiga ſemelhança.

XCIII.

Bem como quando o caõ celeſte ardendo,
Pondoſe a caſo fogo na montanha,
E o vento, que ſibila, arde correndo
Vulcano abrazador com furia eſtranha:
Té os aſperos penedos derretendo,
Sem ſe poder vencer força tamanha,
Com grave eſtrondo ſoa o monte erguido,
Em leve fumo, e cinza convertido.

XCIV.

Aſſim Leutaro vay, a quem ſeguiaõ
Geres, Arga, e Lanoſo, contraſtando
Os novos muros, onde concorriaõ,
Tudo o que achaõ diante atropellando:
De victorioſas vozes o ar enchiaõ,
Vaõ o campo das armas inundando,
Viraõ os Gregos as coſtas, naõ podendo
Soffrer na viſta a luz de Marte horrendo.

Aſſim

XCV.

Aſſim correndo do impinado monte
Suas margens apenas cobre o rio,
E onde mais longe vay da antiga fonte,
Vay cobrando mais forças, e mais brio:
Erguendo os cornos da ſoberba fronte
Acomete o ceruleo ſenhorio,
Taõ inchado, e temido, e taõ ufano,
Que elle parece o mar, rio o Oceano.

XCVI.

Ulyſſes bravo vendo, que creſcia
A corrente das armas, duro, e forte
Huns anima gritando, outros feria,
Sem que a pezada voz, e braço importe:
Larga eſtrada Lanoſo fero abria,
E com elle Geres, que de Mavorte
O valor imitava furibundo,
A quem podéra ajoelharſe o mundo.

XCVII.

Como reſiſte o monte á tempeſtade,
Que açoutado do mar ergue por cima
Das ondas a ſoberba immenſidade,
E as iras de Neptuno em pouco eſtima:
Aſſim Leoſtenes entre a adverſidade
Das duras armas, ſem que o pezo o opprima,
Abre por ellas porta, e o ar eſpalha
Elmo abolado, deſcoſida malha.

Cre-

XCVIII.

Creonte ao fero Lauſo, que atrevido
Para elle inſanamente ſe arrojava,
Tem a eſpada nos peitos eſcondido,
Donde ſahindo a vida, a morte entrava:
Na eſpalda ſahe a ponta, que o brunido
Aço na ardente purpura banhava,
Cahe com ruido, e com mortal aſſombro,
Inclinando a cervís no debil hombro.

XCIX.

A Salio, que a Leoſtenes ſe atrevia
Com deſcompoſta lingua ouſadamente,
Elle com a forte eſpada reſpondia,
Que ir mais avante as vozes naõ conſente:
Quando para fallar a boca abria,
C'o ar entrando a ponta juntamente,
Os caminhos da voz, e vida rompe,
Onde a vida com as vozes lhe interrompe.

C.

Mataõ, deſtroçaõ, ferem, e naõ perdoaõ,
Os laços deſatando a tanta vida,
Sobre elles lanças chovem, ſettas voaõ
Na batalha taõ aſpera, e ferida:
Das feras maſſas feros golpes ſoaõ,
Cede a virtude, vendoſe opprimida,
E Ulyſſes, que as contrarias forças mede,
A' mayor força, e á fortuna cede.

Viaſe

CI.

Viaſe o Grego, e via mal tratadas
As armas, que já apenas o cubriaõ,
De ſangue ſeu, e alheyo rociadas,
Que os golpes do inimigo mal ſoffriaõ:
Na Cidade recolhe as eſpalhadas
Eſquadras, onde os ſeus melhor podiaõ
Sobre o reparo de ſeus muros altos
Reſiſtir aos duriſſimos aſſaltos.

CII.

Vendo Lanoſo como a gente entrava
Na Cidade provando o braço duro,
Aos ſeus, que entrem com elles incitava,
Apertando no pulſo o ferro puro:
Tereo bravo a porta lhe occupava,
Fazendo de homens vivos vivo muro,
E procurando entrar, acha diante
Leoſtenes, e Creonte, e o fero Atlante.

CIII.

Sahe Anteo de furor nobre abrazado,
Huns matando com a eſpada, outros ferindo,
Mincio o acompanha, e Sergio, que a ſeu lado
O chaõ de inuteis troncos vaõ cubrindo:
A Philarco acomete, que affrontado
Contra Mincio o eſtoque ſacudindo,
No lado eſquerdo o mortal golpe emprega,
Que armas, e campo de ſeu ſangue rega.

Bra-

CIV.

Brama furioſo, (e acha taõ leve a carga
Das armas, que deſmente a força humana)
Qual ſoe pizada ſibilar na larga
Praya arenoſa a vibora Africana,
Ou leaõ, que cravada vê na ilharga
A aguda ſetta, donde a vida mana,
Rugindo corre, e faz ſoar diante
As brenhas do Rifeo, ou fero Atlante.

CV.

Vay ſobre Antheo, a que huma, e outra fonte
No ſangue abrio a cortadora eſpada
Na perna, e logo na ſoberba fronte,
Que eſtá de ardente purpura banhada:
Faz dous paſſos atraz, e onde o monte
Abre huma cova, cahe ſobre a pezada
Loriga, inſta Philarco por vingarſe,
Antes que Antheo podéſſe levantarſe.

CVI.

Fartou a ſede a eſpada no eſpumoſo
Sangue, e qual cahindo o grave pinho,
Ruido excita o corpo portentoſo,
Deſamparando a alma o proprio ninho:
Sergio as coſtas virava temeroſo,
Vendo logo atalhado eſte caminho,
Que pela eſpalda com mayor affronta,
Vio nos peitos ſahir c'o ſangue a ponta.

Por

CVII.

Por outra parte Ulyſſes defendendo
A entrada da Cidade, naõ deſcança,
Com a haſte a hum lado, e a outro acometendo,
A todos faz temer ſeu braço, e lança:
Apartaõſe os que o vem, elle querendo
Emendar com graõ preſſa eſta tardança,
A Leuco fere, e a Polimio forte
Mete dentro do peito a fria morte.

CVIII.

Chegaſe a Ulyſſes logo o forte Atlante,
Leoſtenes, e Tereo, Lizio, e Creonte,
E embraçando o eſcudo de diamante,
Cada hum ao imigo vay, que tem defronte:
Alpino vibra a eſpada rutilante,
Na teſta a Lizio fere, que na fronte
Com a maõ ao ſangue acode, e diligente
Lhe pega a maõ na teſta juntamente.

CIX.

Aos pés de Ulyſſes cahe qual grande torre,
Nos braços elle o toma, e em fogos arde,
Porque via, que nelles Lizio morre,
Já cuida que a vingança chega tarde:
Irado contra Alpino Ulyſſes corre,
Alto gritando: Eſperame, cobarde:
Com tal furor com elle encontra, e cerra,
Que do encontro os joelhos poem por terra.

Mal

CX.

Mal levantado Alpino da cahida,
Já do eſcudo fortiſſimo cuberto
Golpes dobrava por deter a vida,
Que do apreſlado fim tinha taõ perto:
Corre Ulyſſes a eſpada, que eſcondida
Dava em ſeu peito á morte paſſo aberto,
Sahindo delle a alma vacillante
Em liquido coral, puro, eſpumante.

CXI.

Cahe o ſoberbo corpo reſupino,
Banha a viſta de morte, indo morrendo
O inutil tronco do valente Alpino
Forbas arraſta, as armas recolhendo:
Fenix, e Clito o eſcudo de aço fino
Oppoem, o morto amigo defendendo,
Porém Ulyſſes, que em os vendo brada,
Faz das vozes trovaõ, rayos da eſpada.

CXII.

Forbas, que ao morto Alpino deſpojava,
Em quanto neſte officio attento eſteve,
A morte n'huma ſetta, que voava.
Lhe eſpalha a leve vida ao vento leve:
Vendo Ulyſſes o amigo, que eſpirava,
Com Clito, e Fenix pouco ſe deteve,
Que as cabeças de ferro guarnecidas
Lhes faz cahir nos hombros divididas.

CXIII.

Hum grande carro chega, onde o valente
Polimio groſſas lanças atirando,
A huma, e outra parte o diligente
Carro movia, o campo atropellando:
Eſpera, lhe dizia, e a eſpada ardente
Bebia (a grande ſede mitigando)
O ſangue de Filon famoſo auriga,
Que da maõ perde as redeas da quadriga.

CXIV.

Cahe, e eſpanta os cavallos, que temendo
Tornaõ atraz c'o carro, que tiravaõ,
Quebrando as prizoens fortes, e correndo
Em ſaltos todo o campo atraveſſavaõ:
Polux a Ulyſſes ſahe ao campo ardendo,
Ambos para ferir ſe preparavaõ,
Vindoſe hum para o outro ſe toparaõ
Nas armas, e as eſpadas levantaraõ.

CXV.

E dandolhe hum revez ſobre o reparo
Lhe rompe o Grego o eſcudo, e logo a teſta,
No cerebro banhanva o fino, e claro
Aço da eſpada fervida, e funeſta:
Foge de o ver o timido Leutaro,
Contra quem braço, e eſpada o Grego apreſta,
Larga o eſcudo, e parte acelerado,
Mas ninguem por ſeus pés foge a ſeu fado.

Hum

CXVI.

Hum golpe pelas coſtas com tamanhas
Forças lhe deo, que abrindo a armadura,
Se viaõ palpitar dentro as entranhas
Cahindo morto ſobre a terra dura :
C'hum brado, que abalara altas montanhas,
Cuberta a viſta de huma ſombra eſcura,
A cabeça no peito, que anhelava,
Entre as vaſcas da morte reclinava.

CXVII.

Acodem logo alli Geres, e Arga
Com Alcides, Acriſio, Alcimodonte,
A que parece breve a maſſa larga,
Que cada golpe ſeu partira hum monte :
Sente das almas nova, e grande carga
Em ſeu barco o triſtiſſimo Cheronte,
Que nos dous campos Marte á vencedora
Morte de tantas vidas fez ſenhora.

CXVIII.

Gorgoris entre tanto valeroſo
Duas lanças fortiſſimas brandindo,
Se faz temer, ſeguindo-o vay Lanoſo
De homens a terra exanimes cobrindo,
No ondado cabello, que ao formoſo
Lucilo té os hombros encobrindo
Decoramente deſce, a enſanguentada
Maõ eſquerda revolve, erguendo a eſpada.

Do

CXIX.

Do alto deſce o golpe, que deſata
A bella alma, ficando deſunida
Da teſta o ouro, do alvo collo a prata;
Na cabeça dos hombros dividida:
Era de Amintas filho, a quem a ingrata
Parca cortou do meſmo golpe a vida,
Eſtimado de todos geralmente,
Que era do rio Minio deſcendente.

CXX.

Aqui com nova força, e novo brio
Correr ſe via n'huma, e n'outra fonte
A purpura, que junta fórma hum rio,
E erguer de mortos ſobre a porta hum monte:
Maronio bravo ao novo deſafio
De dentro ſahe, ſobre a arrugada fronte
Mertilo fere, a que a pezada maſſa
Nas armas até os oſſos deſpedaſſa.

CXXI.

Aqui provas eſtranhas de ſeu braço
Faz o bravo Leoſtenes, que inveſtindo
O inimigo, ſe aparta hum largo eſpaço,
Por entre as armas graõ caminho abrindo:
Aqui Philarco em vagaroſo paço,
Indoſe retirando, e reſiſtindo,
Os ſeus recolhe, que comſigo encerra,
E a pezar do inimigo as portas ſerra.

ARGU-

# ARGUMENTO
## DO DECIMO CANTO.

*REprende Jove aos deoſes, e querendo*
*Ver a batalha, deſce ao monte Almata,*
*As eſquadras do monte eſtava vendo*
*Que o Tejo cerca com laſciva prata:*
*Gorgoris com Ulyſſes combatendo,*
*O Grego vence, e de partir ſe trata,*
*A Pallas tendo o templo edificado,*
*Entrega a vella, e o pinho ao mar ſalgado.*

I.

NA parte mais ſublime, e levantada
Do eſtellifero Olympo omnipotente;
De aſſentos de cryſtal, e de ouro ornada,
Falla c'os deoſes Jupiter potente:
Com grande aſpeito, e fronte carregada
Enojado os reprende aſperamente,
Todos eſcutaõ, e elle o que ſentia,
(Tremendo o Ceo de ouvillo) lhe dizia.

Naõ

II.

Naõ ſoffro, eternos deoſes, que ſe veja
No Ceo tal deſconcerto, e indecencia,
Como entrardes com armas na peleja,
Fazendo voſſa a humana competencia:
Deixay a emulaçaõ, e a baixa inveja,
Nos Ceos exercitay voſſa potencia,
Ser forte hum Deos com homens he fraqueza,
Indigna acçaõ de altiva fortaleza.

III.

Eſta ordem no Olympo ſe publique,
E quando alguns dos deoſes ſoberanos
A quebrar, do alto Ceo privado fique
Com pena eterna por eternos annos:
Que porque aos deoſes mais naõ cõmunique,
Do baratro abrazado os graves danos
Farey que ſinta para ſer neſte erro
Exemplo o deſterrado, e o deſterro.

IV.

Ouvemno os deoſes, e nenhum reſponde,
Levantaſe; e do Olympo conſagrado
Na dourada carroça ſahe, por onde
Das rodas d'ouro eſtava o Ceo trilhado:
Botaõ fogo os cavallos, e ſe eſconde
Entre as nuvens o carro arrebatado,
Até a fronte ferir do monte Almata,
Que do Tejo rodea a creſpa prata.

An-

V.

Entre hum boſque no alto eſtá encuberto,
E ambos os campos ante os olhos tinha,
Vê Ulyſſes diſcorrer de armas cuberto,
Que entre os ſeus animando-os ſe detinha:
Vê Gorgoris, que armado em campo aberto
Entre as eſquadras Luſitanas vinha,
N'hum campo, e n'outro os olhos apaſcenta,
Que alegre, e fera viſta repreſenta.

VI.

Já a noite eſcura, que confuſamente
Nos boſques, e nos montes, que occupava
A fera, e ave livre, e docemente
Na cova, e brando ninho agaſalhava,
Fugindo vem do Sol, que do Oriente
Lanças de ardente luz arremeſſava,
E entre os boſquejos das ſuaves cores
Vem naſcendo os primeiros reſplandores.

VII.

Com mayor luz a Aurora o luminoſo
Oriente com juſto paſſo abria,
E o Sol claro mais puro, e mais formoſo
Do que nunca naſcera entaõ ſahia:
Raſgando a noite o manto tenebroſo,
Com nova luz os ares acendia,
Que por Jupiter ver eſta peleja,
Novos rayos veſtir o Sol deſeja.

VIII.

Os eſtendidos campos vaõ cubrindo
Os eſquadroens belligeros armados,
Embraçaõ eſcudos, lanças vaõ brandindo,
Scintillaõ puros ferros amolados:
Huns hiaõ feras maſſas eſgrimindo,
Outros dos bravos arcos encurvados
Settas deſpedem, e c'o rumor da gente
Se rompe o Ceo, e abyſſo juntamente.

IX.

Anima a fera tuba o grave alento,
Cujas vozes horriſonas ſoaraõ,
E ſobre as peñnas do ligeiro vento
Nas eſcuras cavernas ſe dobraraõ:
Arma, arma repetia o ſom violento,
Arma, arma logo os eſquadroens gritaraõ,
Diſcordia ſemeava em toda a parte
A fera Previcacia irmã de Marte.

X.

Já com as infeſtas armas pelejando,
A lança á lança oppoem, o peito ao peito,
Sobre as forças os animos provando,
Que aos olhos fazem bello, e duro objeito:
A hum a lança voa atraveſſando,
Outro c'o eſcudo em muitas partes feito
Naõ muda hum paſſo, e para o imigo corre,
Sobre ſeu ſangue, e ſobre as armas morre.

XI.

Assim de ambas as partes igualmente,
Sem o ardor declinar, se pelejava,
Depois que a Aurora abrira o Oriente,
E o claro Sol de seu zenit olhava:
E Juno, que do Grego os males sente,
Vendo que o chaõ de corpos inundava,
Porque naõ passe o dano mais avante,
Determina fallar ao graõ Tonante.

XII.

Gorgoris vê de novo soccorrido,
Via as mortes, que daõ Geres, e Arga,
O chaõ de tantas armas opprimido,
Chea de mortos a campanha larga:
Desce do Ceo no carro esclarecido,
Que aos seus pavoens era ligeira a carga,
Para ir ver o marido, e por movello
Compoem o bello rosto, e corpo bello.

XIII.

E no retrete mais secreto entrando,
Sobre o quicio gemia o pezo grave
Das portas de ouro, e de marfim voltando
A crystallina maõ com aurea chave,
Onde a formosa deosa entra, e cerrando
O aposento, de hum oleo mais suave,
Tetyameno, odorifero, e divino,
Unge o cabello, e o corpo peregrino.

XIV.

Já pelas ondas de ouro do cabello
Sulcava o barco de marfim brunido,
Diante quem ſem cor fica amarello
O ouro de enfiado, e de corrido:
Hum delgado ſendal, que o corpo bello
Por mais belleza eſconde, traz veſtido,
Que de hum grande carbunculo pendia,
De que o cothurno ſó fóra ſahia.

XV.

Das lagrimas da Aurora o congelado
Orvalho a Juno dá graça infinita,
E poſtás a deſcuido no toucado
Outras pedras, que o Sol cada huma imita:
De prata hum véo por cima poz delgado
De belleza taõ rara, e exquiſita,
Que no ar do paſſeyo, e graça pura
Faz de novo formoſa a formoſura.

XVI.

De parte a Venus falla, e amoroſa
Lhe diz: Agora, ó Acidalia, eſpero,
Que ainda que contra mim te vejo iroſa,
Has de fazer o que pedirte quero:
O' Hera, torna Venus, taõ formoſa
Mulher, e irmã de Jupiter ſevero,
Todo o mandado teu ſendo mais grave
Me ſerá além do goſto ley ſuave.

Tor-

XVII.

Torna Juno com animo enganoſo:
Empreſtame, formoſa, e doce amiga,
Aquelle ardor, que acendes, amoroſo,
Que os proprios deoſes a quererſe obriga,
Que Thetis, e o Oceano famoſo
Quero tornar á ſua paz antiga,
Acabando o divorcio prolongado,
Que tanto tempo entre elles tem durado.

XVIII.

Devolhe grande amor, porque expellido
Das eſtrellas Saturno furibundo,
Da undoſa Thetis o humido marido,
Nas ondas me creou do mar profundo,
Se eſſe divorcio duro, e taõ comprido
Vir acabar por tua induſtria o mundo,
Reſtituindo os dous á graça antiga,
Obrigada te fico além de amiga.

XIX.

Contra o reſpeito, e obrigaçaõ ſeria,
Lhe torna Venus, ſe iſſo te negara,
Que gozando de Amon a companhia,
Dormes nos braços ſeus eſpoſa cara:
Deſata entaõ a cinta, onde trazia
Prezos por obra peregrina, e rara
Deſejos, veneficios, e os ardores,
Lenocinios, e blandicias, e os amores.

Dalhe

XX.

Dalhe o Ceſton, dizendo: Aqui eſcondido
Eſtá o poder mayor, de que me arreyo,
As forças invenciveis de Cupido,
Que Juno guarda no divino ſeyo:
Deſce logo do Olympo eſclarecido,
Os ares fende, e ſobre Almata veyo,
Monte, que igual ás nuvens ſe levanta,
Dando a beijar ao Tejo a nobre planta.

XXI.

Do monte vay tomando huma ſubida
Entre o boſque, que impede o Sol ardente,
Fazendo d'agua eſpelho, que impellida
Alli humilhava a tumida corrente:
Como o marido a vê, huma eſcondida
Flamma atear pelas medulas ſente,
A cauſa lhe pergunta, porque vinha
Do alto Olympo á terra, onde caminha.

XXII.

A quem Juno reſponde com engano:
Deſci por viſitar a ultima terra,
Aonde mora Thetis, e o Oceano
Pay dos deoſes, que o grande Olympo encerra:
Soube que eſtavas, Jove ſoberano,
Logrando os brandos ares deſta ſerra,
Venho a pedir licença confiada,
Que permittas, que faça eſta jornada.

XXIII.

Como a darey, replica o graõ Tonante,
( E iſto dizendo, a caſta Juno abraça )
Se arder me ſinto, como tenro amante
No fogo, que me acende a tua graça?
Nunca a ſetta de amor taõ penetrante
Senti, qual eſta o peito me traſpaça,
Nem quando o mar ſulquey mudado em touro,
Ou me fiz chuva, e brando orvalho de ouro.

XXIV.

Nem de Agenor a filha ſoberana,
Que Minos me creou, e Radamanto,
Nem Alcmena, nem Sebeles Thebana,
Nem Leda, ou Ceres me abrazaraõ tanto:
Nem Antyopa bella, e mais que humana,
Nem Caliſto, de ſua idade eſpanto,
Nem de ti finalmente, que já outra hora
Gozey, me vi taõ prezo, como agora.

XXV.

Nos ares huma nuvem ſe dilata,
Que a viſta ao claro Sol eſtá impedindo,
Creſcendo engroſſa em circulos de prata,
Cheiro pelo ar ſuave deſpedindo:
Logo em puros chuveiros ſe deſata,
Que em gotas ſuaviſſimas cahindo,
Deixa as hervas, e plantas levantadas,
De molle ambar, e ambroſia rociadas,

E por

XXVI.

E porque a bella Juno agora via
Lugar, e hora a tudo accommodada,
Para alcançar de Jove o que queria
Lhe falla mais mimoſa, e confiada:
Por eſta noſſa alegre companhia
Se de mim couſa alguma hoje te agrada,
Huma quero pedirte, e tudo eſpero,
Se igualas o que podes c'o que quero.

XXVII.

Vejo Ulyſſes, ſenhor, andar vagando
Por mares nunca de outrem navegados,
Do Egeo nas ondas, e Oceano errando,
Vencendo o vento, e mares empolados:
Agora pelo doce Tejo entrando,
Tem com a Cidade os muros levantados,
Padecendo trabalhos infinitos,
Que em papel devem ſer de bronze eſcritos.

XXVIII.

Gorgoris com prolixa, e dura guerra
O tem cercado, e com mortal eſtrago,
O valle humilde, e levantada ſerra
Se vem feitos de ſangue hum negro lago:
Negalhe o fado o mar, negalhe a terra,
E eu, que os meus Gregos neſtes olhos trago,
Com as lagrimas, que em vaõ delles derramo,
Moſtro o pouco, que poſſo, o muito, que amo.

Ven-

XXIX.

Venceo os climas varios deſta eſfera;
Os caſos da fortuna, a natureza,
Que de tanta importancia aos fados era
Fundar a altiva gente Portugueza:
E quando erguer a graõ Lisboa eſpera,
Das Cidades de Europa alta Princeza,
Por mar, que nunca de outrem foy cortado,
D'hum clima n'outro vay, d'hum n'outro fado.

XXX.

Peçote agora, ſe comtigo valho,
Que ſe acabe taõ aſpera peleja,
Tantas mortes crueis, tanto trabalho,
A males taõ ſem fim ſeu fim ſe veja:
He bem que dês a tudo honeſto atalho,
E por ti defendido Ulyſſes ſeja:
Movate, grande Anxuro, ao que te peço,
Que o merece a razaõ, ſe o naõ mereço.

XXXI.

Iſto dizendo, com ſuave affronta
Com a maõ cobria a viſta magoada,
Nadando em agua, que a ſahir aponta
Para ſeu rogo achar facil entrada:
Quem naõ fará de taes extremos conta?
Lhe diz, tendo-a nos braços apertada,
Que huma lagrima tua a alma me rende,
Que ſaõ faiſcas, com que amor me acende.

Para

XXXII.

Para que poſſa verte hoje contente,
Ceſſe a contenda taõ ferida, e brava,
Vejamos o que o fado nos conſente,
E o que por elle decretado eſtava:
Logo toma na maõ omnipotente
Huma aurea balança, onde pezava
De ambos a vida, e fado aſſim reparte
Igual o pezo n'huma, e n'outra parte.

XXXIII.

Na maõ ſe vê a balança levantada,
Onde os fados, e as mortes ſuſpendia,
De Gorgoris a ſorte mais pezada
(Subindo a outra ao alto) ao chaõ deſcia:
Vendo alli ſua morte declarada,
Toa hum trovaõ no Ceo, donde ſahia
Sobre o eſtendido campo hum grande rayo,
Que aos Luſitanos deo mortal deſmayo.

XXXIV.

Os cavallos dos rayos offendidos,
Amedrontados para traz correraõ,
Arga, e Geres da grave luz feridos,
Já com as armas os olhos ſuſpenderaõ:
De pavor atalhados, e impedidos
Os ſoldados com a viſta naõ poderaõ
Soffrer a luz medonha, que moſtrava
O Ceo, que ſobre os campos fuzilava.

Tre-

XXXV.

Tremem todos do caſo inopinado,
Eriçaſe o cabello ao mais valente,
O coraçaõ tremendo bate o lado,
E os extremos occupa o frio urgente:
Foge do roſto a cor, e o congelado
Sangue ſe faz de neve, ſendo ardente,
Todos perdem valor, todos o brio,
A que ſegue hum ſuor mortal, e frio.

XXXVI.

Juno alegre os joelhos poem por terra,
Do marido o favor alto agradece,
Hoje, diz elle, a prolongada guerra
Em tuas bellas maõs, deoſa, fenece:
Creſça a nova Lisboa, em quem ſe encerra
A eſperança do Ceo, que nella creſce:
Deixaõ do monte o cume levantado,
Que o nome antigo em pouco tem mudado.

XXXVII.

No graõ carro de Jupiter ſubiaõ,
Que do ſenhor o grave pezo ſente,
Do Olympo ſe abre a porta, onde ſe viaõ
As horas aſſiſtir perpetuamente:
Na grande ſala entrando, onde luziaõ,
Varios aſſentos, Jupiter potente
No mais alto lugar do Ceo ſubia,
Que com ſeu grande pezo eſtremecia.

Eſtan-

XXXVIII.

Eſtando os Luſitanos temoroſos,
Na apertada Cidade recolhidos,
Alli os Gregos inſtavaõ victorioſos
Com rebates, com gritos, e alaridos:
Ulyſſes chega ao muro, e dos nervoſos
Braços os fortes dardos deſpedidos,
Por cima voaõ dos guardados muros,
Aonde elles ſe tem por mal ſeguros.

XXXIX.

A Gorgoris Ulyſſes deſafia,
Que a ſingular batalha a campo ſaya,
Ou corpo a corpo, ou traga companhia,
Qual na eleiçaõ, ou qual na ſorte caya:
Elle aceitava, e já ſe apercebia,
Por lança empunha o tronco de huma faya,
Lanoſo de armas fortes ſe guarnece,
Com elle ao riſco, e morte ſe offerece.

XL.

Pallas, que aſſiſte a Ulyſſes ſoberano,
Para que armas fortiſſimas levaſſe,
Ao centro deſce, e alcança de Vulcano,
Que o elmo, peito, e eſcudo lhe forjaſſe:
Onde do novo Imperio Luſitano
O naſcimento illuſtre declaraſſe,
Dando com muda, e eloquente hiſtoria
Breves ſinaes da Portugueza gloria.

Obe-

XLI.

Obedecendo a ſeu divino rogo,
Vulcano a obra ordena, e na abrazada
Officina deſperta as chammas logo,
E os valentes Cyclopes chama, e brada:
A maſſa com a tenaz volve no fogo,
A maõ já do martello calejada,
Ferruginea he a cor, roſto toſtado,
De ſulcos profundiſſimos lavrado.

XLII.

Já Brontes, e Pyragmon revolviaõ
Huma grande bigorna, que diante
Aſſentaõ, e ſobre ella ſe eſtendiaõ
As veas de ouro fino, e de diamante:
As cavernas altiſſimas mugiaõ,
Ao ſom de hum golpe, e d'outro penetrante;
Elle os metaes no fogo intenſo acende,
Que na bigorna em laminas eſtende.

XLIII.

Com graõ furor os braços levantados
Na incude ſonora hiaõ batendo,
Que em horrenda harmonia concertados
Vaõ huns golpes a outros ſuccedendo:
Das faiſcas os ares abrazados
Em roda eſtavaõ, ao metal ardendo
No caos do fogo, onde ſe inflammava,
Eſpritos infundia, e fórmas dava.

Pallas

XLIV.

Pallas a vista estava apascentando
Nas obras do alto tecto penduradas,
Nos peitos, que Vulcano hia lavrando,
Armas a heroes divinos fabricadas:
Humas pullindo vay, outras forjando,
N'outra parte com azas inflammadas
Os rayos via, com que o soberano
Jove abrazara os filhos de Tytano.

XLV.

Via da bella Cynthia o dardo agudo,
Do bravo Alcides o bastaõ pezado,
De Perseo o elmo, e rutilante escudo,
De venenosas serpes coroado:
A fouce de Saturno aspero, e rudo,
Da verde Ceres o fecundo arado,
De Neptuno, e Plutaõ via pendente
Junto ao Tridente azul ferreo bidente.

XLVI.

De ouro, e de bronze as trompas eminentes,
Com que em remotos mares, e Cidades
A fama sobre as azas diligentes
Ora incertezas leva, ora verdades:
Os grilhoens, e fortissimas correntes,
Onde Eolo prende as feras tempestades,
E n'outra parte pendurada estava
Do amor, e morte a ardente, e fria aljava.

Forja

XLVII.

Forja Vulcano as armas, e com ellas
O fortiſſimo eſcudo, onde ſe viaõ
De ouro varias figuras, que de veilas
Cegava a clara luz, que deſpediaõ:
O elmo, a gola, os braçaes, as eſcarcellas
Entre ſi nos lavores reſpondiaõ,
E o que nellas de Lemno o fabro imprime,
Com alma viva o metal mudo exprime.

XLVIII.

No mais alto do eſcudo torreada
Lisboa eſtava, aos ſeculos futuros
Dando leys, ſobre as margens aſſentada
Do Tejo, que a rodeya em cryſtaes puros:
Onde na vea clara, e ſocegada
Fórma immortal traslado de ſeus muros,
E em cujos campos paſce o verde feno
O cavallo do perfido Agareno.

XLIX.

Logo eſtava em figuras relevadas
O grande Affonſo, em quem o Ceo encerra
O valor grande, as forças eſtremadas,
Com que proſegue a ſanguinoſa guerra:
Que com fortes eſquadras ordenadas
Vem conquiſtar a Luſitana terra,
Dando por preço o ſangue, que derrama
Para eſtender a vida pela fama.

Veſti-

L.

Veſtido o arnez dourado, e rutilante,
Só o formoſo roſto deſarmado,
Aprazivel, e grave no ſemblante
As ſuas hoſtes animava armado:
Ao muro punha eſcadas, e diante
De todos com esforço naõ domado
Subia a ver o Mouro, que o recebe
C'o alfange nú, que tanto ſangue bebe.

LI.

Noutra parte c'o ariete tentavaõ
As fortes portas, noutra victorioſos
Pelas torres bandeiras arvoravaõ
Por trofeos de victoria glorioſos:
N'outra do muro abaixo deſpenhavaõ
Os que tentaõ ſubir mais animoſos,
E as figuras, que o eſcudo guarneciaõ,
Parece que fallavaõ, e que ſentiaõ.

LII.

Viaſe o grande Affonſo, que cingia
De louro a teſta, e entre ſeus ſoldados
Da batalha os deſpojos repartia,
Com ſeu ſangue adquiridos, e comprados:
Juſtas leys dava aos povos, que regia,
Com temor naõ, mas com amor domados,
Que ſaõ as leys o mayor bem da terra,
Armando a branda paz, ornando a guerra.

Via-

LIII.

Viaſe n'outra parte debuxada
Com ſingular affecto da eſcultura
Affrontando a Lisboa a grande armada;
Prenhe de armas, de fogo, e guerra dura:
Aonde os muros ſeus com maõ armada
A Caſtelhana gente entrar procura,
E Dom Nuno Alvares ſó forte, e conſtante
Reſiſte a tudo, a tudo eſtá diante.

LIV.

Entre muitos vibrava a generoſa
Eſpada, onde cortava muitas vidas,
Purpureando a praya ſanguinoſa
De graõ copia do ſangue das feridas:
Turbado eſtá, porém na perigoſa
Peleja, e das eſpadas homicidas
Deſcem os graves golpes, que as pezadas
Armas tem por mil partes aboladas.

LV.

N'outra parte a eſcultura repreſenta
Huma grande batalha, onde ſe via
Que a gente Portugueza ſe apreſenta
Contra a que em grande numero excedia:
Com deſigual partido ſe ſuſtenta,
Té que trocando em medo a ouſadia
O Caſtelhano foge profligado
Do inimigo a vencello acoſtumado.

LVI.

Alli o Meſtre de Aviz eſtá abraçando
Ao ſoldado, que a facha lhe tomava,
E a affronta recebida compenſando,
A meſma affronta com ſeu ſangue lava:
E por vingarſe o campo atraveſſando,
Té render o inimigo naõ parava,
Entregando por mais honroſa preza
A bandeira Heſpanhola á Portugueza.

LVII.

Pallas ao Grego as armas offerece,
Que de Lemnos o inſigne fabro obrara;
Elle vendo-as ſe admira, e lhe parece
Alta fadiga, e de lavores rara:
Veſteſe, e armado nellas reſplandece,
Cercado de huma luz ardente, e clara,
Fazendo aſſim temerſe, que naõ parte
Da quinta eſfera mais armado Marte.

LVIII.

Ulyſſes, e Creonte ao campo vinhaõ
Veſtidos ambos de armas excellentes,
Tremolaõ as bandeiras, com que tinhaõ
Cuberto o campo os Capitaens valentes:
Fazem os juramentos, que convinhaõ,
Deſcobre o frio os animos ardentes,
Gorgoris n'hum altar, que a Jove erguia,
Tres vezes beija a terra, e lhe dizia.

Eter-

LIX.

Eterno Amon, que ſendo acometido
Da humana inſania o cryſtallino muro
Vibraſte os rayos, com que foy ferido
Briareo em ſeus braços mal ſeguro:
Deſte fero inimigo perſeguido
Defenderme offendido ſó procuro,
De ti aprendo a defender na guerra,
Qual tu o proprio Ceo, a propria terra.

LX.

Ulyſſes neſte tempo eſtá proſtrado
A Jupiter dizendo: O' ſoberano
Senhor, por quem nos mares arrojado
Venci ſoberbas ondas do Oceano:
Por ti tenho Lisboa levantado,
A obra he tua ſó, que braço humano
Naõ póde tanto, eſpero que ſe veja
Que tudo acaba quem por ti peleja.

LXI.

Apercebidos ao combate duro,
A dividida praça ambos tomavaõ,
Do campo armado, e do ſoberbo muro
Com grande ſuſpenſaõ todos olhavaõ:
Calypſo, e a cara mãy, que o mal ſeguro
Duello affligе, triſtes lamentavaõ:
Já promeſſas a Jupiter faziaõ,
Com que a vida, que amavaõ, lhe pediaõ.

LXII.

Com a mãy triſte Calypſo triſte eſtava,
Que o que ſente guardava ſó comſigo,
O perigo do pay a acobardava,
E igualmenſe temia o do inimigo:
A razaõ de huma parte a obrigava,
O amor a obriga, e mete em mór perigo,
E entre as forças do amor, e do receyo
Menos ſente ſeu mal, que o mal alheyo

LXIII.

Que dura condiçaõ a em que me vejo,
Calypſo diz canſada, e affligida,
Pois amo a ſemrazaõ de meu deſejo,
Porque em perder a vida tenho a vida:
Que vença o grande Gorgoris deſejo,
E das armas do Grego eſtou rendida,
Aonde a vida poſſo ter ſegura,
Se eu contra mim dou armas á ventura?

LXIV.

Se vence Ulyſſes, vejo deſta ſorte
Sem a vida o pay, ſem Rey a propria terra;
Se elle venceſſe, vejo minha morte,
Acho eſta guerra paz, eſta paz guerra:
Hum fraco coraçaõ em mal taõ forte
Que poderá ſeguir, pois em tudo erra,
Em que incerta balança a vida tenho,
Pois onde a viver vou, a morrer venho.

Se

LV.

Se a Gorgoris victoria a sorte désse,
Este erro, ou este amor, que está encuberto,
Se por alguma via se rompesse,
Que me custasse a vida era mui certo:
Remedio amor, que a alma desfalesse,
Que naõ sey onde erro, ou onde acerto,
Guiay, fados, o caso, e vós prestantes
Deidades, que ajudais tristes amantes.

LXVI.

Vem neste tempo a praça atravessando
O grande Ulysses, no hombro vay movendo
A lança, que brandia scintillando,
Da planta o chaõ batido está tremendo,
Com graõ rumor das armas excitando,
Nos que de fóra o vem, pavor horrendo,
O escudo Leostenes lhe trazia,
E em continente airoso elle o seguia.

LXVII.

Gorgoris d'outra parte alto, e membrudo,
Que na estatura iguala a hum graõ gigante,
De laminas cuberto, a quem o escudo
O soberbo Alcion leva diante:
Por lança hum grande tronco, que o agudo
Ferro largo guarnece rutilante,
No elmo ardente sobe a pluma toda,
Que açouta o ar com a peregrina roda.

Lano-

LXVIII.

Lanoſo com Creonte em igual paço
As lanças empunhavaõ como antenas,
Em cujas forças, e robuſto braço
Ficaõ taõ leves, como leves penas:
Lançaõ rayos de fogo os peitos de aço,
Entre as plumagens grandes, e pequenas
Scintilla o elmo a eſpaços bem lavrado,
Cahelhe do hombro o curvo alfange ao lado.

LXIX.

As bandeiras no ar ſuave, e puro
Vaõ ondeando, as roucas tubas ſoaõ,
As almas ſuſpendia hum bravo, e duro
Horror das armas, com que o campo atroaõ:
Já com braço com animo ſeguro
Lanças arrojaõ, que apreſſadas voaõ,
A receber o ferro, que caminha,
Cada qual prompta a viſta, e eſcudo tinha.

LXX.

Já Gorgoris c'o braço levantado
A lança deſpedia, e naõ podendo
Ir avante, do ferro atraveſſado
Se vê o eſcudo, e delle eſtá pendendo:
Quando a lança de Ulyſſes o delgado
Ar com azas ligeiras ſahe rompendo,
O eſcudo morde, e reſvalando toca
A plumagem, que a ſerpente tem na boca.

Deraõ

LXXI.

Derão no campo os Gregos grande grita,
E com applauſo o golpe alto ſeguirão,
As eſpadas nas maõs com infinita
Colera hum contra o outro a hum tempo girão:
Lanoſo, e o graõ Creonte, a quem incita
Grande furor, as lanças já ſe atirão,
Erraõ o golpe as haſtes carregadas,
E as maõs punhaõ nas férvidas eſpadas.

LXXII.

Aos feros combatentes a ferida
Batalha tinha poſto em grande aperto,
Botadas as eſpadas, e a temida
Fortuna de ambos n'hum eſtado incerto:
A armadura fortiſſima partida
Por mil partes, o forte eſcudo aberto,
Moſtraõ o armado corpo deſarmado,
E o chaõ de plumas, e armas ſemeado.

LXXIII.

Talhos, revezes tiraõ taõ pezados,
Que acertando no corpo, ou alta fronte,
Naõ baſtaõ armas, e elmos temperados,
Que fender cada qual podéra hum monte:
Vemſe juntos agora, e já apartados,
Sem que o eſforço, ou a deſtreza monte
Para naõ ſerem as armas eſparzidas
Do ſangue alheyo, e proprio das feridas.

Naõ

LXXIV.

Naõ faz taõ grande eſtrondo o carregado
Ariete com a teſta alta batendo,
Nem o ſoberbo vento quando irado
Os matos, e arvoredos vay rompendo,
Nem o mar em ſeu leito levantado
Contra o penhaſco o collo azul erguendo,
Como a graõ tempeſtade, que cahia,
Que os eſcudos fortiſſimos batia.

LXXV.

Gorgoris no alto a eſpada levantando,
Mete Ulyſſes o corpo, o braço eſtende,
Ao fero golpe o braço, e eſcudo dando,
O do inimigo pelo pulſo prende:
Gorgoris por ſoltarſe trabalhando
Faz grande força, a tudo o Grego attende,
N'huma ilharga, que eſtá menos armada,
Mete com todo o braço toda a eſpada.

LXXVI.

Deixando as armas Gorgoris afferra
Nos braços a Ulyſſes duro, e forte,
Começaõ ambos outra nova guerra,
Onde procuraõ melhorar a ſorte:
Quando Alcides o filho ergueo da terra
Nos braços, onde teve honrada morte,
Naõ fez tal força, porque neſtas lides
Ambos deſejaõ parecer Alcides.

Aſſim

LXXVII.

Assim apertados nestes duros laços,
O negro sangue, e o suor vertendo,
C'os pés se fazem forças, e nos braços
Hum do outro cahio com golpe horrendo:
Qual do alto cahe fazendose pedaços
Antiga, e dura enzina, naõ podendo
A' furia resistir, e movimento,
Com que lutando está c'o bravo vento.

LXXVIII.

Gorgoris mal ferido está banhando
Com espumoso sangue a terra fria,
Alli as forças ultimas provando,
Por melhorarse o corpo revolvia:
Astrea, que com a morte o vê lutando,
Calypso, que esta dor melhor soffria,
Sustentava nos braços desmayada,
Que onde ha dor, póde escusarse espada.

LXXIX.

Prova de novo a erguerse, e naõ podendo,
Com a graõ força, que faz, abre a ferida,
Sangue, e alento cada hora vay perdendo,
Tendo chegado ao ultimo da vida:
Ulysses, que o vê tal, naõ lho soffrendo
A alma de seu mal enternecida,
Lhe roga, que se renda, e se retira,
Ao que elle respondia ardendo em ira.

O' ini-

LXXX.

O' inimigo, agora só inimigo,
Pois pedes, que me renda a tua fortuna,
Usa da sorte, que ella usou comtigo,
Que achaste favoravel, e opportuna,
Que eu naõ te temo a ti, nem o perigo
Da vida, que me aggrava, e me importuna:
E então com novo ardor se ergue da terra,
E com ambas as maõs a espada afferra.

LXXXI.

Posto que fraco, e debil se animava,
Sobre a cabeça a alta espada erguia,
E dando o ultimo golpe se prostrava,
E sobre as armas sem vigor cahia:
As feridas abertas dilatava,
Donde o sangue com mór furor corria,
Qual na vella se vê, que o debil fogo
Para viver esforça, e morre logo.

LXXXII.

Cahio, e junto delle a propria espada,
Debil, exangue, os olhos occupando
A eterna sombra, a vista carregada
Em agua, e morte sem vigor nadando:
Té que a alma ferida, e desatada
Os membros, que animou, desamparando,
Foge, apar delle o Grego taõ ferido
Fica, que he vencedor quasi vencido.

Assim

LXXXIII.

Aſſim do alto cahe o rayo aduſto
No antigo roble, ou pinho, que provado
Tem de Boreas, e de Euro o ſopro injuſto,
E os cabellos mil vezes renovado,
Cahe o tronco no chaõ grave, e robuſto,
E morto fuma exanime proſtrado,
Tal Gorgoris ſe vê, que da cahida
Deitando a alma eſtá pela ferida.

LXXXIV.

Creonte neſte tempo, e o graõ Lanoſo
As pezadas eſpadas levantando,
Hum eſtrondo excitavaõ temeroſo,
As fortes armas, e elmos abolando:
Naõ póde acharſe peito taõ nervoſo,
Nem forte eſcudo, que naõ ſeja brando
Aos fortiſſimos golpes das eſpadas,
Feitas nos fios ſerras de embotadas.

LXXXV.

Quando Creonte, que ferido andava
No roſto, e da ferida lhe corria
Grande copia de ſangue, ajoelhava,
E ſem poder ſoſterſe, o chaõ media:
Vay ſobre elle Lanoſo, a quem gritava
Ulyſſes: Temte, ó barbaro, dizia,
Porém por mais que a defendello corre,
Quando os braços lhe dá, nelles lhe morre.

Eſpe-

LXXXVI.

Eſpera, lhe diz, barbaro inſolente,
Que neſta eſpada levo o teu caſtigo,
Naõ te matou Creonte, porque ſente,
Que a ſeu lado me tinha aqui comſigo:
Tu, que me buſcas taõ inſanamente,
Aqui tens, diz Lanoſo, o mór perigo,
Que neſta eſpada, perfido homicida,
Me pagarás de Gorgoris a vida.

LXXXVII.

Começaõ os dous meſtres da batalha
Outra nova peleja inda mais dura,
De ponta hum mete a eſpada, outra trabalha
Por desfazer a debil armadura:
Hum rompe o eſcudo, o outro abre a malha,
Senhora eſtá das vidas a ventura,
A Ulyſſes cauſa affronta, e move a eſpanto
Como Lanoſo em pé lhe dura tanto.

LXXXVIII.

De honroſo fogo, e de vergonha acezo
Lançando atraz o eſcudo, nas maõs toma
A forte eſpada, que c'o grave pezo
O orgulhoſo inimigo abate, e doma:
Elle, que a morte trata com deſprezo,
Vendo, que hum golpe cahe, e q̃ outro aſſoma,
Pelos fios corria, que deſpreza
O inimigo, a vida, e a defeza.

Porém

LXXXIX.

Porém o Grego aſtuto, vendo a preça,
Com que Lanoſo a elle ſe arrojava,
Retirandoſe vay, ſem que pareça,
Que provarſe em ſeus braços receava:
E neſte meſmo tempo lhe atraveça
Com mortal ponta a teſta, que banhava
De cerebros, e ſangue, que fervente
A boca occupa, e lingua balbuciente.

XC.

Sobre as armas cahio, ſobre elle o eſcudo,
Que com o golpe altiſſimo ſoaraõ,
E ao robuſto tronco, alto, e membrudo
Os vencedores Gregos deſpojaraõ:
Os Luſitanos com ſilencio mudo
O corpo de ſeu Rey morto cercaraõ,
Alli choraõ com elle, e deſta ſorte
Sentem ſua curta vida, e triſte morte.

XCI.

Triſte, porque o amigo morto via,
Eſtava o Grego, e em tanto ſe tocavaõ
As trompas, cuja voz ſe repetia
Nos montes, que á victoria applauſo davaõ:
Entra a nova Lisboa, onde creſcia
A eſperança, que os fados levantavaõ,
A quem Ulyſſes, por quem foy fundada,
Primeiro de ſeu ſangue vio regada.

Pro-

XCII.

Prodigio certo, que inda o fado eſpera,
Que neſta terra, e neſte immortal ninho
Naſcerá gente bellicoſa, e fera,
Que rompa todo o mar com alado pinho:
E paſſando os limites da alta esfera,
Além donde tem Febo ſeu caminho,
Verá ſeu grande imperio dilatado,
C'o ſangue de ſuas veas derramado.

XCIII.

Os Luſitanos a ſeu Rey em tanto
Hum triſte andor, chorando, apercebiaõ,
Elles detraz com ſaudoſo pranto
Enchendo o ar de magoas o ſeguiaõ:
Logo de hum negro, e enlutado manto
No andor funeſto a Gorgoris cubriaõ,
Para a triſte Cidade o vaõ levando,
Com lagrimas o morto corpo honrando.

XCIV.

Levavaõlhe diante o eſtoque agudo,
E as proprias armas, com que andava armado,
O elmo forte, e rutilante eſcudo,
Ainda de freſco ſangue rociado:
Hum trofeo erguem, que era exemplo mudo
De obras de ſuas maõs vivo traslado,
A longa ordem dos lumes o comprido
Caminho abraza, em partes dividido.

Aſtrea

XCV.

Aſtrea alli com a viſta mal ſegura,
Em ſaudoſo pranto desfalece,
Creſceo c'o pranto a dor, e em dor taõ dura
Falta o ſentido, e o ſentimento crece:
E quando vê eclipſada a formoſura,
Que com a eterna ſombra ſe eſcurece,
C'hum ſuſpirar, que d'alma lhe ſahia,
Cega de amor, e lagrimas dizia.

XCVI.

Querido eſpoſo, com razaõ querido,
Primeiro amor deſta alma, ultimo della,
Pois n'alma por amor viveſte unido,
Morto agora terás ſepulchro nella:
A dor de contemplarte aſſim ferido
Já me matou, entrando a padecella.
Pois vivo em vivo fogo, e pranto vivo,
Que a dor ſó vive em mim, que eu já naõ vivo.

XCVII.

Cobre o Ceo de teu roſto ſombra eſcura,
E he tal ſua belleza, que inda agora
O ar daquella antiga formoſura,
Que morou em teu roſto, nelle mora:
Oh corpo triſte, oh amavel ſepultura,
Cuja viſta offendendo aſſim namora,
Vivo autor deſta vida, a quem a ſorte
Morto fez novo autor de minha morte!

Voas

XCVIII.

Voas á paz ſegura, e neſta guerra
Me deixas, taõ amado, e doce amigo,
Minhas ſaudades lá comtigo encerra,
E o meu primeiro amor guarda comtigo:
Comtigo me ſerá mais leve a terra,
Suave a morte, e gloria o mór perigo,
E ſe vivo a pezar da Parca dura,
Viva entrarey na meſma ſepultura.

CXIX.

Calypſo em tanto a Ulyſſes victorioſo
Com ſeu filho nos braços ſe offrecia,
Qual depois da tormenta o Sol formoſo
Traz nos braços da Aurora o novo dia:
Nelles a eſpera Ulyſſes amoroſo,
E hum retrato da mãy no filho via,
Menos graça que os dous alli tivera
C'o bello filho a deoſa de Cithera.

C.

Da Cidade a muralha levantada
Vayſe aperfeiçoando, e vay creſcendo,
A que o Tejo com vea ſocegada
Obedece, mais brando alli correndo:
Sobre huma, e outra porta torreada
Vaõ ameas ás nuvens excedendo,
Quer Ulyſſes partirſe, e ſe recrea
Em trabalhar nos muros de Ulyſſea.

Caly-

CI.

Calypſo, que o ſuſpeita triſtemente,
De viſoens, e de ſonhos perſeguida,
Em lagrimas diſtilla a dor, que ſente,
Qual cahe da ſerra a neve derretida:
Huma criada ſua tem preſente,
Que procurando vella divertida,
Sendolhe em ſuas penas companheira,
Lhe diz, pela abrandar, deſta maneira.

CII.

Naõ permittirá o Ceo, alta Princeza,
Que ſeja verdadeiro o teu cuidado,
Que os ſonhos ſaõ effeitos da triſteza;
Nuvens, de que o ceo d'alma anda toldado:
Naõ offendas, ſenhora, eſſa belleza,
Affrontando teu roſto delicado,
Que deſſa viſta he a luz taõ poderoſa,
Que até a meſma triſteza faz formoſa.

CIII.

Como do Sol os rayos tranſparentes,
Quando entraõ no mar de luz eſcaços,
Formaõ nas nuvens corpos differentes,
Caſtellos, e gigantes de cem braços:
Onde aquellas imagens apparentes
O Sol c'os rayos atraveſſa a eſpaços,
As forças muda, e com eterno lume
Humas de ſi aparta, outras conſume.

CIV.

Assim o cuidado triste, a que te entregas,
Esses castellos vaõs ergue no vento,
Crendo as leves visoens, tristes, e cegas,
Que saõ filhas do ar sem fundamento:
Se saber a certeza agora chegas,
Com socegado, e livre pensamento
Verás, que tudo quanto te entristece
Como huma sombra ao Sol desapparece.

CV.

Vendo Ulysses, que o muro se acabava,
E o tempo de partir se vem chegando,
As saudades c'os olhos lhe contava,
De sua grave dor effeito brando:
Qual Vesuvio seu peito se abrazava,
Com suspiros os ares inflammando,
Falla a Calypso, e mal fallar podia,
Que as palavras com as lagrimas rompia.

CVI.

Quem poderá em taõ duro apartamento,
Obedecendo ás forças do destino,
Esconder dentro n'alma o sentimento,
Que em furor se converte, e desatino:
Se me partir, cá fica o pensamento,
Que eu estimo, e adoro por divino,
Dura partida he esta, onde a vida
Para acabarme ha de acabar partida.

A for-

CVII.

A fortuna cruel, que me deſterra,
Em canſarme naõ faz nunca mudança;
No mar os ventos me fizeraõ guerra,
Sem nunca achar alivio, ou ter bonança:
Os perigos do mar achey na terra,
D'outra tormenta nova ſemelhança,
Aberta a alma ao pezo dos pezares,
Vento os ſuſpiros, os meus olhos mares.

CVIII.

Levarey na minha alma a tua idea,
Cuja viſta ſuave a dor me abranda,
Que me faz parecer a morte fea,
Sendo feya, e cruel, alegre, e branda:
Neſtes affectos a ſaudoſa vea
Brandos ſinaes de amor aos olhos manda
Nas lagrimas do fogo, que derramo,
Onde ſempre arderey, como ſempre amo.

CIX.

De ouvillo eſtá Calypſo amortecida,
Maltratando ſeu roſto, e ſua belleza,
Chorando diz: Porque me deixa vida
Quem leva o goſto della, e me deſpreza:
Bem ſuſpeitada foy, mal merecida
Eſta pezada dor, que tanto peza,
O' morte, onde eſtás, tu me ſoccorre,
Que quem ama, ſó acerta quando morre.

CX.

Arrancava huma maõ, outra feria,
Os cabellos, e roſto, e a brandura
Do alvo péito aos golpes offrecia
A maltratada, e rara formoſura:
Quer fallar, mas a pena lho impedia,
Pegandoſe nas fauces a voz pura,
Queixavaſe, e do juſto ſentimento
Amor o pranto leva, a queixa o vento.

CXI.

Chorando diz: O' ingrato, que nas trevas
Deſta auſencia me deixas ſepultada,
Deixame a melhor parte, que me levas,
Ou leva eſta, que deixas apartada:
Naõ te obrigo c'o amor, porque mo devas,
Que de quem me deixou, naõ fui amada,
Por mulher ſó, que te amo, e aſſim deixas,
Podem ſer admittidas minhas queixas.

CXII.

Fogesme quando tanto amor te tive,
E deſtes filhos, que te iraõ ſeguindo,
Elles morraõ por ti, tu Ulyſſes vive,
Olha de que inimigos vás fugindo:
Quaõ enganada n'outro tempo eſtive,
Que me amavas (ah triſte) preſumindo,
Tua partida agora me declara
O engano, em que vivi, que naõ paſſara.

Aqui

CXIII.

Aqui parou chorando amargamente,
E moſtrando na viſta mil affeitos
Dizia: Que me deixas finalmente!
Niſto ſaõ fortes os valentes peitos!
Deixame, porque chore eſtando auſente,
Noites viuvas, dias imperfeitos,
Vieſte, amigo Ulyſſes, a eſta terra
Fazerme troya de amoroſa guerra.

CXIV.

A's torres de minha alma aſſaltos deraõ
Deſejos invenciveis, a que o fado
Dobrou a força, com que me venceraõ,
E o Ilion deſta alma vi abrazado:
Novos incendios em meu peito arderaõ,
Quando da liberdade vi proſtrado
O nobre muro, e apoz a ardente chãma
Vi a ſaco metida a propria fama.

CXV.

Com que honra has de deixarme rodeada
Deſtes filhos, que tu quizeſte tanto,
Triſte mãy, que com elles abraçada
Enxugará o ſeu pranto c'o ſeu pranto:
Deixandome entre os meus taõ deſprezada,
Que na eſperança do hymineo ſanto
Meus erros deſculpava a rude gente,
Quem me deſculpará vendote auſente?

Per-

CXVI.

Permitte, ingrato amigo, que te ſiga,
Irtehey ſervindo em toda a adverſidade,
Se como amiga naõ, como inimiga
Triunfarás de minha liberdade:
Quando viſtas o peito, e a loriga
Para a batalha com mayor vontade,
Verás que de diante me naõ mudo,
Levandote o eſcudo, e ſendo eſcudo.

CXVII.

Tomalhe entaõ a maõ para beijalla,
Sem mais dizer, que ſua doce magoa
Lhe interrompe as palavras quando falla,
Enchendo a alma de fogo, e os olhos d'agoa:
Diz muito mais Ulyſſes no que calla,
Mais acendem ſuas lagrimas a fragoa
De amor, Calypſo chora, e tem nos braços
Os filhos ſeus, que d'alma ſaõ pedaços.

CXVIII.

Entaõ lhe torna: O' minha doce amiga,
Que a dor fazes mortal deſta partida,
Naõ me eſquece a affeiçaõ ſuave antiga
Para folgar de verte aſſim offendida:
Que tu naõ podes ſer minha inimiga,
Nem ſerva, merecendo ſer ſervida
Deſta alma, onde vives, e onde agora
Como em templo de amor a fé te adora.

Tuas

CIX.

Tuas lembranças dentro n'alma levo,
Se alma leva comſigo quem ſe parte!
Irme Jupiter manda, e naõ me atrevo
Determe, que o meu goſto era agrádarte:
Naõ me póde eſquecer o que te devo,
No mar, na terra, e no furor de Marte
Tua memoria doce, e namorada
Em minha alma ſaudoſa irá cravada.

CXX.

Deſcendo á praya, o lenho fugitivo
Calypſo vendo, alli ſuſpira, e chora,
Segue a morta eſperança hum pranto vivo,
Que a meſma cauſa de ſeu mal adora:
Mas os ſuſpiros leva o vento eſquivo,
As lagrimas, que ſahem dos olhos fóra,
O mar ſurdo bebia, em cujo eſtremo
Se apreſta a ingrata vella, e ingrato remo.

CXXI.

Eclipſada da viſta a formoſura,
Seu proprio roſto fere impaciente,
Eſparſe o ouro da madeixa pura,
E o peito bate com furor vehemente,
A voz ſolta gritando, que procura,
Que mova a quem amava, a dor, que ſente,
E o mar, quando nas prayas ſe quebrava,
Parece, que do caſo murmurava.

Vai-

CXXII.

Vayte, dizia, Grego, e com mais pẽnas
Euro veloz o ar, e o mar abrindo,
Dê favoravel curſo a eſſas antenas,
E proſpero te vá ſempre ſeguindo:
Eu entre a dor, e males, que me ordenas,
Teu nome, e minhas magoas repetindo,
Queixandome eſtarey ao Ceo, e eſtrellas,
Contando os males meus, que ſaõ mais q̃ ellas.

CXXIII.

Deixame, ingrato Grego, a crua eſpada
Do meu paternal ſangue já tingida,
Para que morra ao menos conſolada,
Se em ſeus fios cortar o deſta vida:
Devias de entender, que era eſcuſada,
Pois baſtava eſta dor para homicida,
Procuraſte matarme deſta ſorte,
Fazendo eterna, e immortal a morte.

CXXIV.

O' mar, ó Ceo, que as glorias fugitivas
Viſtes do meu primeiro penſamento,
A vós com a voz de lagrimas eſquivas
Se queixa dando vozes meu tormento:
Vós, penedos, que teſtimunhas vivas
Sois das horas de meu contentamento,
Montes, onde eſpalhey ſaudades triſtes,
Boſques, que meus ſegredos encubriſtes.

A vós

CXXV.

A vós em vaõ me queixo, e o mar irado,
É irado vento em vaõ mover procuro,
Mar ſurdo, e ſurdo vento, que alterado
Açouta eſte rochedo aſpero, e duro:
Aqui do debil laço deſatado
Meu eſprito eſte mar, e eſte ar mais puro
Ha de turbar, ó ingrato, lhe dizia,
E o echo, ó ingrato, ó ingrato, repetia.

CXXVI.

Huma montanha, e ſerra inhabitada
Se erguia ao ar, em cuja corpulenta
Eſpalda a cerviz dura de encurvada
Moſtra, que o cryſtallino Ceo ſuſtenta:
De pungentes eſpinhos coroada
A fereza das pedras ſe accreſcenta,
Que pendentes do alto eſtaõ moſtrando,
Que ſobre o mar ſe vaõ precipitando.

CXXVII.

Abaixo ferve o mar, em cuja boca
Se ouvem disformes brados, e gemidos,
Com que batendo a levantada roca,
Vay gaſtando os penedos corcomidos:
Grutas eſcuras abre, onde troca
Em noite o dia, e nellas eſcondidos
Marinhos monſtros, e nocturnas aves
Sahem meneando o ar com azas graves.

Por

CXXVIII.

Por ſe arrojar Calypſo eſtá ſubida
Onde a ſerra mais livre ao ar ſe eſtende,
Cobardemente ouſada, e atrevida
Duvîda, e já a ſi meſma ſe reprende:
Que temo, diz, pois he caſtigo a vida
A hum triſte, e já no ar c'os filhos pende,
O Tejo a recebellos vay ſahindo,
Os puros braços de cryſtal abrindo.

CXXIX.

Hum dos filhos, que leva, lhe tomaraõ,
Com dous cahio do precipicio horrendo,
Que no fundo do pego, onde pararaõ,
Se vaõ em duras pedras convertendo:
Já de penedos firmes levantaraõ
A negra fronte, onde o mar batendo
Sobre o rolo das ondas, que quebranta,
Eſpumoſo nos ares ſe levanta.

CXXX.

Com largos braços ſeus de branca area
Calypſo abraça os filhos transformados,
Que nas ondas do Tejo, que os rodea,
Moſtraõ ſeus duros corpos levantados:
E miſturando o ſal com a doce vea
Do rio, os bravos mares empolados
Alteraõ com mór força, e mayor furia,
Como em lembrança da paſſada injuria.

Tem

CXXXI.

Tem nas portas do Tejo levantada
A teſta altiva, e fera, ameaçando
As naos, que buſcaõ porto, e doce entrada
De branca eſcuma as ondas coroando:
Alli o mar com roucas ondas brada,
Nos penedos altiſſimos quebrando,
Que ruinas maritimas preparaõ,
E o nome de cachopos conſervaraõ.

CXXXII.

Já tem da Real purpura veſtido
Ulyſſes a ſeu filho, a que o dourado
Cabello da coroa vê opprimido,
E a lactea maõ do ſcetro carregado:
Quando deſce do Olympo eſclarecido
A reprendello o menſageiro alado,
Que na velocidade parecia
Lucida eſtrella, que do Ceo cahia.

CXXXII.

Dizlhe como partia, ſe deixava
Por acabar a obra illuſtre, e rara
Do graõ templo, que a Pallas fabricava;
Que os muros de Lisboa ſempre honrara:
Que a vingativa deoſa ſe enojava,
E que em quanto a partirſe ſe prepara,
Acabe o templo, diſſe, e n'hum momen
Nas leves azas ſe eſcondeo do vento

luz

CXXXIV.

A' luz, que pelos ares reſplandece,
Os joelhos por terra o Grego inclina,
O templo illuſtre por momentos crece,
Que acabado com as nuvens ſe termina:
Já nelle ſacrificios offerece,
Por melhor applacar Pallas divina,
Alli pendura as armas, cuja liga
Foy de Vulcano altiſſima fadiga.

CXXXV.

Do templo ſahe, e ſolta ao vento o pano
Da negra antena, deixa a alta Lisboa,
Onde naſce do Imperio Luſitano
De tantos Reynos a immortal coroa:
Cortando os largos campos do Oceano
No leve pinho, pelas ondas voa,
Deixando edificada a graõ Cidade
Emula ao tempo, e á meſma eternidade.

CXXXVI.

Aqui, Senhor, a quem o Cancro ardente
Té a Urſa Boreal, e o congelado
Polo obedece, e o lucido Oriente
Forma hum docel de pérolas ornado:
A quem terras, e mares do Occidente
Fazem de ſeus cryſtaes ſoberbo eſtrado,
E inda parece a quem vos conſidera,
Que he eſta a taõ graõ ſol pequena eſfera.

Aqui

CXXXVII.

Aqui, filho de Jupiter de Heſpanha,
Tendes hum mundo n'huma ſó Cidade,
A quem de prata, e de ouro o Tejo banha
Em ſinal de ſua eterna mageſtade:
Para tamanho Rey couſa tamanha
Em ſeus ſeyos guardou a eternidade,
Que para ſe igualar voſſa grandeza
Novos mundos vos buſca a natureza.

CXXXVIII.

Prole das móres aves, as gravadas
Armas veſti, e o voſſo eſclarecido
Leaõ levem bandeiras deſpregadas,
Onde eſpante toda a Aſia o ſeu bramido:
Occupem o todo o mar boſques de armadas,
Té rebentar Neptuno de opprimido,
Preparem para imagens de Filippo
Lenços Apelles, marmores Lyſippo.

CXXXIX.

O fim de voſſo Imperio he o Oceano,
E o Ceo nos termos, que preſcreve ao dia;
Da ſegunda coluna do Thebano,
Atlante, pondo a viſta em vós, ſe enfia:
Treme o Inglez, o Belga, o Ottomano,
E partindo comvoſco a Monarquia,
Lhe ficará no Olympo, onde ſe encerra,
A Jupiter o Ceo, a vós a terra.

LAUS DEO.

Special 92-B
11409

THE GETTY CENTER
LIBRARY